

A muscular man with dark hair is shown from the waist up, wearing blue jeans. He is holding a dagger in his right hand. The background is a dark blue city skyline at night with a full moon. The overall tone is mysterious and action-oriented.

*How many times must  
this immortal warrior die  
before he can claim the  
only woman he desires?*

# *Dark Protector*

*"This is so hot!"*  
—USA Today bestselling  
author Susan Sizemore

*Alexis  
Morgan*

Copyrighted material

# Protetor Sombrio

Alexis Morgan

Livro Um da Série Paladinos da Escuridão



**Tradução:**



**Revisão:**

Mara Oliveira, Katitah, Juliana Vieira S. Machado

**Leitura Final:**

Josi T.

"Você quer um novo Guardião?" Laurel segurou a respiração, esperando pela resposta de Devlin, rezando para que ele dissesse não.

Apesar de terem cruzado a linha, ela não queria perdê-lo como um de seus Paladinos. Mesmo que conseguisse convencer um dos outros Guardiões a mantê-la informada sobre o progresso de Devlin, não seria a mesma coisa.

"Não, eu não, mas isso não pode acontecer novamente."

Até ali, era verdade. Ela assentiu, incapaz de falar, seus olhos pinicando com a ameaça de lágrimas.

"Não aqui, pelo menos." Ele se inclinou perto o bastante para que o hálito morno acariciasse sua pele. "Por outro lado, minha querida Dra. Young, posso lhe prometer isso: Quando você e eu realmente formos para a cama juntos, será em um lugar malditamente muito mais privado do que este. Porque nada vai nos impedir de terminar o que começamos hoje."

E então ele se foi.

Eu gostaria de dedicar este livro aos melhores e mais brilhantes que a América tem a oferecer - aos homens e mulheres de uniforme, que servem nosso país, tanto em casa como lá fora. Com orações pela segurança de vocês e meus profundos agradecimentos, este livro é para vocês.

## ***Agradecimentos***

Eu gostaria de agradecer às seguintes mulheres por ajudarem a trazer meus Paladinos à vida:

Michelle Grajkowski, minha agente e amiga, que me ouviu descrever nervosamente a ideia inicial e abraçou as possibilidades. Eu não sei se a explosão do Monte Sta. Helena naquele momento ajudou ou não, mas você tem que admitir que isso causou uma discussão interessante.

Micki Nuding, minha editora, cujo entusiasmo e incentivo têm sido uma verdadeira alegria. Eu sei que Devlin, Trahern, e o resto dos meninos apreciam isso.

E, finalmente, Lorraine Pritchard, minha maravilhosa sogra, cujos olhos de águia encontram para mim todos aqueles pequenos e desagradáveis erros de digitação.

Obrigada, minhas senhoras.

## Prólogo

São muitos os opostos que governam o fluxo e refluxo de nossas vidas: noite e dia, inverno e verão, juventude e velhice. Ao longo da história, homens e mulheres se acomodaram ao curso natural das coisas. Mas também sabemos que o mal espreita onde as garras ansiosas das trevas se esforçam para alcançar, o maravilhoso brilho da luz.

Nas profundezas da Terra, nosso mundo divide um limite com outro: um mundo cheio de escuridão e do mal. Seus pálidos habitantes cobiçam a luz que o homem não valoriza. Uma frágil barreira mantém separados os dois mundos, mas quando as placas continentais se chocam ou um vulcão entra em furiosa erupção, a barreira se desmorona. Então, os Outros se infiltram através dela, trazendo sua escuridão com eles, manchando tudo o que eles tocam.

Como nos dias antigos, os Paladinos estão em alerta, prontos a fazerem com que os Outros recuem a seu lugar de origem e a escuridão volte aonde pertence. Estes cavalheiros são os defensores da luz, lutando no limite sutil da escuridão pelo nosso bem.

Esta é a sua história.

## Capítulo 1

Ele lutou para se libertar das sombras, enquanto inalava dolorosas baforadas do ar precioso, vencendo os últimos vestígios fétidos da morte. Pouco a pouco, o coração começou a pulsar de novo, levando o tempo necessário para recuperar seu inesquecível ritmo. Inspirando, expirando, cada gole de oxigênio relutantemente enviando vida de volta para os seus membros.

Caramba, como odiava aquilo! Já tinha morrido em muitas ocasiões. Às vezes, por uma causa que valia a pena e outras, por nenhuma razão absolutamente. Cada vez que retornava do limite, o processo era uma autêntica agonia. Em cada uma destas ocasiões, voltava para a vida com um pouco menos de humanidade, até que recordasse o que era sentir-se, simplesmente, um homem. Ao longo das décadas, a sombra que a morte tinha deixado em sua alma o tinha feito mais forte, mas também mais duro, temperamental e zangado.

“Ele está de volta.” Aquela voz familiar não lhe causou alegria.

“Precisa descansar, antes que o envie a uma nova missão, coronel” declarou uma voz feminina.

“Precisamos dele agora.” Suas palavras tinham o tom cortante de um homem acostumado a dar ordens e a que lhe obedecessem sem hesitações.

“Como Guardiã dele, eu protesto inclusive do fato de que você esteja aqui. Senhor.” Essa última palavra foi claramente um adendo relutante. “A transição é difícil o suficiente para ele, sem uma audiência. Se você não sair, vou ter que registrar uma reclamação com os meus superiores.”

Devlin sorriu por dentro. *É isso aí, querida, dê-lhe o inferno.* Os protestos dela seriam inúteis, mas enfureceriam ao homem da Intendência.

“Sinto muito, senhorita Young,” mentiu o coronel com voz suave. “Mas, como já lhe disse, precisamos dele assim que esteja preparado.”

Como resposta, ouviu uma maldição imprópria para uma senhorita. “Dirija-se a mim como doutora Young. E segundo a Intendência, sempre precisam dele em um ou outro lugar. Se continuarem o colocando nessas situações mortais sem os cuidados adequados, você vai perdê-lo por completo.”

Apesar do tom calmo de sua voz, havia um fundo enérgico em suas palavras, um que Devlin não pôde decifrar.

A voz do coronel Kincade se voltou seca. “O uso que fazemos dele não é de sua incumbência, doutora Young. Ele nos pertence.”

O velho bastardo não suportava que o questionassem, especialmente uma mulher. Era melhor a Guardiã pegar leve.

“Você decide como utilizar as habilidades de Devlin Bane, coronel, mas eu digo quando e se está ou não preparado para ir a uma nova missão.” Aproximou-se tanto da maca do Devlin que sentiu o calor que irradiava de seu corpo. As emoções normalmente calmas de Laurel Young, estavam certamente exaltadas hoje. “Será melhor que pegue seus papéis e vá embora coronel. Não penso assinar nada hoje, nem amanhã, nem possivelmente depois de amanhã.”

Ela tinha afiado as garras desde a última vez que Devlin reviveu, mas os homens da Intendência contavam com décadas de experiência mostrando as suas. Quando Devlin pudesse falar, ele teria que avisá-la para guardar as garras. Ele não precisava, ou mesmo queria que ela o defendesse.

Devlin ouviu o ritmo pesado e zangado dos passos do coronel ao abandonar a sala. Kincade se acalmaria e retornaria, mas de momento, foi embora e o ar da sala parecia mais fresco, mais potente.

Uns dedos frios se apoiaram em sua mão para lhe consultar o pulso. Devlin se perguntou por que ela não acreditava mais na leitura daquelas máquinas que apitavam e zumbiam e sabiam mais a respeito de sua pessoa que ele mesmo.

“Já pode deixar de fingir, senhor Bane. O coronel se foi.”

Pensava que tinha dissimulado melhor sua recuperação!

Esforçou-se em abrir os olhos como lhe tinha ordenado, mas as pálpebras pesavam e necessitou de um esforço considerável para conseguir, apenas vislumbrar a sua Guardiã. O rosto de fada estava

inclinado sobre o dele com expressão de preocupação, enquanto falava em um sussurro. Seu rosto era mais interessante do que bonito, com os olhos separados e escuros, da rica cor do chocolate negro. Contemplar aquele olhar emoldurado em espessos cílios passou a ser a parte favorita de seu renascimento.

Estou vivo. Outra vez.

Devlin não estava seguro de querer estar vivo de novo. Não com o coronel e seus amigos a sua volta.

“Esta vez foi mais longa.” Laurel franziu o cenho. “Quase demais.”

Sua voz refletia temor? Devlin desejou não ter as mãos atadas para poder lhe oferecer o consolo de seu tato. Aquele impulso inesperado lhe surpreendeu. Como as suas duas Guardiãs anteriores já haviam perdido a maioria das emoções suaves e se converteram em pessoas frias e sem apego. A luta contra os Outros o fazia evoluir nesse sentido. De fato, seus pesadelos já eram bastante ruins, sobre tudo aquele em que se transformava em um deles. Aquele horror em forma de sonho logo se tornaria realidade.

“Tire as ataduras.”

A angústia escureceu a expressão de Laurel.

“Sabe que não posso. Ainda não.” Olhou o relógio que estava pendurado na parede. “Ao menos, temos que esperar mais uma hora. A esta altura, já deveria conhecer o protocolo, senhor Bane.”

Sim, mas isso não significava que gostasse. Tinham que submetê-lo a provas, comprovar os reflexos, extrair e avaliar várias amostras corporais... Tudo uma perda de tempo, algo de que dispunha realmente pouco. Além disso, se tivesse se convertido em um dos Outros, ela saberia assim que ele tivesse aberto os olhos e como não tinha pedido ajuda, devia ter suficiente humanidade nele para superar todas as provas às que lhe submetessem.

Devlin apertou os punhos e avaliou a resistência das ataduras. Elas cediam um pouco, mas não o suficiente para o liberarem sem riscos de fazer mais danos. Seu corpo ainda estava utilizando todos os recursos disponíveis para curar as feridas da outra noite. Embora conseguisse reunir a força suficiente para se libertar, se insistisse em romper as ataduras só conseguiria atrasar ainda mais a recuperação. Inalou tão fundo que lhe doeu, e se esforçou em relaxar, se concentrando em acalmar a tensão que lhe produzia irritação e aborrecimento.

“Boa decisão, senhor Bane. Lutar contra as circunstâncias não ajudará a você nem a mim a realizar nosso trabalho.” Laurel se separou um pouco dele com sua onipresente prancheta apertada contra o peito. Seus olhos escuros se deslocaram ao passar pelo corpo do Devlin. “Quer outra manta?”

“Não.”

Devlin não tinha frio. Sobre tudo com aquele delicioso corpo feminino tão perto dele. Um dos efeitos secundários da reanimação tinha sido, sempre, o intenso e imediato desejo de satisfazer as necessidades corporais básicas: comida e sexo estavam no topo da lista. Quando era

mais jovem, estava acostumado a ceder a este impulso com a primeira mulher complacente que encontrasse. Entretanto, ultimamente, estava se sentido menos disposto a estabelecer o passatempo com qualquer desconhecida.

Apesar do forte aroma de medicamentos que impregnava o laboratório, seus sentidos, sempre sensíveis, mas sobre tudo depois de cada viagem de volta da morte, pediam com insistência para desfrutar do aroma feminino de Laurel.

Devlin desviou o olhar e o dirigiu para a parede. Então se deu conta de que ela tinha trocado os pôsteres que costumava pendurar ali para entretenimento de seus pacientes.

As exuberantes loiras que brincavam na praia, vestidas com pouco mais que um sorriso, supostamente era uma melhora considerável comparadas com os gatinhos e cachorrinhos da última vez.

“Bonitas obras de arte.”

Laurel olhou para a parede e um sorriso se desenhou em seus lábios.

“Um de seus amigos me enviou isso depois de se recuperar. Não tive coragem suficiente para atirá-los no lixo sem antes exibir como mereciam.”

“Parece algo digno do DJ”

Ela enrugou o nariz.

“Acertou de primeira. Pessoalmente, eu prefiro os gatinhos.”

“Não é você quem está atado nesta maldita maca, como um animal de laboratório esperando para ser morto.”

A sinceridade brutal de suas palavras à fez estremecer, mas tinha razão, se durante os primeiros segundos depois de sua reanimação tivesse percebido o olhar de Outro em lugar de um Paladino, não teria duvidas em lhe injetar as drogas que acabariam com sua vida.

Até esse momento, não tinha tido que enfrentar esse pequeno problema, mas ao longo do tempo, sim teria que fazê-lo. Este era o seu papel, que tinha sido atribuído naquela tragédia.

Em lugar de continuar falando, Devlin fechou os olhos e simulou dormir. Ela era muito esperta para se deixar enganar, mas lhe permitiu representar aquela pequena farsa. Uns segundos mais tarde, as luzes se atenuaram e dormiu de verdade.

\* \* \*

Laurel se perguntou se Devlin sabia que roncava. Ela tinha prazer em ouvir aquele ruído surdo e áspero enquanto trabalhava no computador. Tratava-se de um som caseiro que fazia com que Devlin Bane parecesse um pouco menos preocupante, um pouco mais humano. Na realidade não era humano, ao menos não por completo, mas ela queria que conservasse o pouco que ficava de sua humanidade, por tanto tempo quanto fosse possível.

Um ligeiro assobio eletrônico anunciou que seu período de quarentena tinha finalizado, mas Laurel decidiu não despertá-lo imediatamente. O fato de que adormeceu em uma maca de aço indicava que precisava daquele descanso. Laurel voltou à cabeça para a maca iluminada com uma luz tênue. Ninguém tinha explicado por que tinha que ser tão incômoda. Seguramente que um estofado não comprometeria a resistência do aço. Em sua opinião, os Paladinos mereciam qualquer comodidade que pudessem ter na vida.

Não é que eles admitissem, pois se orgulhavam de serem os bodes mais duros do mundo e eram na verdade. Todos começavam sendo fortes e corpulentos, com o passar do tempo, a maldade se unia a esta fórmula. Inclusive os guardas fortemente armados que estavam a postos fora da habitação, se moviam com prudência quando um Paladino entrava no edifício.

Sobre tudo, quando se tratava de Devlin Bane.

Laurel suspirou, tinha se passado uma semana, sem que um dos Paladinos estivesse de novo a sua responsabilidade durante ao menos, um ou dois dias. Os Paladinos lutavam, morriam e iam a ela para que os curasse e os reanimasse. Alguns eram mais fáceis de lidar que outros, mas de nenhum se podia dizer que era fácil de tratar.

De todas as maneiras, Devlin Bane era diferente. Sua mera presença fazia que seu espaçoso laboratório parecesse cheio e estreito, como se ele ocupasse a maior parte do espaço e respirasse a maior parte do ar. Laurel se voltou de novo para observá-lo. Tinha o perfil anguloso e bastante atraente apesar de que seu nariz tinha se quebrado em uma

ou duas ocasiões. As sobrancelhas eram duas franjas escuras que lhe sulcavam o rosto, uma delas cruzada por uma cicatriz de uma antiga batalha. O olhar de Laurel se deslizou até sua boca. Era surpreendentemente sensual, quase uma blasfêmia junto ao resto de suas feições. Laurel se perguntou se beijaria tão bem como fazia todo o resto.

Antes que pudesse registrar, mentalmente nada mais, deu-se conta de que os olhos verdes do Devlin estavam abertos e a olhavam de tal modo que pôde sentir sua intensidade do outro extremo da habitação.

“Sinto muito, não tinha dado conta de que estava acordado.” Laurel ficou de pé e quase derrubou o banco que estava sentada.

“Não tem problema. Imagino que estava muito ocupada me olhando para se dar conta.” Não havia nenhum traço de humor em suas palavras. “Quero me levantar.”

Laurel ocultou sua vergonha em uma enxurrada de palavras médicas.

“Primeiro lhe extrairei sangue e depois poderá levantar-se. Mas, antes de tudo, tenho que avaliar seu estado atual...”

Ele a interrompeu.

“Conheço o protocolo, doutora. Só faça seu trabalho.”

Suas palavras não deveriam feri-la, pois tinha ouvido coisas piores ao longo dos anos. Além disso, era comum que até o mais calmo dos homens se irritasse ao voltar da morte. Na maioria das vezes passava por cima das queixas, mas era mais difícil fazer isso com o Devlin.

Ele não precisava saber. De fato, se somente suspeitasse a quantidade de tempo que ela dedicava estudando seu histórico para saber mais sobre sua maneira de ser, naquele momento estaria batendo na porta do chefe de Laurel para pedir que lhe atribuissem outro Guardião.

Era importante que ela seguisse acompanhando o caso dele. Devlin Bane era um dos Paladinos mais antigos. Já tinha ultrapassado a esperança de vida de seus companheiros em duas décadas. Se ela pudesse estabelecer o porque de sua resistência ao padrão habitual que regia a vida dos Paladinos, possivelmente poderia ajudar outros a alargar a sua.

Laurel soltou as cintas que sujeitavam o braço direito do Devlin e lhe atou um torniquete justo por cima do cotovelo. Nunca tinha gostado que tirassem seu sangue, de modo que fez uma careta e afastou o olhar enquanto ela introduzia a agulha em uma de suas veias. Laurel bombeou o sangue vermelho, espesso e escuro, ao interior da seringa, substituiu esta por outra e encheu dois mais antes de soltar o torniquete. Depois, aplicou um algodão sobre a agulha e a extraiu do braço do Devlin.

“Dobre o braço.” Laurel sacudiu com suavidade os tubos que tinha vertido o sangue, colocou-os em um recipiente e retornou junto ao Devlin. “Deixe-me ver a espetada.”

Ele suspirou e estirou o braço. Laurel inspecionou a pele para comprovar que não se produziu nenhum arroxeadado e cobriu o pequeno furo com um curativo. Quando ele viu que estava decorado com caras

redondas, amarelas e sorridentes, Laurel teve que se esforçar para não rir. Sem dúvida, ele não estava feliz.

“Muito divertido.”

“Estavam em oferta.” Claro que as sem decoração também estavam.

Laurel desatou a primeira das cintas que seguravam as pernas do Devlin à maca e foi deslocando para cima fingindo não perceber que ele permanecia nu, sob a leve manta que o cobria. Quando levaram um Paladino nas primeiras vezes, não foi fácil adotar uma atitude profissional em relação a estas questões. Tentou recordar este fato enquanto desatava a última das cintas e Devlin se sentava com a manta formando redemoinhos ao redor da cintura.

“Como se sente? Tem náuseas ou enjoo?”

“Não.” Devlin esfregou as mãos para eliminar o frio que sentia. “Sinto-me exatamente igual às últimas doze vezes que passei por isso.” Ficou em pé e ultrapassou a Laurel em uns trinta centímetros.

Ela levantou o olhar com irritação e não permitiu que sua altura a intimidasse.

“Não abrirão as portas até que eu diga e preciso das respostas.”

Ele recitou a ladainha de respostas às suas perguntas não ditas, todas decoradas de visitas anteriores.

“Não sinto náuseas, não estou enjoado, não vejo em dobro, nem me saiu nenhuma erupção estranha. E antes que você pergunte, eu não me lembro se foi a espada cravada no meu intestino ou o machado que

quebrou minha perna que me matou. Naquele momento, não me pareceu importante.”

A lista dos ferimentos não deveria chocá-la, já que ela tinha sido a única a cuidar dele, mas ouvi-lo recitar a lista sem a menor emoção preocupou-a muito. "E como é que a sua perna está? Qualquer fraqueza ou dor?"

"Olha, Dra. Young, tudo está em ordem." Ele deliberadamente deixou cair o cobertor para provar sua alegação.

Ela conseguiu manter-se firme, mas não pôde evitar ruborizar ao ver todo o seu poder masculino. Devlin era um homem grande. Por toda parte. "Vou telefonar para pedir a sua refeição, enquanto você se veste. Suas roupas estão no armário."

Devlin deu a volta e antes que a pegasse olhando seu traseiro, Laurel decidiu ir para seu escritório e fazer a ligação.

“Por favor, notifique ao doutor Neal que nosso paciente está bem e em forma. Encarregue-se de que enviem a comida favorita do senhor Bane o quanto antes possível. Já sabe quanto irritado ele fica quando não come em seguida.” Tinha levantado a voz de propósito para que ele a ouvisse.

"Eu posso comer em casa."

Laurel deu um salto de quase um palmo. Como podia um homem de seu tamanho mover-se tão silenciosamente? Devlin se inclinou sobre ela enquanto abotoava a camisa e dobrava as mangas. A combinação de jeans bem cortado com a camisa de algodão desbotada, não

ajudava que parecesse menos perigoso. Seu cabelo na altura dos ombros só aumentava o seu ar selvagem.

"Sim, você pode. Na verdade, eu recomendo. No entanto, isso não significa que você estará saindo daqui até que comprove que seu estômago não esta repelindo a comida."

Antes que Devlin pudesse responder, as portas do laboratório se abriram. O doutor Neal, o supervisor imediato de Laurel e chefe do Departamento de Pesquisa, entrou transportando uma bandeja carregada de comida.

"Devlin, seu aspecto melhorou muito desde que chegou, há cinco dias." O doutor Neal deixou a bandeja. "Embora imagine que nenhum de nós esteja em seu melhor momento quando morto. Vamos, comece a comer. Esperarei."

Devlin lançou ao chefe de Laurel um olhar de absoluta indignação antes de lançar-se sobre a comida.

"Posso examinar seus dados, doutora Young?"

Estendeu a prancheta com os resultados das provas. "Terei os resultados dos exames de sangue e o resto dos informes mais tarde. Até agora, nada surpreendente." Só que ele continuava a adiar as mudanças normalmente associados com tantas mortes, com sucesso incrível. Ela nunca mencionou suas descobertas sobre esse assunto para outra pessoa que não o Dr. Neal, nem mesmo o próprio Devlin. Até que conseguisse explicar aqueles desconcertantes dados, não

queria lhes dar muita importância. Possivelmente só significavam que Devlin tinha sorte.

O doutor Neal folheou o informe enquanto percorria rapidamente com o olhar as notas realizadas por Laurel. Depois de ler a última página, devolveu a Laurel a prancheta.

“Quero que passe por aqui a cada dois dias para repetir as provas até que voltem a lhe atribuir uma missão.”

O doutor Neal escreveu algumas notas e assinou o relatório.

Devlin levantou os olhos da comida e lhes lançou um olhar irado. “É uma merda que virei! Utilize outro como rato de laboratório, não a mim.”

O chefe de Laurel era um homem baixo, calvo e de aspecto angelical, mas isto não significava que fosse um ingênuo.

“Recordo-lhe, senhor Bane que suas ordens consistem em cooperar com os membros de minha equipe em todo momento. Podemos fazer isto de duas maneiras. Você pode prometer que voltará quando dizemos ou podemos retê-lo aqui. O que prefere?”

O doutor obteve uma enxurrada de obscenidades como resposta e depois, assentiu com calma.

“Sabia que estaria de acordo comigo. Agora, se me desculparem, já fiz esperar bastante ao coronel Kincade.” O doutor olhou a Laurel por cima da armação de seus óculos. “Quando me telefonou, parecia muito alterado. Há algo que deva saber antes de falar com ele?”

Laurel sentiu o interesse de Devlin em sua resposta, mesmo que ele não olhasse em sua direção. "Ele estava aqui antes do Sr. Bane acordar. Ele expressou seu desejo de ver o meu paciente liberado para retorno imediato ao dever. "

"E você respondeu?"

"Eu simplesmente lembrei-lhe que não era sua decisão de declarar o Sr. Bane apto para o serviço, que era minha. Eu disse ao coronel Kincade que eu não vou assinar nenhuma alta até estar convencida de que o Sr. Bane, não tem efeitos secundários de sua última batalha."

"E quando espera poder tomar essa decisão?"

O esgotamento dos últimos dias, durante os quais seu paciente se debateu entre este mundo e o outro, faziam oscilações em seu temperamento. Laurel olhou com raiva a ambos os homens.

"Eu gostaria de saber por que de repente, todo mundo tem tanta pressa!"

O doutor Neal franziu levemente o cenho. "Sinto muito, Laurel, na Intendência vão querer saber quando o senhor Bane voltará à ativa."

"Não saberei com certeza até que complete o exame de acompanhamento dentro de uns dois dias." Ou três, se conseguisse prolongá-lo até então.

"Obrigado, isso está melhor. Transmitirei a informação." O doutor Neal sorriu a Laurel com a intenção de tranquilizá-la. "Senhor Bane, espero não voltar a vê-lo em muito tempo."

“O mesmo digo eu.” Devlin voltou a centrar sua atenção na comida.

Quando as portas se fecharam atrás do doutor Neal, Laurel se sentou e ficou com o olhar fixo na tela do computador. Os olhos lhe ardiam de puro esgotamento.

“Quanto dormiu desde que me trouxeram para cá?” perguntou Devlin.

Ela revirou os ombros, tentando aliviar a rigidez, depois deu de ombros, sem olhar em sua direção. “Responderia que não é de sua conta, mas essa resposta nunca te deteria. O doutor Neal revezou comigo umas quatro horas por dia.” Laurel se inclinou para frente até apoiar-se nos braços e fechou os olhos.

\* \* \*

Enquanto assimilava o significado de suas palavras, Devlin terminou o que ficava do jantar. A julgar pelas olheiras escuras que emolduravam os olhos de Laurel, devia estar a ponto de desmoronar.

“Doutora Young?”

Nenhuma resposta.

“Laurel?” Ele raramente permitiu-se o privilégio de usar seu primeiro nome.

Nenhuma resposta.

Finalmente, ele a pegou nos braços e a levou para a cama de armar que ela conservava no laboratório, para quando seus pacientes estavam em estado crítico. Ela agitou-se apenas o tempo suficiente para encontrar um lugar confortável no travesseiro. Ele pegou o cobertor que tinha deixado cair mais cedo e colocou sobre ela, resistindo à vontade de dar um beijo na testa. Quando ele colocou uma mecha de seu cabelo escuro atrás da orelha, ela sorriu em seu sono. Ele sentiu como se ela estendesse a mão para tocá-lo.

Ele se afastou. Porra, ele precisava ficar bem longe dela! Embora Laurel preferisse morrer a admitir, sem dúvida, seu interesse por ele ia além de um médico por seu paciente. Se só a via enquanto estava preso à maca, poderia lidar com isso. Tinha que fazê-lo. Ela era a única coisa que o mantinha ancorado a este mundo, como uma tábua de salvação que lutava com força para tirá-lo do abismo no que vivia e lutava. Devlin tinha o horrível pressentimento de que qualquer outra pessoa o teria dado por perdido anos atrás.

Tinha chegado o momento de sair dali. Apertou o botão para chamar os guardas.

“Sim, doutora Young?” A voz desencarnada era familiar.

"Não, é Devlin Bane. Sargento Purefoy, é você?"

“Sim, senhor Bane. O que precisa?”

“Neste momento, a doutora Young está descansando, mas assinou a minha alta.” Pelo menos, ele esperava que ela tivesse. Não estava disposto a esperar por ela acordar.

"Eu vou entrar"

Sem dúvida, entraria armado até os dentes e com dois ou três guardas de apoio. Devlin se colocou no meio da habitação e fez o possível para parecer inofensivo. Embora na verdade, esta estratégia nunca tinha funcionado, pois sua reputação como Paladino estava muito consolidada.

As portas se abriram e o sargento Purefoy entrou com seus homens atrás dele. Eles se espalharam, suas armas carregadas e prontas, até que o sargento verificava para se certificar que Laurel estava realmente dormindo e segura.

"Bem-vindo de volta, senhor." O sorriso do homem parecia genuíno. "Eu vou verificar a assinatura, em seguida, vamos acompanhá-lo em segurança para fora do edifício."

"Eu não tenho pressa." Uma merda que não! Naquele lugar se sentia preso e exposto.

O sargento folheou os papéis da transferência, parando de vez em quando para ler alguma coisa. "Tudo parece estar em ordem, senhor."

"Perfeito. Vamos!"

Devlin caminhou para a porta escoltado pelos guardas, aliviado ao se afastar do laboratório e da encantadora Laurel. A última coisa de que precisava agora era ter que treinar um novo Guardião. Havia muito em jogo. As mãos que sujeitavam a espada que tinha acabado com ele, não eram de Outro.

Fechou os olhos para recordar todos os detalhes possíveis daqueles últimos minutos. O cheiro de sangue e suor contaminado pelo medo, os grunhidos e os gemidos enquanto as armas oscilavam e entravam em contato, o brilho de uma espada enquanto lhe penetrava, com muita facilidade, no flanco. O choque o fez cair de joelhos e depois ao chão enquanto a ferida espirrava sangue.

Devlin nunca viu o rosto de seu atacante, mas vislumbrou as mãos que lhe cravaram a espada e, em seguida, a torceu. Sem dúvida, aquelas mãos eram humanas. Seu último pensamento enquanto sangrava foi a certeza de que um dos seus tinha tentado matá-lo.

## Capítulo 2

“Já saiu!”

A mensagem sussurrada fez sua pele arrepiar.

“Eu avisei que eles eram difíceis de matar. Não deveria surpreender-se agora.” Qualquer um com metade de um cérebro sabia que os Paladinos morriam o tempo todo. Conseguir que permanecessem mortos era a parte mais difícil.

"Quando você vai tentar de novo?"

Aquela voz, seca e áspera, perturbava os nervos. Gostaria de ter a coragem suficiente para enviar àquele bastardo ao inferno, mas isso seria como assinar sua própria sentença de morte. Quem queria Devlin Bane, permanentemente morto e enterrado, estava disposto a pagar muito dinheiro para fazer o trabalho. Não iria custar uma fração desse montante para ter alguém vindo atrás dele.

“Eu estou esperando.” E, não muito pacientemente.

“Em breve, estamos recebendo o informe de toda a zona, que indicam que a pressão está aumentando de novo. Suponho que a Intendência

enviará os Paladinos à primeira linha, a qualquer momento durante os próximos dias. Bane dirigirá o ataque, sempre fez.”

Não podemos nos arriscar de estar perto da barreira durante muito mais tempo, poderia descobrir algo como se a tentativa fracassada de acabar com sua vida não o tivesse posto já em alerta! Sabia desde o começo que aquele golpe era uma estupidez, mas o pagamento que tinham feito havia sossegado as advertências que seu sentido comum lhe estava enviando a gritos.

"Eu sei."

"Os Paladinos contam com ele no comando. Sua morte vai distrair e enfraquecer a sua causa. Se quisermos triunfar, temos que semear o caos entre eles." A voz se interrompeu para respirar de uma forma rouca. "Haverá um bônus nele para você, se Bane não viver para ver a próxima mudança nas placas." Houve um estalo quando o interlocutor misterioso desligou o telefone.

Ele bateu o telefone. "Que se foda, maldito! Se, queria tanto Bane morto, deveria ter ido atrás você mesmo." Amaldiçoou a si mesmo por deixar apanhar-se por dois dos homens mais perigosos daquele e de qualquer outro mundo. Uma coisa era que lhe prometessem um pagamento extra por matar ao Bane e, outra muito diferente era viver o suficiente para cobrá-lo.

Mesmo se ele conseguisse, passaria o resto da vida tendo que guardar as costas. No melhor dos casos, os Paladinos não aceitavam muito bem a perda de um dos seus. Se descobrissem que alguém os tinha traído, eles iriam ser implacáveis em sua busca de vingança. Mas

agora já não tinha escolha. Se matasse Bane, os Paladinos podiam matá-lo. Se falhasse, a voz, com toda certeza, acabaria com ele.

\* \* \*

"Olha quem está de volta."

Outra voz disse. "Sempre soube que era o animal de estimação do professor. Nenhum de nós tem cinco dias livres quando o vulcão está jogando fumaça."

"Vocês dois vão para o inferno." respondeu Devlin, sabendo que era a resposta esperada. Se não tivesse reagido às brincadeiras de seus homens, eles teriam se preocupado. Devlin entrou em seu escritório e se sentou na cadeira.

Apesar do que havia dito a Laurel, sua perna doía e sua cabeça latejava. Mas tinha estado pior e sobreviveu. Aquele toque de humor negro lhe fez sorrir.

DJ seguiu-o em seu escritório e se sentou na beira da mesa do Devlin.

"Então, como esta a encantadora Dra. Young? Será que ela esta sentindo minha falta? "

"Não tanto. Embora, se por acaso significa algo, pendurou seus pôsteres."

Devlin centrou sua atenção no computador e começou a revisar os e-mails que se acumularam desde sua morte, que aconteceu no princípio daquela mesma semana. Inclusive depois de eliminar as irônicas condolências de seus amigos Paladinos, ficava uma deprimente quantidade de informação que tinha que ler.

“Fala sério? De verdade os pendurou? Acreditei que viria me buscar com uma seringa de injeção para me acalmar a ansiedade.”

DJ parecia decepcionado.

“Duvido que os deixe pendurados muito tempo. Ela prefere os gatinhos.” Devlin leu as primeiras mensagens de seu e-mail, que continham relatórios recentes sobre o aumento da pressão nas falhas geológicas. “A Intendência disse algo sobre quando quer nos enviar a primeira linha?”

DJ negou com a cabeça. “Não, mas o coronel Kincade teve por aqui várias vezes.”

“Também estive no laboratório para ver como ia.”

DJ franziu o cenho. “Por que tinha que aparecer por ali? Sabe perfeitamente que são o doutor Neal e sua equipe quem tem que avisar quando estamos preparados para voltar para o trabalho.”

“Quem dera soubesse.” Torceu a boca em um sorriso forçado. “A doutora Young o jogou do laboratório.”

“Gostaria de poder ter estado lá para ver isso. Imagino a nossa Guardiã favorita perseguindo o grande e mau coronel.” DJ riu, em seguida,

baixou a voz para um sussurro tenso. “Acha que ele vai retaliar por ela enfrentá-lo na cara?”

"Se ele puder, sem ser pego. Ele é um filho da puta vingativo."

Todos eles desprezavam o coronel por sua arrogância e indiferença que mostrava pelas vidas daqueles que serviam sob suas ordens. Não podia ferir os Paladinos como feriam outros, mas ao longo do tempo, inclusive eles pagavam um alto preço por seu desinteresse.

"Será que você a avisou?"

Devlin negou com a cabeça. “Ainda não, mas tenho que voltar lá depois de amanhã. Falaremos depois.”

E, também lhe daria uma bronca por um montão de coisas. Não queria que voltasse a interferir nos assuntos dos Paladinos. Sua responsabilidade começava quando lhe levavam um Paladino morto ao laboratório e terminava quando este saía dali com vida novamente. Sempre tinha funcionado assim. E, por uma boa razão, ela teria que tomar a decisão de acabar, de forma permanente, com a vida de cada um dos Paladinos que estavam sob sua responsabilidade. Tinha um coração muito mole para aquela tarefa. Se ela fazia amizade com seus pacientes, quando tivesse que acabar com sua vida ficaria destruída.

A porta se abriu e Lonzo Jones enfiou a cabeça dentro "DJ, precisamos de você para vir olhar uma coisa."

DJ ficou em pé de um salto, dando um suspiro. "O que vocês idiotas fizeram para o sistema desta vez? Eu juro que, cada vez que eu saio,

vocês começam a apertar os botões e girar os mostradores apenas para verem as luzes piscarem. "

Devlin estava tão feliz por ter seu escritório para si mesmo por um tempo. DJ era um de seus amigos mais próximos, o que significava que ele podia ver além da personalidade de fodão que Devlin passou décadas aperfeiçoando. Se alguém estava disposto a matá-lo, quem estava próximo a ele podia estar em perigo também, DJ e os outros podiam cuidar de si mesmos, mas havia o pequeno problema da Dra. Laurel Young.

Ele recostou-se na cadeira e fechou os olhos, tentando relaxar por alguns minutos. Em circunstâncias normais, ele teria ido para seu quarto e dormido por um turno ou dois, mas não podia permitir-se esse luxo até que soubesse tudo o que aconteceu enquanto estava fora.

Cinco malditos dias perdidos, desaparecidos para sempre. Não admirava que Laurel tivesse resmungando sobre quanto tempo levaria para voltar. Normalmente, ele levava dois a três dias para retornar. Inclusive, em alguns casos, dependendo da gravidade e a quantidade de feridas, podiam chegar a demorar quatro dias. Mas cinco? Ou seu corpo estava perdendo a capacidade inata de recuperação ou estava em pior forma que de costume.

Esse pensamento trouxe um sorriso amargo em seus lábios. Ninguém, salvo um Paladino podia compreender a ironia de saber que havia graus de morte. Ele duvidava que sua Guardiã achasse divertida aquela ideia, claro que era ela quem tinha que revivê-los.

Os cientistas e médicos, que formavam o Departamento de Pesquisa dos Regentes, tiveram décadas estudando a fisiologia dos Paladinos, tentando compreender como podiam reviver uma e outra vez e como era possível que sua esperança de vida superasse em décadas, além da expectativa de vida normal.

Estaria um daqueles cientistas atrás do ataque que tinha sofrido? Devlin esteve dando voltas naquela ideia, ao final decidiu que não tinha sentido. O fato de que morrer para sempre não beneficiaria a nenhum membro do Departamento de Pesquisa.

Esfregou a perna para aliviar aquela dor que lhe chegava ao mais fundo do osso. Eventualmente, a dor e as cicatrizes desapareceriam, mas a lembrança do machado quebrando o osso e o sangue que tinha perdido permaneceria de uma forma nítida e clara em sua mente. Até que algo pior ocupasse seu lugar.

Não havia nenhuma razão para cobiçar uma vida que consistia em esperar a batalha, lutar até sangrar e ser ressuscitado para começar o ciclo de novo. A verdade era que Devlin não sentia pena por si mesmo. Os Paladinos tinham um propósito claro na vida, o qual era mais do que a maioria dos homens podia reivindicar. As características que vinham integradas em seus genes os convertiam nos perfeitos guerreiros: força, habilidade com as armas e plena dedicação a uma boa causa. Sua lealdade, uma vez concedida, era inquebrável.

Devlin olhou para a variedade de espadas e machados que estavam penduradas na parede em frente a sua mesa. Estavam afiadas e mantidas em perfeito estado de conservação, eram as ferramentas de

seu ofício, usados para enviar de volta para a escuridão os que se infiltravam em seu mundo, cada vez que as placas continentais se deslocavam ou um vulcão cuspiu fumaça, fogo e cinzas ao céu.

Devlin se aproximou da parede e agarrou sua espada favorita com ambas as mãos. Devia ter suposto que um de seus companheiros a recuperaria do campo de batalha. A lâmina da folha estava cortada em vários locais, o que não lhe surpreendeu, embora sim o fizesse a marca de queimadura enegrecida perto do cabo. À manhã seguinte a levaria ao arsenal para restaurá-lo ao seu estado original. Devlin tinha mais espadas, mas nenhuma encaixava em sua mão como aquela.

O tapete não chegou a abafar o som de alguém cruzando a soleira de sua porta. Antes de reconhecer a presença de seu colega, ele voltou a espada ao seu lugar na parede. Cullen Finley encostou-se no batente da porta e esperou, com sua paciência habitual, antes de começar a falar.

"Nós quase não a encontramos." Cullen entrou na habitação sem esperar um convite formal. Sabia que, se Devlin não queria companhia, a porta estaria fechada com chave.

Devlin retornou ao seu assento do outro lado da mesa e indicou a seu amigo que se sentasse. "Estou feliz que você a encontrou, Cullen. Senão teria sentido falta. Onde estava?" Ele se lembrava vagamente de deixá-la cair no chão, mas naquele momento, estava muito ocupado morrendo para preocupar-se com ela.

Seu amigo olhou para a espada e fez uma careta. " Estava cravada na barreira. Foi difícil retirar sem causar mais dano tanto à espada quanto à barreira."

Campainhas de alarme soaram novamente na mente de Devlin. "Eu não estava nem perto da barreira quando caí. Entrei em um beco enquanto perseguia um par de cães errantes." Ele deveria ter percebido, então que algo estava errado. Era raro para os Outros andarem em pares, mas os dois tinham ficado juntos mesmo quando o caminho se dividiu. Era como se soubesse exatamente para onde estavam indo, levando-o direto para uma armadilha.

Outra peça do quebra-cabeça que não se encaixava.

"Existe alguma coisa que eu deveria saber?"

Cullen esperou um tempo para responder. Seus companheiros, o apelidaram de 'O Professor' por sua tendência a pensar cuidadosamente, antes de dar uma resposta. Além do mais, depois de Devlin, Cullen era quem tinha acumulado mais conhecimento sobre os Paladinos e sua função na vida.

Cullen balançou a cabeça. "Eu não consigo entender como a espada chegou ao lugar onde estava, mas eu daria qualquer coisa para saber. Parecia como se alguém tivesse tentado causar danos graves à barreira com ela." Ele sorriu, seu grande sorriso era mal intencionado. "Eu aposto que quem quer que o fez tem graves queimaduras nas mãos. Se a barreira tivesse em bom estado, essa pessoa teria recebido uma boa descarga ao introduzir a espada."

Esse pensamento animou Devlin. "Se você descobrir mais sobre o que aconteceu, me avise." Ele levantou os braços sobre a cabeça e se espreguiçou. A pequena explosão de energia que tinha experimentado ao retornar a seu escritório estava desaparecendo. Se ele não fosse para casa, terminaria passando a noite ali mesmo, no chão.

"Será que DJ colocou em ordem o sistema de novo?"

Nenhum deles gostava de pedir ajuda ao Departamento de Tecnologia. Seus integrantes sempre agiam como se os Paladinos fossem um punhado de ignorantes que não sabiam nada sobre o funcionamento de um computador, embora a organização funcionasse graças ao software desenhado e mantido por DJ e Cullen.

Cullen sorriu novamente. "Está tudo bem. Às vezes eu acho Lonzo e os outros gostam de mexer com o sistema apenas o suficiente para deixar DJ louco. E sempre conseguem."

Um pouco de diversão ajudava a aliviar a tensão com a que viviam dia após dia, e sempre que não causassem nenhum dano, Devlin não tinha intenção de reclamar.

"Eu ainda estou oficialmente fora da lista até que o Dra. Young e Dr. Neal acabem de me furar e extrair todo meu sangue. Deitarei cedo, na esperança de que o descanso de um dia inteiro vai convencê-los a que me liberem de suas garras."

Seu amigo arqueou uma sobrancelha. "Dr. Neal não é meu tipo. No entanto, eu não estaria com tanta pressa para fugir da Dra. Young, se eu fosse você." Ele fechou os olhos como se para saborear uma

imagem em sua mente. "Todo esse cérebro e ainda uma beleza para derrubar."

Uma vontade, surpreendentemente poderosa de dar um murro no seu amigo quase que lançou Devlin por cima de sua mesa. Com grande esforço, obrigou-se a relaxar os punhos e mostrar uma expressão calma em seu rosto. Apoiou as mãos na mesa e ficou de pé. Até que conseguisse recuperar o autocontrole, estaria melhor sozinho.

Cullen acompanhou-o até o corredor. "Não se apresse a voltar. Se precisarmos, nos o chamamos."

"Se assegure de fazer isso."

Quando Cullen estava fora de vista, Devlin socou a parede. Maldita Laurel Young e aqueles grandes olhos dela. Será que tinha cada um dos Paladinos babando por ela? Os Paladinos não eram conhecidos por sua moderação sexual e se um deles conseguiu ficar com ela, haveria um inferno sobre a terra.

Especialmente se esse alguém era outra pessoa que não o próprio Devlin.

\* \* \*

Laurel tinha perdido grande parte da manhã consultando o relógio. Se tivesse sido esperta o suficiente para dar a Devlin Bane uma hora exata, talvez ela tivesse rendido muito mais. Estava extremamente

zangada consigo mesma e com essa estúpida fixação. As razões que gerações de Guardiões e Paladinos tinham mantido sua relação em um âmbito frio e profissional eram boas e consistentes. Entretanto, cada vez que se permitia relaxar, seus olhos voltavam a cravar no relógio à espera que os minutos passem.

Paladinos eram os guerreiros que estavam entre o seu mundo e aquele escuro que ameaçava a infiltrar-se e destruí-lo. Os Outros eram seus inimigos, embora não inteiramente humanos, eram o bastante para passar por eles. Espiavam do outro lado da barreira que separava ambos os mundos. Quando a barreira sofria danos, os Outros se infiltravam pela brecha até que os Paladinos os repeliam, em sangrentas batalhas corpo a corpo em que utilizavam armas procedentes da Idade das Trevas. Enquanto uns Paladinos lutavam, o resto reparava a barreira e, quando o dano era muito grave para ser reparado facilmente, os Paladinos se colocavam ombro a ombro e continham a avalanche dos Outros.

O custo para suas almas era horrível. Laurel estremeceu. Ninguém sabia o porquê, quanto mais os Paladinos lutavam e morriam, mais eles se tornavam como os Outros, incontroláveis e assassinos. Ela odiava a ideia de destruir um dos homens valentes que conhecia e respeitava, mas ela iria fazer, quando se tornasse necessário.

Devia a ele e a seus companheiros.

Mesmo que fosse Devlin Bane. Especialmente se fosse ele. O homem tinha lutado mais do que qualquer homem na história dos Paladinos, ele merecia acabar sua vida com alguma dignidade e não como um

monstro voraz. Laurel nem sequer podia imaginar o custo que isto seria para ela.

O interfone tocou. Não querendo parecer ansiosa, esperou um total de cinco batidas do coração antes de responder.

"Sim, sargento Purefoy?"

"Devlin Bane está aqui para vê-la."

"Dê-me um minuto antes de trazê-lo."

Teria sorte se os guardas pudessem segurar Devlin a metade desse tempo, mas mesmo esses preciosos segundos lhe permitiriam assegurar-se de que tudo estava em ordem. Sua cama de armar estava no armário e a manta que Devlin tinha utilizado para cobri-la estava cuidadosamente dobrada e guardada em um armário próximo.

Nem sequer queria pensar por que não a tinha colocado na cesta da lavanderia. E, como foi embaraçoso ter adormecido enquanto estava de serviço, por mais cansada que estivesse! Já tinha se perguntado muitas vezes o que sentiria se tivesse estado acordada, quando Devlin a sustentou com seus fortes braços. Gostaria de recordar com tanta clareza como recordava acordar rodeada por seu cheiro, na manta que ele tinha usado para cobri-la.

Droga tinha que parar de fazer isto! Esse cobertor estava indo definitivamente para a lavanderia. Antes que pudesse dar um passo, porém, a porta do laboratório se abriu e Devlin Bane entrou escoltado pelo sargento Purefoy e seus homens.

Era evidente que Devlin não se sentia feliz com os guardas tropeçando nos seus calcanhares.

“Obrigado, sargento. Chamarei quando ele estiver pronto para sair.” Laurel não gostava da norma que estabelecia que um Paladino nunca poderia andar sozinho pelo edifício, mas tinha que cumpri-la. Havia outras batalhas mais importantes que valia a pena lutar.

"Vamos acabar com isso."

Devlin já estava rolando a manga, obviamente pensando que o Dr. Neal tinha pedido a repetição do exame de sangue. Em vez disso, o doutor queria que lhe realizassem uma série completa de testes, começando pelas de força e resistência.

"Vamos começar na esteira." Ela pegou sua prancheta para evitar o olhar de Devlin.

"Por que diabos eu iria querer fazer isso?"

Preparando-se para a explosão que ela tinha certeza de que era iminente, lhe entregou a lista. "Isso é o que o Dr. Neal ordenou."

Devlin, virtualmente, arrancou-lhe a folha de papel das mãos. “Merda, doutora Young! Não tenho tempo para tanto absurdo!”

Não lhe culpou por aquela explosão de raiva, mas ela não podia contradizer as ordens de seu superior. Em geral, era fácil trabalhar para o doutor Neal, mas se o pressionasse muito, ele poderia tirá-la do cuidado do Devlin. Algo que não queria arriscar.

Talvez ela pudesse oferecer a Devlin um acordo. "Nós poderíamos fazer metade da lista hoje e o resto amanhã."

Devlin a fuzilou com o olhar. "Por que ele está fazendo isso? O que espera encontrar?"

"Você vai ter que perguntar ao Dr. Neal." Pessoalmente, acreditava que Devlin merecia a verdade, mas não sabia em curto prazo.

"Prepararei as coisas." Ela abriu uma gaveta e tirou um par de shorts de corrida. "Isso será mais confortável do que os seus jeans."

Devlin a observou sair da sala, o jaleco branco que fazia pouco para disfarçar suas longas pernas e seu caminhar feminino. Ele ainda estava lutando contra os efeitos colaterais de ter revivido, estar perto de Laurel piorava sua frustração sexual.

Ele tirou a camisa e desabotoou as calças. Não tinha realizado sua habitual corrida matutina. Até que soubesse quem tinha tentado matá-lo, não era inteligente ir por aí como um alvo fácil.

"Suba na máquina." Laurel sustentava um grande punhado de cabos na mão. Um por um, ela retirou o papel protetor dos eletrodos e começou a prendê-los no peito e nos braços de Devlin. Cada vez que seus dedos roçaram sua pele, uma onda de sensações percorria suas terminações nervosas. Ele se alegrou de que ainda não tivesse conectado o monitor, deste modo todos os pensamentos perversos que cruzavam por sua mente ficariam registrados. Para começar, o muito que ele queria levá-la para fora em algum lugar privado e beijá-la sem sentido.

O que teriam feito o Dr. Neal e seus colegas com essas leituras? Esta ideia lhe fez sorrir e, de forma instintiva, Laurel recuou um passo. Garota esperta! Seria melhor para ambos se ela tivesse um pouco de medo dele.

“Comece com passo lento e vá aumentando a velocidade de forma gradual. Já sei que vocês se curam muito depressa, mas a ruptura da perna foi grave e não quero me arriscar que sofra mais danos.”

"Está tudo bem."

Não estava de todo bem, mas, um dia a mais e estaria como nova. Devlin começou a caminhar devagar, permitindo que seus músculos se alongassem e se esquentassem. Depois de uns minutos, adotou o ritmo familiar de suas corridas matinais. Era fantástico poder mover-se outra vez, sentir o sangue circulando pelo corpo e o ar enchendo os pulmões.

De momento, a perna respondia bem e Devlin não notava nenhuma diferença significativa entre esta e a sã. Mesmo que tivesse incomodado, ele teria continuado até que lhe falhasse por completo. Precisava saber se podia contar com essa perna quando retornasse ao campo de batalha.

A probabilidade de que aconteça um deslocamento importante na falha que percorria o extremo oeste de Washington foi se tornando mais e mais evidente. Se a barreira cedia, produziria um banho de sangue e cada espada seria necessária.

Isto lhe recordou que tinha que ir para o arsenal antes que o dia terminasse.

"Você pode começar a abrandar." Laurel afastou-se do monitor, anotou os últimos dados na tabela de resultados.

Devlin manteve o ritmo por mais alguns minutos, em parte porque se sentia bem, e em parte porque lhe permitiu mais controle. Laurel ignorou a pequena rebelião, mantendo seu foco sobre as várias leituras que a máquina estava emitindo. Devlin odiava que tudo relacionado com ele ficasse reduzido a uma série interminável de números e gráficos, como se estes fossem mais reais que ele mesmo.

Pouco a pouco, reduziu a marcha até deter-se e desceu da esteira. Agarrou uma toalha de um monte próximo, secou o suor do rosto e da nuca e esperou que lhe dissesse o que tinha que fazer a seguir. Ele tinha suas próprias ideias a respeito, mas duvidava que ela estivesse interessada. Além disso, aquele não era o lugar adequado para tais pensamentos.

Uma série de câmeras e microfones permitia que os guardas vissem a todo momento o que ocorria no laboratório. Se algum dia cedesse à tentação de deitar-se com Laurel Young, não seria com ninguém olhando.

"Qual é o próximo?"

Com apenas um olhar ele soube. Enrugou a toalha e a atirou ao cesto da roupa suja, que estava em uma esquina. Outra maldita tomografia

cerebral para procurar provas de que seus restos de humanidade estavam desaparecendo! "E se eu me recusar?"

Laurel levantou um pouco o queixo, e seus olhos, antes de voltar aos de Devlin, procuraram a câmera que havia no teto. "Há alguma razão para negar?"

"Nenhuma, além de estar farto de ser picado e manipulado." Assinalou o volumoso monte de folhas de dados que havia em cima da mesa. "Tem ideia de quantas árvores tiveram que morrer para que você possa me quantificar?"

Um pouco da tensão deixou seus ombros quando ela percebeu que ele não ia recusar. Desta vez, pelo menos. "Vamos acabar com isso."

Ele a seguiu até uma pequena sala que continha uma cama estreita e ainda outra mesa eletrônica cheia de indicadores e interruptores e luzes piscando. Nenhum dos Paladinos gostava desta determinada máquina. Era seu juiz e júri, o tribunal onde o acusado era considerado culpado e não tinha direito de falar em sua própria defesa.

E o preço por ter sido condenado era execução rápida e imediata.

Não importava quantas vezes tinha realizado essa prova, sempre eradifícil. Poucas coisas o assustavam, mas aqueles eletrodos pequenos agarrados a seu couro cabeludo como se fossem pequenas garras sempre mexiam com seu estômago e lhe produziam dor de cabeça. Ele sabia que era bastante humano ainda para superar a prova, mas em suas vísceras, que era aonde realmente contava, temia

o que pudessem encontrar nos zumbidos e assobios emitidos pela máquina ao registrar suas ondas cerebrais.

Estendeu-se na cama, apenas vagamente consciente dos lençóis de algodão frio sob suas costas. Fechando os olhos, ele se concentrou em sua Guardiã para evitar que seus pensamentos fossem pelo caminho feio da autodúvida. Ele sempre teve uma queda por morenas com pernas longas, do tipo feito para rodear a cintura de um homem. Além disso, havia aqueles olhos de chocolate derretido. Ele poderia apenas comê-la sem problemas.

O aroma de Laurel, uma mescla de xampu, sabonete e algo que era exclusivamente dela, excitaram seus sentidos. Devlin cravou os dedos na cama. Quanto mais tempo passava junto a ela, mais forte era a tentação de tocá-la. Quando Laurel se inclinou sobre ele para colocar o último dos eletrodos, Devlin mordeu o lábio para não gemer.

Por que ela não tinha o bom senso de manter os seios longe do seu rosto? Devlin desejava, ansiosamente, levantar a cabeça e acariciá-los com a boca. Ao final, decidiu por olhá-los de perto e às escondidas. Laurel usava uma camisa justa que não deixava dúvida alguma sobre o formato perfeito que tinham seus seios, para encaixar-se na mão de um homem e também em sua boca. Ele apostava que eram doces como frutos maduros e sol quente.

Ele se mexeu, contente de que sua bermuda estava folgada o suficiente para disfarçar parcialmente sua ereção imediata. Quando Laurel se afastou, ele soltou um suspiro que sabia que estava contendo.

"Eu vou escurecer as luzes. Apenas tente relaxar e pensar em coisas boas."

Laurel baixou a intensidade das luzes, sentou em uma cadeira junto à cama e apertou o interruptor que iniciava o programa. Devlin tentou relaxar, mas não conseguiu.

"Eu sei que isso não é nada divertido, Devlin." Sua voz era calma e suave, e o uso de seu nome o deixou um pouco surpreso.

Laurel apoiou uma mão no ombro do Devlin e a deslizou com lentidão por seu braço até deixar sobre a mão dele. Devlin girou a palma para cima e entrelaçou seus dedos com os dela. Ambos estavam brincando com fogo, mas agora ele precisava de todo o calor que pudesse conseguir. Possivelmente ela teria feito o mesmo com qualquer outro Paladino, mas não acreditava.

Nenhum deles tinha comentado que Laurel se comportara de uma forma que não fora estritamente profissional e, como a maioria deles eram superficiais o suficiente para querer se gabar e não seriam susceptíveis de manter a boca fechada. Mesmo DJ e Cullen teriam encontrado um jeito de falar para ele. No momento, aquela leve preocupação desapareceu de sua mente.

Sempre que estava conectado àquela máquina a noção do tempo ficava distorcida. Em geral, o processo durava menos de trinta minutos, mas sempre lhe parecia muito maior. Embora os resultados demonstrassem que era bastante humano para seguir vivendo, assinalavam sua constante e progressiva transformação em um dos Outros.

Ele nunca se preocupou em perguntar o quão perto ele estava chegando do fim. Era improvável que Laurel nem sequer respondesse a pergunta. Além disso, saber não mudaria nada. Ele iria continuar a lutar e morrer ao lado de seus companheiros até que sua Guardiã revogasse esse privilégio. Isso era algo do qual sentia muito orgulhoso.

De uma forma gradual, Devlin foi relaxando enquanto seu mundo se reduzia ao tênue feixe de luz que despediam das lâmpadas âmbar e verde da mesa. Virou levemente à cabeça, ao ver o perfil de Laurel e se perguntou onde seus pensamentos estavam enquanto esperavam em silêncio.

Apesar de que sua visão era melhor que a da média, estava difícil deduzir, a partir do rosto inexpressivo de Laurel, qual era seu estado de ânimo.

Talvez ela estivesse fazendo uma lista mental do que precisava pegar na loja no caminho para casa. Ou talvez ela fosse tão dolorosamente ciente dele como ele era dela. Teria permanecido acordada alguma noite perguntando-se como seria fazer amor com ele?

Nem sequer deveria pensar nessas coisas. Que futuro podia oferecer a qualquer mulher? Mesmo que uma mulher pudesse amá-lo, como poderia amar ao mostro que ele inevitavelmente se tornaria?

Os zumbidos e assobios da máquina indicaram o final da prova, mas quando Laurel tentou separar sua mão da dele, Devlin apertou os dedos e a impediu.

“Senhor Bane, por favor.” Então, eles estavam de volta aos sobrenomes novamente.

Seu temperamento se liberou. Arrancou os eletrodos de seu couro cabeludo sem reparar na ardência produzida pelas pequenas feridas e libertou-se do emaranhado de fios. Ficou de pé e prendendo sua Guardiã entre a mesa e seu corpo.

"Eu posso ser apenas um monte de números para você, Dra. Young," ele rosnou, "apenas mais um espécime interessante para você estudar..."

Ela levantou o olhar em protesto por sua afirmação e Devlin gostou de como lhe dilataram as pupilas e expandiram as fossas nasais pela extrema proximidade de seus corpos. Acariciou lhe o pulso com a ponta do polegar, tomando nota de seu pulso acelerado.

Ele suavizou sua voz para um sussurro sedutor. "Mas eu ainda sou um homem com as necessidades de homem, especialmente quando se trata de uma bela mulher. Continue tentando-me, e provável você encontre de maneira dura exatamente quais são essas necessidades e o que é preciso para satisfazê-las."

Em seguida, ele a apertou contra seu peito. Seus olhos escuros pousaram em sua boca com os lábios entreabertos, em sinal de convite. Em um abrir e fechar de olhos, a batalha estava perdida, e Devlin se rendeu à tentação e ao gosto inebriante de Laurel Young.

## Capítulo 3

Sem soltar a mão dela, Devlin a rodeou contra os poderosos músculos de seu peito enquanto sua boca invadia a dela. Laurel se sentiu agradecida por sua força, porque naquele momento, nem um só osso de seu corpo teria a sustentado.

A língua do Devlin penetrou e saboreou o interior da boca de Laurel, fazendo-a ter fome por mais. Todos seus pensamentos racionais a tinham abandonado quando cedeu ao impulso de consolá-lo, enquanto esperavam que a máquina julgasse seu estado mental. A julgar pelos resultados, possivelmente deveria ser ela quem deveria ter usando os eletrodos.

Laurel não queria nada mais do que absorver seu sabor, seu toque e sua força. Suas fantasias nem sequer se aproximaram da realidade de ter toda aquela intensidade focada exclusivamente nela.

Devlin seguiu o contorno da mandíbula de Laurel com beijos quentes e úmidos até chegar à orelha. Depois de deslizar a ponta da língua por sua delicada curva, respirou fundo e seu quente fôlego enviou uma onda de pura necessidade queimando pelo corpo de Laurel. Ela arrancou seu jaleco e deixou cair no chão a seus pés.

De repente ela estava caindo de costas na cama com o delicioso peso de Devlin esmagando-a contra o colchão. Ela abriu as pernas para recebê-lo, saboreando a íntima conexão entre seus corpos. Sua boca estava inchada e machucada do ataque de seus beijos. E suas mãos poderosas estavam por toda parte, tocando primeiro através da proteção frágil de sua camisa e depois por debaixo dela. Seus dedos calejados desabotoaram seus botões, dando-lhe livre acesso aos seus seios.

Devlin deslizou a boca até eles, enquanto com a língua fazia que a pele de Laurel ardesse em chamas. Quando ele desabotoou o sutiã, ele se levantou para olhar para ela.

"Eu estava certo."

Ela queria perguntar a ele sobre o que, mas em seguida ele se abaixou para capturar o mamilo inchado de seu seio. Devlin grunhiu com satisfação enquanto dava toda sua atenção para ele, usando os lábios, dentes e língua de maneiras tão maravilhosa. As sensações enviaram ondas de desejos até o mais profundo de Laurel e ela ansiava para absorver todo o seu corpo no dela.

O ruído áspero que produziu o zíper da calça de Laurel quando foi baixado o agradou. Ele deslizou a mão dentro de sua calcinha e seus dedos investigaram se estava preparada, e descobriram que já estava úmida. Em um instante, Laurel se sentiu a ponto de explodir.

De repente Devlin congelou, com a cabeça inclinada para um lado como se estivesse ouvindo alguma coisa que estava fora do alcance do ouvido de Laurel.

"Eles estão vindo."

Ele rolou para fora da cama, puxando Laurel de pé no mesmo movimento rápido. Ela só podia olhá-lo, sua mente incapaz de entender o que ele estava tentando dizer a ela.

"Droga, doutora, nós estivemos aqui por muito tempo. Os guardas estão chegando."

Finalmente, ela percebeu o que ele estava falando. Alguém, não vários alguém - estavam se movendo ao redor do laboratório fora da porta. Ela lutou contra o pânico. Se a encontravam com a blusa desabotoada e calças dela aberta, sua reputação estaria arruinada e Devlin teria um novo Guardiã ao anoitecer. Foi quando ela percebeu a luz piscando no console.

Aquela era a única habitação do laboratório que não tinha câmeras de segurança nem microfones, graças a Deus! Os impulsos eletrônicos destes instrumentos interferiam com o sensível equipamento de leitura. Para compensar este fato, o Guardiã tinha que enviar periodicamente uma mensagem codificada aos guardas de que estava tudo bem. O código trocava diariamente para impedir que um Paladino com más intenções o descobrisse e o utilizasse.

A falta de sua última mensagem tinha provocado o alarme.

E a menos que ela conseguisse resolver a situação, o sargento Purefoy e os seus homens entrariam por aquela porta, pronto para reduzir um Paladino desonesto. Pressionou o botão que estava piscando para repor o alarme e rapidamente inseriu o código. Não pararia os guardas,

porque poderia muito bem ser que Devlin tinha agora o código e estava usando-o, pelo menos eles não seriam tão rápidos para puxar o gatilho.

Conseguiu fechar o sutiã na segunda tentativa e abotoou rapidamente a blusa. Enquanto alisava o cabelo, desejou não parecer tão desarrumada como se sentia. Pelo menos seu jaleco ocultaria parte dos danos. Devlin acomodou-se de costas na cama, depois de recolocar a maioria dos eletrodos, sem pensar duas vezes, fechou os olhos, como se tivesse dormido enquanto contava os segundos até que terminasse a prova.

As mãos de Laurel ainda tremiam, mas sua voz soou calma quando falou pelo interfone. "Sargento Purefoy, é a Dra. Young falando. Código Alpha Zulu Beta. Repito, Alpha Zulu Beta. Isto não é uma emergência. "

Dr. Neal respondeu, acrescentando mais constrangimento. "Dra. Young, o que está acontecendo aí dentro?" Pelo menos ele parecia mais nervoso do que com raiva.

"Nada, senhor." Pelo menos não mais. "Se eu puder abrir a porta, eu posso explicar."

Isso esperava.

Devlin alcançou e apertou a mão dela antes que ela chegasse à maçaneta da porta. "Acabe com eles!"

Aquela exclamação de ânimo fez que Laurel endireitasse a coluna vertebral. Quando a porta se abriu, ela deu um passo em frente para uma sala cheia de homens armados e seu chefe sem pestanejar.

Poucos minutos depois, todos tinham saído do laboratório salvo ela e o doutor Neal. Devlin seguia dormindo e o som apagado de seus roncos reforçava, sem necessidade de palavras, a sua explicação instável.

"Sinto muito, senhor. Não sei como pude esquecer-me de enviar a mensagem. Devo ter cochilado." Ela balançou a cabeça e encolheu os ombros, esperando que seu chefe fosse atribuir sua relutância em olhá-lo diretamente nos olhos como vergonha.

Ele olhou por cima dela para onde Devlin estava deitado na cama. "Então eu sugiro que você saia hoje mais cedo e descanse um pouco. Adormecer no trabalho, especialmente com um Paladino tão antigo como o senhor Bane, é tolice para dizer o mínimo. Felizmente para todos os interessados, nenhum dano foi feito."

"Sim, senhor. Vou sair assim que o Senhor Bane acordar. Isso me dará tempo para terminar meu relatório."

"Tem certeza que você não gostaria que eu fizesse isso para você?"

Ela não podia arriscar deixá-lo descobrir a desordem caótica em que os eletrodos estavam conectados à cabeça do Devlin. Não tinha nenhuma explicação para isso.

"Não, obrigado. Mas se o Senhor Bane não despertar até quando eu estiver pronta para ir embora, eu vou chamá-lo."

Dr. Neal relutantemente saiu da sala. Como era muito possível que voltasse a entrar sem prévio aviso para comprovar se ela estava acordada, ela se forçou há esperar alguns minutos antes de se aproximar de Devlin. O conjunto de eletrodos estava caído ao chão e

seu paciente estava encostado no travesseiro, sua expressão ilegível e fechado.

"Você pode sair quando quiser. Sargento Purefoy irá acompanhá-lo." Ela deixou cair suas roupas sobre a cama e virou-se para reiniciar a máquina.

Enquanto ele se vestia, Laurel sentiu seu olhar cravado nas costas. O que estaria pensando? Se tivesse arrependimentos, seria porque não tinham terminado o que tinham começado ou, simplesmente, porque tinha acontecido?

Quando Devlin se levantou, os lençóis rangeram, em seguida ela sentiu o calor de seu corpo logo atrás dela.

"Você quer um novo Guardião?" Laurel segurou a respiração, esperando pela resposta de Devlin, rezando para que ele dissesse não.

Apesar de terem cruzado a linha, ela não queria perdê-lo como um de seus Paladinos. Mesmo que conseguisse convencer um dos outros guardiões a mantê-la informada sobre o progresso de Devlin, não seria a mesma coisa.

"Não, eu não, mas isso não pode acontecer novamente."

Até ali, era verdade. Ela assentiu incapaz de falar, seus olhos pinicando com a ameaça de lágrimas.

"Não aqui, pelo menos." Ele se inclinou perto o bastante para que o hálito morno acariciasse sua pele. "Por outro lado, minha querida Dra. Young, posso lhe prometer isso: Quando você e eu realmente formos

para a cama juntos, será em um maldito lugar muito mais privado do que este. Porque nada vai nos impedir de terminar o que começamos hoje.”

E então ele se foi.

\* \* \*

Apesar do quase desastre no laboratório, Devlin estava de melhor humor que nos últimos dias. A deliciosa Dra. Young tinha sido uma surpresa. Por trás do jaleco e prancheta escondia-se uma mulher incrivelmente apaixonada.

Ele não podia esperar para tê-la em sua cama, nua e debaixo dele. Eles teriam que se organizar com muito cuidado, é claro, mas táticas de batalha eram sua especialidade. Organizar um encontro secreto não era muito diferente de planejar uma emboscada.

Ele tomou a First Avenue em direção a Pioneer Square, um ponto turístico popular. Por debaixo das ruas se estendia uma rede de passagens conhecidas como Seattle Underground. As rotas turísticas ofereciam um acesso limitado àquela zona, tanto aos visitantes locais como aos estrangeiros e nem uns nem outros sabiam que aquelas antigas paredes de tijolo em ruínas escondiam o Centro de Controle de alta tecnologia dos Paladinos.

DJ e os outros se divertiam vendo como os turistas se deixavam levar em grupos pela reduzida zona do metrô, declarada segura para o público em geral, mas Devlin os considerava um inconveniente.

Por hábito, checou para ter certeza de que ele não estava sendo seguido, antes de entrar no beco que oferecia acesso mais próximo ao Centro. Ele acenou com a cabeça para o guarda postado perto da entrada. Vestido como um bêbado com pouca sorte, completo com todas as manchas e cheiros habituais, a aparência de Penn era suficiente para afastar a maioria dos intrusos. Se isso não funcionasse, ele tinha uma impressionante variedade de armas escondidas em seu carrinho de compras quebrado.

Naquele dia, o aspecto do Penn era muito pior que o da última vez que Devlin o tinha visto. Sem dúvida, sentia-se perversamente orgulhoso de seu trabalho.

"Cullen disse para você encontrá-lo se te visse entrar."

"Obrigado, eu vou encontrá-lo."

Devlin correu para baixo da escada e digitou o código para abrir a porta. Uma vez dentro, sua cautela habitual se relaxou. Se, em algum lugar estava seguro, era aqui. Possivelmente Cullen tinha descoberto algo a respeito de quem tinha posto sua espada na barreira.

No caminho para o seu escritório, Devlin parou para conversar com Lonzo e DJ, nenhum deles tinha visto Cullen recentemente, mas prometeu que ele saberia que Devlin estava procurando por ele.

A pilha de relatórios que lhe esperava em sua mesa, quase foi o suficiente para fazê-lo virar e, marchar de volta para fora novamente. Não estava com humor para ler todos aqueles frios relatórios técnicos sobre o estado da barreira. Inferno, tudo o que ele tinha a fazer era ligar o noticiário para saber que o Monte St. Helens estava cuspidando vapor de água e formando uma nova borbulha de lava!

Se, a instável montanha decide-se voltar a fazer saltar seu topo pelos ares, Devlin e os outros estariam na linha de frente, lutando para manter aos Outros de fora deste mundo. Abriu um mapa da zona na tela do computador, um que estava programado para mostrar os lugares mais perigosos ao longo da barreira. Sem dúvida, nos arredores da irritável montanha, a barreira estava sendo testada do outro lado. Devlin estendeu a mão para o telefone. "Lonzo, reforçamos as defesas ao redor do vulcão?"

"Ontem de noite, quando nos informaram que se produziram os primeiros estrondos, dobramos as defesas. Os da Intendência estiveram de acordo em outro esquadrão para ser chamado, se necessário."

"Envia-os agora, porque eu não tenho certeza ainda de que será suficiente. A atividade do outro lado está constantemente aumentando."

Ele queria estar lá em pessoa, mas não havia sido liberado de volta à ativa ainda. Se tivesse ficado no laboratório o tempo suficiente para terminar todos os testes, possivelmente agora já estaria livre. Ainda assim, não se arrependia de nada do que tinha acontecido, exceto do

alarme que tinha feito com que os guardas entrassem como uma corrente no laboratório.

Embora possivelmente tivesse sido uma coisa boa que entrassem. Uma queda rápida naquela cama estreita poderia ter sido uma coisa boa para acalmar suas necessidades, mas não por muito tempo, sobretudo pela forma em que seu corpo reagia sempre que se encontrava perto de sua Guardiã. Laurel merecia ser tratada com mais respeito que tudo isso.

Normalmente se assegurava de que as mulheres compreendessem a natureza transitória de seu relacionamento, depois procurava um lugar privado e, satisfaziam suas mútuas necessidades. Após se assegurar de que sua companheira de uma noite ficara contente, ambos se separavam sem amarras.

Laurel, entretanto estava carregada de complicações. Intelectualmente, podia saber que os Paladinos perdiam de forma gradual as emoções humanas básicas e, se voltavam cada vez mais imprevisíveis e violentos até que cruzavam a linha final e tinham que ser aniquilados. Mas o que lhe ocorreria na primeira vez que se visse obrigada a eliminar, como se tratasse de um cão raivoso a um dos Paladinos que lhe tinham atribuído?

E, se fosse ele, especialmente quando se tornassem amantes? O homem que era agora se preocupava com isso, o outro que estava se tornando lentamente, não. Então, como ele poderia protegê-la de si mesmo?

Uma luz começou a piscar em seu monitor, uma que lhe fez sair correndo para a sala de controle. Cullen e Lonzo contemplavam as telas de seus computadores com expressão séria.

"O que aconteceu? E, onde?" Pelo visto, a montanha acaba de lançar uma coluna de fumaça e cinzas. "É muito cedo para saber o quão ruim é a situação."

Deveria haver-se deslocado à zona com ou sem a alta do Departamento de Pesquisa.

"O esquadrão de reforço já chegou?"

Lonzo afastou os olhos da tela para consultar o relógio. "Ainda não. O tempo estimado de chegada é dentro de quinze minutos."

Devlin sentiu um nó no estômago. "E, a barreira? O que indicam as leituras?"

"Flutuou um par de vezes. Agora mesmo, está em ativo, mas se o vulcão decide vomitar um pouco mais, não há como dizer." respondeu Cullen.

"Quem está no comando?"

"Trahern."

O nó do estômago do Devlin se afrouxou um pouco. Quando se enfrentava ao inimigo, Blake Trahern era uma máquina de matar cruel e desumana. Se alguém podia conter uma avalanche dos Outros com escassez de homens e recursos, esse era Trahern. Segundo todos os indícios, os Outros levavam tempo concentrando-se naquela zona da

barreira e seus números cresciam dia a dia, conforme aumentava a pressão no interior da montanha. Seria preciso mais do que um esquadrão para mandá-los de volta. Entretanto, se a barreira simplesmente flutuava os Outros a cruzariam em pequenos grupos, em vez de uma onda avassaladora de ódio e de armas.

Devlin aproximou uma cadeira onde estavam Lonzo e Cullen e, sentou enquanto esperava que começassem a chegar o informe das baixas.

“Envie uma cópia dos relatórios das baixas ao doutor Neal para que esteja ciente do que acontece. Espero que não seja necessário, mas vai facilitar o trabalho se souberem quantos feridos há e o estado em que se encontram.”

Devlin pensou em telefonar a Laurel, mas decidiu não fazê-lo. Telefonar diretamente aos Guardiões não fazia parte do protocolo. Se um dos Paladinos de Laurel fosse ferido ou, ainda pior morto, avisariam com o tempo suficiente para que se preparasse. Uma vez mais, Laurel teria que enfrentar a longas horas sem dormir, mas ela faria o que estivesse em suas mãos para salvar a um de seus Paladinos. E o faria porque se preocupava com eles, não só porque era seu trabalho, aquela dedicação a assemelhava aos Paladinos.

“O segundo pelotão chegou abaixo e está avançando.” Lonzo era a voz da razão e da calma. Não importa o quão ruim que ficassem as coisas, ele nunca se deixava levar pelo pânico. Quando tudo acabasse e, de acordo com o resultado da batalha, ele provavelmente ia explodir em um ataque de fúria violenta. Com o tempo, seus companheiros tinham aprendido a afastá-lo do equipamento caro antes que isso

acontecesse. Havia uma sala no final do corredor equipado com sacos de pancada para que ele pudesse desabafar com murros e patadas, igual à caprichosa montanha situada ao Sul.

Passou algum tempo antes que chegasse qualquer relatório. Enquanto eles ainda podiam desfrutar da calma, voltou ao seu escritório e enviou um segundo e-mail para o Dr. Neal, pedindo autorização para voltar para as trincheiras. A resposta não demorou a chegar. Devlin leu uma vez e, depois outra, enquanto pensava as piores maldições que conhecia. No que estaria pensando aquele homem? A barreira estava vacilando, seus amigos estavam lutando e possivelmente morrendo e o único que ocorria ao imbecil do doutor Neal era tirar dele mais uns tubos de sangue do braço!

Pois bem, estaria na porta do laboratório do bom doutor a primeira hora da manhã, porque trovejasse ou chovesse, ele estaria no seguinte transporte que saísse para a barreira.

Os que levavam o componente dos Paladinos no DNA eram impulsionados a lutar quando a barreira sofria algum dano. Podiam senti-los em algum lugar de seu ser, quando a segurança de seu mundo se via ameaçada por uma brecha na frágil barreira, que separava a sua realidade da realidade sombria do outro lado. A tensão acumulada precisava de um alvo para a sua agressividade, fosse ou não razoável.

Os Outros constituíam uma ameaça constante para a estabilidade dos frágeis ecossistemas da Terra. Devido aos terremotos e as erupções vulcânicas, eram muitos os integrantes dos Outros que tinham cruzado

a barreira e posto em perigo o equilíbrio entre seu escuro mundo e a luz da Terra. Os danos na camada de ozônio foram suficientes para causar grandes problemas nos próximos anos.

A julgar pela enorme quantidade dos que tentavam passar a este mundo em uma onda suicida, as condições no Outro lado deviam ter piorado de novo. A Terra só podia absorver uma determinada quantidade dos Outros e assim o tinha feito inúmeras vezes no passado. Segundo avanços recentes no estudo da estrutura do DNA, pelo visto, a incorporação dos Outros por diversas composições genéticas da humanidade tinha dado origem ao longo do tempo, aos Paladinos propriamente ditos.

Os cientistas que trabalhavam para o Departamento de Pesquisa acreditavam que isto explicava a sensibilidade dos guerreiros em relação à barreira.

Esta era a boa notícia. O outro lado da moeda era a tendência dos Paladinos a tornarem se cada vez mais como os Outros, com o passar do tempo. Naquele momento, a organização estava trabalhando para descobrir maneiras de prolongar e reforçar tudo o que ficava de humano nos Paladinos.

Este pensamento o levou de novo a Laurel Young e ao interesse, fora do comum, que ela sentia por ele. Aquele empenho em conhecer seu passado, devia-se a um interesse profissional ou pessoal? Ou a indiscutível atração que existia entre eles tinha despertado sua curiosidade em seu futuro amante?

Como gostaria de ter visto a expressão de Laurel quando anunciou, sem rodeios, sua intenção de dormir com ela. Seus olhos refletiram choque ou curiosidade? Só o tempo responderia a esta pergunta. Por enquanto, ele tinha uma batalha para monitorar e amigos para se preocupar.

Sentou-se frente a sua mesa e se preparou para a espera.

\* \* \*

“Sim, mamãe estou bem. O trabalho vai muito bem. E não, não me fazem trabalhar muito...” Exceto quando ela estava de plantão 24 horas por dia para trazer um de seus pacientes de volta da morte. Mas este era um dos muitos segredos que guardava de sua família.

Laurel fechou os olhos e se acomodou em um dos extremos do sofá. Ela amava sua mãe, mas naquele momento, não estava com disposição para essa conversa. Ultimamente, sua mãe se impôs a missão de ajudá-la a encontrar um bom homem para que, seguindo o exemplo de seus irmãos, pudesse dedicar-se ao trabalho de lhe dar mais netos.

“Sim, mamãe, sei que se aproxima meu aniversário. Se conseguir escapar uns dias avisarei.”

Ainda tinha dois anos para chegar os trinta e estava orgulhosa de tudo que tinha feito. Se ao menos seus pais também compartilhassem esse orgulho! Eles tinham boas intenções, é claro, mas nunca tinha entendido bem o que fazer com uma filha cujo coeficiente intelectual

superava todas as estatísticas e cujos interesses eram ciência e medicina, e não datas de baile, reuniões de ex-alunas, como as outras garotas em sua pequena cidade.

O ensino médio tinha sido um verdadeiro pesadelo, até que um dia, com quinze anos, recebeu de uma forma misteriosa, uma carta de um grupo que se autodenominava “Os Regentes” oferecendo-lhe uma bolsa de estudos integral para começar a faculdade.

Houve lágrimas e discussões, mas ela fez as malas e pegou o primeiro avião para Seattle. Exceto para ocasionais visitas domiciliar, não tinha retornado.

Os regentes a tinha salvo da vida que seus pais haviam planejado para ela, para a qual ela particularmente não se encaixava. Amava sua família e sua cidade natal, pois eles eram encantadores. Era ela que não se encaixava.

De repente, Laurel percebeu que tinha perdido alguma coisa na conversa. "O que você acabou de dizer, mãe?"

“Estava dizendo que ele ficará feliz em lhe mostrar. Passou tanto tempo desde que vivia aqui, eu sei que você gosta que alguém te mostre todas as mudanças.”

A sensação de mal estar remexeu em seu estômago. "Quem poderia me mostrar?"

"Minha nossa, Laurel, você simplesmente não ouve, a menos que a conversa se trate de alguma doença." Um longo suspiro chegou

claramente aos ouvidos de Laurel através da linha telefônica. "Me desculpe, eu não quis dizer isso. É só que... quero que você seja feliz."

Sua definição de feliz, não a de Laurel. "Quem é que vai me mostrar às mudanças, mãe?"

"Ora, o novo sócio de seu irmão, Carl. Quem você acha que quis dizer?"

Os pais de Laurel às vezes esqueciam sua excelente memória para os detalhes. "Refere-se ao mesmo Carl que tem uma ex-esposa, uma barriga enorme e nem um só cabelo na cabeça?"

"Bem sim, mas não deveria julgar uma pessoa só por seu aspecto. Sei que teve alguns problemas, mas tudo isto é parte do passado. Agora Carl está procurando uma boa esposa."

"Eu desejo que Carl tenha sorte mãe, mas essa boa esposa não serei eu. Para começar, ele tem que viver perto de seu trabalho, e o meu está aqui."

A voz de sua mãe se iluminou. "Mas é isso, Laurel. Como eu venho dizendo, toda a cidade está crescendo tão rápido. Eu estava conversando com o Dr. Watson no outro dia, e me disse que tem mais pacientes do que pode lidar sozinho. Eu sei que ele ficaria feliz por sua ajuda, mesmo que você queira apenas trabalhar tempo parcial. Você sabe, se você se casar e tudo mais."

Laurel não queria ferir sua mãe, mas tampouco podia deixar que pensasse que seu trabalho era só algo que fazia para ganhar a vida, ao invés de uma parte integrante de quem ela era.

"Mãe, me desculpe se isso te incomoda, mas eu não estou voltando para casa. Meu trabalho aqui é muito importante." Vidas dependem de sua experiência e treinamento específico. "Além disso, eu não sou um médico de clínica geral como Dr. Watson. Meu interesse é em pesquisa, eu preciso de instalações especializadas para isso."

Laurel sabia que sua mãe não aceitava bem uma derrota. Na melhor das hipóteses, se retiraria para recuperar as forças.

"Bom, falaremos disto quando vier. Avise-me quando puder vir nos ver."

"Eu aviso. Diga ao pai e os outros que amo todos vocês."

A voz de sua mãe se suavizou. "Sabemos disso, querida. Nós te amamos muito. Oh, olha a hora! É melhor que comece a preparar o jantar. Cuide-se!"

Laurel colocou o fone de volta a sua base. Perguntou-se o que pensaria sua família sobre Devlin Bane. Eles respeitavam os militares, que eram o mais próximo aos Paladinos que conheciam.

Durante uns segundos, imaginou como seria levar Devlin Bane à casa de seus pais para que conhecesse sua família. Não podia o imaginar sentado na sala de seus pais, passar uma tarde de sábado assistindo futebol da faculdade com seu pai e irmão.

Em seguida, o celular do trabalho tocou. O coração de Laurel deu um salto, sabia que isto só podia significar uma coisa: em algum lugar, Paladinos estavam lutando e morrendo.

Todos os integrantes do Departamento de Pesquisa estavam em estado de alerta esperando o ataque. Laurel tinha reabastecido seus suprimentos, sua maca de aço inoxidável tinha sido recém-desinfetada e tinha comprovado o estado das cadeias e as ataduras.

Agora, tudo o que podia fazer era esperar, tentando não pensar sobre o que tinha quase acontecido no dia anterior. Ela estremeceu, pensando no próximo desastre.

Indo estritamente pelas regras, devia pedir para ser substituída como Guardiã do Devlin, mas não faria a menos que fosse obrigada. Seu papel era o de decidir o que era melhor para seu paciente. Como poderia outro Tutor, um que só o visse como outro caso e não como um indivíduo, tomar decisões melhores sobre o bem-estar de Devlin? Nenhum de seus Guardiões anteriores tinha comentado que seu progresso inevitável para a loucura não se encaixava com o padrão habitual. Como Laurel não podia acreditar que nem haviam notado, só podia pensar que eles tinham visto os números ou não se importavam, ou não se preocuparam em questioná-los.

Laurel decidiu que não havia melhor momento que aquele para pôr em prática sua decisão de adotar uma atitude mais fria em relação a Devlin Bane. Seu intenso interesse seria apenas por causa do valor científico em saber o que o fez diferente dos outros paladinos. Se fosse uma anomalia genética, ela não poderia fazer muito para transmitir sua resistência inata a outros. Mas se fosse devido a alguma mudança química em sua corrente sanguínea, o que poderia levar a um mundo de possibilidades. E, talvez isso também, se estendesse além dos Paladinos para os seres humanos normais.

O lado cientista que havia em Laurel assumiu enquanto examinava os gráficos e comparava os resultados novos com os antigos. Durante os três anos que era Guardiã do Devlin, os resultados das análises de sangue se mantiveram constantes. As medições de sua força física e resistência seguiam o mesmo padrão, com variações tão pequenas que eram estatisticamente insignificantes.

O mais interessante de tudo eram os exames cerebrais. Laurel começou a rever os vários dados do exame de ontem, com alívio observou que os números iniciais eram semelhantes ao de sua última verificação.

Entretanto, mais ou menos na metade do teste, as leituras subiam e depois caíam mais baixo e permaneciam estáveis. O que teria causado isso? Naquele momento do exame Devlin já teria relaxado, mas isso não justificava que os dados fossem tão baixos.

Laurel assinalou os dados que pareciam mais importantes para analisá-los mais tarde quando pudesse compará-los com os dos testes realizados no passado. Quando arrumasse todos aqueles dados em um mapa e alinhados em colunas, pediria a opinião do doutor Neal. Possivelmente não tinham a menor importância, mas uma voz lhe dizia que estava no caminho certo.

Um alarme estridente disparou um aviso com luzes começando a piscar. Laurel fechou automaticamente o arquivo e o guardou. Tinha apenas alguns minutos antes que o primeiro paciente entrasse pela porta, sua equipe escolhida a dedo de enfermeiros e técnicos entrou e tomou suas posições.

Quando as portas se abriram, uma sensação de calma caiu sobre ela, colocou as luvas cirúrgicas e ocupou seu lugar na cabeceira da mesa de exames.

“Muito bem, meninos, o coloquem aqui e depois vamos ver o que estamos lidando.” Experiência tinha mostrado a ela que se reagia com calma ante as terríveis feridas que todos estavam acostumados a ver, sua equipe reagia da mesma forma. “Em uma contagem de três. Um... dois... três”

Todos gemeram pelo esforço de colocar o Paladino da maca móvel até a mesa de exames. Alguém colocou o relatório inicial em suas mãos. Ela analisou os resultados preliminares enquanto o resto da equipe conectava o paciente aos monitores e retirava as bandagens encharcadas de sangue. Ficou reconfortada pelo fato que ainda sangrava, pois o coração tinha que pulsar para que isto ocorresse.

Pela primeira vez, o paciente não estava morto, pelo menos ainda não.

“Apliquem uma injeção intravenosa e depois vamos fazer as suturas.”

"Quem é?" Dr. Neal tinha acabado de entrar por trás dela.

Ela leu o nome e estremeceu. Todo mundo achava que Devlin Bane era assustador, mas em sua opinião, ele nem sequer chegava perto de Blake Trahern.

“É Trahern. Coloquem-lhe essas restrições no lugar.”

A julgar pela velocidade com que cumpriram a ordem, não era a única a ficar nervosa na presença do Trahern e seus frios olhos cinza. Os

resultados de seus testes não eram tão ruins como os do Devlin, mas pioravam rapidamente. Ela secretamente achava que ele era o candidato mais provável, o primeiro ao qual teria que eliminar, por isso odiava cada vez que o levavam ao laboratório.

"Alguém sabe o que aconteceu?"

O doutor Neal se colocou no outro extremo da mesa de operações. Trabalhando em conjunto, suturariam as feridas e o processo de cura começaria muito mais depressa. Ele levantou o olhar do profundo corte que estavam costurando. "Eu ouvi dizer que está ruim, talvez muito ruim. "

"A barreira?"

"Os relatórios preliminares que recebi indicam que só está flutuando, então os Outros vão entrando em pequenos grupos. Os Paladinos estavam fazendo a limpeza, certificando-se que ninguém escapou. Então, um grande trecho da barreira caiu por completo."

"Quantos perdemos?"

"A tantos que teremos problemas para alojá-los." A preocupação que refletiam os olhos do doutor Neal lhe provocou um calafrio. "Tive que dar a alta ao Devlin Bane para que assumisse o comando até que cheguem reforços de outros setores. Eu avisei ao coronel Kincade que Bane não estava em plena força ainda. Se a perna falhar enquanto está lutando, se arriscam a perdê-lo para sempre." Paladinos eram difíceis de matar de forma permanente, mas pode ser feito se os atacavam em grupo e com machados e espadas. "De todos os modos,

não foi o coronel Kincade quem me pediu que o deixasse ir, foi ele mesmo. Se não tivesse assinado a alta, teria ido clandestinamente de qualquer maneira. Eu só fiz que o inevitável resultasse mais fácil para todos até que os reforços cheguem mais tarde.”

As portas se abriram novamente como um grupo de guardas que passava pelo corredor transportando um par de pesadas macas. As correias e correntes chacoalhando a cada passo que davam. Os pacientes que ocupariam essas macas não demorariam muito para chegar e Laurel se preparou para a maratona.

Por Devlin Bane, a única coisa que podia fazer era rezar.

## Capítulo 4

O estridente toque do telefone o despertou de seu profundo sonho. Uma voz áspera sussurrou: "Agora é a sua chance. São tantos os Outros que estão cruzando a barreira que lhe servirão de cortina de fumaça." A linha ficou muda.

Olhou para o telefone na mão, desejando com toda sua alma, ter deixado que a secretária eletrônica respondesse à chamada. Levou duas tentativas para a sua mão trêmula colocá-lo de volta na base. Não haveria como voltar a dormir agora, não com o estômago revolto, enquanto tentava pensar em um curso razoável de ação. Segundo todo o informe, as coisas estavam tão mal na barreira que ninguém acharia estranho que se apresentasse como voluntário nas passagens subterrâneas, com arma na mão.

Não seria estranho que os Paladinos pedissem reforços quando a quantidade dos Outros que cruzava a barreira era excessiva. Ele tinha certa prática com a espada, embora nada comparável à destreza dos Paladinos. Claro que eles dispunham de várias vidas para poder aprimorar suas habilidades.

Ao menos Trahern e outro par dos Paladinos mais aterrorizantes já estavam fora de jogo. Teria que agradecê-lo, Bane era ruim o suficiente, embora ainda conservasse algumas emoções humanas. Entretanto, os olhos do Trahern estavam mortos, o qual o fazia mais assustador.

Suas probabilidades de êxito aumentariam se pudesse conseguir uma ordem oficial que respaldasse sua ida aos túneis. Dessa forma, ninguém questionaria sua presença ali. De todos os modos, matar o Bane de uma forma definitiva podia ter dois efeitos distintos: ou os Paladinos caíam em um estado temporário de caos ao perder seu líder morto, ou se uniriam para caça ao assassino do Bane.

E não precisava ser um gênio para adivinhar que os Paladinos imaginariam uma morte especialmente desagradável para aquele que tivesse traído a um deles, especialmente se fosse Bane. Filho da puta, como ele iria lidar com isso? Encontrava-se a beira de uma ladeira escorregadia que levava direto para o fogo do inferno e desastre. Se não queria assinar sua própria sentença de morte, tinha que planejar com cuidado cada passo do caminho.

Por que tinham decidido executar ao Bane? Sua Guardiã eventualmente teria que terminar com sua existência. Não que isso importasse agora. Na sua longa duração, o Paladino tinha tropeçado com alguém importante em seu caminho.

Olhasse como olhava planejar uma execução era uma forma asquerosa de começar o dia.

\* \* \*

Devlin estava na frente da saída do elevador porque era melhor que alguns de seus companheiros. Lonzo, especialmente, precisava apoiar as costas na parede do fundo até a luta começar de verdade. Enquanto o elevador baixava a toda velocidade, todos verificavam automaticamente as armas, se certificando que as espadas deslizassem com facilidade fora de suas bainhas e que as adagas estivessem bem encaixadas nas capas. Alguns utilizavam armas mais especializadas. Lonzo, por exemplo, carregava um machado de duas lâminas que gostava muito, e do cinturão do DJ pendurava um martelo.

"Alguma notícia sobre os números?" Lonzo pediu da parte de trás do elevador.

Devlin negou com um movimento de cabeça. "Não sabemos nada no momento, mas seguro que haverá muitos pelo caminho."

"Bem, maldita seja!" DJ adorava uma boa briga, no virtual ou corpo a corpo.

Devlin não queria ter a nenhum outro grupo de homens no mundo lhe cobrindo as costas. Ele olhou por cima do ombro para ver como os outros lidavam com a tensão. DJ tinha uma grande bola de chiclete sob a bochecha enquanto cantarolava um pouco desafinado. Lonzo passava de um pé a outro, a adrenalina lhe impedindo de ficar parado.

Cullen consultava seu computador portátil, sem dúvida para averiguar os dados mais recentes sobre a condição da barreira e assim saber o que estariam enfrentando quando chegassem ao final do trajeto. Sua missão era reforçar a defesa da barreira. Devlin e Cullen procurariam os pontos fracos e fariam o possível para fortalecê-los. Conforme o último relatório, Trahern estava tentando estabilizá-la quando foi ferido sob o número esmagador dos Outros.

Felizmente, os reforços tinham chegado a tempo de controlar o ataque e tinham conseguido estabilizar a barreira antes de evacuar a seus companheiros feridos. A última notícia que Devlin tinha recebido da Pesquisa indicavam que Trahern tinha sido gravemente ferido, mas tinham chegado a tempo de impedi-lo de passar a tensão de ser revivido novamente. Em um dia ou dois, Laurel e o doutor Neal o deixariam outra vez em plena forma.

Como os Paladinos apenas se desdobravam para atacar, Devlin estava feliz que as vítimas não eram piores.

A menos que a barreira flutuasse de novo, Devlin e seus companheiros acabariam com os focos de resistência que ficavam nos túneis. Os Outros não podiam abandonar a segurança relativa do subsolo até o anoitecer. Levava bastante tempo para adaptar-se à luz solar, uma debilidade que os Paladinos não compartilhavam com eles.

Devlin sentiu o zumbido da barreira de alta voltagem através do chão do elevador. O zumbido percorreu seus nervos produzindo uma sensação doce que tanto ele como o resto dos Paladinos desejavam. Pelas exclamações de inquietação que ouviu a suas costas, deduziu

que não era o único sentindo seus efeitos, deixando todos ansiosos a entrar em ação.

“Hora do show, senhores.” Devlin agarrou o punho da espada. “Vamos enviar os bastardos de volta através da barreira ou direto para o inferno.”

O elevador parou com um baque suave. Quando as portas se abriram, Devlin saltou ao exterior preparado para defender a si mesmo e a seus companheiros, mas o corredor estava vazio. Os integrantes de sua equipe se espalharam atrás dele.

Alguma coisa estava errada. O elevador nunca deveria ser deixado sem defesa, já que a barreira tinha sido violada. A última coisa que queriam era que os Outros tomassem o controle do principal ponto de acesso à superfície. Devlin levantou a mão para indicar a seus companheiros que ficassem quietos, fechou os olhos e deixou seus outros sentidos assumir o comando. A temperatura ambiental parecia correta, entre os 18°C e 28°C. Se a barreira tivesse flutuando, ou se apagado, o ambiente seria muito mais quente, pois o calor do Outro Mundo iria passar pela barreira. O ar estava viciado e cheirava a rocha úmida. Mais uma vez, nada a se preocupar.

Um a um, Devlin identificou os sons que o rodeavam. As máquinas do elevador, as bombas que mantinham a atmosfera respirável, a apenas audível respiração de seus amigos. O ruído de pés arrastando-se enquanto seus proprietários mediam o caminho pelo túnel desconhecido... definitivamente Outros.

Devlin sustentou a espada com uma mão e levantou três dedos em direção à esquerda. Lonzo, Cullen e DJ foram naquela direção, ele e outros foram pela direita.

Sorriu, segurando a espada com as duas mãos, tomou a curva do corredor enquanto mantinha as costas perto da parede. A cada poucos passos, detinha-se e escutava. Alguns dos sons de passos que tinha ouvido antes se foram. Sem dúvida, o inimigo utilizava sua tática favorita, de dividir-se em grupos cada vez menores até ficar sozinhos.

Sempre se perguntava como devia ser seu mundo para que evitassem a companhia um do outro com tanta vontade. Ou possivelmente tinham a teoria de que, se espalhando, os Paladinos teriam mais dificuldade de seguir seu rastro. A verdade era que muito poucos Outros tinham vivido o suficiente para encontrar o caminho de entrada no mundo de Devlin.

Conforme os corredores se dividiam, o mesmo fazia os Paladinos, até que Devlin ficou sozinho. A lembrança da última vez que seguiu a um grupo dos Outros o fizeram mais cauteloso, tomando um tempo para escutar. Uns metros mais adiante, o túnel pelo qual avançava girava bruscamente à esquerda impedindo de ver quem estava na frente dele, correu para frente para ganhar terreno sobre sua presa. Sabia que, depois da curva, o túnel se dividia em dois. Um lado subia para uma rua, na superfície, e o outro retornava serpenteando à barreira.

Ele parou para ouvir.

Nada.

Recuou alguns passos e esperou em silêncio. Depois de uns segundos, sua paciência foi recompensada. O sussurro de umas vozes chegou até ele pelo corredor. Inclinou a cabeça para escutar. Com o som desaparecendo, ele se arrastou para a frente, pronto para carregar assim que identificado o seu alvo .

Ao chegar à bifurcação, teve que tomar uma decisão. Se seus inimigos tinham tomado o caminho da direita, iam se encontrar de volta, onde tinham começado, mas se tinham tomado o da esquerda, podiam encontrar o acesso às ruas de Seattle. Um ou dois dos Outros não causariam um efeito muito adverso no meio ambiente, mas com o tempo o dano acumulado poderia ser devastador.

Devlin virou à esquerda e começou a lenta e longa subida. Mais ou menos na metade do caminho, sentiu que o ar atrás dele se agitava, sinal de que alguém mais avançava pelo túnel. Fosse quem fosse não se movia como um dos Paladinos. Devlin não tinha mais opção que continuar avançando enquanto esperava que o misterioso visitante se revelasse.

Em vez de ir mais devagar, Devlin acelerou o passo para ganhar terreno aos Outros que o precediam. Estava a virar outra curva quando o grito de guerra de seus inimigos ressonou no corredor, cada vez mais estreito. Tinha-os encurralados entre ele e a dolorosa luz do sol do exterior.

Apanhados e desesperados, os Outros se viraram para lutar.

Eram dois homens, ambos armados até as sobrancelhas. Se tivessem calculado melhor sua fuga, provavelmente teria ocorrido uma onda de

assassinatos na cidade antes do amanhecer. Os dois lutaram com o desespero de quem não tem nada que perder, tentando levar Devlin com eles na jornada final para a vida após a morte. Devlin sorriu sombriamente, será que tinham alguma ideia de quantos de sua espécie tinham morrido sob sua espada naquelas décadas? Mesmo se conseguissem lhe causar uma ferida mortal, ele retornaria a lutar dentro de poucos dias.

Conforme foram se aproximando, fez o possível por não deixar suas costas descoberta em direção ao túnel. Não havia nenhuma maneira de saber se o seu companheiro desconhecido era amigo ou inimigo.

"Por que você está aqui?" Perguntou um deles. Os Outros que cruzaram a barreira falavam uma versão do Inglês, mas as palavras soavam duras e guturais para o ouvido.

Devlin sorriu de uma forma malévola e falou em um tom cruel. "Vim para lhes enviar de volta a seu mundo ou diretamente ao inferno. Vocês escolhem." E levantou a ponta da espada para enfatizar suas palavras.

"Mas nós já pagamos."

Pago? Pago o quê? "Não me pagam para matar aos de sua espécie. Faço por prazer."

"Sabia que não podíamos confiar nos de sua espécie!" Então ele gritou, "Morre humano!"

O mais corpulento dos Outros correu contra Devlin enquanto balançava uma longa espada por cima da cabeça e a baixava formando um

ângulo que pretendia separar a cabeça do Devlin de seus ombros. Não era fácil matar para sempre a um Paladino, mas este golpe, sem dúvida, cumpriria o objetivo. Devlin retrocedeu de um salto, em seguida, pulou para frente novamente, perdendo a chance de executar o bastardo.

Depois de uma avalanche de golpes em que ambos lutaram com movimentos frios e calculados, os dois respiraram com dificuldade. Devlin se considerou com sorte por não ter que lutar com os dois ao mesmo tempo. O corredor era estreito e não permitia liberdade de ação com mais de duas pessoas. Se o companheiro de seu atacante se unisse a ele, só atrapalharia suas próprias possibilidades de êxito.

Apesar do ar frio, o suor escorregava pelo rosto de Devlin. Sua perna doía pelo esforço da luta. Seu inimigo rapidamente se deu conta de que se movia melhor de um dos lados, por isso atacou de modo que tivesse que apoiar quase todo o peso na perna mais fraca. O aço de sua espada ressonava com os contínuos ataques contra a arma de seu inimigo, enquanto tentava ficar fora de seu alcance.

Finalmente, em lugar de permitir que seu oponente levasse a iniciativa da luta mortal, voltou-se de lado e arremeteu contra seu oponente atravessando-o com a espada. O Outro não morreu imediatamente, mas Devlin sabia reconhecer quando um golpe era mortal.

Arrancou a espada do corpo do Outro e centrou sua atenção no segundo atacante. Este era mais jovem e se movia com mais rapidez, um pequeno engano e Devlin terminaria na mesa de aço inoxidável da doutora Young.

Enquanto giravam em círculo um de frente ao outro, Devlin tentou chegar a um acordo. Embora lutasse todas as batalhas com uma determinação feroz para proteger seu mundo, matar não lhe produzia um prazer especial.

“Se te render, devolverei a seu mundo quando a barreira voltar a flutuar.”

Uma avalanche de estocadas e paradas furiosas como resposta, lhe obrigou a recorrer à força bruta para superar ao inimigo. O olhar enlouquecido de seus olhos disse-lhe que qualquer outra oferta de rendição seria recusada. Então fez a única coisa que podia fazer naquele momento e lhe ofereceu uma morte rápida e misericordiosa.

Enquanto seus pulmões se esforçavam para recuperar o fôlego, Devlin secou o suor do rosto e limpou o sangue de sua espada com um lenço. Mais tarde retirariam as armas e os corpos, mas de momento, ele tinha um mistério que resolver. Retrocedeu com lentidão pelo corredor, cada poucos passos, detinha-se para escutar a natureza do silêncio. Tinha uma sensação de vazio, como se quem o estava seguindo, tinha abandonado a perseguição.

Se não fosse o ataque anterior, teria pensando que era produto de sua imaginação. Mas seu instinto lhe dizia que alguém o tinha seguido, alguém que esperava que os dois Outros tivessem debilitado o suficiente e feito dele uma presa fácil para uma emboscada. Mas como isto não aconteceu, o covarde escapuliu entre as sombras para esperar a próxima oportunidade. Devlin acelerou o passo. Já era hora de reunir-se com seus homens.

O som de passos sussurrou no silêncio, mas dessa vez reconheceu a presença de outro Paladino. Se seu ouvido não lhe enganava, tratava-se do DJ que se aproximava. A julgar por seu caminhar lento e decidido, seu amigo não estava perseguindo a nenhum inimigo perdido. O mais provável era que ele e outros tivessem derrotado os seus oponentes e estava vindo para oferecer a Devlin toda a assistência que precisa.

Embainhou a espada e se apoiou na parede, feliz de poder liberar a perna do peso de seu corpo. Entretanto, justo antes que DJ aparecesse se endireitou. Ninguém precisava saber sobre sua perna, nem mesmo o seu amigo.

"Desde que você não está morto, eu presumo que eles estão." DJ olhou para a passagem vazia atrás dele. "Quantos?"

"Dois." Devlin sacudiu a cabeça. "Juro que cada vez são mais jovens."

DJ encolheu os ombros. "Segundo a última recontagem, nós eliminamos seis."

Juntos retornaram ao ponto de encontro, perto do elevador. Assim como Devlin esperava, não havia sinal de ninguém nas proximidades. Seu instinto não iria deixá-lo esquecer a suspeita e devia avisar a seus companheiros para que fossem mais cuidadosos que o habitual.

"DJ, tenho que te perguntar uma coisa sobre a última vez que morri. Você ou algum dos outros notaram algo estranho?"

DJ parou de andar. "Você quer dizer que não seja encontrar sua espada presa na barreira?"

"É, além disso."

"Ninguém mencionou nada concreto, mas este detalhe nos assustou o bastante."

"De que maneira? "

"Bom, ficamos perguntando se alguém tentava passar ao outro mundo ou danificar a barreira de forma permanente?"

Tinha o olhar sombrio. Nenhum deles queria pensar nos horrores que semelhante desastre causaria. Os Outros cruzavam a barreira fortemente armados e prontos pra matar, os poucos que conseguiam escapar dos Paladinos, reagiam de duas maneiras a seu novo lar. Os piores matavam a tudo o que estava adiante até que os encurralavam e destruíam. O segundo grupo se adaptava à nova forma de vida. Rapidamente perdiam a palidez antinatural e doentia de quem vivia na escuridão. Com o tempo, os olhos se acostumavam à luz do sol, o que tornava quase impossível que os Paladinos os identificassem.

À medida que se tornavam mais humanos, a energia negativa de suas origens os abandonava e a terra a absorvia. Se forem muitos os que chegavam ao mundo exterior em um curto espaço de tempo, o dano causado à ecologia do planeta podia ser irreparável.

Devlin baixou a voz até convertê-la em um sussurro e ajustou o tom para que só alcançasse o agudo ouvido do DJ "Alguém me seguiu pelo túnel."

A mão de DJ desviou para o punho da sua espada e seus passos diminuíram. "Perdemos um?"

Devlin negou com a cabeça. “Não pareceu um dos Outros. O movimento parecia humano, mas eu estava muito ocupado para verificar com certeza. Viu alguém a quem não deveria estar aqui?” Devlin se lembrou dos guardas que não estavam em seu posto no elevador. “E os guardas? Retornaram a seu posto?”

“Estão mortos.” O olhar do DJ estava cheio de raiva. “Não eram Paladinos. Evidentemente Kincade enviou a alguns guardas como reforço antes que chegássemos. Não tinham a menor chance contra seis dos Outros fortemente armados. A única coisa que salvou a situação é que o elevador tinha sido enviado para nós.”

“Encontraram todos?”

"Nós não tivemos a chance de descobrir."

Se um dos guardas tinha conseguido escapar à matança, podia ter se perdido no labirinto de túneis. E, se tinha tropeçado com a batalha entre o Devlin e os dois Outros não podia culpar de dar a volta e sair correndo. Mas esta explicação não parecia muito verdadeira. Mesmo se o guarda não quisesse tropeçar com um Paladino cuja necessidade de lutar estava no auge, isto não explicava que não tivesse ido procurar ajuda.

"Vamos voltar para os outros e fazer outra varredura pela área. Então vamos chamar o coronel Kincade para vir recolher seus mortos." Não que o desgraçado iria sujar as mãos com o mesmo tipo de trabalho sombrio. Não, ele ia mandar algum outro pobre tolo para cuidar dessa pequena tarefa. Enquanto não tivesse que enfrentar de forma direta às

provas de sua incompetência, Kincade seguiria enviando a seus homens a uma morte certa enquanto ele se cobria de glória.

“Rescinda essa ordem, DJ nos ocuparemos dos cadáveres. Eles morreram fazendo o nosso trabalho. É o mínimo que podemos fazer.”

\* \* \*

As costas de Laurel e se alguém não chegasse logo para revezar, não respondia por suas ações. Dois de seus pacientes se foram voluntariamente e agora só tinha que se ocupar de um, mas este era mais do que ela podia suportar.

“Me solte, doutora.”

Ela ignorou o comando, como vinha fazendo durante as últimas doze horas. Em vez disso, se concentrou em preencher toda a papelada que tinha deixado de lado nos últimos dois dias, enquanto enfrentava à avalanche de Paladinos feridos. A maioria só tinha necessitado dos primeiros socorros rotineiros.

Infelizmente, o único que precisava de mais cuidados era Trahern. Não era agradável de estar por perto saudável. Ferido e com dor, era um autêntico filho da puta.

"Deixe-me ir."

A julgar pelo som das correntes balançando, Trahern tentava colocar sua força contra suas restrições, embora ele não estivesse em condições de se libertar. Mesmo em sua melhor forma era improvável que conseguisse, pois o doutor Neal tinha carregado umas algemas de um material mais resistente especialmente para os Paladinos mais antigos e violentos. Mesmo assim, Laurel, prendia o fôlego cada vez que Trahern reunia todas suas forças e voltava a tentar.

Deixou de lado a papelada, era o momento de verificar os sinais vitais do seu paciente novamente. Trahern odiava que o tocassem, até mais que Laurel odiava ter que tocá-lo. Mas ela se comprometeu, como doutora e também como Guardiã, a encarregar-se de que os Paladinos recebessem os melhores cuidados que pudesse dar-lhes, mesmo que eles não os quisessem.

“Já esta quase na hora.” Os olhos da cor do gelo do Trahern lhe lançaram um olhar de fúria impotente. “Me deixe ir.”

Ela o ignorou quando estendeu a mão para tomar-lhe o pulso. Os monitores mostravam um ligeiro aumento da temperatura em relação à leitura de uma hora atrás. Os Paladinos não eram propensos a infecções, mas não era algo inédito. Também poderia ser devido à progressão de Trahern em se tornar um dos Outros.

E agora, com a forma como ele estava agindo, ela não iria aconselhá-lo a fazer planos em longo prazo.

“Tire às mãos de cima de mim!”

“Senhor Trahern, já tivemos esta discussão antes. Sou eu quem toma as decisões relacionadas com seus cuidados, não você.”

Trahern esperou até que ela colocou o estetoscópio em seu peito e em seguida, fez outra tentativa de se libertar. Ela deu um salto para trás e quase caiu ao chão. Trahern soltou uma risada malvada e desagradável.

"Isso é o suficiente, Trahern." Ela não tinha ouvido a porta abrir, Devlin Bane estava no interior do laboratório junto à porta e o pobre sargento Purefoy tentando bloquear seu caminho. Obviamente Devlin tinha chegado à porta sem esperar ser anunciado. Em outras circunstâncias, Laurel teria protestado, mas naquele momento se sentiu aliviada ao vê-lo. Devlin tinha a reputação de ser o mais corpulento e maligno de todos os Paladinos. Se alguém podia intimidar Trahern e conseguir que se comportasse, esse era Devlin Bane.

Surpreendentemente, o sargento Purefoy manteve sua posição. Tinha medo, certamente porque Devlin podia apartá-lo como se fosse um mosquito se quisesse.

"Sargento, está tudo certo. Senhor Bane está aqui para me ajudar." Ela deliberadamente deixou o guarda pensar que Devlin estava lá a pedido dela. "Eu deveria ter dito alguma coisa antes, mas não sabia exatamente a que horas viria."

Devlin arqueou uma sobrancelha ao ouvir sua mentira, mas não disse nada. Os guardas relaxaram e retrocederam um passo. O sargento Purefoy ainda não estava feliz, mas assinalou a porta com a cabeça indicando aos guardas para sair.

“Se precisar de ajuda com estes dois, me avise.” Fechando a porta, o sargento Purefoy lançou um olhar assassino ao Devlin.

“Vá, doutora, seus cães de guarda estão mostrando os dentes!” exclamou Devlin enquanto se aproximava de Laurel.

“Não é necessário que se vanglorie, senhor Bane. Eles estão apenas tentando fazer seu trabalho.” Ela voltou para seu paciente imprevisível. “Eu estava apenas explicando ao Sr. Trahern que eu preciso completar meu exame. Quanto mais cedo nós o fizermos, mais cedo ele tem uma chance de sair daqui.”

“Solte-me e vou deixar você me tocar de qualquer maneira que você quiser.” Então Trahern lançou sonoros beijos em direção a Laurel com uma expressão lasciva no rosto.

“Droga Blake, pare agora!” Devlin se aproximou refletindo na postura e nos punhos apertados a fúria que sentia.

“Vai se ferrar Bane!” Trahern se virou e em uma explosão de fúria, ele começou a empurrar as restrições até seus pulsos sangrarem.

Era a hora de tomar medidas drásticas. Laurel se dirigiu ao armário dos medicamentos. Sempre tinha um sedativo preparado para quando Trahern estava no edifício.

Quando voltou, Devlin tinha tomado o assunto literalmente em suas mãos, pois tinha pegado Trahern pelo pescoço forçando-o a olhá-lo no rosto.

“Droga, Trahern! Quer que lhe eliminem? Porque se for isto o que quer, basta que diga e, eu mesmo me encarregarei de fazer.” Suas palavras eram ainda mais ameaçadoras, devido ao tom de voz calmo, como se não lhe importasse muito com a resposta do Trahern. “Estou esperando, Blake. O que você quer? Se dói viver, vamos acabar com isso. Mas posso te dizer que eu não preciso disso agora. Preciso que esteja do meu lado.”

Os três esperaram: Devlin com aquela calma quase antinatural, Laurel com o coração na mão e Trahern com um olhar arregalado e selvagem. Laurel não sabia se podia suportar ver como Devlin aliviava a dor evidente que seu amigo experimentava de forma permanente, mas uma pequena parte culpada de si mesma, sabia que se sentiria aliviada de não ter que tomar ela a decisão.

"Eu odeio isso." As palavras de Trahern tinham perdido a sua fúria, mas a dor era quase mais difícil de ouvir.

“Todos nos odiamos, Blake, mas é assim que funciona para nós. Deixe que a doutora te ajude há dormir um pouco mais.” Devlin soltou Trahern e deu um passo para trás. No momento, a crise tinha passado.

Laurel limpou rapidamente o braço do Trahern com álcool e lhe injetou um potente sedativo. Os olhos desconfiados de Trahern se cravaram nos de Laurel, durante uns segundos enquanto ambos esperavam que caísse em um profundo sonho.

"Sinto muito" ele sussurrou.

Ela esboçou um tremente sorriso. “Eu também, Blake, eu também.”

Trahern fechou os olhos e seu rosto relaxou. Sabia que não deveria, mas afastou o cabelo do rosto e lhe cobriu com a manta até o pescoço.

Quando se separou do paciente dormido, viu que Devlin contemplava a seu amigo com uma amarga tristeza refletida em suas angulosas feições. Parecia que se partiria em mil pedaços.

"Ele está chegando perto do limite."

Não se tratava de uma pergunta, mas Laurel respondeu de todas as formas. "Os resultados são piores que a última vez, mas ainda não chegou ao final. O fato de que você estivesse aqui lhe ajudou a voltar. Não reage bem a minha influência nem a do doutor Neal, mas parece disposto a escutá-lo. A próxima vez que o trouxerem, seria bom que estivesse por aqui. Só no caso." disse Laurel desejando que não soubessem que essa próxima vez bem poderia ser a última para o Trahern.

Devlin assentiu com a cabeça, mas não se moveu. Laurel sentiu que tinha que afastá-lo do Trahern.

"Iria bem um café, agora que dormiu, pedirei a alguém que reveze comigo. O sedativo que lhe dei o fará dormir até manhã."

Laurel pegou o telefone e fez uma chamada rápida. Uns minutos mais tarde, seu técnico favorito entrava pela porta. Kenny parecia um boxeador profissional que tinha perdido muitas lutas. Mas, apesar de sua aparência rude, realizava seu trabalho com muita delicadeza. Laurel lhe encarregou de vigiar para que Trahern dormisse sem ser incomodado.

“Se surgir algum problema ou se acordar, me chame.”

Normalmente, Laurel teria acrescentado uma explicação sobre onde podia encontrá-la. Mas sair do prédio com um Paladino, especialmente Devlin Bane, não era algo que estava pronta para compartilhar com ninguém. Já era ruim o bastante que os guardas os vissem sair juntos. Por outro lado, não estava segura, de até que ponto informavam essas questões ao coronel Kincade ou ao doutor Neal.

Kenny apenas balançou a cabeça e pegou o gráfico. Se ele achou estranho que ela estava saindo com Devlin Bane, não demonstrou.

Enquanto Laurel recolhia a jaqueta e a bolsa, Devlin a agarrou pelo braço. “Será melhor se nos encontrássemos em algum lugar.”

Era uma boa ideia, mas por que arriscar que os vissem em uma cafeteria da zona? Laurel surpreendeu tanto a ele como a si mesmo dizendo: “Que tal em minha casa dentro de meia hora?”

“Isso não é inteligente.” Ele acenou com a cabeça na direção da sala de exame.

A lembrança do perto que tinham estado do desastre fez que se ruborizasse. “De acordo. Eu tenho fome, que tal o restaurante italiano do Pioneer Square?”

“Eu estarei lá. Agora chame seus cães de guarda para que eu possa sair daqui.”

Laurel não pôde evitar que um sorriso aparecesse em seus lábios enquanto tentava mostrar desaprovação. “Sargento Purefoy, o sr. Bane

está saindo agora. Ele prometeu se comportar. Deixe-me saber se lhe der qualquer problema e vou ter certeza que a próxima agulha que use nele esteja velha e oxidada.”

Os guardas entraram e saíram em fila enquanto Devlin se colocava, mansamente, entre eles.

Laurel arrumou um pouco o laboratório, para dar tempo a Devlin de sair do edifício. Na saída, entrou no lavabo para escovar o cabelo e retocar o batom vermelho dos lábios. Com o dia que teve, precisava de toda a ajuda possível. Se mais tarde, conseguisse recuperar o sono perdido, pela manhã estaria mais preparada para enfrentar o Trahern.

Mas, no momento, ia comer com um homem atraente e fascinante. Se o doutor Neal descobrisse, simplesmente lhe diria que Devlin e ela tinham que conversar sobre a situação de Trahern, o que era verdade. Se Trahern achava mais fácil manter o controle com Devlin lá, possivelmente ocorreria o mesmo com outros Paladinos. E, sem dúvida, valia a pena falar sobre algo que pudesse ajudar a um Paladino a realizar a transição.

Possivelmente, ela estava apenas enganando a si mesma sobre suas razões de estar tão nervosa por uma simples refeição, mas com sorte seus argumentos também enganariam a outros, incluído Devlin Bane.

## Capítulo 5

Devlin encontrou uma mesa livre em um canto e vigiou a porta de entrada de trás da questionável cobertura que lhe ofereciam uns vasos de decoração. Não tinha nenhuma razão para encontrar-se com Laurel fora do laboratório, mas a necessidade de estar com ela longe da indiscreta vigilância das câmeras e os microfones era superior a ele.

A lembrança da delicadeza com que ela tinha tratado ao Trahern o incomodava mais do que queria admitir. Devlin duvidava que seu amigo apreciasse o fato de que, a boa doutora o tivesse agasalhado como a uma criança que tinha dormido depois de fazer uma birra.

Não havia nada sexual na forma como ela o cobriu com o cobertor ou em como afastou o cabelo de seu rosto, mas aquele episódio tinha feito com que Devlin se sentisse tenso, vulnerável e tão ciumento que lhe produzia dor. Que tipo de bastardo invejava seu amigo ferido por receber uma simples amostra de atenção? E caramba, Trahern estava muito perto de experimentar o horror de tornar-se um dos Outros. Devlin sabia que tinha chocado Laurel quando ofereceu a Blake acabar com seu sofrimento, mas estava falando sério. Ninguém merecia ver como sua alma escapava de seu alcance. Só esperava que DJ ou Cullen mostrassem a mesma compaixão para ele quando chegasse

sua hora. Devlin odiaria saber que Laurel, com sua delicadeza e seus pôsteres de gatinhos, se visse obrigada a acabar com sua vida.

A companhia tocou quando ela entrou pela porta de entrada e o tirou da espiral descendente de pensamentos. Levantou-se rapidamente, o suficiente para que Laurel o localizasse. Ela esboçou um sorriso inseguro e se dirigiu para ele. Seu aspecto era diferente e, antes que chegasse à mesa, Devlin se deu conta de que, exceto uma vez na sala de exames, aquela era a primeira vez que a via sem a armadura do jaleco branco.

A lembrança que Devlin tinha de seu aspecto com a blusa aberta era vago, porque a sala estava mal iluminada. Mas lembrava com clareza a suavidade da seda de sua pele, o sabor de sua boca e o que tinha experimentado durante os poucos, mas ardentes segundos que esteve em cima dela.

Laurel avançou com passo hesitante e Devlin recordou que ela lia seus pensamentos e estados de ânimo com mais clareza que a maioria das pessoas. Acalmou seu crescente desejo e se recostou no canto da cabine tentando parecer descontraído e inofensivo.

“Boa tentativa, senhor Bane.” Olhou-o com insolência enquanto deixava a jaqueta e a bolsa em uma cadeira e se sentava em frente a ele. “Mas te conheço muito bem para acreditar nessa cara de inocente.”

"Não posso dizer que não tentei."

Devlin estendeu a mão para o cardápio e fingiu interesse em quantos diferentes molhos e massas do restaurante ofereciam. Um intenso aroma de orégano e manjeriço perfumava o ar e lhe recordou que estava muitíssimo tempo sem comer nada. Talvez esta não fosse uma ideia tão ruim, afinal.

Viu que Laurel fechava o cardápio e o deixava de lado. “Já escolheu?”

“Sempre como o mesmo: pizza com corações de alcachofra e cogumelos.”

"Nenhuma carne?" Deveria ter adivinhado.

"Não, eu gosto de minhas pizzas estritamente vegetarianas."

Devlin voltou a olhar o cardápio, mas antes anotou em sua memória aquela informação a respeito de Laurel. Era isto o que sentia um adolescente apaixonado? Não sabia, porque não se lembrava de ter sido tão jovem alguma vez.

A garçonete se aproximou da mesa e Devlin lhe deu o cardápio. “Eu quero espaguete com almôndegas e a senhora a pizza de alcachofra.”

"Alguma coisa para beber?"

Deduziu que Laurel queria vinho branco, mas ela voltou a surpreendê-lo. “Eu quero uma cerveja escura.”

“Traga-nos duas.”

“Em seguida, vou trazer uma salada e uns petiscos.”

O silêncio se acomodou entre eles. Devlin não tinha nem ideia de como começar uma conversa informal, então foi diretamente ao assunto.

“Obrigado de novo por ser tão paciente com o Trahern. Ele é mais difícil que à maioria de nós.”

Ela manteve as mãos ocupadas rasgando um guardanapo de papel em pequenas tiras. “Sei que ele é e, esta cada vez pior. Eu só gostaria de saber o porquê.”

“Para nós é assim que funciona. Eu acho que você sabe disso tão bem quanto nós.”

Laurel cravou os olhos nos dele. “Claro que sei, senhor Bane, mas não tenho por que aceitar que não se possa mudar. Sou médica, cientista e meu trabalho consiste em averiguar por que são como são.”

Devlin manteve um tom de voz baixo, embora não tentou ocultar seu mau gênio.

“Eu não quero ser uma espécie interessante de seu laboratório. Se for isto o que quer de mim, estou saindo.”

Ela riu e revirou os olhos. “Devlin, se eu estivesse interessada em ratos de laboratório, estaria em um departamento de biologia da universidade pesquisando roedores. Eu escolhi trabalhar com seres humanos, porque isso é o que eu queria fazer.” Seu sorriso desapareceu. “E em nenhum momento esqueci que isso é o que você é. Às vezes acredito que sou mais consciente de sua humanidade que você e alguns de seus amigos.” Inclinou-se para frente. “E esta é exatamente a questão que me interessa. Por que mudam? E por que o

fazem a ritmos diferentes? Por exemplo, você é várias décadas mais velho que Trahern, mas se seguir como até agora, seus resultados logo passarão os teus.” Laurel se reclinou no assento. “Esquece o que disse. Não posso acreditar que esteja falando de outro paciente contigo, mas a verdade é que, apesar de sua personalidade pouco agradável, preocupo-me com o Trahern e sinto que está acabando o tempo para salvá-lo.”

Como se pudesse! Trahern seria o primeiro em reconhecer que não tinha salvação. Ele nunca tinha sido especialmente amigável, nem sequer com os outros Paladinos. Durante o último ano foi se fechando em si mesmo e quase sem falar com ninguém. Inclusive quando a barreira estava em calma e os Paladinos podiam relaxar, ele quase nunca se unia aos outros para tomar uma bebida.

Assim eram os de sua espécie. Conforme sua conexão com sua própria humanidade diminuía, sua tolerância para a companhia de outros também diminuía. Tudo o que ficava era o sentimento do dever e o desejo de matar. Enquanto este desejo fosse focado nos Outros, a vida de um Paladino tinha sentido. Ao final, entretanto, viraria raivoso e matavam de uma forma indiscriminada. Os Guardiões tinham a obrigação de eliminar aos Paladinos hostis antes que acabassem matando aos que tinham que proteger.

Este pensamento o trouxe de volta a Laurel Young e seu desejo sincero de tornar a vida mais fácil aos Paladinos sob seu cuidado. A simples ideia do que pretendia era ridícula. Gerações de Paladinos tinham vivido sabendo que quando o fim chegasse, este seria em meio de um ataque de loucura. Não pediam clemência nem a mereciam. E

sua Guardiã, com seus olhos doces e suas mãos suaves não tinha nada que estar perto deles.

“Devlin, você está bem?”

Essas mesmas mãos, vieram sobre a mesa para tocar a sua, trazendo-o de volta para o momento. Ele estudou o contraste entre os dedos delgados de Laurel e a sua mão calejada. Macia contra duro. Mãos feitas para curar tocando outras feitas para matar. O que a impedia de sentir repulsa por ele? Será que tinha alguma ideia de quantos morreram na ponta de sua espada?

Suspeitava que o conhecimento não mudaria nada. Considerando quantos paladinos que ela costurou e reviveu, conhecia melhor do que a maioria, o custo da guerra em que lutavam para proteger seu mundo. Já que estava olhando como se realmente esperasse uma resposta, ele mentiu. "Eu estou bem." Antes que ela pudesse insistir, Devlin viu que a garçonete se dirigia a sua mesa. "Nossa comida está aqui."

Laurel aceitou a distração, mas pela forma em que o olhou soube que não tinha abandonado a discussão. Ceder à tentação de passar um tempo com ela tinha sido um erro enorme.

Ali, entre as samambaias e o intenso aroma das especiarias italianas, quase podia fingir que sua relação era normal. O tipo de relação em que dois amigos compartilhavam uma simples comida. Ou, melhor ainda, uma relação em que dois futuros amantes saboreavam os últimos momentos antes de cruzar a linha e trocando olhadas apaixonadas e promessas sobre o que viria depois.

Ele a queria com a mesma intensidade com que experimentava a necessidade de proteger a barreira, como viesse das profundezas de sua essência de Paladino. E não sabia o que fazer. Os Paladinos nunca se casavam e raramente tinham relações que durassem mais de algumas semanas. Para começar, as mulheres percebiam, de uma forma assombrosa, quando valia à pena arriscar-se por um homem. Os que tinham os instintos primitivos dos antigos guerreiros podiam ser bons na cama, mas não eram de ter relacionamentos de longo prazo.

Se ele acreditasse que passar umas noites loucas com Laurel resolveria seu problema, não duvidaria em fazer isso. Devlin se agitou com desconforto no banco, seus pensamentos provocando um efeito visível em sua anatomia.

"Pare com isso, Devlin."

"Parar com o quê?" Ele abaixou o garfo, curioso para saber do que ela estava falando.

"Pare de me olhar como se fosse um gato grande a ponto de atacar um rato."

Não pôde evitar sorrir abertamente, algo que não estava acostumado a fazer. "O que posso fazer se é tão saborosa?"

Laurel se ruborizou, mas o olhou nos olhos com a cabeça para o alto. "Devlin, sou sua Guardiã. Não deveríamos. Nós não podemos."

Tinha razão, mas a razão não parecia ter muita importância naquele momento.

Deixou o guardanapo na mesa e o dobro do que devia custar a comida, pelo menos. “Vamos sair e dar um passeio.”

Ela assentiu com os olhos muito abertos. “Tudo bem.”

Durante o curto espaço de tempo que tinham permanecido no restaurante, o céu se nublou. Isso estava bem. A penumbra encaixava com seu estado de ânimo. Sem pronunciar uma palavra, caminharam para o norte e depois giraram para o oeste, afastando-se do Pioneer Square em direção ao mar.

O silêncio era só um pouco mais confortável que a perigosa conversa que tinham tido no restaurante. Devlin sentia a presença de Laurel com intensidade. A brisa jogava com seu cabelo, seus cachos curtos e escuros pediam para ser tocados. Suas longas pernas avançavam ao mesmo ritmo que as de Devlin.

Se fosse apenas este intenso desejo físico, ele poderia ignorá-la. Mas também gostava da forma com que Laurel lhe olhava e a paixão com a que cuidava de seus pacientes. Sabia que, sem dúvida, agiria com a mesma intensidade na cama e queria experimentar em primeira mão. Ela o aqueceu em lugares que estavam frios por muito tempo.

"Eu vou levá-la para casa."

"Ainda não. Eu não consegui terminar a minha pizza, assim me deve um sorvete."

Laurel estava oferecendo uns minutos a mais em sua companhia. Pois bem, podiam acusá-lo de não ter força de vontade, mas demônios! Possivelmente pudessem ser apenas amigos enquanto durasse uma

bola de sorvete. Depois a acompanharia até a casa antes que um ou ambos tivesse a força para se separar.

“Tudo bem. De uma ou duas bolas?”

“O dia merece um de duas bolas. E, quero que seja dos bons, do tipo que vai entupir as artérias, mas com um gosto tão bom que não importa.”

Então, o surpreendeu enlaçando seu braço com o dele, enquanto procuravam a sorveteria no píer.

\* \* \*

Laurel adorava seu condomínio com vista da Baía Elliott e da cidade de Seattle. Mas, naquele momento desejou viver a vários quilômetros da cidade, em algum lugar que tivessem demorado mais tempo para chegar. Mas, ali estava sua casa, ao final da rua. Ela teclaria o código de segurança, a porta se abriria e cruzaria sozinha a porta. Devlin iria embora para sua casa, os dois sozinhos e sofrendo.

Mas não deixaria isso estragar os últimos minutos do que tinha sido uma fuga incrível da sua vida normal. Depois que terminaram de tomar os sorvetes, passearam pelas lojas do cais e olharam tudo, desde as peças de arte mais cara até o souvenir mais grosseiro. Ela já tinha visto antes, mas dessa vez tudo parecia mais bonito e brilhante, porque compartilhava com Devlin.

“Já chegamos.”

“Qual é sua casa?”

Apontou para o prédio de tijolos na esquina. "Aquela à direita."

"Deveria ter adivinhado, com todas essas flores." Ele parou de andar e olhou em volta.

"O que há de errado?"

"Sua porta de entrada é muito exposta." Pegou a mão dela e puxou-a em direção a um beco próximo entre dois edifícios antigos.

“Muito exposta para quê?”

Devlin parou abruptamente e empurrou-a contra uma parede de tijolos, protegida do ponto de vista da rua por uma pilha de caixas. "Muito exposta para isso."

Então sua boca encontrou a dela. Ele tinha gosto de hortelã com chocolate quente. Isso era o que os dois estavam querendo desde que saíram do laboratório. Sentia-se esmagada entre o tijolo áspero e um corpo masculino poderoso, mas se sentia incrivelmente bem.

Sentindo-se ousada, rodeou as pernas de Devlin com a sua e se apoiou nele para não cair. Ele a surpreendeu, levantando a outra perna e colocando ao redor de seus quadris, apoiando o centro de sua necessidade no berço de seu próprio calor.

Laurel gemeu, enquanto Devlin colocava e tirava a língua de sua boca no mesmo ritmo com que esfregava seu corpo entre as pernas de

Laurel, dizendo sem palavras, o que gostaria de estar fazendo naquele momento. Quando sua mão escorregou entre eles a apertou seus seios, ela perdeu todo o controle quando um clímax a atingiu sem aviso prévio.

Sentiu Devlin sorrindo contra sua boca. "Droga, eu sabia que você ia queimar assim em meus braços."

A onda de paixão a deixou fraca e tremendo. Devlin não fez nenhum movimento para soltá-la e manteve o rosto enterrado em seu cabelo enquanto a acariciava com as mãos.

"Eu machuquei você?" Ele murmurou perto de sua orelha.

"Neste momento, me sinto maravilhosa."

"É melhor te acompanhar a sua casa. Tenho que estar no Centro amanhã cedo." Devlin a deixou com suavidade no chão sem parar de abraçá-la, caso ela não se sentisse com forças para se sustentar. "Te levarei até a porta."

Devlin deu um passo para trás, colocando um pouco de distância entre eles, como se isso fosse suficiente para aplacar a paixão que ainda ardia entre eles.

Sabia que ele estava indo embora, e era o que tinha que fazer, mas parecia injusto e ficou de mau humor.

"Já sou adulta, Devlin. Posso ir sozinha até ali. Além disso, como disse antes, é muito exposta."

"Tudo bem."

Sua rápida aceitação, aumentou o mau humor de Laurel, que girou sobre seus saltos com a intenção de lhe demonstrar que ela também sabia jogar duro. Entretanto, antes que pudesse dar um passo, Devlin a agarrou pelo ombro e a fez girar para ele. Laurel se encontrou justamente onde queria estar, em seus braços e beijando com ardor. Houve um pouco de impaciência vindo do seu lado, também.

Aos poucos, seu toque se suavizou, seu beijo se tornou persuasivo em lugar de exigente e depois se separaram com suavidade. Laurel fez o possível para ignorar o quando doeu separar dele, juntos caminharam em silêncio até a porta de seu prédio. Nenhum dos dois parecia saber o que fazer a seguir.

"É melhor você ir." Ela permitiu-se o pequeno privilégio de endireitar o seu colarinho.

Ele estremeceu, mas se manteve firme. "Você me quer lá de manhã, quando Trahern acordar?"

"Posso cuidar do Trahern sozinha." Poderia, mesmo ele fazendo o possível por assustá-la.

A boca de Devlin se suavizou num quase sorriso. "Sei que pode, tigre. Inferno, a maioria de nós vive com medo mortal de você. Mas se me quiser ali, digamos assim."

Estava tentada, mas decidiu por não. "Agradeço a oferta. Mas não quero que pense que preciso de reforços novamente ou que estamos tramando contra ele."

"Boa noite, Laurel."

“Obrigado pela noite maravilhosa, Devlin.”

Ele assentiu com a cabeça e seu rosto voltou a sua dureza habitual.

Então se foi, desaparecendo no mundo sombrio que parecia ser uma parte muito importante de quem ele era. Sabia sem perguntar que não iria vê-lo novamente, até que o levassem para além das portas de seu laboratório, ferido e sangrando. Uma lágrima deslizou, queimando por seu rosto, mas ela não fez nenhum esforço para detê-la ou qualquer uma das outras que seguiram seu caminho.

Algumas coisas na vida valiam a pena chorar e seu coração lhe disse que Devlin Bane era uma delas.

\* \* \*

A noite passou aos trancos e barrancos. O sono tranquilo e profundo estava além de seu alcance. Durante toda a noite, sonhou com Laurel, no que poderia ter ocorrido se ela o tivesse convidado a entrar em seu apartamento, em sua cama, nela. Inferno, não ajudava que já sabia o sabor doce de seus beijos e a sensação suave de sua pele. A lembrança daquelas deliciosas e longas pernas em volta dele, segurando-o junto ao úmido calor de seu corpo, não ia desaparecer nesta vida. Ou na seguinte.

Devlin tinha desistido de dormir muito antes que os primeiros raios de sol aparecessem pelo topo das montanhas. Uma jarra de café e uma

pizza de dois dias atrás pouco fez para melhorar seu humor. Nem usar até a última gota de água quente do reservatório para apagar qualquer resto do perfume de Laurel em sua pele. Se apenas as lembranças fossem tão fácil de enxaguar. Com um pouco de sorte, haveria uma crise precisando de toda sua atenção quando chegasse ao trabalho.

Embora houvesse entradas para o Centro que ficavam mais perto que a do Pioneer Square, precisava caminhar um pouco para dissipar o mau humor, embora ninguém esperasse que os Paladinos fossem alegres e divertidos. Todos eles eram uns solitários no coração, embora alguns dos mais jovens ainda tinham amigos, dentro e fora dos Paladinos.

Mas Devlin não sentia falta de ter amizades, requeria muito esforço ter que estar atento a todas as palavras que pronunciava, para manter as mentiras a respeito do que fazia pra viver ou por que desaparecia por longos períodos de tempo. Depois de tantas mortes, não podia mais suportar grandes multidões durante longos períodos de tempo sem se arriscar a perder o controle de seu temperamento explosivo.

Engraçado, não sentiu nenhuma irritação habitual com Laurel, apesar de todas as lojas lotadas que ela o arrastou. Por algumas horas, tinha esquecido quem e o que ele era. Suspeitava que fosse continuar a pagar caro por esse lapso nas escuras horas da noite, quando estivesse sozinho com suas lembranças. Mas considerando todas as coisas, ele não poderia se arrepender de um único segundo do tempo que tinha passado com ela.

Um dos benefícios secundários de ser um Paladino era que não tinham remorsos. Este pensamento o animou bastante. Bem a tempo, porque Penn o esperava de pé junto à entrada do Centro.

“Estavam prestes a enviar um grupo de busca.” Os dentes brancos do Penn brilharam na sujeira de seu rosto.

"Por quê?" Não podia ser a barreira. Ele teria sentido.

“Não sei, mas Cullen e DJ disseram que, se te visse, que eu deveria te dizer para mover a sua bunda a toda velocidade.” Penn voltou a sentar-se em seu lugar habitual e jogou um cobertor esfarrapado sobre os ombros. “E antes que me pergunte, pareciam mais animados do que preocupados.”

“Obrigado pela mensagem.”

Assim que estava lá dentro, foi em busca de seus amigos. Cullen estava em sua mesa lendo um livro, ele tinha uma paixão por romances de fantasia tenebrosos, Devlin não gostava deles mesmo. Parecia um pouco perto demais da vida real, e ele lia para fugir da realidade.

"Ouvi dizer que estava me procurando."

Cullen enfiou um envelope rasgado no livro para marcar a página que estava lendo e o deixou de lado. “Na verdade, é DJ que tem algo para lhe mostrar. Provavelmente está em seu computador, pirateando outro site confidencial.”

Devlin sacudiu a cabeça. DJ era um gênio da eletrônica, se divertia jogando gato e rato com a cibernética. De momento, foram quinhentos mil a zero. Os outros Paladinos realizavam apostas a respeito de quando daria uma escorregada e o pegariam. Claro que ninguém iria coloca-lo atrás das grades por suas brincadeiras não muito inofensivas. Os Regentes, que controlavam e dirigiam o Centro, portanto os Paladinos tinham muito influência para isto. Eles protegiam aos seus inclusive deles mesmos.

DJ estava sentado em sua cadeira, com as pernas cruzadas e o teclado do computador no seu colo. Seus dedos eram um borrão enquanto dançavam sobre as teclas, enquanto ele ria e zombava na tela.

“Tarde demais, bastardos descuidados! Da próxima vez se certifiquem de fechar todas as portas traseiras de seu sistema.” Depois da CPU processar sua última ordem, DJ pressionou a tecla excluir, em seguida, virou-se para Devlin e Cullen e sorriu. “Isso foi divertido.”

"Nós não queremos saber."

"Eu não ia dizer. Basta saber que os militares vão atualizar seus sistemas de segurança em breve."

DJ conseguiu que soasse como se, ao passear por seus arquivos secretos, acabasse de lhes fazer um favor. Quem sabe, talvez ele tivesse.

Cullen se apoiou na parede e cruzou as pernas à altura dos tornozelos. “Suponho que você mostrou o erro em seu sistema justo antes que nosso novo software saia no mercado.”

Claramente ofendido pela sugestão, lançou a seu amigo um olhar de desgosto. "Eu estou sendo patriota e não mercenário."

Nem Cullen nem Devlin acreditaram. DJ competia com outros gênios do computador porque se divertia nas competições cibernética, competições que sempre ganhava.

"Penn disse que queria falar comigo."

"Deixei algo em sua mesa."

“Não me obrigue a jogar com adivinhações. Não estou no clima.”

DJ levantou e espreguiçou-se. "É um quebra-cabeça agradável para você descobrir."

Devlin encabeçou a comitiva para seu escritório. Em cima de sua mesa havia um monte de sacos de trapos amassados. "Que diabos é isso?"

Devlin pegou uma. Parecia uma bolsa de tecido das que se fecha com um cordão, que tinha sido rasgada no fundo. O tecido era grosso e macio, mas diferente do que normal.

“De onde vieram?” Devlin suspeitava que já soubesse a resposta. Senão têm algo a ver com os Outros, DJ não teria se incomodado em chamar.

“Encontramos debaixo de um dos guardas assassinados.” Cullen estendeu as mãos para que Devlin pegasse uma. “Já realizamos análise preliminar em algumas delas.”

"E então?" Não ia gostar da resposta. Ele só sabia disso.

"Eles vieram do outro lado da barreira."

Devlin deixou cair o saco como se queimasse. Então se sentiu ridículo e cutucou a pilha de bolsas para mostrar que ele não estava realmente com medo de qualquer contaminação possível. Afinal de contas, quando recolhiam os cadáveres dos Outros, entravam em contato com sua roupa e não se feriam. Possivelmente. Ninguém sabia com exatidão que fatores provocavam os Paladinos a se tornarem mais violentos. Podia vir do contato frequente com os Outros e seus artefatos.

"Qualquer outra coisa especial sobre eles?"

“Todas foram rasgadas com a mesma faca, que usam os guardas habitualmente. Encontramos a faca, mas sem impressões digitais ou marcas de identificação.”

Devlin desatou o nó que mantinha firmemente fechada uma das bolsas. Teve que realizar um pequeno esforço, mas conseguiu. O fato de que as tivessem rasgado significava que quem o tinha feito tinha muita pressa.

"Qualquer resíduo dentro dos sacos?"

DJ assentiu. “Duas delas continha restos de um pó cristalino. Não o reconhecemos, apesar de que não é nenhuma surpresa. A Pesquisa está repetindo os testes. Prometeram enviar os resultados até amanhã.”

Ninguém tinha sido tão valente ou tão estúpido para atravessar a barreira para conferir o mundo do outro lado. Considerando o quanto os Outros arriscaram para escapar dali, aquele mundo tinha que ser feito da matéria dos pesadelos.

Para Devlin, algo naquela bolsa cutucava uma memória, mas não conseguia identificar o que.

"Qualquer ideia do que essas coisas podem significar?"

Cullen contou suas ideias em seus dedos. "Primeiro, eles não são daqui, então os Outros devem ter trazido eles do seu mundo. Em segundo lugar, eles deviam conter algo de valor, porque os Outros normalmente só trazem armas e as roupas com eles. E, em terceiro lugar, alguém deste lado deve ter concordado sobre a natureza valiosa dos itens, ou não teriam matado os guardas para pegar essas coisas."

A quarta possibilidade era que não tinham sido os Outros que mataram os guardas.

Esta ideia era muito inquietante, mas encaixava com o ataque mortal que Devlin tinha sofrido. Algum ser humano se converteu em um criminoso. Se Cullen não estava disposto a comentar essa possibilidade, teria que fazê-lo.

Ele afastou-se da pilha de sacos para encarar seus amigos. "Há algo sobre a minha última morte que vocês deveriam saber. Nós estávamos em uma verificação de rotina da barreira quando uma parte caiu sem aviso. Felizmente, apenas uma dúzia dos Outros conseguiram atravessar antes que tivéssemos reparado. Enquanto Trahern e alguns de seus homens ficaram para trás para se certificar de que não voltasse a acontecer, o resto de nós foi atrás dos fugitivos. Eu segui dois deles que estavam indo para a superfície."

Devlin fechou os olhos tentando recuperar até o menor dos detalhes, mas a maior parte estava nublada pela lembrança da dor. Cullen o apressou.

"O que aconteceu com os outros?"

"Nós lutamos. Lembro-me de matar um no caminho até o túnel norte, mas o segundo desapareceu enquanto estávamos lutando. Tinha começado a procurar por ele, quando do nada, se lançou em mim balançando um machado. Eu não sei de onde diabos o tirou, porque não estava com ele quando atravessou." De uma forma inconsciente, a mão dele se abaixou para esfregar a perna. "Eu consegui segurá-lo por alguns segundos, mas então alguém saiu da escuridão. Foi quem me matou."

"Você conseguiu dar uma boa olhada nele?"

"O rosto não, mas lembro de suas mãos." Devlin sustentou uma das suas na frente dele. "Sua pele era dessa cor, não cinza pálido. Quem me matou era um ser humano, não um Outro."

“Que demônios! Vamos matar esse filho da puta duas vezes!” DJ olhou ao redor da sala, como se seu inimigo desconhecido estivesse escondido em algum dos cantos da sala. Seu temperamento explosivo o fez dar voltas como se fosse um leão enjaulado.

Cullen, sempre o mais tranquilo do grupo, sacudiu a cabeça. “Não, não vamos. A represália vai ter que esperar, porque nós precisamos dele para falar em primeiro lugar. Há, obviamente, mais acontecendo aqui do que apenas um ataque contra Devlin.” Cullen expôs os fatos em voz alta. “Mataram ao Devlin. Não há nada especial nisso. Mas, a julgar pelo fato de que utilizaram um machado, suspeito que pretendiam que sua morte fosse permanente.”

A respiração de Devlin ficou presa na garganta. Estava pensando a mesma coisa, mas não gostou de ouvir que ele estava certo. Ninguém se recuperava de um esquartejamento. “Então o que os impediu?”

“Você não tinha sido morto há muito tempo, talvez apenas alguns segundos, quando o encontramos. As chances são que nos ouviu vindo e entrou em pânico.” Cullen franziu o cenho. “Agora que penso sobre isso, havia dois Outros mortos junto ao seu corpo, mas não me lembro de nenhum deles ter um machado. Se você não terminou de matar o segundo, então, o assassino deve ter feito.”

O sorriso do DJ era horripilante. “O sócio dos Outros não queria deixar nenhum cabo solto. Não se pode confiar em ninguém estes dias.”

“Depois, há o pequeno detalhe de a minha espada ser encontrada presa na barreira.” disse Devlin. “Com todo o poder da eletricidade nesse trecho, é um milagre que aquele bode não foi frito.” E também

extremamente ruim que ele não foi, embora Cullen estivesse certo. Eles precisavam interrogar a aquele filho da puta ante de se vingar. Teria que se contentar em ser o único que convencia o traidor a começar a falar. Devlin apertou os punhos em expectativa.

"Pena que você nunca viu seu rosto. Algum dos guardas será que virou?"

Devlin se aproximou de suas armas e correu o dedo pela lâmina de uma faca. Já estava afiada, mas precisava de algo para manter as mãos ocupadas. Pegou uma pedra de afiar.

"Nenhum deles gostam de nós. Mas, não, não que eu saiba. Eu tenho o hábito de cooperar com eles. Eu não gosto que me levem de um lado a outro na ponta da pistola, mas é seu trabalho."

Além disso, sua vigilância mantinha Laurel a salvo de qualquer Paladino potencialmente perigoso. Esta razão era suficiente para que suportasse ao Purefoy e os seus amigos. Devlin acariciou a faca lentamente sobre a pedra, enquanto deixava que sua mente vagasse por diferentes pensamentos. "Eu acho que você está certo sobre ser um guarda ou alguém da Intendência. Ninguém mais pode acessar os túneis sem disparar um alarme. Além de nós, ninguém conhece os túneis tão bem para levar a cabo algo assim."

"Você acha que foi planejado, ou impulso do momento?"

"Ainda não conhecemos o suficiente para saber. É possível que eu topasse com algo sem me dar conta." Devlin cutucou entre as bolsas com a faca. "Apostaria minha espada favorita que alguém tem feito um

pacto com o diabo. As bolsas foram feitas para conter algo pequeno, mas valioso o suficiente para matar.”

D.J pegou uma das bolsas pelo cordão. "O material é mais grosso do que eu esperava, talvez para proteger o conteúdo. Ou podia ser para abafar o som."

"Estamos apenas jogando um jogo de adivinhação até agora." Devlin deixou a faca sobre a mesa. "DJ, eu suponho que você pode entrar e sair dos arquivos Regentes sem ser apanhado."

DJ esboçou um sorriso selvagem. "Quem você acha que projetou seu sistema de segurança? Claro, eles não sabem disso." Ele entrelaçou os dedos e, em seguida, empurrou-os para fora com o comprimento do braço para estalar os dedos. "O que estamos procurando?"

"Eu não tenho certeza ainda. Comece com os horários dos guardas na noite em que fui morto. Podemos não ser capazes de identificar o culpado, mas poderemos eliminar alguns nomes. Aqueles de plantão na pesquisa, por exemplo."

"De acordo. Também vou verificar os registros financeiros. Se alguém está tratando com o Outro lado, haverá uma trilha de dinheiro em algum lugar." Ele deixou cair a bolsa e se dirigiu para a porta.

"É melhor eu ir com ele." disse Cullen. "Ele é bom, mas não infalível. Uma vez que pega um rastro, não há como trazê-lo de volta sem alguém lá para sacudir sua coleira." Cullen seguiu o seu amigo para fora do escritório. "Preste atenção a sua volta, Devlin. Eles já vieram uma vez. É provável que voltem a fazê-lo."

Que tipo de idiota iria formar uma aliança com esses bastardos?

O toque estridente do telefone interrompeu os seus pensamentos, pegou o fone e soltou. "Bane falando!"

"Você está atrasado para seu compromisso."

Laurel era a última pessoa que desejava ver naqueles momentos. "Estou cancelando."

"Não, você não está. Dr. Neal rescindiu a sua alta até que termine os testes que ele ordenou. Você pode vir calmamente como o bom soldado que é, ou eu posso enviar os guardas."

"Mantenha os seus cães de guarda longe de mim doutora e suas agulhas também. Estou ocupado."

Ela também era teimosa. "Não são meus cães de guarda, Devlin." O uso de seu primeiro nome foi proposital, uma cutucada sutil que havia mais entre eles do que apenas a relação médico-paciente.

Seu mau humor não era culpa dela. Ele beliscou a ponte de seu nariz, tentando afastar a dor de cabeça. "Irei quando puder, Laurel. Há algo acontecendo aqui, que requer a minha atenção."

"Devlin, eu sei que seu trabalho é importante, mas você não pode fazê-lo se não se cuidar. Agora vem pra cá agora mesmo, antes que envie os guardas." Sua voz se converteu para um sussurro. "Por favor."

Com o humor que seus homens estavam, a última coisa que ele precisava era de um grupo de guardas armados aparecendo para

arrastá-lo ao laboratório. Não queria nem pensar nessa possibilidade. "Está bem, me dê duas horas."

"Você quer que envie um carro?"

" Não. Eu disse que estarei aí e, eu vou."

Ele bateu o telefone, encerrando definitivamente a discussão. Pegando sua faca, olhou para ela por uns longos segundos. Então, com um movimento do pulso e uma série de obscenidades, arremessou para navegar através do ar esfaqueando a parede do outro lado da sala. Com passo decidido, aproximou-se para recuperá-la, desejando que tivesse um alvo vivo para sua raiva.

Não tinha sentido que tentasse trabalhar naquele estado de ânimo. O melhor que podia fazer era ir a sala de armas e reparar a folha de sua espada. Embora os Regentes contassem com uma equipe de mestres de armas encarregados de manter as armas dos Paladinos em ótimo estado, Devlin preferiu fazer o trabalho sozinho.

A maioria dos Paladinos tinha encontrado uma forma de esquecer temporariamente da guerra que lutavam dia a dia. Para Devlin, as horas que passava aprimorando suas lâminas traziam um pouco de paz. Reparar sua espada iria aliviar um pouco da sua ira antes de ir a Pesquisa. A última coisa que ele precisava era que seus testes malditos saíssem diferentes por causa de seu mau humor.

Na saída, ele chamou a atenção de Cullen. "A doutora Young me telefonou. Pelo visto, o doutor Neal ordenou mais testes para ter

certeza que estou apto para o serviço. É besteira e, nós dois sabemos disso, mas se eu não saltar através dos aros, darão uma de Deus.”

Seu amigo lhe deu um olhar estranho e depois assentiu com a cabeça. "Preste atenção a sua volta. Sabemos que alguns dos guardas podem estar envolvidos, mas isso não significa que eles são os únicos."

O que significava que provavelmente era um tolo por andar pelas ruas de Seattle, sozinho, mas ele não ia deixar algum guarda chorão assustá-lo e se esconder. Além disso, era plena luz do dia. Se alguém ia vir atacá-lo, seria mais provável sob a sombra da noite. Devlin saiu do edifício e entrou no beco passando junto ao Penn.

"Mantenha os olhos bem abertos, Devlin. Você me quer na sua sombra por um tempo?"

"Não."

“Já imaginava.” Penn voltou a sentar-se em sua posição habitual. “Cullen disse que lhe avise quando chegar a Pesquisa.”

Droga Cullen. Deveria saber que seu amigo colocaria o alerta assim que suspeitasse que houvesse um problema. Ele poderia cuidar de si mesmo e todos sabiam disso. A única razão pela qual não voltou para dizer umas coisas para o homem, era que ele teria feito o mesmo se a situação fosse inversa.

"Ok, desta vez. Mas lhe diga que não preciso de uma babá."

"Vou dizer."

## Capítulo 6

O ponteiro dos minutos avançava em direção as doze horas, sessenta segundos mais e chegaria oficialmente tarde. Devlin sentia um prazer perverso em fazê-los se perguntarem, se ele iria aparecer. Uma vez no interior do edifício, ele jogou a faca e lâminas de arremesso em cima do balcão, enquanto passava pela estação de guarda.

"Eu estou aqui. Vamos continuar com isso."

Três dos guardas prepararam seus rifles e correram atrás dele para formar uma escolta. Maldição, ele odiava incompetência. Se estivessem sob o seu comando, teria chutado suas bundas por serem tão descuidados. Devlin não se incomodou em esperar pela liberação no laboratório de Laurel. Ele empurrou as portas e deixou que seus patéticos acompanhantes o seguissem como podiam.

Laurel não estava no laboratório. Devlin se voltou para o cabo que estava a seu lado. "Ok, onde ela está?"

Antes que o jovem guarda pudesse responder, o doutor Neal surgiu de detrás de uns arquivos. "A doutora Young não está neste momento. Eu

a estou substituindo.” Ele acenou para os guardas. "Obrigado, senhores, por acompanharem o Sr. Bane até aqui."

Depois que eles foram embora, Dr. Neal olhou por cima dos óculos. "Sr. Bane, eu sei como é frustrante para você ter que seguir os nossos protocolos, mas eu gostaria que fizesse algum esforço nesse sentido."

“Doutor, se houvesse me tornado violento, eu teria tido tempo para matar todo o grupo de palhaços mal treinados, antes de qualquer um deles desse um só tiro. Sacudi-los de vez em quando ajuda a mantê-los acordados.”

"Isso não é de sua responsabilidade, embora transmita seu comentário ao coronel Kincade. Parece que alguns dos recrutas mais recentes são um pouco descuidados. Claro que, depois do que aconteceu antes, pensei que estivessem mais alerta."

A sensação de mal estar revirou em seu estômago de Devlin. "O que aconteceu?"

"Nada de preocupação para você. Sente-se e arregace as mangas."

Enquanto o doutor Neal lhe aplicava um torniquete no braço e dava uns golpes no interior de seu cotovelo para inchar uma veia, Devlin olhou ao seu redor em busca de pistas sobre o que tinha acontecido mais cedo.

Havia um buraco de bom tamanho no lado de um armário que não tinha estado lá antes e um dos vasos de plantas de Laurel estava definitivamente um desgaste. O que tinha acontecido nas duas horas desde que falou com ela?

Dr. Neal notou que Devlin estava procurando por toda parte, exceto em seu braço. "Ainda odeia agulhas, eu vejo." Havia um brilho perverso em seus olhos quando ele aplicou um pequeno curativo na ferida. Este tinha gatinhos sobre ele. Sem dúvida, eles estavam em oferta também.

"Quero outra radiografia de sua perna. A fratura foi muito mais grave do habitual, eu sei que ela ainda está incomodando mais do que você vai admitir. Sei que não estive se apoiando nela, sobre tudo depois da luta nos túneis."

"Minha perna está bem." E como Dr. Neal sabe alguma coisa sobre como se sentia depois de lutar contra aqueles dois Outros? Havia câmaras nos túneis, ou um de seus amigos estava falando pelas suas costas?

"Então, o raio-X vai mostrar, não é?" Dr. Neal calmamente apertou o botão do interfone. "Por favor, escolta para o Sr. Bane até a Radiologia. Esperem até que tenham os resultados e me tragam."

Devlin saiu do laboratório sem pronunciar uma palavra. O doutor Neal não queria falar sobre o que tinha acontecido, mas talvez um dos guardas falasse. Não precisava ser um gênio para saber que estavam mais nervosos que de costume.

Que demônios tinham acontecido? Se algo tivesse ido mal com algum de seus amigos, teria sido informado no Centro.

A técnica em Radiologia era nova. Colocou a perna do Devlin sobre a mesa e correu a sua cabine para realizar o raio-X. Ele não a viu mais até que praticamente lançou lhe o envelope que continha os

resultados. “Diga ao doutor Neal que recolherei o raio-X mais tarde. Não é preciso que você me devolva isso. Não precisa mesmo.”

Então, ela desapareceu no labirinto de corredores e salas de exame. Caramba, se ela estava arisca em volta dele, não iria durar muito tempo trabalhando para os regentes. Ele e os outros eram imprevisíveis na melhor das hipóteses. Na pior, precisava de cabeça fria e as mãos firmes para mantê-los sob controle.

Na pior das hipóteses...

Ah, inferno, alguém cruzou a linha? Kincade havia trazido alguns reforços de outros setores para ajudar enquanto Monte St. Helens estava em erupção. Se um deles tivesse ido longe demais para salvar, ele não teria, necessariamente, ouvido falar sobre isso. Filho da puta! Talvez ele estivesse tirando conclusões precipitadas, mas a explicação fazia sentido.

Todos os Guardiões sabiam que chegaria um dia em que seriam obrigados a eliminar um de seus protegidos. Na maioria dos casos, um dos médicos mais experientes iria ajudar ao Guardião, mas e se Laurel estava sozinha? Quando um dos Paladinos estava perto do limite, como Trahern, sempre pedia a outro médico que estivesse à espera, para o caso, mas com um paciente desconhecido, a transformação podia ter sido de surpresa. Ninguém sabia o que empurrava um Paladino a passar a linha e tornar-se um dos Outros.

Acelerou o passo obrigando a sua escolta em um trote para segui-lo. Dentro do laboratório, Devlin jogou os filmes no balcão na frente de Dr. Neal. "Quem era?"

O velho doutor levantou o olhar do gráfico que estava lendo, tirou os óculos e esfregou os olhos. "Duvido que você o conhecesse. Tinham o transferido recentemente de um dos setores da costa do Pacífico."

Devlin se sentiu um pouco culpado de sentir alívio pelo fato de que o Paladino morto não fosse um de seus amigos. "Como ela lidou com isso?"

Mais uma vez, o Dr. Neal não fingiu entender mal. "Ela se sentiu mal. Não há surpresa nisso." Seus olhos escuros estavam cheios de tristeza. "Nós todos sentimos, você sabe. Não é fácil manter o poder de vida e morte sobre um homem, especialmente um que passou sua vida mantendo o resto de nós seguro."

"Onde ela está? "

"Eu a mandei para casa."

Não deveria estar sozinha, mas Devlin não disse nada. A última coisa que qualquer um deles precisava era que seu chefe ficasse desconfiado sobre o seu interesse nela. Ele empurrou o envelope para chamar a atenção do Dr. Neal de volta para o assunto em questão.

O médico pegou os óculos e os colocou de volta. "Bem, vamos dar uma olhada nesses raios-X. Tenho certeza que você tem coisas melhores para fazer do que ficar aqui o dia todo."

Não precisava ser um perito, para ver a diferença entre as duas radiografias. Na primeira, o fêmur estava estilhaçado pelo corte do machado e havia vários pedacinhos de osso espalhados em várias

direções. Na segunda, só se percebia uma pequena linha onde o osso se soldou.

“Você é um homem com sorte, Devlin. Se tivessem colocado no machado um pouco mais de força, teria perdido a perna irremediavelmente. Ouvei falar de casos em que um Paladino sobreviveu a uma amputação, mas não são muitos. Claro que uma ferida dessa magnitude, de todos os modos, teria acabado com sua carreira como lutador.”

O qual, provavelmente, teria acelerado seu caminho em direção a loucura. A necessidade inata de luta constituía uma parte essencial de ser um Paladino e seria impossível viver sem poder empunhar uma espada.

"Vou assinar sua liberação completa e enviá-lo para o coronel Kincade".

"Obrigado, Doutor."

“E faça todo o possível para ficar longe daqui. Não entregamos pontos extras aos clientes assíduos, sabe?”

Devlin riu por ouvir aquela velha piada porque isso era o que o doutor esperava. “Se não se importar em chamar os guardas, já vou embora.”

O doutor Neal lhe olhou com expressão grave enquanto estendia o braço para o interfone. “Digo sério, Devlin. Eu não quero você de volta aqui em breve. Tenha cuidado.”

Os guardas entraram em formação quase antes que o doutor Neal tivesse afastado o dedo do interfone e Devlin lhes permitiu escoltá-lo até a entrada do edifício. Não pela primeira vez, se perguntava sobre que lógica tinha escoltar com armas aos Paladinos, enquanto estavam no Departamento de Pesquisa e depois deixá-los livres entre o público em geral. Possivelmente acreditavam que, se um deles perdesse o controle no exterior, suas ações se perderiam entre todos os outros tipos de violência que ocorre nas ruas todos os dias.

Uma vez no exterior, Devlin se dirigiu ao Centro, embora não tinha nenhuma intenção de ir ali. Um só destino ocupava sua mente, mas não permitiria que ninguém da Pesquisa soubesse. Tampouco pensava dizer ao Cullen nem ao DJ, mas ele tinha que lhes dar alguma desculpa para não voltar para terminar seu turno.

Pulsou a tecla de marcação rápida do telefone do Centro e se alegrou por ouvir a voz do Cullen na secretária eletrônica.

"Cullen, é Devlin. Olhe, estou acabado e tenho alguns negócios pessoais para cuidar. Então, a menos que se abra o inferno, estou com o resto do dia livre. O celular esta ligado se precisar de mim."

A necessidade de verificar Laurel o apressava, mas precisava tomar um caminho tortuoso para chegar ao seu apartamento. Era improvável que alguém estivesse tão louco para segui-lo, mas nenhum deles poderia correr o risco. Ainda assim, cada passo que ele dava na direção errada era uma agonia. Como eles puderam apenas a enviar para casa sozinha?

Finalmente, depois de 20 minutos de peregrinação em torno da área, pegou um ônibus que o levaria de volta para a casa de Laurel. Ela pode não querer que lhe incomode, mas ele não dava a mínima. Assim que comprovasse que se encontrava bem, iria embora.

Devlin se reclinou no assento e teve que conter os nervos em cada parada que o motorista do ônibus fez.

\* \* \*

Aquele maldito Paladino era um bastardo escorregadio, isto tinha que reconhecer. Do jeito que o homem tinha agido, ele poderia jurar que Bane sabia que estava sendo seguido. Quando saiu do edifício de Pesquisa, Bane voltou em direção ao Centro, apenas para desviar para o leste no último minuto. Se não se tratasse do Devlin Bane, teria pensado que o homem tinha perdido seu senso de direção.

Teve que dar duas voltas à cidade para voltar a encontrar o rastro, desta vez em direção oeste, para o Puget Sound. Ao final, teve que correr para pegar o ônibus que ia para o norte, mas o perdeu e ali terminou a perseguição. Ele não podia realmente dizer que estava decepcionado, no entanto. Enfrentar um Paladino no meio de uma cidade abarrotada de gente não era o melhor plano de ação, muitas testemunhas oculares e complicações.

Mas aonde estava indo Devlin Bane? Que ele soubesse, a única pessoa que vivia naquela direção era a doutora Young. Este raciocínio

o animou imediatamente. Ela tinha ido para casa mais cedo hoje, depois de eliminar um dos Paladinos de fora que se converteu em um dos Outros. Estremeceu ao recordar aquele assassino enlouquecido, solto pelo laboratório, até que conseguiram encurralar o bastardo tempo suficiente para Dr. Young matá-lo. Embora gostasse da doutora, ela estava muito concentrada em seus pacientes para dar atenção a um humilde guarda.

Poucos Paladinos tinham alguma fraqueza que pudesse explorar. Se Bane tinha desenvolvido um fraquinho pela médica, essa informação poderia revelar-se útil.

Se chegasse a parada antes do ônibus, poderia descobrir se suas suspeitas estavam corretas. Sentindo-se melhor a respeito de suas chances de acabar com o Bane, chamou um táxi e pediu ao motorista que fosse mais rápido.

\* \* \*

Laurel se sentia mal, com uma dor interna e profunda que a queimava e a gelava ao mesmo tempo. Um dos guardas a levava para casa e tinha esperado até que estivesse dentro do edifício para ir. Disse ao doutor Neal que estava bem, que podia seguir trabalhando o resto do dia, mas nem mesmo ela acreditou. Entretanto, sentia-se orgulhosa de não desmontar até depois de ter terminado seu trabalho.

Tinha matado um homem hoje, porque era seu dever como doutora e como Guardiã. Se ele não tivesse se transformado em um monstro assassino, o mais provável era que lhe tivesse dado obrigado, por ajudá-lo a passar a vida após a morte, por brincar de Deus e decidir que era hora dele morrer.

Laurel fechou as pálpebras com força e as lágrimas queimaram as bochechas como se fossem ácidos. Ele foi uma das transferências do Japão, estava aqui para ajudar, enquanto a montanha estava agitada. Será que embarcou no avião pensando que nunca voltaria? Deixou alguém especial para trás? Ele merecia ter alguém para chorar a sua morte, para mantê-lo guardado em sua memória. Esse homem tinha sido um herói.

E como tinham pago por seus serviços? Com uma injeção cheia de toxinas. Aquilo era uma autêntica aposentadoria. Laurel cobriu os ombros com uma manta e estremeceu. Hoje, ela se permitiria chorar, não apenas pelo Paladino, que morreu naquela tarde, mas por todos os outros que lhe seguiriam. A Trahern, que estava tão perto de cruzar a linha. A DJ, Cullen. E Devlin Bane. E, se tivesse sido ele olhando para ela sem um rasto de humanidade nos olhos?

Também lhe teria aplicado a injeção, porque o Devlin Bane que ela conhecia já não existiria mais.

Sua campainha tocou, uma, duas, três vezes, mas ela ignorou o toque. Não estava com humor para falar com ninguém. Depois de alguns segundos de silêncio, ela decidiu que tinham desistido e ido embora. Em seguida, alguém começou a golpear a porta.

Laurel fechou os olhos, desejou com todas as forças que o visitante sem convite tivesse ido e a deixasse sozinha. Finalmente, graças a Deus, o barulho parou, ela poderia voltar a ser miserável, sem interrupção. Afundou-se no sofá, tentou esvaziar sua mente de todo pensamento doloroso. Dez segundos depois, o barulho começou de novo.

Obviamente, ignorar o problema não estava resolvendo. Lentamente, ela andou até a porta e olhou pelo olho mágico. Um Paladino, parecendo muito, irritado estava olhando de volta para ela. E, estava prestes a bater a porta novamente, quando ela abriu. Sem dizer uma palavra, passou por ela, em seguida fechou a porta e trancou.

“Por que não respondeu quando toquei a maldita campainha? Inferno, a metade de Seattle deve ter ouvido o barulho! Depois de tanto pra manter minha visita em segredo!” Devlin olhou pra ela com as mãos nos quadris.

Ela não precisa disso, especialmente dele. "Qualquer pessoa racional teria assumido que não estava em casa ou que não queria companhia. Não é tarde demais para você sair."

Em lugar de desafiá-lo com o olhar, Laurel se dirigiu ao salão sem se importar se ele a seguia ou não. Devlin a seguiu, antes que chegasse ao sofá, plantou-se diante dela. Laurel precisava de mais energia da que tinha para rodeá-lo.

“O que aconteceu hoje, Laurel?” A voz do Devlin era suave, como era o toque da palma de sua mão na bochecha de Laurel. "Fale comigo".

A raiva dava pra passar por cima e as exigências foram feitas para serem ignoradas, mas a preocupação que Devlin mostrou com ela a desarmou. As lágrimas voltaram com força, enquanto ela avançou um passo e ele a envolvia com a força de seus braços.

"Eu o matei, Devlin. Ele estava bem quando o trouxeram para ser costurado. Então, quando terminamos de soltar as ataduras, algo aconteceu. Em um minuto ele estava respondendo minhas perguntas e no próximo ele estava tentando sufocar um dos meus assistentes. Precisou de seis guardas para segurá-lo."Tudo tinha acontecido tão rápido, mas ela podia ver cada detalhe em sua mente, como se fosse um filme exibido em câmara lenta. "Seus olhos mudaram de cor, ele estava gritando e gritando."

"Vá em frente, coloque tudo para fora."Laurel sentiu o ronco das palavras do Devlin através de seu peito.

"Então soube que tinha que terminar com sua vida. Não havia volta para ele."

Devlin a apertou com força. "Não havia, Laurel. O homem que ele costumava ser tinha desaparecido. Você não matou o homem, mas o monstro."

"Quando eu lhe dei a injeção, demorou mais do que eu esperava, muito mais do que eles me disseram que seria." O horror daqueles minutos entre o momento em que a agulha perfurou a pele e o último suspiro que deu, tinha sido um pesadelo para todos os que tiveram de assistir. "Eu o matei. Eu sou uma médica. Eu fiz um juramento para curar, não para matar."

Devlin colocou um lenço na mão de Laurel. “Matou um animal raivoso, Laurel, não um homem. Não restava nada do homem, ou não teria se convertido em um dos Outros. Tem que acreditar, porque essa é a verdade.”

Ela queria acreditar nisso. Ela tinha que acreditar, ou não seria capaz de viver com sua decisão. Não teve tempo para chamar o Dr. Neal ou outro médico mais experiente.

Ainda assim, ela chorou até que seus olhos estavam inchados e a frente da camisa de Devlin ficou encharcada.

Sem que se dessa conta, sentaram no sofá e Devlin a embalava em seu colo. A mão dele se deslizava com suavidade pelas costas de Laurel acalmando sua alma ferida.

Ao final, ela dormiu.

\* \* \*

O braço o estava matando, mas o arrancaria antes de incomodar à mulher que dormia em seu colo. Laurel precisava dormir mais que ele tinha que aliviar a cãibra de seus músculos. Se ela seguisse dormindo até o Juízo Final, ele permaneceria ali a sustentando. Era o mínimo que podia fazer para retribuir pela compaixão que tinha mostrado, ao facilitar a morte de um dos de sua espécie.

E, se houvesse um Deus no céu, não seria Laurel Young, que cravaria a última e odiosa agulha em seu braço. Ela merecia algo melhor.

Laurel se agitou levemente, indicando que voltava para a consciência. "Quanto tempo eu dormi?"

“O suficiente para que tenha anoitecido.”

"Você deveria ter me acordado horas atrás." Sua voz soava tão amassada como o resto de sua aparência. Estava adorável com o rosto rosado onde tinha ficado contra o seu peito e seus olhos escuros piscando sonolenta. Queria beijá-la, começando com os pés descalços por todo o caminho até a testa e em seguida, de volta para baixo, demorando-se em todos os seus lugares favoritos no meio.

Outra parte de seu corpo, se tornou malditamente desconfortável quando ela se esticou, sua camiseta fina acentuando as curvas de seus seios. Foi uma coisa boa que tinha perdido a sensibilidade em seu braço, porque isso foi tudo o que o impediu de correr a mão por baixo de sua camisa para testar o peso dos seus seios. Devlin afastou esta ideia de sua mente. Era muito velho, se sentia muito insatisfeito e muito de tudo para ter aquelas ideias a respeito de Laurel.

"Você precisava de descanso." Apesar de ter sido a sua escolha em abraçá-la, em vez de levá-la pelo corredor até seu quarto. Se cruzasse essa porta, seria apenas por convite e nenhum deles sairia dali por um bom tempo.

“Obrigada.” Laurel esboçou um leve sorriso enquanto lhe beijava na bochecha. "Foi gentil de sua parte."

Ele teve que rir. "Ninguém nunca me acusou de ser gentil antes."

"Então eles não te conhecem muito bem." Laurel levantou o queixo com determinação, como se estivesse pronta para lutar com qualquer um que desafiasse sua opinião.

A tristeza ainda estava lá, no entanto, nas profundezas de seus doces olhos. Talvez agora compreendesse, por que ele acreditava que aquele trabalho não era apropriado para ela, mesmo que isso significasse que ele nunca mais a veria.

"Eu sei o que você está pensando, Devlin e não vou desistir. Ponto final, fim da discussão." Laurel endireitou as costas, mas não fez nenhum esforço para levantar do colo de Devlin. "Acredito que aquele homem merecia que alguém chorasse por ele, não é?"

Matar aquele pobre diabo tinha quebrado o coração de Laurel. O que aconteceria se tivesse o conhecido e gostado do homem? Um destes dias seria Trahern ou DJ ou Lonzo ou Deus me livre, ele. Tinha que se afastar dela, pôr certa distância física pelo menos até que a necessidade de tocá-la desaparecesse.

Começou a levantá-la do seu colo, mas ela o deteve com um toque. "Não me afaste, Devlin. Por favor, eu preciso disso. Nós precisamos disso. Só te peço esta noite."

Ambos queriam muito mais que uma só noite de sexo apaixonado. Mas antes que Devlin pudesse dar algum argumento razoável, ela roçou os lábios nos dele, provocando-os a se abrirem com pequenos toques de sua língua. Deixava um rastro de calor ardente por onde passava, até

que Devlin não aguentou mais. Enfiou sua língua na boca de Laurel e a deslizou por seu interior degustando o sabor de seu desejo.

Ela se moveu para escarranchar em seu colo, sem quebrar o beijo. Devlin manteve a sanidade o suficiente para se afastar por tempo suficiente para fazer uma pergunta. "Você tem certeza de que é isto o que quer?"

Laurel tirou a camiseta e a jogou no chão. Suas mãos tremeram um pouco quando tentou desabotoar o fecho do sutiã, mas sorriu quando finalmente abriu. Ela encolheu os ombros puxando o sutiã para baixo de seus braços e o mandou voando para junto de sua camisa. Devlin estava perdido e sabia disso.

Quando ela começou a deslizar a mão entre ambos para o lugar em que o calor que a mistura de seus corpos fazia arder o ar que os rodeava, Devlin pegou seu pulso. "Não aqui." Reuniu força suficiente para levantá-los do sofá. "Qual o caminho?"

"No final do corredor à esquerda."

Conseguiram percorrer a metade, antes que ele tivesse que parar e beijá-la novamente. Então apoiou Laurel contra a parede e a levantou até poder render homenagem a seus seios. Ele tentou ser gentil, lambe cada mamilo até que ficasse duro, mas ela não podia esperar. Quando Devlin sugou com força um de seus doces seios, Laurel gemeu com aprovação. Maldição, ela tinha um gosto bom.

Se não chegassem à cama logo, acabariam fazendo amor no chão, ele estava em perigo de perder o controle. Quando chegaram ao quarto,

Devlin soltou uma de suas mãos para acender as luzes e retirar a colcha antes de colocar Laurel no meio da cama.

Tirou toda a roupa menos a cueca, na esperança que o ajudasse a manter o controle por mais tempo. Por esta mesma razão, impediu que Laurel tirasse as calças, simplesmente prendendo suas mãos sobre a cabeça.

"Beije-me."

"Onde?" A manteve presa, com uma perna jogada sobre a dela. "Diga-me."

"Minha boca." O sorriso a transformando em uma mulher sedutora. "Para começar."

Fez o que ela pediu. Quando percebeu que tinha feito um trabalho bastante minucioso, sussurrou: "Onde mais?"

Ela corou. "Meus seios doem."

"Não pode ter isso, podemos?" Ele soltou as mãos, desejava suas carícias tanto como ela as dele.

Deslizou os dedos entre os cabelos do Devlin enquanto o apertava contra a doce firmeza de seus peitos. Ele passou de um a outro, lambendo e chupando a pele de Laurel, prestando especial atenção a cada um de seus seios.

Laurel afundou os dedos nos músculos dos ombros do Devlin pedindo para continuar. Finalmente, ele se permitiu o prazer de deslizar a mão por entre suas pernas enquanto ele beijava seu caminho até a curva

suave de sua cintura. A suave malha de flanela das calças de Laurel não ocultava seu calor úmido. Devlin esfregou ligeiramente e ela apertou as pernas para aumentar a pressão da mão do Devlin.

Laurel estava preparada para ele, mas Devlin ainda tinha umas ideias que queria experimentar. Deslizou a mão até o cós da calça de Laurel, para excitá-la, introduziu os dedos uns centímetros somente e voltou a tirá-los.

Depois da segunda vez, ela suplicou. "Agora, por favor, Devlin. Agora."

Isso agradou a ambos, introduzindo a mão por completo nas calças e comprovando que ela estava preparada primeiro com um dedo e depois com dois. Laurel arqueou o corpo em um pedido mudo para mais. Ele voltou sua atenção para os seios, puxando-os com os lábios e língua, enquanto a acariciava com a mão e os dedos.

Finalmente, ela não aguentou mais. "Devlin Bane, leve-me agora!"

Tirou sua calça e calcinha com um movimento rápido. Tirou a cueca e uma camisinha da carteira. Laurel estendeu a mão. "Deixe comigo."

Devlin se ajoelhou na beira da cama enquanto ela colocava a camisinha. Em seguida, Laurel se deitou de novo e esperou com um sorriso que era toda mulher e tentação. Ele queria ir devagar, para memorizar cada momento, cada sabor, cada cheiro, mas tinham ido longe demais para desacelerar agora. Devlin levantou um pouco os joelhos de Laurel e se deitou no berço de seu corpo. Com um impulso rápido estava dentro dela, um santuário que acreditava que só poderia alcançar em sonhos.

\* \* \*

Laurel estava em um passeio de montanha-russa como nada que já tinha experimentado antes. Nunca havia se sentido tão amada em toda sua vida. As sensações a envolviam enquanto suas mãos lhe ensinavam que o toque de um guerreiro poderia ser gentil. Era tentador relaxar e deixar que Devlin controlasse essa dança que estavam compartilhando, mas ele merecia ter prazer com a sua paixão, tanto quanto ela.

Enquanto a penetrava profundamente dentro de seu corpo, ela ofegou pelo impacto e o prazer de sentir-se esticada e preenchida com o membro duro dele. Laurel sorriu enquanto Devlin tentava manter o controle e permitir que o corpo dela se acomodasse ao dele.

Ela escovou o cabelo para trás da testa, em seguida puxou para um beijo de parar o coração.

"Leve-me duro, Devlin. Não se segure." Se esta ia ser a sua única vez juntos, Laurel queria que se entregassem por completo.

"Espera Laurel... abrace-me!"

Devlin começou a mover-se devagar, mas depois foi adquirindo velocidade. O mundo ao seu redor foi se reduzindo até que não era maior do que a cama que compartilhavam. Nada existia além do calor que geravam seus corpos, enquanto ele levantava as pernas de Laurel

até seus quadris para penetrá-la com mais força, mais profundo, mais rápido.

Laurel cravou as unhas em suas costas fortes, sabendo que ela iria deixar marcas e não se importou. Devlin deslizou uma mão entre o corpo de ambos e esfregou o centro do desejo de Laurel com seu dedo polegar uma vez... duas... três vezes antes que ele provocasse uma explosão dentro dela. Laurel implorou por misericórdia, mas ele não a deu. Separou-se dela e foi deslizando-se por seu corpo abaixo. Antes que pudesse protestar, agarrou as nádegas com as mãos e a manteve imóvel enquanto percorria, com seus beijos, o interior das coxas de Laurel até chegar a parte que, depois do clímax, ainda tremia.

Devlin não mostrou piedade e voltou a levá-la ao limite com seus lábios e sua língua. Laurel veio pela segunda vez e Devlin sorriu satisfeito. Então fez com que Laurel se deitasse de barriga para baixo e puxou seus quadris para ele, penetrando-a de novo por trás. Aquela posição era primitiva, como se tivessem sido transportados a um tempo remoto, no que o macho mais forte reclamava à fêmea de sua escolha.

Laurel se ajoelhou diante dele, sua testa pressionada em seu travesseiro. Ninguém a havia possuído antes com tanta paixão, com tanta intensidade. E ela nunca tinha recebido a um amante com tanto abandono. Satisfazia-se ao notar que Devlin ia perdendo o controle, enquanto seu ventre golpeava as nádegas dela. Cada penetração e retirada do membro dele contribuía a despir os últimos pedaços de pensamento racional que ficava. Não existia mais nada exceto Devlin e a maneira como ele a fez querer, sentir e precisar.

Devlin deslizou a mão pela curva do quadril de Laurel para ajudá-la a unir-se a ele, e seus corpos tremeram e se estremeceram em um êxtase compartilhado.

Em seguida, delicadamente, com o mais doce dos beijos, Devlin se acomodou ao seu lado, e eles dormiram.

\* \* \*

Circundando o prédio, ele escorregou de sombra em sombra. O fedor da lixeira lhe desagradava em extremo, mas deu a melhor posição para o condomínio da doutora Young sem que as pessoas o vissem. Enquanto amaldiçoava aquela última xícara de café que tinha tomado, aliviou-se entre dois arbustos grandes. Se soubesse que o maldito Paladino ficaria tanto tempo, teria ido mais preparado para a operação de vigilância.

Tinha fome, estava cansado e estava muito decepcionado com Laurel Young. Apesar de sua escolha duvidosa de profissão, cuidar daqueles animais que chamavam Paladinos, sempre pensou bem dela. Mas a luz no quarto dela tinha acabado de se acender e Devlin Bane ainda estava lá dentro. O pensamento de que tivesse tomando aquele bastardo assassino como amante o fez sentir-se doente.

E, ciumento.

A luz permaneceu acesa um período de tempo muito comprido, uma outra razão para que odiasse mais Bane. Uma coisa era que a boa doutora desse uma rolada rápida no feno, ele podia entender que uma

mulher se sentisse tentada por aquele monte de testosterona. Os guardas também eram objeto deste tipo de atenção, pois para algumas mulheres era difícil resistir a um homem em um uniforme.

Mas, era óbvio que ela não tinha só aberto as pernas para aquele filho da puta, mas também tinha deixado passar a noite com ela. A imagem deles dois, nus, suados na cama aconchegando-se em um tempo indeterminado, o irritou. Por esta razão, odiava os dois.

Decidiu iniciar sua longa caminhada para casa. Finalmente encontrou o ponto fraco do Paladino, uma arma que pudesse usar contra ele. Com todos os outros Paladinos lhe cobrindo as costas nos túneis, não tinha conseguido eliminá-lo ali embaixo, mas poderia atraí-lo sozinho a uma armadilha utilizando a Laurel Young como isca.

Pela primeira vez desde que tinha aceitado aquele contrato, sorriu.

## Capítulo 7

O cheiro de café lentamente trouxe Devlin de volta à consciência. Não poderia ter tido mais do que algumas horas de sono porque ele e Laurel tinham feito amor várias vezes no emaranhado de lençóis. Mas, em vez de estar cansado, ele se sentiu muito, mas muito bem enquanto se sentava na beira da cama. Encontrou sua cueca onde chutou, debaixo de uma cadeira e pegou o jeans jogado em um canto do outro lado do quarto. Ele precisava de um banho e talvez alguns goles desse café cheiroso.

Depois, Laurel e ele teriam que falar sobre o que aconteceu.

Sem estar pronto para lidar com todas as implicações do que tinha feito, Devlin inundou seu corpo e sua consciência no jato de água quente da ducha. Não ajudava que o sabonete cheirava sua pele, algo florido e feminino. Utilizou o barbeador elétrico rosa de Laurel para barbear-se, enquanto se perguntava se tinha causado irritação com a barba nos seios ou na pele macia entre suas pernas. Ela não reclamou, mas naquele momento definitivamente estava um pouco distraída.

Devlin sorriu. Quem teria imaginado que a sua doce e inocente Guardiã era uma amante tão apaixonada? A julgar por suas reações, algumas

coisas que fizeram eram experiências novas para ela. Isto o agradava. Não foi seu primeiro amante, mas tinha sido o melhor. Ele fez muita questão disso. E, isto fazia com que lhe fosse ainda mais difícil sair de sua casa sem olhar pra trás.

Depois de se secar, vestiu-se e passou os dedos pelo cabelo. Teria que passar por sua casa para trocar de roupa, mas antes de qualquer coisa, tinha que falar com Laurel. Embora o sexo apaixonado a tinha ajudado a superar os acontecimentos de ontem, tinham que chegar a um acordo a respeito do presente e do futuro.

Pegou seus sapatos e se dirigiu à cozinha sem fazer ruído. Então se deu conta de que o apartamento estava muito silencioso. A menos que se enganasse, estava sozinho. Maldita seja, foi embora sem falar com ele. Se não se sentisse um pouco aliviado por este fato, a acusaria de ser uma covarde. Nada como a manhã seguinte para arruinar uma boa noite de sexo.

Especialmente se tivesse sido muito mais do que apenas um bom sexo.

Entrou na cozinha e olhou em volta. Que atenciosa, deixou a mesa do café arrumado! Havia até mesmo uma caixa de cereal junto a uma tigela e uma colher. Devlin queria jogar tudo àquilo pelos ares do balcão e chutar o banquinho para o outro lado da sala, em vez disso, serviu-se de uma xícara de café, com duas colheres de açúcar e um pouco de leite. Então ele viu um pedaço de papel dobrado com o seu nome escrito nele, preso na geladeira com um ímã.

Arrancou com um puxão lançando o ímã no chão. Será que tinha uma reunião de manhã cedo que não podia faltar? Talvez, mas isso não explicava por que ela escapuliu sem dizer uma palavra. E, como tinha um sono leve, deve ter deslizado como um sussurro para não acordá-lo.

O café quente não acalmou, em nada, seu mau humor. Sua xícara foi para a máquina de lavar louça, as toalhas no cesto da roupa suja. Então o celular tocou, abriu-o com uma sacudida. "Aqui é Bane."

"Precisamos de você." Havia um toque de nervosismo na voz, normalmente calma de Cullen.

"O que está acontecendo?" Ou o vulcão estava ativo ou as placas tectônicas tinham chegado a um ponto de deslocamento máximo. Que venham os Outros; ele estaria preparado, de espada na mão!

Cullen confirmou suas suspeitas. "As leituras ao longo da falha estão subindo. Vamos entrar "

Devlin olhou o relógio que havia no suporte da chaminé de Laurel. "Estarei aí dentro de meia hora."

"Estaremos esperando." O telefone ficou mudo.

Devlin contemplou o apartamento com pesar. As chances de estar ali novamente eram bastante reduzidas e, era uma pena. Mas enquanto conservasse sua mente, teria a lembrança de passar a noite na cama de Laurel, em seus braços. Devlin fechou a porta ao sair, desejando que não doesse tanto.

Em menos de vinte minutos, entrava no beco que Penn montava guarda.

“Lonzo e outros já chegaram, devem estar esperando um grande.” Penn olhou com inveja. Se pudesse, abandonaria seu posto e os seguiria para lutar nos túneis. Mas dois meses atrás, tinha sofrido um ferimento tão grave na mão da espada que enfraqueceu a sua força. Os Guardiões acreditavam que com o tempo certo, recuperaria a força total. Até então, Penn fazia o que podia para manter-se ocupado.

“Cullen me disse que as leituras estão aumentando com rapidez.”

“Dê-lhes o pior por mim.” Ele flexionou sua mão. “Diga-lhes que vou voltar em breve.”

Quando Devlin passou ao seu lado, Penn cheirou o ar. Um sorriso malicioso se espalhou pelo seu rosto. “Perfume legal. Espero que a dama fosse agradável.”

Devlin apertou os punhos enquanto lutava contra o impulso de dar um chute no Paladino crédulo. Seu comentário, não foi nada que não tivesse sido dito antes por ele ou, qualquer dos seus companheiros. A diferença desta vez era que Laurel merecia outro tratamento. Inferno, as mulheres que tinha conhecido ao longo dos anos provavelmente também mereciam, mas ainda assim, Laurel era diferente.

Devlin se dirigiu à entrada. Com sorte, logo teria um alvo mais adequado para seu mau humor. A ideia de fazer virar pó alguns Outros lhe agradava.

Lá dentro, se dirigiu para seu escritório para pegar as armas. Sua espada ainda tinha a marca de queimadura da barreira, mas fora isso estava em perfeitas condições. Amarrou as bainhas de suas lâminas de arremesso, em seguida colocou um pequeno revólver na parte de trás da cintura, onde não iria interferir com a sua mobilidade. As armas de fogo funcionavam bem com os Outros, mas não podiam usar perto da barreira. Um tiro descuidado poderia fazer uma barreira já instável cair.

Seus amigos esperavam junto ao elevador que os levaria aos túneis abaixo da cidade. A barreira se estendia ao longo das principais falhas em todo o mundo e na maioria das áreas, permanecia estável por anos. Mas ao longo da cordilheira de vulcões da costa do Pacífico, era mais suscetível ao ataque. Os Regentes desdobravam os Paladinos segundo este padrão. Cada vez que o Monte St. Helens lançava vapor e cinzas, os Paladinos tomavam posições ao longo da barreira e esperavam o ataque por vir.

"Ainda bem que chegou a tempo." DJ moveu os dedos com rapidez pelo teclado ao lado do elevador. Imediatamente, um leve zumbido indicou que se aproximava.

Devlin deu um passo para trás para dar passagem a seus companheiros e assim ocupar sua posição habitual na frente do elevador. Um sinal sonoro suave soou quando as portas começaram a deslizar abrindo, entretanto, antes que pudesse entrar, o som de uns pés marchando chamou sua atenção. Os Paladinos eram muito independentes para serem soldados disciplinados e marchar em formação estava fora de questão.

Por isso deduziu que era um esquadrão de guardas que se aproximavam. Os Paladinos viraram para os recém-chegados e tomaram posições para se defender se necessário. DJ e Cullen colocaram-se em ambos os lados e um pouco mais atrás de Devlin, que se sentiu agradecido por seu mudo apoio.

Os guardas apareceram pela esquina com o coronel Kincade liderando o desfile. Que demônio estava fazendo ali? O coronel levava sua arma habitual, mas de outra forma não parecia pronto para a batalha. Seus homens, por outro lado, levavam todas as armas.

“Senhor Bane.” O coronel Kincade levantou a mão para que seus homens se detivessem.

“Coronel Kincade.” Devlin falou com um tom de voz neutro. O coronel não estava no comando dos Paladinos, mas exercia um poder considerável dentro da organização.

"Esses homens vão acompanhá-lo nos túneis." Deu um passo para o lado, como se Devlin e seus companheiros ainda não tivessem notado a presença de sua escolta.

"Por quê? A barreira não falhou ainda. Você pode enviar reforços depois que nós avaliarmos a situação."

Às vezes nos túneis, os guardas eram mais um obstáculo que uma ajuda. Poucos deles possuíam as habilidades de um Paladino na luta corpo a corpo, e quando se metiam em problemas, Devlin e seus amigos tinham que salvá-los. Eram muitos os Paladinos que tinham

sido feridos gravemente ou tinham morrido tentando resgatar aqueles companheiros de luta menos hábeis.

“Não quero correr o risco de esperar. Se não estiver preparado, muitos dos Outros poderiam escapar dos túneis. Se meus homens não forem necessários, o sargento Purefoy aqui presente me transmitirá isso.” O coronel lançou ao Devlin um olhar compreensivo. “Estes homens estão treinados para enfrentar à imundície que cruzar a barreira, senhor Bane. Não estão aqui para proteger elevadores ou levar recados para você. Vou estar ansioso pelo seu relatório sobre as atividades de hoje.”

Em seguida, o bastardo presunçoso se afastou, tendo efetivamente colocar os dois grupos em conflito.

Agora alguém teria que se encarregar de dirigir o desdobramento dos Paladinos e os guardas para que não interferissem uns com os outros. E também teriam que estar atentos se, por acaso algum dos guardas lhe atacasse.

Devlin disse. “Nós desceremos no primeiro elevador, sargento. Envie a metade de seus homens no segundo e ao resto quando nosso elevador estiver de volta.” Sem esperar por uma resposta, ele virou-se para seus amigos. “DJ, feche a portas do elevador, já perdemos muito tempo.”

Assim que a portas fecharam, selando os Paladinos dentro e longe da audiência, virou-se para os outros. “Eu não quero os homens de Kincade aqui mais do que vocês, mas a maioria são bons soldados e homens valentes. Contra qualquer outro inimigo, não hesitaria em marchar para a batalha com eles. Mas hoje não tenho nenhuma escolha no assunto e nem vocês. Suponho que vocês já ouviram falar

que fui morto por um humano aqui nos túneis." Ergueu a mão para afastar quaisquer comentários. "Nós não sabemos se o bastardo sorrateiro vai tentar novamente, mas não quero ninguém lutando sozinho hoje. Escolham um parceiro e fiquem com ele. Espalhem-se para as extremidades, tanto norte e sul. Cullen e eu vamos distribuir os guardas no meio. Mantenham os rádios abertos. Se alguém precisar de ajuda, grite que vamos vir correndo."

Um a um, seus companheiros assentiram e começaram a formar duplas. Pouco antes da porta se abrir, todos colocaram seus óculos para proteger os olhos da brilhante luz dos túneis, que foi projetada para deixar aos Outros em desvantagem. Dois a dois, eles se espalharam para cumprir as suas ordens.

Devlin contemplou como se afastavam enquanto ele e Cullen esperavam aos guardas. Seus amigos não eram homens fáceis de lidar, mas faziam bem seu trabalho. Possivelmente se tivesse sorte, a barreira aguentaria e ninguém teria que morrer hoje.

Quando ouviu o assobio que anunciava a chegada do elevador, um estrondo sacudiu o chão e uma onda de energia escura percorreu sua espinha dorsal. Inferno, quem tinha falado de sorte? A barreira piscou e depois falhou bem na frente deles.

Devlin desembainhou a espada e ombro com ombro, esperou com Cullen disposto a derramar sangue.

A batalha durou horas e horas. Os corpos foram se acumulando, tornando-se quase impossível mover-se sem tropeçar em Outros feridos, assim como muitos de seus próprios homens. Tinha que

admitir que os guardas realizavam um bom trabalho. Os Outros lutaram até a morte porque a batalha só podia ter dois resultados para eles. Ou cruzavam a barreira de volta à escuridão de seu mundo, empurrados pelos Paladinos ou morriam tentando ficar neste.

Pelo menos, a barreira estava de volta com força total, assim não passariam mais dos Outros soltando berros.

No início, cada vez que os Paladinos acreditavam ter a situação sob controle e se dispunham a limpar os túneis, a barreira voltava a flutuar e aparecia uma nova onda de Outros armados até os dentes e dispostos a morrer. Viu Lonzo cair enquanto tentava evitar que meia dúzia de Outros alcançasse os elevadores. Devlin e um punhado de guardas abriram caminho até ele a golpe de espada, mas chegaram tarde. Laurel teria que reviver a outro Paladino, assim que Devlin pudesse dispor de uns homens para começar a tratar os feridos e os mortos.

"Hey, Devlin! Onde diabos você está?"

Virou-se em direção à voz do Cullen sem perder de vista o túnel à sua esquerda. Trahern e DJ tinham circulado para o sul para empurrar aos fugitivos para o lugar onde Devlin e os guardas os esperavam.

"Aqui!" Devlin se assegurou de que seu amigo o via e Cullen se dirigiu para ele passando por cima dos corpos dos mortos. Tinha sangue seco no braço que sustentava a espada, mas não saberia dizer se era dele ou de outra pessoa.

“Tem tudo sob controle por aqui?” Cullen se apoiou com a pesada espada, como se fosse uma bengala.

“Trahern está fazendo uma última batida. Não sabemos quantos cruzaram a barreira dessa última vez, então não sabemos se pegamos todos.” Coitados. Que horrível devia ser seu mundo, para que enfrentar a uma morte quase certa ao final da espada de um Paladino era melhor? “Quando Trahern e DJ derem sinal de vida poderemos por ordem em tudo isto. Por que não diz aos guardas que comecem a mover os feridos para o elevador?”

Devlin não teve que explicar que os mortos podiam esperar, inclusive os Paladinos. Eles iriam começar a reviver, mesmo sem a ajuda de seus Guardiões, mas dispunham de tempo de sobra para levá-los ao laboratório antes que iniciassem o processo.

Lonzo era um dos atribuídos a Laurel. Tanto quanto sabia Devlin, Lonzo não estava em perigo de cruzar a linha. Seria bom que alguém recordasse a Laurel que a maioria das vezes os Paladinos realizavam a transição à vida sem incidentes.

Estava a ponto de perguntar ao Cullen se sabiam quantos dos seus tinham morrido, quando o som de pés correndo trouxe toda a sua atenção de volta para o túnel. Plantando os pés separados, ergueu a espada em posição de ataque disposto a enfrentar aos quatro Outros que se dirigiam diretamente para ele. Cullen se colocou a seu lado preparado para entrar em batalha outra vez.

Três machos adultos com seus estranhos olhos cinza pálido saíram do túnel e se espalharam com as armas preparadas. Atrás deles estava

uma mulher com o rosto calmo, ela encontrou o olhar de Devlin e depois de Cullen. Ela levantou a sua espada e tocou o centro da testa em uma saudação. Então gritou algo em sua língua gutural. Os machos repetiram as palavras e avançaram.

Em questão de segundos, Devlin lutava por sua vida contra três experientes espadachins. Infelizmente, estavam na única zona em que havia espaço suficiente para que tivesse que lutar contra os três ao mesmo tempo. A mulher correu em direção a Cullen e lhe impediu de ir ajudar Devlin. Quando um par de guardas foi para unir-se à luta, Devlin lhes fez sinal de que se afastassem.

“Para trás! Levem os feridos para fora daqui! E, pelo amor de Deus, não atravessem o caminho de Cullen!”

Devlin voltou para o ataque e foi o primeiro a tirar sangue, depois de umas quantas atacadas, ferindo um dos Outros mal o suficiente para forçá-lo a retirar-se da luta, uma nítida melhoria das probabilidades.

Os outros dois homens lutaram em conjunto, um sinal de que eles tinham treinado juntos. O mais alto fez uma ameaça para um lado, o que desviou a atenção do Devlin naquela direção. Ao mesmo tempo, seu companheiro se desviou para o outro lado e, girou sobre si mesmo com rapidez para atacar Devlin com um movimento circular de sua faca. Conseguiu levantar o braço a tempo para evitar que lhe cortasse o pescoço, levando a lesão no antebraço. Embora doloroso, era improvável que fosse fatal se pudesse despachar seus adversários em breve.

Percebeu que eles estavam lentamente recuando em direção à barreira, onde a mulher estava claramente dando trabalho a Cullen. Movia-se com a graça de uma bailarina, mas com movimentos letais. Um filete de sangue escorria pelo rosto de um pequeno corte, mas não interferia com sua concentração. A mulher gritou algo aos homens, que imediatamente recuaram, protegendo seu companheiro ferido do ataque do Devlin e Cullen.

Só então, quase como se tivessem esperando por isso, a barreira piscou, descendo apenas o tempo suficiente para os quatro escaparem. Devlin deixou cair a ponta de sua espada no chão, com o braço cansado. Ele e Cullen ficaram olhando para a barreira restaurada, cansados demais para sentir qualquer coisa, mas aliviados.

Um movimento pego pelo canto de seu olho exigiu sua atenção imediata. Cullen estava afundando lentamente em direção ao chão. Um corte profundo ao longo de sua caixa torácica estava sangrando muito.

"Guardas! Tragam uma maca!"

Devlin sustentou o seu amigo até que os guardas o acomodaram em uma maca. Sua própria ferida estava doendo como o inferno, mas não podia fazer nada sobre isso até DJ ou Trahern aparecessem e assumissem a operação para recolher os corpos. Tinha perdido o rádio, então agarrou o do Cullen antes que o levassem.

"Trahern! DJ! Respondam!"

A recepção estava cheia de estática, um problema comum tão perto da barreira, mas pode distinguir a voz do DJ "Estamos a caminho!"

Mencionou um período de tempo, mas o ruído de fundo impediu que Devlin ouvisse que se tratava de vinte ou trinta minutos. De qualquer maneira, deduziu que poderia aguentar até então. O mais provável era que não tivessem que lutar mais. Devlin odiou ter que admitir ante o coronel Kincade, que tinha tido razão ao enviar os guardas como apoio.

E o sargento Purefoy, teria sobrevivido à luta? Sendo assim, podia apresentar o relatório oficial ao coronel e evitar ao Devlin o incômodo da papelada. Dirigiu-se até onde os médicos da Guarda tinham montado um posto de triagem para ver o que podia fazer para ajudar.

\* \* \*

As costas de Laurel doíam e estava vendo dobrado de exaustão. Estavam trazendo os feridos desde o meio-dia e não parecia que iria terminar logo. Tinha começado com dois paladinos que necessitaram de cirurgia para parar a hemorragia. Meia dúzia mais tinham grandes feridas que precisaram de sutura. Ela ordenou fluidos e antibióticos para acelerar a recuperação.

Pelo menos seus pacientes se recuperariam todos, mas o doutor Neal atendia aos guardas feridos. Uma das enfermeiras tinha contado que vários deles não voltariam a lutar nunca mais.

Tinha medo de perguntar quantos Paladinos mais estavam esperando antes de começarem a trazer os mortos, e não deixava de se perguntar onde estaria Devlin. Conforme os relatos a luta tinha sido brutal, quase

ninguém escapando ileso. Os feridos mais gravemente já haviam sido trazidos, deixando apenas aqueles que tiveram lesões menores, e os mortos. Ela daria tudo para saber qual grupo se encontrava Devlin.

Seus pés a estavam matando, sentou enquanto houve uma pequena trégua na enchente de pacientes. Tinha passado só metade de um dia desde que acordou ao lado de Devlin em sua cama? Sabia que foi uma covarde, saindo sem acordá-lo, uma decisão que agora se arrependia. As chances eram que ele iria sobreviver ao dia, mas talvez não. Poderia simplesmente ter dito adeus, ou "o café está pronto", ou até mesmo o convencer a fazer amor pela última vez. Em vez disso, tinha escrito uma nota que era uma mentira estúpida para evitar admitir o quanto a noite em seus braços tinha significado para ela.

Mas quando ela acordou, seu corpo saciado e um pouco dolorido pelas atividades noturnas, se viu frente a frente com a verdade e não estava preparada para lidar com ela. Em algum lugar ao longo do caminho, apaixonou-se perdidamente por Devlin Bane. O sexo tinha sido fenomenal, mas era muito mais do que isso. Em seus braços, se sentiu valorizada e segura. Ele era um homem duro, com problemas que podiam ser insuperáveis, mas havia uma gentileza em seu toque que lhe tinha trazido paz de espírito.

"Dra. Young?"

O puxão que recebeu na manga atraiu sua atenção aonde deveria estar. A julgar pela expressão preocupada de Kenny, não era a primeira vez que a chamava.

Laurel o olhou com um sorriso cansado. "Sinto muito, Kenny, estava em outro lugar. Foi um longo dia."

"E prestes a ficar mais longo. Agora vão trazer os mortos. Estimativa de tempo de 20 minutos."

Seu estômago se revolveu e caiu a seus pés. "Sabe algum nome?"

"Lonzo Jones, com certeza. Talvez mais alguns." Kenny parecia tão cansado como ela.

"Por que não faz uma pausa de dez minutos? Eu prepararei tudo." Laurel ficou de pé. Quando ele hesitou, ela o espantou com movimentos com as mãos. "Vá em frente e leve todos os que não tiveram a oportunidade de beber um café ou sentar-se por horas. Vamos precisar que todo mundo estejam em plena forma quando a porta se abrir de novo."

"Tem certeza?" Perguntou Kenny.

"Sim, vá em frente. As macas estão preparadas, não há mais nada a fazer até que saibamos quantos estão chegando" Ela rezou para que Devlin não fosse um dos mortalmente feridos. Tentou apagar aquela ideia de sua mente, pois só de pensar produzia terror.

Para manter-se ocupada, reabasteceu as bandejas e verificou seu fornecimento de medicamentos especiais, necessários para ajudar na revitalização de um Paladino. A maioria deles poderia voltar por conta própria, mas os medicamentos aceleravam o processo.

Kenny e os outros voltaram, ainda parecendo um pouco cansados, mas não tinha nenhuma dúvida sobre a sua capacidade de cuidar de suas obrigações. Vestiu um jaleco limpo e fez uma verificação final para confirmar que as macas estavam prontas.

Dois guardas entraram na sala empurrando uma maca com Lonzo Jones. A equipe de Laurel entrou em ação, transferindo-o à maca mais próxima, ataram, limparam e catalogaram suas feridas. Laurel começou suturando um corte enorme e profundo que tinha na coxa enquanto entrava outra maca na sala.

Era Devlin. Não podia ver seu rosto, mas reconheceu a camisa. Ele a pôs na noite anterior, quando foram assaltar a geladeira. Kenny e duas enfermeiras deixaram a mesa de operações de Lonzo para cuidar de Devlin e do terceiro Paladino que acabava de entrar na sala.

Outra vez morto? A última vez ficou aterrorizada com a possibilidade de que não conseguisse voltar. Laurel se obrigou a se concentrar de novo em Lonzo. As enfermeiras iriam dar início aos procedimentos para Devlin e o outro Paladino. Alguém mencionou o nome de Cullen Finley. Laurel não conseguia se lembrar de uma época em que fossem feridos tantos Paladinos de um mesmo grupo.

Enquanto realizava a última sutura, pediu ao céu que a barreira aguentasse tempo suficiente para que aqueles homens voltassem a estar em pé e saudáveis. Pegou outro pacote de suturas e começou a costurar a seguinte ferida. Estava no ombro de Lonzo. Quando terminasse de limpar e costurar as feridas mais importantes, sua

equipe começaria a lhe administrar os medicamentos e ela poderia dedicar-se ao próximo paciente, Devlin.

Em seguida, ouviu sua voz, reclamando em voz alta sobre algo. Milagre dos milagres, ele estava apenas ferido! Muito aliviada, terminou o último dos pontos de Lonzo e entregou-o a uma enfermeira cirúrgica para que enfaixasse suas feridas.

Suas mãos tremiam enquanto as lavava e desinfetava. Kenny entregou a ficha de Cullen Finley, ou seja, a equipe de triagem o classificou como o mais importante dos dois.

Sorriu para seu novo paciente. "Bem, o que o traz aqui?" Leu as notas da equipe de seleção. Cullen parecia muito pálido e sua pele estava úmida. Sem dúvida, estava em estado de choque, provocado por trauma e perda de sangue. "Comproven a recontagem globular e lhe apliquem uma unidade de sangue." Deu um tapinha no braço de Cullen para tranquilizá-lo. "Você só está com pouca gasolina, Sr. Finley. Quando tivermos enchido o seu tanque e tenha costurado esse corte feio, irá se sentir melhor."

"Disse-lhes que não era nada grave, doutora." A voz de Cullen estava fraca, mas se estava falando, estaria andando em breve.

"Enquanto preparam sua ferida para a sutura, vou dar uma olhada em seu amigo."

Laurel anotou as indicações na ficha e passou a Kenny. Respirou fundo, em seguida virou-se para Devlin, que estava assistindo a

enxurrada de atividades em torno Lonzo. Havia dor em seus olhos que suspeitava não tinha nada a ver com o corte irregular em seu braço.

"Ele vai ficar bem, Senhor Bane. Lonzo está em boas mãos."

Uns olhos verdes carregados de fúria se voltaram para ela. "Agora está morto, doutora Young. Não suavize."

Laurel baixou a voz. "Sei que está sofrendo e que está preocupado com seus amigos, mas não jogue em mim. Fui eu quem recolheu os pedaços e remendou os seus amigos." Fez um gesto em direção ao pessoal médico que rodeava ao Cullen e Lonzo. "Essas pessoas estão com sangue até as orelhas desde que a primeira maca cruzou a porta. Precisamos de apoio, não de atitude negativa agora."

Por um breve segundo, ela pensou que sua expressão se suavizou, mas desapareceu tão rapidamente que não pode ter certeza. Olhou para o lado onde Kenny estava esperando com outra bandeja de sutura. "Tudo bem. Mais tarde." Então fechou os olhos e se virou.

Laurel demorou muito tempo em costurar o corte do torso do Cullen, mas graças à transfusão de sangue e do soro, já estava melhor. Enquanto a ferida não infectasse, deveria estar totalmente recuperado em breve.

"Kenny, por favor, coloque o senhor Finley na outra sala." Laurel voltou a sorrir a seu paciente. "Já está respondendo ao tratamento e lhe dei algo para que possa descansar tranquilamente. Quando tiver terminado com seu amigo, irei ver como se encontra."

“Não deixe que Devlin a assuste, doutora. Ele late, mas não morde.”  
Cullen lhe deu um sorriso de lado enquanto levavam sua maca.

Estava errado. Devlin mordida sim. Ela tinha a marca para provar isso, mas não em um lugar que estava disposta a mostrar. A lembrança daquela mordida a fez sorrir e lhe deu a coragem para lidar com seu último paciente.

"Vamos ver esse braço." Laurel puxou suavemente na borda do curativo temporário que a triagem tinha feito. Entre o adesivo e o sangue seco, estava preso firmemente à pele. "Vai doer menos se o molhar."

"Arranca de uma vez, doutora. Vai doer de qualquer jeito, só acabe logo com isso."

"Prepare-se".

Devlin agarrou o lado da maca com a outra mão, enquanto ela respirou fundo e puxou. Na segunda tentativa, soltou-se, mas a ferida se abriu de novo. Laurel a deixou sangrar uns instantes. O que teria causado um corte tão largo e profundo? Não tinha sido feito por uma adaga e era muito fino para uma espada.

“Como fizeram isso?” Aplicou uma anestesia local e apertou a ferida até que a zona ficou anestesiada.

“Uma faca. O objetivo era o meu pescoço.” A naturalidade com que disse isso, fez com que a imagem fosse ainda mais horrível.

"Que bom que você conseguiu bloquear a lâmina." Laurel começou o lento processo de unir os dois lados da ferida com pontos de sutura pequenos e regulares. "Não acho que sangrou o suficiente para precisar de uma unidade de sangue, mas vou te colocar no soro com antibióticos. Depois disso vou pedir alguma comida e veremos se esta pronto para ir para casa."

Laurel começou a se afastar, mas Devlin segurou sua mão com firmeza, mas suavidade. "Laurel." Lentamente, virou-se para encará-lo. "Perdoe-me pela grosseria."

Se ele pudesse se desculpar, então ela também podia. "E eu não deveria ter corrido esta manhã. Não estou acostumada a..." Laurel olhou em volta para se certificar de que ninguém a ouvia. "Não costumo ter convidados para o café da manhã."

Laurel tinha medo de estar ruborizando, e não tinha dúvidas quando os lábios do Devlin se curvaram em um sorriso que apareceu e desapareceu rapidamente. O brilho malicioso em seus olhos ainda estava lá, no entanto.

"Talvez você precise de mais prática, doutora Young."

Estavam brincando com fogo, com a paquera assim, ao alcance dos outros. "Talvez você esteja certo, Senhor Bane. Tenha a certeza que vou mantê-lo informado sobre o meu progresso."

"Para trás!" O grito veio do outro lado da sala, onde sua equipe ainda estava trabalhando em Lonzo Jones. Ele estava se debatendo, e ela correu para ajudar a subjugar o Paladino morto.

"Droga! Coloquem essas restrições no lugar antes que ele se machuque ou a um de vocês!" Usou seu peso para segurar sua perna esquerda, enquanto um dos enfermeiros segurava à direita. O ataque repentino acabou tão rapidamente como tinha começado. Precisou de sua última dose de coragem para levantar uma pálpebra de Lonzo e examinar a cor de sua pupila.

"Seus olhos ainda são castanhos."

Pelo menos meia dúzia de pessoas, ela incluída, suspiraram aliviada ao mesmo tempo. O qual resultou em uma risada geral. Suas risadas podiam ter um pouco de histeria, mas ainda caiu bem.

"Mantenham-no isolado por enquanto e deixem essas restrições no lugar até nova ordem. Quero um relatório de seu estado a cada quinze minutos durante as próximas duas horas e depois vamos reavaliar."

"Sim, doutora."

Laurel fez as anotações necessárias em sua ficha e o devolveu a enfermeira, com a intenção de verificar os sinais vitais de Devlin mais uma vez. Seus passos vacilaram quando viu que sua maca estava vazia. Onde ele foi?

Olhou para a porta. Devlin estava do outro lado, observando-a através de uma pequena janela quadrada. Voltando um pouco a cabeça, ele se concentrou em Lonzo brevemente antes de encontrar seu olhar novamente. Sua expressão se virou pedra e seus olhos como o gelo, enquanto a distância que os separava se alargava mais e mais. Balançou a cabeça, em seguida, virou-se e partiu.

Seus pés pesaram como chumbo enquanto tentava lidar com a perda. Alguém poderia notar que estava enraizada naquele lugar, olhando para a porta entorpecida, mas não podia enfrentar seus colegas de trabalho. Em lugar de arriscar que alguém percebesse seu atordoamento, chamou a atenção de Kenny e assinalou a porta com um gesto. Não tirava um descanso a horas, ninguém podia questionar que desaparecesse durante uns minutos.

Fora do laboratório, olhou rapidamente a seu redor. Havia meia dúzia ou mais de guardas armados parados ao longo do corredor, mas nem sinal de Devlin. Sem dúvida, tinha sido cobrado pelos guardas ou tinha mentido dizendo que tinham dado a alta. Com toda a comoção em torno de Lonzo, o mais provável era que tivessem acreditado ou que estivessem muito ocupados para notificar a ela sua partida.

Qualquer outro dia, ela teria relatado o descuido deles, mas os guardas enfrentavam à perda de vários de seus amigos e não queria lhes criar mais problemas. Se Devlin tinha abandonado o edifício, não havia muito que fazer, a não ser para mudar o seu gráfico para encobri-lo. Tinha a sensação de que o coronel Kincade não aceitaria de bom grado, que um dos Paladinos saísse da Pesquisa sem a autorização adequada.

“Posso ajudá-la, senhora?” O guarda mais próximo, incrivelmente jovem, afastou-se da parede para chamar sua atenção.

“O senhor Bane passou por aqui?” Laurel colocou as mãos nos bolsos do jaleco para que o guarda não notasse o tanto que tremiam.

“Sim. Acompanhamos à saída faz uns três minutos.” O guarda franziu a testa. “Estava em alta, não?”

Detestava mentir, mas além de pedir reforços para sair a procurar de Devlin, não tinha outra opção. “Esta tudo bem, Cabo. Eu só me esqueci de dizer-lhe algo. Vou sair para respirar um pouco de ar fresco. Talvez tenha sorte e o alcance.”

O sol estava se pondo naquele momento e pintava as nuvens dispersas com tons de laranja e pêssego. Laurel estava no degrau superior da entrada e olhou a ambos os lados.

Devlin tinha desaparecido.

Seus ombros caíram em derrota. Sem dúvida, ver o Lonzo sofrer a agonia da morte e a ressurreição de perto havia lhe deixado fragilizado. Poderia ter sido perfeitamente ele a quem ataram à maca, e seus olhos os que temesse olhar, com medo que se converteu em um dos Outros.

E ele sabia que, se tivesse sido assim, teria pegado a seringa de injeção e terminado com sua vida, como tinha feito com o pobre Paladino que morreu ontem. Que tipo de relacionamento que poderia ter, se ela tinha o poder da vida e a morte sobre ele?

A resposta era óbvia: nenhum tipo de relacionamento. Não se significava mais que um jantar ocasional. Embora não se arrependia do que tinham compartilhado, isso só fazia mais difícil ter que enfrentar um futuro sem Devlin. Ele tinha lhe mostrado um lado de si mesmo que ela apostava, poucas pessoas já tinham visto.

Laurel virou-se abruptamente para voltar ao laboratório, mas tropeçou com o Blake Trahern. Ele estendeu a mão para segurá-la quando ela recuou muito rapidamente e quase caiu escada abaixo. Trahern olhou para ela, seus olhos prateados e inexpressivos, tornando-se impossível adivinhar o que estava pensando ou qual era seu estado de humor.

Ele não teria sido sua primeira escolha para pedir um favor, mas sabia que podia encontrar Devlin e certifique-se de que estava bem.

"Sr. Trahern, posso falar com você por um minuto?" Ela puxou-o para o lado e fora da vista da porta. "Sr. Bane deixou meu laboratório sem permissão."

"Então? Ele já está crescidinho." Começou a se afastar, mas se deteve quando mais uma vez ela colocou a mão em seu braço.

"Só preciso saber que está bem. Lonzo morreu nos túneis hoje. Quando a minha equipe estava trabalhando em cima dele, reagiu negativamente."

"Quer dizer que perdeu o controle." Assim como Trahern tinha, ele foi tácito.

"Ainda não tinha renascido, mas tivemos que segurá-lo, sim. Não tentava ferir ninguém de uma forma consciente, e seus olhos ainda são humanos." A menos que estava enganada, Trahern relaxou um pouco. "Quando fui para terminar o cuidado do Senhor Bane, já tinha saído. Sei que ele já está crescidinho, como você diz, e que deve curar muito bem sem os antibióticos que lhe teria injetado..."

"Mas?" Trahern olhou para ela como se fosse alguma espécie nova que nunca antes tivesse visto.

"Mas só preciso saber que está bem. Você pode vê-lo e me avisar?"

"Posso, doutora. Ele não vai gostar, apesar de tudo." Surpreendentemente, Trahern sorriu, por um instante trazendo calor para aqueles olhos cinzentos gelados. "Mas, mesmo Devlin Bane precisa ser sacudido um pouco de vez em quando."

O queixo dela caiu aberto de espanto. Para aumentar a experiência surreal, Blake dobrou um dedo e empurrou seu queixo para cima, fechando sua boca. "Não quero que coma moscas, doutora."

Trahern passou junto a ela e desapareceu rua acima a deixando atordoada e sem fala.

## Capítulo 8

Estava sendo seguido e não gostou nem um pouco. Seu braço doía como o inferno, deixando-o sem humor para aguentar aos jogos da Intendência. Se quiserem que retornasse ao laboratório de Laurel, poderiam muito bem perguntar. Então os mandaria ao inferno e acabaria a história.

Caminhou com passo decidido pela orla de Seattle, desafiando com o olhar quem cruzava seu caminho. Estava furioso, a adrenalina corria por suas veias e podia acabar com todo um esquadrão de soldados se fosse necessário. De fato, estava ansioso para bater em alguma coisa ou até mesmo alguém.

Mas, mesmo conseguindo escapar de quem o estava seguindo, não conseguia andar rápido o suficiente para escapar da imagem de Lonzo ser subjugado e amarrado como um animal raivoso. Além disso, Laurel se juntou a seus companheiros e não retrocederam até que Lonzo deixou de ser uma ameaça, nu e vulnerável sobre a maca de aço inoxidável.

Devlin tinha passado por isso e visto os outros passar por isso antes, é claro. Mas nunca antes tinha sido sua amante que tinha posto a última

correia e decidido permitir que Lonzo continuasse lutando para reviver. E se tivesse tido que presenciar, sem poder fazer nada, como Laurel injetava as toxinas que garantiria que Lonzo desse seu último suspiro?

Devlin admirava sua coragem e a força de vontade de Laurel ao assumir o encargo de tal sofrimento e o que isto implicava para sua própria alma. Queria envolvê-la em seus braços e protegê-la de tal horror. No entanto, também queria amaldiçoá-la por fazer que ele voltasse a preocupar-se com alguém, sabendo que cada dia o levava um passo mais perto do fim de sua humanidade. E ali estava ele, querendo desesperadamente passar todas as noites da eternidade nos braços de Laurel e em sua cama, perdendo-se no doce calor de seu corpo, e não na loucura de tornar-se um dos Outros.

Filho da puta, ele precisava de uma luta. Ao invés de tentar iludir a sua companhia indesejada, desviou para uma escada que levava até algumas lojas ao nível do porão. Manteve-se de costas para a parede lateral e esperou. Não demorou muito para antes que uma figura familiar passasse pela rua. Devlin subiu as escadas e caiu atrás de sua vítima despreparada, cobrado para a frente e lançou Trahern a um beco próximo.

Em menos de cinco segundos tinha ao Blake contra a parede, com as mãos na garganta do homem. Trahern deixou cair os braços aos lados sem opor resistência. Sua falta de resposta permitiu que Devlin voltasse a recuperar o controle de seu temperamento. Lentamente se afastou, ainda ansioso para uma luta se Trahern fizesse um movimento em falso.

"Por que você está me seguindo?"

Trahern deu de ombros. "É um país livre. Eu não sabia que você possuía este trecho específico de calçada."

"Droga, não brinque comigo. Esteve me seguindo desde que saí da Pesquisa e eu não gostei nem um pouco, foda-se."

Trahern ficou em estado de alerta, como um lobo que cheirou uma presa. "Não, não estive. Vi você, pouco antes de descer essa escada aqui atrás. Antes disso, estava indo direto para sua casa." Ele zombou. "Sua mulher queria que eu comprovasse como estava."

O punho do Devlin golpeou a mandíbula do Trahern antes que pudesse dar-se conta de seu próprio movimento. Blake tropeçou de volta para a parede, mas não fez nenhum movimento para retaliar. Enquanto estirava e dobrava sua dolorida mão, não conseguia decidir se estava decepcionado ou aliviado.

"Não a chame de **minha mulher**."

"O fato de não dizer não significa que não seja verdade." Trahern separou as pernas e apertou os punhos, como se preparando para outro ataque.

"Eu não nego. Só disse que não a chame assim. Ela merece alguém melhor." Mesmo que admitir doía muitíssimo.

"Eu diria que isso cabe a ela, você não acha?" Trahern relaxou um pouco. "Mas agora tem problemas mais graves que você e a encantadora doutora Young com tesão um pelo outro. O que disse

antes que me desse um soco é verdade. Não era eu quem estava te seguindo.”

Devlin acreditou. Trahern podia ser muitas coisas: sarcástico, irascível e amargurado, mas também era extremamente sincero, porque não dá a mínima se ofendia alguém ou não. Se ele afirmava que não tinha seguido Devlin, era verdade. Mas, então quem fez?

"Já ouviu falar que a última vez que eu estava morto, não foi por um dos Outros". Cullen ou DJ tiveram a certeza de que todos os paladinos mais próximos a Devlin soubessem o que tinha acontecido.

“Sim. Isso é uma merda. É ruim o bastante ter que lutar contra esses filhos da puta do outro, sem ter que se preocupar em não nos apunhalem pelas costas.” Trahern olhou além do Devlin, para a rua, como se esperasse um ataque contra eles no mesmo beco.

“Não é a primeira vez que tenho este pressentimento. Alguém está respirando no meu pescoço desde que revivi. No outro dia, no túnel, matei a dois dos Outros. Enquanto os perseguia, sabia que alguém estava atrás de mim. O covarde nunca se mostrou.”

“Provavelmente esperava que os Outros te derrotassem para dar a você uma morte definitiva.” Os olhos do Trahern estavam frios o suficiente para congelar o ar da noite.

“Isso é o que eu pensei na época.” Não era momento de guardar segretos. “Ontem eu saí de Pesquisa para ir para o apartamento da Dra. Young para ver como lidava com o assunto de ter posto fim à vida do Paladino.”

“Ouvi falar sobre isso.” Trahern sacudiu a cabeça. “Essa mulher tem força. Ontem acabou com a miséria daquele pobre coitado e esta manhã já estava trabalhando.”

"Sim, bem, eu tinha que ver por mim mesmo que estava tudo bem." Não era da conta de Trahern saber que Laurel tinha chorado ou que ele tinha passado a noite em sua cama. “Tomei um caminho tortuoso da Pesquisa para o seu apartamento. Em nenhum momento vi alguém me seguindo, mas algo me empurrava a olhar continuamente para trás.”

“Portanto, não há maneira de saber se te desfez de seu perseguidor ou não. E se conseguiu ficar com você...”

"Ele descobriu que fui para a casa de Laurel. Droga."

A vontade de bater em alguma coisa voltava com força novamente. Como pode ter sido tão estúpido? Em nenhum caso podia se considerar um cavalheiro de armadura branca, mas no dia anterior, tinha ido correndo para consolar a Laurel sem pensar que alguém tinha intenção de matá-lo. Poderia muito bem ter levado o filho da puta direto para sua porta.

"Eu particularmente não quero levar um soco de novo, mas supondo que não apenas tomou uma xícara de chá com ela e foi embora." A simpatia que refletiam nos olhos, normalmente frios de Trahern foi uma surpresa.

"Não. Esta manhã, quando Cullen nos avisou da reunião eu ainda estava em sua casa." E tinha a intenção de retornar ali a menos que

lhe ocorresse outra ideia melhor. "Quer apostar que minha sombra ficou por ali tempo suficiente para saber que eu não saí?"

"Merda! Isso fode tudo!"

Aquele sucinto comentário fez Devlin sorrir. Trahern sempre tinha uma maneira de ir direto ao ponto de qualquer assunto. Ele considerou as possibilidades.

"Alguém tem que vigiar seu apartamento." Não queria pedir ao Trahern mais do que era capaz de dar, mas esperava que se oferecesse para compartilhar aquele trabalho com ele. Se pedisse a qualquer dos outros Paladinos, eles começariam a se perguntar por que se importava tanto. Não levaria muito tempo para adivinhar que havia algo entre eles. Laurel não precisava que todos os Paladinos estivessem vigiando ela, enquanto se perguntavam pela natureza da relação deles. E ele não tinha o tempo nem a energia necessários para ir golpeando a todos os que a olhassem de um modo errado.

"Deixe comigo."

"Obrigado. Te devo uma."

Trahern bufou. "Eu não estou fazendo isso por você."

E partiu.

Devlin o observou até que desapareceu entre as sombras. Poucas coisas o surpreendiam, mas Trahern tinha sido sempre um enigma. Entretanto, não precisava saber por que Trahern era como era para saber que podia confiar nele para manter sua palavra. Evidentemente,

o homem não era tão imune ao tratamento gentil que Laurel esbanjava com seus pacientes, como gostaria que todos acreditassem.

Mas, agora Devlin tinha uma missão. Precisava levar a seu oponente a campo aberto, mas ainda não. Muitos Paladinos não estavam em condições de lutar e seu braço estava gritando de dor. Mas, em um dia ou dois, haveria um acerto de contas. Se encarregaria pessoalmente de que assim seria.

\* \* \*

"Ele está bem."

Trahern, homem de poucas palavras, desligou o telefone antes de Laurel tivesse a oportunidade de lhe agradecer. O nó de preocupação em seu estômago relaxou. Ela conhecia a capacidade de recuperação dos Paladinos, mas ajudava saber com certeza que Devlin estava melhorando. Tinha que pagar Trahern por sua bondade. Biscoitos de chocolate, talvez? As refeições preparadas na cozinha para ele sempre incluiu algumas bolachas.

Esta pequena fraqueza do Trahern a fez sorrir. O grande, difícil Paladino gostava dos doces.

A porta do laboratório se abriu e o doutor Neal e o coronel Kincade entraram. Ela rapidamente se levantou. Achava mais difícil se intimidar

pelo homem da Intendência se o olhava diretamente nos olhos. Laurel se juntou a eles, ao lado da cama de Lonzo.

"Como ele está?" Dr. Neal perguntou enquanto pegava sua ficha e olhava.

"Como seria o esperado. Teve uma fase difícil no início, mas faz já esta muitas horas tranquilo. Eu pedi uma nova tomografia cerebral e novos testes para a manhã."

Kincade se aproximou mais à maca. "Quando poderemos contar com ele?" Kincade voltou seu frio olhar para Laurel. "Devo insistir em que, neste momento, estamos sem pessoal. O vulcão segue ativo e ao menos um terço de nossos homens está em baixa. Não lhe peço que arrisque sua saúde, só um cálculo aproximado de quando posso esperar que volte a estar ao trabalho."

Por mais que não gostasse do homem, o seu pedido era razoável. "Com base em sua reanimação anterior, diria que dentro de dois dias. Três no máximo. Suas feridas já começam a cicatrizar e o nível das enzimas CPK baixou. O resto dos indicadores também está estabilizando. Saberei mais na parte da manhã, e posso lhe enviar por e-mail um relatório atualizado quando tiver analisado os resultados."

"Espero seu relatório." O coronel Kincade se despediu, voltando-se para o Dr. Neal. "Vamos visitar os meus homens, então, doutor?"

"Claro. Tenho certeza de que se alegrarão muito de receber uma visita sua."

Dr. Neal piscou para Laurel enquanto conduzia a aquele imbecil presunçoso fora do laboratório. Se perguntou como seu chefe conseguia manter uma disposição tão risonha quando estava com aquele homem tão irritante. Bem, ele não era sua preocupação. Seu paciente ainda inconsciente era.

“Lonzo, não se preocupe com o coronel. Ficaré aqui até que saiba que você está completamente curado. Não beneficiaria a ninguém que voltasse para o trabalho logo.” Laurel lhe deu um tapinha no braço e, em seguida, colocou o estetoscópio no peito. Fechando os olhos para ouvir melhor, escutou por um instante. Era fraco, mas pulsava. Nas próximas vinte e quatro horas, o pulso do Lonzo aumentaria de uma forma gradual até alcançar o ritmo normal. Até então, seus pulmões também deveriam estar de volta a plena capacidade. A capacidade de recuperação dos Paladinos era verdadeiramente surpreendente. “Você está indo bem. Basta ter paciência.”

A noite se aproximava e no laboratório, começava a fazer frio. Possivelmente enganava a si mesma, mas gostava de fazer o que podia para que seus pacientes inconscientes estivessem mais confortáveis. Um cobertor aquecido tinha que ser bom enquanto lutavam para voltar a vida.

Depois de ter feito tudo o que podia pelo Lonzo, retornou a seu escritório e à montanha de papelada que sempre seguia a uma onda de pacientes. A maioria dos Paladinos receberia a alta no dia seguinte à tarde. Não lhe surpreenderia que só ficasse Lonzo, o qual já parecia bom.

Talvez deixasse a papelada para a manhã seguinte. Seus olhos ardiam de cansaço e suas costas estavam doendo. Baixou a intensidade das luzes, tirou os sapatos e o jaleco e colocou-o sobre o balcão. Depois de escovar os dentes e passar uma escova nos cabelos se estendeu em sua cama de armar. Adormeceu desejando estar em sua própria cama e entre os braços de Devlin.

\* \* \*

Tinha uma desculpa preparada se por acaso alguém lhe perguntasse por que estava no laboratório da doutora Young. Alguém tinha que ter certeza de que o Paladino estava bem amarrado. Todo mundo sabia que tinha sofrido um ataque repentino antes que o prendessem. Para dar veracidade ao seu álibi, aproximou-se da maca, desejando que fosse Devlin Bane quem estivesse ali, literalmente morto para o mundo. Isso sim teria feito o seu trabalho muito mais fácil.

Em vez disso, Bane estava de alta ou se foi por decisão própria. Quando se apresentou a seus superiores de volta da sangria nos túneis tinha ouvido ambas as versões. Um calafrio percorreu o seu corpo. Já tinha lutado com os Paladinos em outras ocasiões, mas nunca em nada parecido com isso. O sangue correndo livremente, formando poças pegajosas e escorregadias conforme mais e mais Outros continuaram aparecendo do outro lado da barreira.

Ele tinha matado a uns quantos, mas nem perto do número que os Paladinos matavam. Blake Trahern e Devlin Bane, especialmente, eram dois filhos da puta assustadores. O resto era ruim o bastante, mas Bane e Trahern matavam sem hesitação e sem remorsos, como se estivessem derrubando feno em lugar de seres vivos. Deus me livre que, algum dia voltasse seus olhos frios e as lâminas afiadas de suas espadas em sua direção.

Por esta razão era ainda mais importante que encontrasse uma maneira de eliminar Bane, sem incorrer na ira de todos os outros Paladinos. Aproximou-se da cama de armar em que dormia a Doutora Young. Sem dúvida, estava exausta. Em qualquer outro momento, teria se sentido mal por ela. Não poderia ser fácil trabalhar com um cadáver, como era o caso do Lonzo, para não mencionar ter que costurar as feridas de todos os outros. Mas agora não tinha pena dela, não mais. Uma coisa era tratar com os Paladinos porque era seu trabalho, mas outra muito diferente era transar com um deles.

Esperava muito mais dela. De certa forma, estava feliz que tinha acontecido, porque assim era mais fácil usá-la como isca para atrair Bane em uma armadilha. O bastardo era nobre o suficiente para trocar sua vida pela dela.

A doutora Young se agitou e se viu obrigado a recuar até que ela voltou a cair em um sono mais profundo. Parecia que estava sorrindo. Sem dúvida se sentia feliz sonhando que estava rolando nua com seu amante. As imagens que invadiram sua mente fizeram que sentisse náuseas. Já tinha decidido que ela morreria com Bane devido à

possibilidade, mais que real, de que o reconhecesse e lançasse a fúria dos Paladinos contra ele. Sim, ela tinha que morrer.

Saboreou o gosto inebriante de poder, sabendo que dependia dele se sofria a mesma morte rápida que tinha planejado para o Bane ou se decidisse seu tempo antes de acabar com ela. Possivelmente faria dela um exemplo para mostrar a todos, o que acontecia as putas que escolhiam aos Paladinos em vez dos homens de verdade.

Sim, gostou da ideia.

Voltou a aproximar-se da cama de armar de Laurel desejando se atrever a tocar sua pele. Em vez disso, olhou ao redor em busca de uma tesoura. Com um corte rápido, roubou uma mecha de seu cabelo. Segurou o pequeno cacho perto do nariz e inalou fundo. A reação de seu corpo ao perfume feminino foi imediata e quase dolorosa devido a sua intensidade. Ah, sim, se jogasse bem suas cartas, aquilo poderia ser muito divertido!

Colocou a mecha de cabelo em um lenço de papel e deixou no bolso. Agora não era o momento de ser pego rondando por ali. Logo chegaria sua hora. Além disso, o homem que ia pagar não seria paciente muito mais tempo.

Lá fora, no corredor, retornou a seu posto. Por enquanto, aproveitaria a noite calma para fazer os seus planos.

\* \* \*

Laurel procurou na bolsa em busca da chave. O dia não tinha ido mal, mas se sentia exausta. A maioria dos Paladinos tinha recebido a alta, com instruções para que procurassem a ela ou ao Doutor Neal se precisassem de alguma coisa. Lonzo fez sólidos progressos ao longo das últimas vinte e quatro horas. Esperava que ele estivesse acordado e alerta nas próximas doze horas.

Além dos reforços que o coronel Kincade tinha pedido a outros setores, tinha solicitado a ajuda de outros três Guardiões. A carnificina tinha sido demais para o Dr. Neal e ela lidarem sozinhos, por isso esta noite, um dos Guardiões de fora estava vigiando seu paciente. Laurel odiava saber que era bastante provável que Lonzo despertasse com um desconhecido junto a sua maca, mas não podia fazer nada para evitar.

Sentia-se tão cansada que não confiava em seu próprio julgamento, e foi para casa se recuperar. Não havia nada de errado nela que doze horas de sono ininterrupto não curasse.

Se apenas sua cama não parecia tão vazia sem o Devlin encostado a suas costas. Fazia menos de dois dias, mas já parecia uma eternidade.

Virou a chave na fechadura e abriu a porta. Antes que desse dois passos, um braço de homem apareceu do nada e a puxou para dentro. Antes que pudesse gritar pedindo ajuda, tampou a sua boca com a mão.

"Laurel, sou eu."

Assim que reconheceu a voz do Devlin, Laurel relaxou sobre seu peito convencida de que o pulso batia forte o suficiente para provocar um ataque cardíaco. Então, ela ficou com raiva e chutou sua perna.

Ele a soltou imediatamente. "Ai! Por que fez isso?"

Como se ela pudesse realmente ferir um grande e duro Paladino como ele! Voltou-se para Devlin e enumerou suas razões com os dedos. "Em primeiro lugar, acabo de envelhecer dez anos por culpa do susto que me deu. Em segundo lugar, estive muito preocupada que ficasse doente desde que escapou do laboratório ontem. Em terceiro lugar... estou cansada demais para lutar com você agora."

"Nós precisamos conversar, Laurel. É importante." Pegou o casaco dela e atirou-o sobre as costas de uma cadeira acessível.

"Nada é tão importante. Tenho planos para a noite e nem sequer você vai estragá-los." Passou por ele e se dirigiu à cozinha.

Devlin a seguiu, ela tirou duas tigelas e duas caixas de cereais. Uma era de trigo integral, com muita fibra e muitos nutrientes. Esta era para ele. Encheu sua própria tigela com uns cereais de cores vivas que estavam cheios de açúcar.

"Ei, eu quero desse também." Empurrou de lado a caixa que ela tinha posto junto a sua tigela.

Ela empurrou-o de volta. "Não, este é todo meu. Se insiste em ficar para o jantar sem ser convidado, se conforme com o que ganha."

Laurel nunca tinha visto Devlin zangar-se. Ficava bonito, mas não o suficiente para compartilhar com ele os cereais. Quando tentou roubar uma colherada de cereais da tigela, bateu os nódulos dos dedos com a colher. “Cai fora, grandão! Esta maravilha eu não compartilho.”

Sentindo-se melhor do que esteve durante todo o dia, se sentou em um dos bancos junto ao balcão da cozinha e desfrutou do jantar.

Quando terminaram de comer, Devlin colocou as tigelas na lava-louça.

"Agora podemos conversar?"

"Não, agora eu vou tomar um banho quente e ir para a cama."

Laurel escorregou para fora do banco e se afastou. Antes de chegar ao corredor, olhou para trás por cima do ombro para onde Devlin ainda estava sentado, como se tivesse todo o direito do mundo a instalar-se em sua casa. Assim como tinha em seu coração. Possivelmente deveria lhe pedir que saísse, mas não conseguiu reunir as forças ou o desejo suficientes para isso.

Devlin a olhou a distância. “Sei que te assustei, mas não podia esperar lá fora, onde alguém pudesse me ver.”

Laurel se perguntou quantas vezes em sua vida Devlin teria se desculpado. Não muitas, ela apostava. "Você está perdoado."

Cansada, se afastou. Uma vez dentro do banheiro, ligou o chuveiro quente antes de tirar a roupa. O calor da água caiu como uma maravilha em seus ossos cansados e seus músculos doloridos. Uma rajada de ar frio lhe deu arrepios quando a porta do banheiro se abriu.

Aquele homem estava adquirindo o costume de abrir as portas sem pedir permissão.

Abriu a porta da ducha para encará-lo. "E agora o que quer?"

"Ficar." Não se preocupou em esconder o fato de que via seu corpo nu através do vidro ondulado e de que gostava do que via.

"Continuo muito cansada para falar." Isto era verdade.

"Então não vamos falar."

Sua voz se deslizou sobre sua pele como seda quando começou a puxar o suéter pela cabeça. Então estendeu a mão para o botão da calça jeans.

Uma mulher mais forte teria ordenado que saísse do banho e possivelmente, de sua vida. Uma mulher mais fraca teria ficado tonta ao ver aquele maravilhoso corpo masculino. Mas ela era uma mulher que precisava deste homem, então recuou e deu-lhe espaço em seu chuveiro e em seu coração.

Entrou no chuveiro e fechou a porta, deixando para fora todas as preocupações e dores que existiam. Por enquanto, eram só os dois com a pele molhada e bocas que ansiava por beijos profundos. Adorava a sensação de seus seios esmagados contra seu peito, enquanto suas línguas jogavam e se entrelaçavam.

Em seguida, interrompeu o beijo para saborear o gosto de sua pele, começando com o contorno forte de sua mandíbula e descendo mais e mais até que estava ajoelhada aos seus pés. Ela levou-o

delicadamente em suas mãos, acariciando e puxando até que ele gemeu e jogou a cabeça para trás e apoiou as mãos na parede atrás dela.

O saboreou dando pequenos golpes de língua, tendo satisfação em dar prazer a seu homem. Devlin se estremeceu, como se tentasse não perder o controle e puxou Laurel para cima para lhe dar outro beijo apaixonado.

Ele pegou o sabonete e uma bucha, esfregou até formar espuma abundante, depois a virou de costas para ele. Desceu por suas costas riscando círculos com movimentos suaves e sensuais, ardentes como o fogo. Depois, voltou a subir repetindo estas carícias uma e outra vez enquanto baixava cada vez mais. Dedicou um longo tempo à curva de seus quadris e depois se ajoelhou para prestar especial atenção à parte de trás de suas coxas e seus joelhos. Quando estava satisfeito com a parte de trás dela, ele virou-a.

A bucha levou muito tempo para subir pelo interior de suas pernas. Abriu as pernas tudo o que a ducha permitia e Devlin parou em seus joelhos. Frustração a fez querer uivar, mas, em seguida ele estendeu a mão para circundar os seus seios. Quando os mamilos se ergueram com uma dolorosa necessidade, ela se inclinou para frente, implorando silenciosamente para ele fazer algo a respeito.

Sua língua traçou os mesmos caminhos ao redor de seus seios, primeiro um e depois o outro antes de sugar seus mamilos. Aquele homem tinha uma forma perversa de mover a língua e os dentes. Então voltou a acariciá-la com a bucha até que começou a tremer.

Devlin subiu por entre as pernas de Laurel até chegar a seu ninho de cachos e o centro oculto de seu corpo.

Oh Senhor, se ele fizesse isso de novo, quebraria em pedaços. Em seguida, ele deixou cair à bucha e deslizou a mão pela parte posterior das suas pernas e puxou-a para si.

"Segure-se em mim, Laurel, porque não vou parar até que veja as estrelas." Deslizou um dedo dentro dela enquanto a saboreava com a língua. Agarrou-se a seus ombros largos com todas suas forças enquanto seus dedos e boca a acariciavam e a penetrava fazendo que o pouco controle que ainda ficava se destruía.

Quando o primeiro tremor lhe percorreu o corpo, gemeu alto, duvidando que aguentasse mais sem desmaiar. Devlin deslizou um segundo dedo dentro dela enquanto a acariciava com o polegar. Uma... duas... três vezes. Então o mundo explodiu em um sem-fim de cores lindas.

\* \* \*

Quando suas pernas fraquejaram, Devlin a ajudou a sentar-se em seu colo e a embalou delicadamente. Depois de um momento, beijou-a na testa e tentou despertá-la. "Laurel, a água está esfriando!"

Ela sorriu e aconchegou o rosto no pescoço do Devlin. "Não me importa."

Devlin tinha criado um monstro. “Sei, mas não quero que pegue um resfriado.”

Quando ela fez um esforço pouco entusiasmado para levantar-se, então Devlin a separou de seu colo e ficou de pé. Laurel olhou para cima e a prova do muito que a queria ficou à altura do rosto.

"Vamos levar essa discussão para a sua cama" sugeriu Devlin. "Vai estar muito mais quente e mais confortável lá."

Ofereceu-lhe a mão para ajudá-la a manter o equilíbrio enquanto saía da ducha. Laurel pegou uma toalha e os dois se secaram enquanto se detinham periodicamente para se beijar. Então, o levou para a cama, exatamente onde mais queria estar. Eles deslizaram entre as coberturas para se encontraram na metade da cama.

A mão de Laurel deslizou mais abaixo da cintura do Devlin, mas ele a agarrou e a levou a seu coração. "Isso pode esperar um pouco."

Franziu a testa para ele. "Você não está querendo esperar para poder falar, não é?"

Que mulher teimosa! “Não se me prometer escutar o que tenho que te dizer amanhã de manhã.”

Ela assentiu com a cabeça. Agora que tinha sua promessa, Devlin lhe soltou a mão. Ela demorou um ou dois segundos em dar-se conta de que era livre para fazer o que quisesse. Enquanto deslizava a mão para baixo muito lentamente, pensou que estava sendo perversa, embora, deste modo ele perderia a cabeça. Quando sua mão por fim,

alcançou seu objetivo, Devlin levantou os quadris em sinal de aprovação.

"Beije-me, Laurel." Enfiou os dedos por seu cabelo escuro, amando a sensação sedosa.

"Com prazer."

Laurel se sentou em cima de Devlin e encaixou seu corpo com o dele, aberta e receptiva. Empurrou contra ela, gostando da sensação, mas não se atreveu a continuar até colocar uma proteção. Suas vidas já eram bastante complicadas sem o risco de gravidez.

"Espera um momento, carinho."

Quando jogou as cobertas para se levantar, ela o impediu. "Há uma caixa na gaveta."

Devlin se sentou, pegou a caixa e se deu conta de que estava lacrada. Isto o agradou, mesmo sabendo que não tinha nenhum direito de sentir-se assim. O que mais queria no mundo era fazer valer sua reivindicação sobre esta mulher, mas isto só podia levar ao desastre. Podiam ter essa noite e possivelmente umas outras como essa, mas isso era tudo.

"Não pense sobre isso, Devlin." Laurel apertou seus doces seios contra as suas costas e o rodeou com os braços. "Não permita que o que possa acontecer arruíne este momento."

Fechou os olhos e deixou que o conforto daquelas carícias o acalmasse. Ela tinha razão. Possivelmente não teriam um futuro, mas

tinham essa noite. Colocou-a no colo e voltou a deitar na cama levando Laurel consigo. E, de novo, ela o acolheu com seu corpo e um sorriso.

E isso era o suficiente.

Desta vez, estava bem ali ao lado dele quando amanheceu. Em todos os longos anos de sua vida, não se lembrava de um só momento que se sentisse tão bem. Se somente o mundo pudesse ficar no exterior! Mas, na melhor das hipóteses, só poderia mantê-lo mais uma hora.

“É muito cedo para pensar com tanta intensidade.” Laurel apoiou a cabeça em uma mão enquanto desenhava pequenos círculos no peito do Devlin com a outra. “Sei que prometi te escutar esta manhã e o farei, mas ao menos, espera até que tenha tomado uma xícara de café.”

Ele beijou a ponta dos dedos. "Na verdade, estava tentando decidir se tomava ou não outro banho."

Os olhos de Laurel, que eram da cor do chocolate escuro, entreabriram-se e seus lábios se separaram em um sorriso que era pura tentação. “Eu nunca tomo banho antes de meus exercícios matutinos.” E sua exploradora e perversa mão se deslizou para baixo, e abaixo e mais abaixo.

Droga, sabia que não deveria. Mas em todo o relacionado com Laurel Young, pelo visto ele era o ingênuo.

Com uma manobra bem planejada, Devlin a apanhou sob seu corpo e a julgar pelo sorriso de Laurel, ali era exatamente onde queria estar. Devlin aproximou o rosto no pescoço de Laurel e inalou seu aroma.

Ela deu uma risadinha. "Não faça isso! Faz cócegas." Laurel afundou ligeiramente os dedos nas costelas do Devlin tentando lhe fazer cócegas também.

Nunca tinha tido uma amante brincalhona e gostou. Era bom rir na parte da manhã, especialmente com uma bela mulher debaixo dele. O sorriso de Laurel foi suficiente para lhe derreter o coração.

Então, o toque alto do celular, que estava em outro cômodo tirou sua concentração. Descansou sua testa contra a dela. "É o seu ou o meu?"

"O meu, acho. Está no bolso lateral de minha bolsa."

Devlin desceu da cama, correu nu até a sala e puxando o irritante aparelho eletrônico de sua bolsa. Imediatamente, um segundo sinal sonoro se juntou ao coro. Bom para seus planos matutinos! Uma chamada podia não significar nada, mas duas só podiam ser más notícias.

Quando voltou para o quarto, Laurel estava de pé vestindo um roupão curto. Devlin lhe lançou o celular e saiu ao corredor para responder a sua chamada. Não seria bom para ninguém ouvir Laurel falando ao fundo.

"Bane falando."

"Bom dia, Devlin. Espero que já te tenha tomado café." A voz do DJ soava irritantemente alegre.

"Por quê?"

“O coronel Kincade convocou uma reunião às dez da manhã. Pensei que gostaria que te atualizasse. Não nos disse o motivo, mas supomos que tratará de cobrir as baixas, com tantas até agora.”

Não tinha sentido descarregar seu repentino mau humor no DJ “Obrigado, estarei lá. Chame todo mundo que puder. Uma demonstração de força nunca é demais.”

“Conte com isso.” O telefone ficou mudo.

Tinha quase duas horas ainda para chegar ao Centro. Possivelmente tinham tempo para a ducha. E então, fariam.

Horas mais tarde, estava de mau humor e não deu a mínima que notassem. Enquanto esperavam o início da reunião, nenhum de seus companheiros teve a coragem necessária para lhe perguntar por que andava, sem parar de um lado a outro de seu escritório. De fato, quase desejava que alguém o perguntasse: uma boa briga era o que precisava para dissipar a raiva que fervia sob a sua pele.

O bate-papo com Laurel não tinha saído como o planejado. Claro que isto não deveria lhe surpreender. Nada relacionado com Laurel era previsível. Aqueles olhos de aparência inocente e o sorriso doce disfarçavam uma teimosia sem tamanho. Definitivamente tinha opinião própria, algo que normalmente admiraria em qualquer pessoa, mas era muito inconveniente às vezes.

Não conseguia entender em que lugar tinha ido mal. Ontem, quando planejou sua estratégia, pensou que as razões pelas quais não deveriam se encontrar mais, tinham muito sentido. Desde o começo

sabiam que sua relação não tinha futuro. Ele tinha três vezes sua idade, embora ninguém pudesse dizer por sua aparência. Não era realmente humano mais e seria cada vez menos. E tinha o pequeno detalhe de que alguém queria matá-lo. Se seu atacante desconhecido ficasse desesperado, qualquer pessoa que estivesse perto podia cair indiretamente. Não tinha contado este ponto a Laurel, mas tinha a recordado que sua profissão era muito perigosa e que sua sorte podia acabar em qualquer momento.

Inclusive disse que ela merecia algo melhor que um homem que vivia para matar, embora o pensamento de outro compartilhando a sua vida, ou a sua cama, o fazia querer socar algo.

Laurel, com toda tranquilidade, respondeu com alguns argumentos próprios. Vê-lo fora do trabalho era uma clara violação da relação médico/paciente. Qualquer vínculo emocional que pudesse estabelecer com ele podia ofuscar facilmente seu julgamento profissional. Além disso, se algum dos Regentes, que comandavam tanto a Intendência como a Pesquisa, descobrisse que ela se encontrava com Devlin, seu trabalho correria um grave perigo. Certamente, iriam se certificar de que não voltasse a vê-lo.

E, embora não dissessem com palavras, seus olhos escuros deixava clara a preocupação que sentia por ter que matá-lo algum dia.

Sim, tudo era extremamente lógico. Ambos eram adultos que tinham cedido à tentação de brincar com fogo, mas aquela mulher também sabia um pouco de tática e estratégia. Assim, antes que Devlin pudesse fazer uma coisa nobre e sair de sua casa, desamarrou a faixa

do roupão e deixou deslizar para o chão Ele a possuiu ali mesmo, no chão, sem delicadeza nem suavidade, a não ser com uma necessidade desesperada. Os dois ficaram destroçados e ainda parados a beira do desastre. Não houve decisões, nem despedidas.

E como era um grande egoísta, não havia remorsos.

## Capítulo 9

Devlin esperou até o último minuto possível para entrar na sala de reuniões. Possivelmente era uma estupidez de sua parte, mas não gostava de estar à inteira disposição do Kincade. Além disso, tinha pedido ao Trahern, Cullen e DJ que entrassem com ele. Os Paladinos eram muito mais altos que Kincade e Devlin estava convencido de que o coronel odiava isso. Quando os quatro entraram e ficaram um ao lado do outro, o homem da Intendência se irritou.

E isto deu a Devlin um enorme prazer.

Como esperava, Kincade estava situado à frente da sala. O coronel olhou para eles, franziu o cenho e voltou a sua atenção para o relógio. Devlin fez um sinal a seus amigos com a cabeça para indicar que a demonstração de força tinha terminado. Seus companheiros se sentaram e esperaram que Kincade começasse. Devlin, por sua parte, apoiou-se na parede perto da porta, como se fosse partir a qualquer momento.

Kincade se esforçou para ignorá-lo, dividindo sua atenção entre a porta do outro lado da sala e seu relógio. Depois de adotar uma expressão de autêntica irritação, olhou a sua desinteressada audiência e tomou sua

posição atrás do pódio. Olhou para eles, esperando que se calassem. A maioria dos Paladinos locais e um bom número dos reforços de fora o ignoraram, até que Devlin pigarreou. Um por um, os homens ficaram em silêncio, reconhecendo a autoridade do Devlin com o olhar antes de voltar a vista para o coronel. A julgar pela expressão do Kincade, aquele gesto conjunto fez que sua pressão sanguínea disparasse.

“Convoquei-os aqui, esta manhã...”

Antes que pudesse terminar a frase, a porta que estava olhando tanto, finalmente se abriu. Devlin teve de rir. O desgraçado se esforçou tanto para captar a atenção de sua audiência e, em um abrir e fechar de olhos tinha perdido. A satisfação que experimentava Devlin se acabou quando viu que todos os Guardiões da área entravam em fila na sala com o doutor Neal e Laurel à frente. Naquele momento, a única pessoa da sala que parecia feliz era o coronel Kincade.

Devlin se endireitou e tentou chamar a atenção de Laurel. Não teve sorte. De fato, ela se colocou lhe dando as costas. Filho da puta, o que estava acontecendo? A julgar pelo sorrisinho de superioridade que Kincade lhe lançou, não ia gostar absolutamente.

Kincade deu uns golpes no microfone para indicar que tinha chegado o momento de entrar no assunto. “O comando da Intendência, aqui presentes, expressaram sua preocupação pelo estado mental dos Paladinos que estão sob nossa ordem.”

“Que demônios isto quer dizer?” A pergunta veio de um dos Paladinos de reforço, que estava sentado no final da sala.

“Significa que todos e cada um de vocês deverão submeter-se a uma tomografia cerebral nas próximas quarenta e oito horas.” O bastardo estava claramente se divertindo.

“Vou uma merda!” Trahern ficou de pé e cruzou os braços. Vários de seus companheiros seguiram seu exemplo.

A situação estava a ponto de fugir do controle. Não havia entre eles um homem que estaria disposto a se submeter a uma tomografia cerebral por um capricho.

“É porque o paciente da doutora Young se converteu em um dos Outros sem aviso prévio?” Perguntou Devlin.

Kincade ignorou sua pergunta e o Doutor Neal teve o bom senso de perceber que o coronel estava lidando mal com a situação. O Doutor deu um passo para frente, atraindo toda a atenção para si mesmo. As maiorias dos Paladinos locais sabiam que era um homem justo e bondoso. E tinha trazido a maioria deles de volta, pelo menos uma vez.

“O senhor Bane fez uma pergunta legítima, que merece uma resposta adequada.” Sua voz calma chegou com facilidade até o fundo da sala. “Sim, há uma certa preocupação por causa do incidente no outro dia.”

“Essa é uma forma muito bonita e limpa de falar, Doutor. Por que não o chama por seu nome? A Doutora Young tomou a decisão de executar a um dos nossos.” disse Blake.

Laurel estremeceu. Droga, ela não tem nada que se desculpar, Devlin pensou. Se não tivesse acabado com a vida do pobre coitado, alguma outra pessoa o teria feito. Assim eram as coisas e todos eles sabiam.

“Ele já não era um dos seus, Senhor Trahern. Converteu-se em um dos Outros, e quase sem prévio aviso. Recebemos seu histórico médico e por alguma razão, fazia quase um ano que não realizavam uma tomografia cerebral nele.” O olhar do doutor Neal refletia autêntico pesar. “Todos nós da Pesquisa, decidimos que necessitamos da tomografia cerebral com regularidade para evitar mais tragédias, se for possível.”

Devlin desejou poder ver a expressão de Laurel. Aquela situação não podia ser fácil para ela. “A tomografia cerebral não vai curar o problema, Doutor Neal. Na melhor das hipóteses podem dar um aviso, mas isso é tudo.”

“Isso é verdade, Senhor Bane, mas gostaríamos de saber mais sobre por que alguns de você avançam muito mais rápido do que outros. A última análise do falecido era normal.” O doutor Neal consultou seus dados. “Na verdade, foi abaixo do normal. Não havia nenhuma razão para suspeitar que estivesse tão perto do limite.”

“O que acontece se recusarmos?” Naturalmente Trahern fez essa pergunta. O nível de tensão na sala saltou para uma altura maior.

Se alguém não intervinha e assumia o controle, a situação ia ficar feia rapidamente. E não podiam permitir o luxo de recorrer à violência. A Intendência chamaria a Guarda, em numero suficiente para derrubar os Paladinos. Conhecendo o coronel, o mais provável era que já os tivesse em modo de espera no corredor. Então Kincade se asseguraria de que os testes seriam executados e todos os que estivessem perto

do limite, como Trahern, não obteriam o benefício da dúvida quando revivessem zangados e fora de controle.

"Vou levar o exame." Devlin andou para frente. "Todos nós vamos."

Dr. Neal acenou com a aprovação. "Tenho um cronograma impresso aqui. Agradeceria que escolhessem um horário antes de ir." Subentendia-se que não lhes permitiriam ir sem assinarem.

Cullen e DJ virtualmente arrastaram Trahern para que assinasse logo após Devlin. Possivelmente, se foram os quatro juntos, seria menos estresse do teste.

Devlin se aproximou do doutor Neal, que o recebeu com um sorriso acolhedor. "Obrigado por sua ajuda, senhor Bane. Tenho a sensação de que, se tivéssemos deixado a reunião nas mãos do coronel, a situação poderia ter ficado um pouco difícil."

Devlin não queria o agradecimento do doutor, só queria que lhe fizessem seu exame e logo. "Eu sou o primeiro da lista, doutor. Podemos acabar com isso agora?"

"Certamente. Tenho certeza que a doutora Young poderá atendê-lo imediatamente. Antes de vir à pequena reunião do coronel Kincade, calibramos as máquinas. Por isso que estávamos atrasados."

"Prefiro que você faça o teste, Dr. Neal." Devlin cruzou os dedos esperando que o doutor não lhe perguntasse a razão de sua preferência, pois Laurel era sua Guardiã oficial. Um movimento chamou sua atenção, Laurel saía da sala com o Trahern, DJ e Cullen lhe seguindo os passos. Sua primeira reação foi de raiva e ciúmes, mas se

conteve. Tenso como estava, não precisava estar fechado naquele quartinho escuro com Laurel. Só Deus sabia como isso afetaria os resultados e como coronel Kincade em uma cruzada para eliminar a todos os que estivessem roçando o limite, não podia se permitir correr riscos desnecessários. Além disso, se seu desconhecido atacante era um guarda, seria melhor que passasse o menor tempo possível em companhia de Laurel, especialmente em público. Devlin deu ao doutor Neal uma explicação a sua petição. “Pelo visto, Trahern decidiu cooperar. E não quero atrapalhar.”

“Muito bem, Senhor Bane, acredito que tem razão. Vamos ao meu laboratório.”

"Isso não pode estar certo." A voz do doutor Neal refletia algo mais que frustração enquanto giravam algumas marcações e empurrou um par de botões no console. “Sinto muito isso estar demorando tanto, Devlin, mas eu vou ter que repetir essa última série.”

"O que há de errado?" Será que os resultados eram muito pior do que os anteriores?

"Aparentemente não há nada errado, pelo menos não com você. Acabamos de calibrar todas as máquinas, mas esta parece estar um pouco desajustada. De todas as maneiras, os resultados das provas de controle estão corretos.”

"Então qual é o problema?"

“Seus dados não correspondem muito bem com os exames que a Doutora Young realizou no outro dia.”

“Então possivelmente é a máquina dela a que está desajustada.”

“Não, asseguramos de que ambas as máquinas produziam os mesmos resultados nas amostras de controle.” O doutor Neal se interrompeu para estudar o listrado da máquina e depois, olhou o experiente Devlin com o cenho franzido. “Maldita seja!” Empurrou outro botão e a máquina produziu mais alguns metros de papel. “Por agora, terminamos Senhor Bane, mas possivelmente necessite que volte. Vou tirar os eletrodos e lhe explicarei o que tem me intrigado.”

Devlin entrou no laboratório e se inclinou sobre o ombro do doutor para examinar os últimos três exames que tinha feito. Quando o doutor os pôs um ao lado do outro, o padrão tornou-se mais claro. Normalmente, os exames de tomografia dos Paladinos mostravam um aumento constante das ondas cerebrais que indicavam que eram cada vez menos humanos. No caso do Devlin, o padrão estava invertido. A variação entre o exame mais antigo e o que Laurel tinha realizado era leve, embora sem dúvida, mostrava uma melhora.

Entretanto, a mudança no último exame foi brutal, a ponto de ser incrível. Uma variação deste tipo não tinha precedentes na longa história dos Paladinos. Embora a capacidade de acompanhar as mudanças com Tomografias foi um avanço recente, os Regentes mantinham registros dos sintomas e os padrões de comportamentos por séculos. Todos eles pioraram, sem exceções, sem suspensões da pena capital.

“Não sei o que fazer com isto, senhor Bane. Terei que discutir isso com a doutora Young para conhecer sua opinião a respeito. Se for

necessário, também entrarei em contato com meus colegas de outras partes do mundo para averiguar se podem dar alguma luz sobre este assunto." O Doutor se voltou para o Devlin. "Notou alguma diferença em você? Ultimamente está fazendo algo diferente do que costumava fazer?"

"Não, minha vida é tão bonita como sempre foi." Além de dormir com sua Guardiã e experimentar sentimentos muito profundos por ela.

"Bem, se você pensar em alguma coisa, me avise. Talvez depois que eu analisar um pouco mais do exame dos outros, vou ser capaz de descobrir se é a máquina ou se é realmente você." Ele recolheu os resultados do Devlin e os introduziu em sua pasta. "Quando sair, quer dizer ao próximo homem que entre?"

"Sim, claro."

Cullen estava esperando no corredor. Se ficou surpreso ao ver Devlin sair do laboratório do doutor Neal em vez do de Laurel, não disse nada. "Assumo que correu tudo bem, já que ainda está andando por aí."

"Sim, até agora. Dr. Neal disse que entre. "Devlin olhou para a porta do laboratório de Laurel. "Sabe algo de Trahern?"

"Não, mas ao menos não resistiu. Quando lhe disse que entrasse o primeiro, ele a seguiu como um cordeirinho. Juro que esta mulher tem que ter um gancho muito potente pra ser capaz de encantar um osso duro de roer como Trahern."

Um gancho muito potente, tudo bem. "Eu acho que vou esperar um pouco."

“Boa ideia.” Cullen ficou de pé. “Deseje-me sorte, Devlin. Odiaria dar a esse filho da puta do Kincade a satisfação de descobrir que um de nós está muito perto do limite.”

“Não se preocupe, se eu passei na prova, você pode, com certeza.” Devlin lhe deu uma palmada nas costas. “Quando tiver acabado, passe na minha casa. Tenho algumas geladas com seu nome nelas.”

“Combinado.”

Quando Cullen entrou no laboratório do doutor Neal, Devlin se sentou em um banco próximo. Dois guardas mudaram suas posições, provavelmente para manter um olhar atento sobre ele. Sempre que não realizasse movimentos bruscos, o deixariam em paz.

Inferno, deveriam ser inteligentes o suficiente para perceber que ainda estava bem! Se houvesse alguma dúvida a respeito de sua estabilidade, o doutor Neal o teria desligado no laboratório. Devlin fechou os olhos, esticou as pernas na frente dele e tentou ficar confortável.

E se os resultados estavam corretos e estava se tornando humano novamente? Como isso poderia ser possível? A única mudança em sua vida foi a sua nova relação com Laurel. O que ela pensaria quando o doutor Neal lhe informasse os resultados? Devlin deixou os pensamentos ir à deriva e se acomodou para esperar por seus amigos.

\* \* \*

"Blake, eu não quero reclamar, mas você está esmagando meu pulso." Laurel conseguiu pronunciar estas palavras por entre os dentes cerrados.

Trahern afrouxou o aperto um pouco, o suficiente para que a circulação sanguínea de Laurel fosse restaurada. Normalmente, mantinha uma distância profissional de seus pacientes, especialmente um tão propenso a explosões de raiva como Trahern. Mas desde que este lhe tinha feito o favor de comprovar como estava Devlin, o achava menos intimidante. A experiência podia provar que estava errada, mas estava determinada a lhe proporcionar o benefício da dúvida.

Achava que Devlin detestava a tomografia cerebral, seus temores não eram nada comparados com os do Trahern. Ele deve saber que era um dos Paladinos aos que o coronel Kincade queria um exame minucioso. Deus ajudasse que pudesse dizer ao homem da Intendência que estava errado, que Trahern estava estável e indo muito bem. Os testes não foram feitos para ser uma arma com a que Intendência ameaçasse aos Paladinos, mas foi assim que Kincade estava os usando.

No outro dia, quando fez o teste em Devlin, descobriu que seus resultados tinham melhorado. Não tinha nenhuma prova de que segurar sua mão ajudava, mas tinha sido incapaz de explicar a anomalia de outra maneira. Se funcionou para o Devlin, possivelmente também funcionasse para o Trahern. Laurel desejou que pudesse ter visto a expressão em seu rosto quando as luzes se apagaram e tinha lhe ordenado que segurasse seu pulso enquanto durasse a prova.

"Fale-me, Sr. Trahern." Se pudesse mantê-lo focado em algo diferente do que as agulhas rabiscando longas linhas onduladas sobre o papel, talvez relaxasse um pouco.

O silêncio se arrastou por vários segundos. Finalmente, Trahern se moveu um pouco e perguntou: "Sobre o quê?"

Ela que tinha que pensar em tudo? "Não sei. Sobre o tempo, os livros que leu, até mesmo sua infância."

"Pensei que vocês, da Pesquisa, tinham catalogadas até o número de sardas que temos na bunda." Não havia humor em sua voz.

Ela tentou novamente. "Tudo bem, onde você cresceu?"

"Nas ruas."

Se não estivesse olhando diretamente para ele, Laurel não teria visto a leve careta que indicava que Trahern a estava provocando e gostando. Não lhe importou absolutamente. Enquanto estivesse concentrado em frustrá-la, não pensaria tanto no exame.

"Nas ruas de onde?" Laurel balançou seu dedo indicador para ele. "Eu prometo não ir pelo corredor gritando seus segredos ocultos e escuros para todos ouvirem."

"St. Louis." Trahern fez uma pausa novamente. "Cresci no St. Louis, Missouri. Fui transferido para cá quando fiz dezoito anos."

Esta era a frase mais longa que Laurel tinha o ouvido pronunciar. Certamente, a mais pessoal. "Tem ainda família ali?"

"Não."

Como esse homem podia fazer um som de palavra, produzir o mesmo efeito que uma porta batendo em seu rosto? Possivelmente era melhor ela falar.

"Eu sou do Centro-Oeste, também. Toda a minha família ainda vive na mesma cidade."

"E por que não vive lá?"

"Porque vivo aqui." Dois poderia jogar o jogo de respostas enigmáticas.

"Seus pais sabem o que você faz para viver?" Trahern soltou o braço dela, parecendo mais relaxado.

"Eles sabem que eu sou uma médica e que eu faço pesquisa." Laurel se reclinou no assento. "Meus pais me amam, mas nunca entenderão que possa ser feliz vivendo tão longe da família. Se dependesse deles, a estas alturas estaria casada e teria um montão de filhos. Às vezes acho que eles querem netos, mais do que eles querem que eu seja feliz." Laurel se endireitou sobressaltada. Nunca tinha admitido este fato antes, nem sequer a si mesmo, e aqui estava confessando tudo para Blake Trahern. "Esqueça que disse isso." A máquina apitou que indicava que o exame tinha acabado. "Deixe-me dar uma olhada nos resultados antes de desconectá-lo."

O silêncio se carregou de tensão enquanto Blake esperava para ouvir seu veredicto. Laurel tentou ir depressa, mas não tão rápido como queria perder algo importante. Até onde podia ver, suas leituras se estabilizaram, uma melhoria em relação ao seu padrão habitual.

Laurel sorriu para Trahern e começou a remover suavemente os eletrodos. “Bom, senhor Trahern, assinaria agora mesmo para que suas leituras fossem sempre como as de hoje. A maioria dos dados são, exatamente, como os de seu último exame e um par deles inclusive baixaram um pouco.”

Trahern deslizou as pernas a um dos lados da maca. “Obrigado, doutora.”

“De nada. Quando tiver terminado de realizar todos os exames, enviarei os resultados ao coronel Kincade.”

Trahern se dirigiu à porta, mas antes de cruzar a soleira, deu a volta. “Sabe uma coisa? Às vezes, os que estão mais perto de nós têm mais dificuldade de ver quem somos realmente.”

E desapareceu enquanto Laurel se perguntava quem tinha estado tão perto de Blake Trahern e não tinha visto ele de verdade.

\* \* \*

Devlin abriu a porta e retrocedeu um passo ao ver que havia meia dúzia de Paladinos na sala de sua casa. A maioria já tinha estado ali antes e se acomodavam em seu enorme sofá de couro e nas poltronas. Devlin havia tido muita dificuldade para passar todos aqueles móveis pela porta quando os comprou, mas o esforço havia valido a pena. Como a maioria dos Paladinos, ele media mais de um metro e oitenta.

"A cerveja está na geladeira e as pizzas devem estar aqui em poucos minutos."

Estava a ponto de fechar a porta quando Trahern apareceu na varanda da casa. Devlin não o esperava, pois poucas vezes saía com eles.

"Blake, vamos entrar."

"Não posso ficar." Trahern olhou aos outros Paladinos por cima do ombro do Devlin. "Queria te contar algo. Pode sair um momento?"

"Sim, claro. Apenas deixe-me dizer aos outros onde estarei." Entrou na sala de estar. "Vou ver se chegaram às pizzas. Tentem não beber toda a cerveja antes que retorne."

Cullen saiu da cozinha com uma bandeja cheia de latas e uma tigela com batatas fritas. "Se fosse você, não estaria muito tempo fora."

"Salve-me um, pelo menos."

Devlin seguiu ao Trahern rua abaixo, até que estiveram fora do alcance da vista e do ouvido de outros.

"O que está acontecendo?"

"Passei no meu exame. Pensei que você gostaria de saber."

"Isso é muito boa notícia, Blake. Aposto que vai irritar ao Kincade"

"Espero que sim." Trahern sorriu, mas manteve os olhos focados sobre o ombro de Devlin.

"Você não veio até aqui só para me dizer isso." Trahern poderia ter telefonado para lhe dar a notícia.

"Queria te dizer que estive observando o condomínio da Dra. Young como você pediu. Não sei se isso significa alguma coisa, mas encontrei uma pilha de bitucas de cigarro atrás de uma lixeira perto de seu prédio. Se eu estivesse vigiando sua casa, é exatamente onde eu ficaria."

"Maldito seja! Diria que o filho da puta esteve ali em mais de uma ocasião?"

"É difícil de saber, mas contei as bitucas e saberei se tiver adicionado alguma a coleção."

"Obrigado mais uma vez, Blake." Devlin quis dizer isso. Preferia fazer a vigilância ele mesmo, mas não podia arriscar a conduzir de novo seu perseguidor diretamente às portas de Laurel.

"Como já te disse, eu não estou fazendo isso por você."

Então Trahern foi ido embora. Não lhe deu nenhuma explicação nem Devlin a pediu. Seu amigo desapareceu rua abaixo, assim como o entregador de pizza parou na calçada. Devlin pegou a pilha de caixas e voltou para dentro para se juntar com seus companheiros.

As luzes de seu escritório eram muito brilhantes para seu gosto. Possivelmente não deveria ter bebido as duas últimas cervejas na noite passada, mas a reunião improvisada tinha evoluído para uma grande celebração. Nenhum dos Paladinos tinha tido problemas com os

exames obrigatórios. Devlin não sabia exatamente o que era, o que pretendia o coronel, mas claramente tinha falhado.

De todo o jeito, eliminar um pouco de tensão bem valia uma dor de cabeça.

DJ bateu no batente da porta e entrou. Deixou uma pasta sobre a mesa de Devlin, em seguida pegou uma cadeira e desabou nela. Fechou os olhos e se reclinou.

"Boa festa na noite passada."

"Como está sua cabeça?" Devlin raramente tomava remédios contra a dor, mas tirou uma aspirina de uma gaveta de seu escritório, tomou duas com um gole de café e jogou o remédio no colo de DJ "Toma, para a cabeça."

DJ abriu os olhos o suficiente para pegar o remédio, tomou duas à seco e colocou de volta sobre a mesa.

"Vai descobrir que o relatório é muito interessante."

"O que é isso?" Até que as aspirinas fizessem efeito, não tinha nenhuma pressa em ler nada.

"São os resultados dos testes que os meus amigos da Pesquisa realizaram nesses sacos que encontramos no túnel no outro dia." DJ abriu um olho. "Não sabem o que fazer com isso. Se eu estou entendendo direito, o pó nesses sacos não deveria estar ali."

Devlin estava confuso. "O que é que isso quer dizer? Como podiam saber o que o que esses bastardos cinza carregam em suas pequenas bolsas?"

"Disseram que não havia material suficiente para fazer todos os testes que queriam. Entretanto, o que descobriram despertou o interesse de todos esses cientistas loucos. Se tivermos que acreditar no que averiguaram, então o pó procede de um cristal que não se conhece em nosso mundo."

"Então?"

"Bem, não há granadas azuis em nosso mundo, mas se houvesse, todo mundo brigaria para controlar o mercado."

A dor de cabeça do Devlin estava piorando. "Para que servem?"

"Não estavam completamente certos. Querem que a gente leve uma amostra maior. Sugeri que, se querem importar coisas do outro lado da barreira, eles mesmos montem o negócio nos túneis. Ou seja, um passe livre à superfície por uma bolsa de bonitas pedras azuis."

Devlin voltou a experimentar a incômoda sensação de que estava passando por cima de algo importante. Decidiu que DJ tinha adotado a postura correta, se reclinou no assento e apoiou os pés sobre a mesa. Possivelmente, se fechasse os olhos e deixasse que sua mente vagasse livremente, a resposta a sua inquietação viria a ele.

Os dois ficaram em um silêncio amigável durante vários minutos, enquanto esperavam que as aspirinas fizessem efeito. Pouco a pouco, a constante martelada que sentiam na cabeça diminuía.

Os cristais azuis estavam relacionados com os Outros. Tinham que ser valiosos, porque um punhado de guardas tinha morrido por sua causa. Alguém tinha cortado as bolsas e levado seu conteúdo. Por que tinham se demorado em tirar o conteúdo das bolsas quando podiam ser descobertos a qualquer momento? Por que as bolsas pertenciam ao mundo dos Outros? As pedras também. Claro que estas eram valiosas. Além disso, eram mais fáceis de esconder sem as bolsas.

Então, alguém sabia sobre as pedras e fez alguns arranjos para as conseguir. Mas como? Os Outros tampouco as teriam entregado sem obter nada em troca.

Então lhe acendeu a luz. Devlin recordou a primeira vez que baixou aos túneis depois de ter revivido, quando lutou e matou os dois homens. Um deles alegou que já tinha pago. Deviam pensar que tinham pago o direito a passar com as pedras azuis. Filho da puta! Quem tinha cacife para chegar a um acordo como aquele?

Tinha que ser alguém da Pesquisa ou de Intendência. Os Paladinos não trairiam sua própria espécie dessa maneira. Tinham dedicado muitos anos e muitas vidas defendendo a barreira das incessantes invasões.

Aquela informação era muito importante para guardá-la para si, e era evidente que não podia transmiti-la pelos canais habituais. Até que ele e seus companheiros descobrissem em quem podiam confiar, teriam que dirigir a situação por conta própria.

Primeiro o mais importante. Baixou os pés de volta no chão com um baque, D.J voltou para a realidade sobressaltado. “DJ, diga a Cullen e

aos outros para me encontrar aqui esta tarde. Faça parecer um encontro casual. Não quero provocar alarme se pudermos evitar.”

DJ inclinou-se para ele. “Te ocorreu uma explicação, não é?”

“Tenho algumas ideias, mas quero manter isso em segredo o maior tempo possível.”

“Ok, direi aos outros.”

A julgar pelo caminhar enérgico do D.J, ou a aspirina tinha curado sua dor de cabeça ou o desafio de um problema a ser resolvido lhe dera uma nova onda de energia. Devlin sentiu uma pontada de inveja. Inferno, naquele momento não necessitava toda aquela animação! Já tinha bastante guardando as suas costas, e tentando manter Laurel segura.

Não tinha nenhuma prova, mas apostaria sua espada favorita que estava tudo ligado de alguma forma. A pessoa que queria as pedras era a mesma que queria vê-lo morto. As sequências dos acontecimentos estavam muito próximas para não estarem conectadas entre si.

Olhou o relógio. Se fosse rápido, podia comprovar como estava Laurel e ainda lhe sobraria tempo para estudar o relatório da Pesquisa sobre as pedras azuis. Considerando a forma em que tinha evitado olhá-lo durante a reunião no dia anterior, não tinha certeza de ser bem recebido. Entretanto, não conseguiria concentrar-se em nada até que soubesse que tinha chegado ao trabalho sã e salva. Um telefonema seria mais eficiente, mas vê-la em pessoa seria muito mais gratificante.

Com a dor de cabeça quase esquecida, Devlin saiu do edifício imaginando que lhe ocorreria alguma desculpa plausível pelo caminho.

\* \* \*

"Então você está me dizendo que eles finalmente descobriram uma maneira de adulterar o exame?" Coronel Kincade olhou através da mesa para Laurel, como se fosse culpa dela que todos os paladinos passaram em seus exames com êxito. Incluído Trahern.

"Não, não foi isso que eu disse." Estava cansada de sua atitude beligerante e personalidade desagradável. "O que nós dissemos," balançando a cabeça em direção do Dr. Neal para enfatizar que não estava sozinha nessa "é que os exames revelaram uma grande quantidade de estabilidade entre os Paladinos. Alguns tinham progredido em direção às leituras com os níveis mais elevados, mas nenhum tinha cruzado a linha."

Dr. Neal folheou uma pilha de papéis até encontrar os que estava procurando. "Também estamos calibrando as máquinas, tanto antes dos testes, como entre os pacientes. As leituras de controle foram exatas. Trouxe-lhe uma cópia do relatório." Empurrou um volumoso monte de documentos para o coronel, que como era de prever, nem sequer o olhou. O doutor Neal sorriu, mas não disse nada.

Isto deixava nas mãos de Laurel a possibilidade de lhe lançar a luva. "Devo dizer que acho muito estranha sua reação a nossas conclusões,

coronel. Acreditei que se sentiria aliviado de saber que sua força de combate está preparada e em plena forma para enfrentar à contínua ameaça de invasão que sofremos. Entretanto, parece um pouco decepcionado.”

Possivelmente não deveria provocar aquele homem, mas sua atitude a colocou muito nervosa. E também estava nervosa em não saber onde estava Devlin e o que estava pensando. Tudo parecia ilógico. Ontem acordou feliz, junto a seu novo amante, até que ele acabou com seu bom humor. Deveria saber que ele tentaria fazer um sermão e dar ordens. Bem, tinha lhe mostrado umas coisas.

“Doutora Young, o que você acha?” A voz calma de Dr. Neal a fez retornar à reunião e deixar de lado a lembrança do que tinha acontecido no chão da sala de sua casa. Por sorte, o Dr. Neal repetiu a última parte da conversação. “O coronel Kincade pensa e eu estou mais ou menos de acordo, que deveríamos criar uma programação regular de exames para todos os Paladinos. Até agora, só os realizávamos quando considerávamos que havia uma causa justificada.” O doutor olhou a Laurel desconfiadamente. “Por exemplo, quando o senhor Bane demorou tanto tempo para voltar de sua última morte.”

Laurel olhou para suas mãos, examinando a ideia de vários ângulos diferentes. Sua antipatia pessoal pelo homem de Intendência não constituía uma razão legítima para rejeitar a sugestão.

“De início, tenho que concordar que a ideia pode ter algum mérito. Tudo dependerá do uso que lhe demos à informação. Esses homens já

se sentem ameaçados pelo teste, que todos nós podemos certamente entender." Bem, pelo menos ela podia. "Se for utilizar os exames para compreender melhor o processo evolutivo dos Paladinos com o passar do tempo, estou de acordo." Laurel fixou seu olhar sobre o coronel. "Mas se for para sustentar a prova sobre a cabeça dos Paladinos como uma ameaça, eu não tomarei parte no mau uso da informação médica de um paciente."

Kincade franziu o cenho e sua cara se voltou de uma interessante tonalidade de vermelho. Entretanto, antes que pudesse explodir, um guarda bateu na porta e em seguida, apareceu a cabeça.

"Desculpe-me interromper, Dr. Young, mas você tem uma chamada telefônica. Ela disse que era importante."

A oportunidade de escapar não poderia ter sido em melhor hora. "Senhores, se me dão licença." Laurel seguiu o guarda pelo corredor até a recepção.

Voltou a ocupar seu posto contra a parede, o que proporcionou a Laurel uma falsa sensação de privacidade. Quem podia chamá-la no trabalho? Normalmente, sua mãe a chamaria no celular. Embora fosse possível que a chamasse ali se tratasse de uma emergência. Seu pulso se acelerou enquanto desprendia o fone.

"Doutora Young falando."

"Encontre-me para almoçar em 10 minutos. Mesmo lugar de antes." O telefone ficou mudo logo que Devlin terminou de falar.

Laurel rangeu os dentes. Os homens e seus instintos ditatoriais! Não podia ao menos ter esperado pela resposta dela? Em vez disso, ela teve que ficar ali simulando manter uma conversa com um interlocutor imaginário, que se supunha era uma mulher. A quem Devlin tinha convencido para que telefonasse em seu nome e evitar assim que o guarda reconhecesse sua voz?

“Sim, obrigado por me avisar. Vou cuidar disso.” Laurel colocou o telefone de volta e sorriu ao guarda em sinal de agradecimento. “Estarei fora umas duas horas. Obrigado por me avisar da chamada.”

“De nada, Doutora.”

Laurel retornou a seu laboratório para deixar o jaleco e apanhar a bolsa. A cada passo que deu, debateu-se sobre obedecer ou não as ordens bruscas de Devlin. Se precisava dela, tudo o que tinha que fazer era lhe pedir que se reunisse com ele. Sem dúvida, tinha cortado a conversa para que ninguém pudesse adivinhar que ela estava falando com ele, em lugar de uma mulher anônima, mas isto não justificava a grosseria.

Bom, comeria com ele, mas lhe daria uma bronca a respeito das boas maneiras.

Laurel assinou o livro de saídas e deixou em branco à hora de volta, pois não tinha nem ideia de quanto tempo passaria com o Devlin. Se alguém precisava dela, podia chamá-la no celular. Saiu pela porta traseira para reduzir a possibilidade de que alguém se dessa conta de onde estava indo.

O sol estava brilhando, banhando a cidade com o calor. Era bom estar respirando ar puro e desfrutar do sol. Pena que Devlin tinha lhe dado um prazo tão curto. Caso contrário, ela teria levado uma rota mais indireta ao restaurante apenas pelo mero prazer de passear.

Gostaria de acreditar que Devlin tinha a convidado a comer porque sentia sua falta. Mas o mais provável era que queria lhe perguntar sobre os exames ou algum outro assunto relacionado com os Paladinos, e queria fazê-lo longe dos olhos e ouvidos curiosos de Intendência e Pesquisa. Se puder, ela o ajudaria, mas não se isso comprometia sua integridade como profissional.

Antes de abrir a porta do restaurante, Laurel se deteve para dar uma olhada rápida a ambos os extremos da rua. Não havia ninguém conhecido à vista. Quando um homem abriu a porta para sair do restaurante, ela aproveitou para entrar. Demorou um segundo ou dois para se acostumar à luz fraca, mas em seguida avistou Devlin quase imediatamente na mesma mesa que tinham compartilhado antes. De outro homem, teria pensado que tinha escolhido aquela mesa por razões sentimentais, mas Devlin sem dúvida a tinha escolhido porque estava em um local afastado e, ao mesmo tempo, permitia-lhe ver a porta.

Quando seu olhar se encontrou com o dele, seu coração saltou e desejou estar em um lugar muito mais privado. Avançou entre as numerosas mesas e cadeiras do local até onde a esperava seu amante. Pensar em Devlin como seu amante a emocionou, e esperou ali de pé junto à mesa até que se levantasse e a deixasse sentar-se a seu lado no banco.

Devlin a rodeou com o braço e a aproximou do calor de seu corpo. Quando Laurel se deu conta de que pretendia beijá-la, aproximou-se dele e, adeus ao sermão sobre as boas maneiras. A língua do Devlin se deslizou ao interior da boca de Laurel quase imediatamente, enquanto sua mão se apoiava detrás da cabeça dela no ângulo certo para poder beijá-la.

Laurel se agarrou a frente de sua camisa de flanela como se isso dependesse a sua vida enquanto a língua dele se deslizava dentro e fora de sua boca, fazendo-a querer puxá-lo para cima dela e terminar o que tinha começado.

Infelizmente, alguém pigarreou junto a sua mesa lhes recordando que aquele não era o lugar adequado para o que estavam fazendo.

Laurel se ruborizou e Devlin se separou dela enquanto seus olhos verdes despendiam brilhos de paixão e a olhavam fixamente. Laurel, envergonhada, desejou se esconder debaixo da mesa, mas Devlin a manteve a seu lado enquanto se voltava para falar com o garçom.

“Tomaremos duas cervejas escuras e duas pizzas pequenas, uma de vegetal com alcachofras e outra que leve de tudo.” Devlin olhou a Laurel com seriedade. “E você, será melhor que se controle.”

O garçom pôs-se a rir e se afastou com rapidez para a cozinha. Tendo em conta que Laurel estava a ponto de jogar a água de seu copo nele, ou no Devlin, o garçom fez bem em ir rápido.

## Capítulo 10

Devlin sabia que não devia ter a beijado daquela maneira, mas não era tão forte para resistir à tentação. O sabor de Laurel era doce, com um toque de temperamento quente que lhe dava um toque picante. Ele adorava. Não precisava ser um gênio para saber que a boa doutora não estava especialmente feliz com ele naquele momento. Sem dúvida, não apreciou seu brusco telefonema. Mas se o que queria eram palavras doces e maneiras elegantes, tinha escolhido o homem errado como amante.

Puxou seu cabelo de forma brincalhona. “Até que ponto está de saco cheio?”

Laurel entrecerrou os olhos. As olheiras sob seus olhos lembraram a Devlin que nos últimos dias não tinha sido fácil para ela. Possivelmente era um perfeito egoísta, mas não se arrependia de nada do que tinha acontecido entre eles.

“Da próxima vez que quiser algo, pergunte-me, você vai descobrir que não respondo bem às ordens. Volte e fazer isso e vai ficar esperando aqui, sentado, até que o inferno congele.” Laurel deslizou sobre o assento para colocar alguma distância entre eles. Devlin riu, enquanto

a puxava para perto dele novamente e a beijou. Lentamente, sua resistência derreteu e foi se encostando nele, que no momento estava feliz só em abraçá-la. “Agora que esclarecemos este assunto, por que chamou aqui em cima da hora?”

"Preciso de um motivo?"

“Sim precisa, especialmente quando me faz sair de uma reunião com meu chefe e coronel Kincade.”

Isso chamou sua atenção. “O que queria o imbecil do Kincade? Não ficou feliz que todos passaram em seus malditos exames?” Se suas palavras foram amargas demais, pior para ela.

“Não são ‘meus’ testes, Devlin. Além disso, como sabe que todos passaram?” O mau gênio voltou a aparecer nos olhos.

“Não se preocupe doutora, não invadimos seus arquivos médicos.” Embora, agora que pensava nisso, não era uma má ideia. DJ poderia fazê-lo sem deixar qualquer rastro. “A maioria dos Paladinos locais e alguns dos importados estiveram ontem em minha casa para cerveja com pizza. E não é surpresa que o assunto dos exames obrigatórios foi um tema de interesse para todos nós.”

“Hummm. Pelo visto, tiveram muito mais diversão que eu. Estive no laboratório até altas horas da madrugada analisando os resultados e redigindo os relatórios.” Laurel apoiou a cabeça no braço do Devlin e fechou os olhos. “Tenho uma vontade de ir cedo para casa esta noite!”

Ele desejava com toda sua alma estar ali a esperando, mas não seria sábio. Mesmo agora, não tinha muito tempo antes de precisar voltar ao

Centro para falar com seus companheiros. Se o garçom não se apresasse com o pedido, teriam que pedir pra levar. Devlin procurou o garçom com o olhar, que sinalizou indicando que seu pedido estava a caminho.

“Voltando para coronel Kincade...”

Laurel suspirou. “Quer os exames obrigatórios e em horário pré-determinado. Nenhuma decisão tinha sido tomada até a hora que saí.”

Droga, estava com medo de algo assim. "Acha que ele vai conseguir?"

“Não sei. Exames sempre foram decisões da Pesquisa e não da Intendência, mas Kincade esta sendo muito insistente. Além disso, depois do que aconteceu no outro dia, é possível que Regência fique do lado dele. Sei que todos odeiam os testes e os exames, mas se conseguimos determinar que parte de sua fisiologia permite que revivam e se recuperem de feridas tão horríveis, possivelmente possamos controlar os efeitos negativos que aparecem a longo prazo.”

“Estivemos muito bem durante séculos sem saber a causa.”

Laurel teve a coragem de rir. "Quem teria pensado que um cara grande, forte como você seria tão atrasado? Só porque algo é feito sempre da mesma maneira não quer dizer que esta seja a única forma de fazê-lo, ou mesmo o melhor. O que aconteceria se descobríssemos como melhorar os resultados dos exames e retardar o processo? Não vale a pena o sofrimento de alguns exames a mais?"

Talvez sim. Mas e se os resultados melhorassem, mas eles continuassem se tornando Outros sem aviso? E o Doutor Neal não tinha dito o que seus resultados tinham melhorado?

“O Doutor Neal mencionou algo a respeito de meus resultados?”

“Não, nós mal tivemos tempo de catalogar os resultados dos exames, não conferimos os relatórios ainda. Vamos fazer isso esta tarde. O que te disse?”

"Mencionou que alguns dos resultados lhe chamaram a atenção, que diminuíram em relação à verificação que fez no outro dia."

Antes que ela pudesse responder, o garçom apareceu com uma grande bandeja equilibrada em seu ombro. Deixou a comida sobre a mesa e por alguns minutos, eles se concentraram em sua refeição.

Devlin praticamente engoliu toda a sua pizza, bem como um pedaço da de Laurel. Teria gostado de ter tempo para passear com ela até o mar novamente, como antes, mas ambos tinham assuntos urgentes para tratar.

"Obrigado por ter vindo."

“Ainda não me disse por que me ligou.” Laurel limpou a boca com o guardanapo e o deixou sobre a mesa.

"Queria ter certeza de que estava tudo bem." Tinha providenciado para que Trahern a seguisse até o restaurante e na volta, para ver se alguém mostrava muito interesse em suas atividades. Sabia que podia contar com Trahern para protegê-la, mas seria uma longa espera até

que recebesse um telefonema dizendo que tinha chegado sã e salva ao laboratório.

“Há alguma razão para pensar que não estaria?”

Quanto deveria lhe contar? O suficiente para que seja mais cuidadosa, mas sem enviá-la gritando histérica para a sede para dar o alarme. Sua Guardiã não era fraca, mas só via o melhor nas pessoas. O fato de que acreditasse que os Paladinos podiam salvar-se mostrava quão inocente em realidade era.

Devlin deu uma rápida olhada aos clientes do restaurante para se certificar de que não havia rostos familiares.

"Há muita coisa acontecendo recentemente que não se encaixam. Estamos tentando resolver a situação, mas no momento temos mais perguntas que respostas."

"Perguntas sobre o quê? Já expliquei sobre os exames."

"Não, não é nada relacionado com isso. Tem havido alguma merda estranha acontecendo a nossa volta. Provavelmente não é nada, mas estamos sendo mais cautelosos em algumas coisas." Como não confiar em qualquer um dos guardas ou Kincade ou mesmo na Pesquisa. Até que descobrissem quem estava tratando com os Outros, todo mundo era suspeito, exceto os Paladinos e a mulher sentada ao lado dele.

"Você não está me contando tudo." Não era uma pergunta.

Devlin deu de ombros. Sua mulher tinha uma tendência a se atirar em moinhos de vento. Se acreditasse, por um minuto apenas, que alguém

dentro da organização era corrupto, não descansaria até alertar a todos. E fazer isso seria o mesmo que pintar um alvo nas costas. "Não, eu não estou."

Ela o olhou diretamente em seus olhos tentando descobrir seus segredos. "Prometa-me que quando puder vai me contar."

Devlin assentiu com a cabeça e para sua surpresa, ela lhe deu um beijo. O sabor do orégano e cerveja negra tinha substituído ao picante de seu sabor, mas a paixão era a mesma. Ardente, doce e ambos sabiam disso. Finalmente, um deles mostrou o bom senso de terminar o beijo. E Devlin tinha certeza de que não foi ele.

"Tenho que voltar para laboratório." Seus lábios estavam inchados e também extremamente tentadores.

"Deveremos sair separados." Laurel não estaria sozinha, mas Devlin não disse isso.

"Te vejo mais tarde?" Havia uma sombra para os olhos escuros, porque ela já sabia a resposta.

"Não."

Ela colou um sorriso brilhante. "Bem, então, foi um prazer, Sr. Bane. Obrigado pelo almoço."

Se levantou do banco para deixá-la sair, desejando com todas as suas forças não precisar fazê-lo. Mas ela tinha obrigações e ele também. Mas, se tivesse uma oportunidade, deixaria tudo de lado para passar outra noite na cama de Laurel.

Laurel deve ter percebido a direção que seguiam seus pensamentos, porque lhe ofereceu um desses misteriosos sorrisos femininos, o tipo de sorriso que faz os homens caírem de joelhos.

Devlin deu meio passo para trás antes de perceber o que estava fazendo e Laurel sorriu abertamente.

“Galinha!” Então muito atrevida lhe deu um tapinha no rosto e passou em direção a porta.

Como se isso não bastasse, acrescentou um pouco de balanço extra a sua caminhada. Devlin tentou convencer-se de que, em benefício de Laurel, deveriam limitar sua relação ao sexo quente, algumas risadas e nada mais. Mas quando lhe deu um último e doce olhar da porta, sabia que isso não ia acontecer.

Amaldiçoando baixinho, tirou o celular do bolso e apertou um dos números de sua discagem rápida. “Acaba de sair. Mantém informado.”

Devlin tinha convocado aos Paladinos que conhecia melhor e nos que mais confiava. Depois de anos lutando juntos contra um inimigo comum, eram como irmãos, cada um como uma arma afiada contra a escuridão. Flexionou a mão da espada, desejando ter uma ideia melhor do que enfrentavam. Um malandro oportunista acabaria por escorregar e eles o pegariam. Mas se o traidor estivesse enraizado profundamente dentro dos Regentes, quem saberia até que degrau do alto comando chegava?

A porta de seu escritório se abriu e seus amigos entraram. A menos que o coronel Kincade escolhesse aquele momento para realizar uma

de suas visitas inesperadas, ninguém daria a mínima se Devlin e seus amigos queriam ficar juntos. Frequentemente se reuniam em seu escritório para conversar.

DJ se sentou em uma cadeira próxima e apoiou as botas em cima da borda da mesa de Devlin. Cullen fez o favor ao Devlin de voltar a pôr os pés do DJ no chão. Embora Devlin agradecesse seu gesto, ambos sabiam que era inútil. DJ não sentia o menor respeito por suas próprias coisas, muito menos a dos outros. Suas gastas botas de combate estariam arranhando a superfície de madeira da mesa em poucos minutos.

Trahern foi o último a entrar, fechando a porta em silêncio. Como de costume, ficou apoiado na parede, tão longe dos outros quanto possível. Não falaria muito durante a reunião, mas, quando fizesse, o escutariam com atenção. Tinha um talento especial para ver através da mentira e ir diretamente ao ponto.

DJ levantou a mão como uma criança querendo a atenção da professora. "Quer nos dizer por que nos arrastou aqui, Dev? Tinha planejado passar a tarde fazendo uma pesquisa."

Cullen bufou. "Você quer dizer que estava indo para invadir o sistema de segurança de algum outro pobre bastardo, para promover possibilidades de negócios para o seu novo programa."

"Prefiro pensar nisso como fazer pesquisa de mercado." A expressão inocente de DJ não enganou a ninguém.

Devlin tentou não rir, mas não conseguiu. "Desculpe, DJ, mas não vai ter tempo para isso hoje. Tenho algumas pesquisas e quero que você faça isso por mim."

O sorriso de DJ se tornou predatório. "Mais informações sobre a Guarda? Eu verifiquei a maioria dos integrantes e não vi nada. Bando de ferrados escoteiros."

"Amplia a sua pesquisa e repita diariamente. Alguma coisa vai aparecer eventualmente."

Devlin se sentou na beirada da mesa e encontrou o olhar de cada um dos seus amigos. Estes eram os homens que ele confiaria sua vida, e mais importante, também lhes confiaria à vida de Laurel.

"Todos conhecem parte do que vou dizer, mas vou começar do início para acertar os detalhes." Fechou os olhos por alguns instantes para colocar em ordem seus pensamentos. "A última vez que morri, mãos humanas estavam empunhando a espada. É por isso que o DJ está verificando os registros bancários da Guarda. Alguém tinha que ter um bom motivo para vir atrás de mim. Como não conheço nenhum guarda que tenha algo pendente comigo, suponho que a motivação é o dinheiro. Espero que sim, porque isso nos daria a chance de pegá-lo."

"Vou investigar as contas quando acabar a reunião." DJ começou a colocar os pés de volta em cima da mesa, mas um olhar frio de Devlin o parou. DJ sorriu envergonhado e endireitou-se.

Devlin retomou sua explicação. “Realmente não vi ninguém, mas meu instinto me diz que alguém esteve me seguindo, tanto abaixo nos túneis, como nas ruas.”

Seus amigos não questionariam sua confiança em seus instintos. Nenhum deles teria vivido tanto sem um instinto de sobrevivência altamente desenvolvido.

Cullen falou por todos. “Tem que ter coragem. Esse bastardo estúpido já deve saber que é um homem morto. Qualquer um de nós adoraria estripá-lo com uma lâmina cega pelo que tentou fazer.”

"É por isso que acho que deve haver uma boa quantidade de dinheiro por trás do ataque. Eles teriam que fazer valer à pena o risco. Mas há mais por trás disso do que alguém que está chateado comigo. Esta manhã, DJ recebeu os resultados do teste de seu amigo em Pesquisa. As bolsas que encontramos tinham vestígios de pó azul nelas. Parece que isto veio do outro lado da barreira porque não há nada parecido na Terra."

"Sim" DJ concordou. "Meu amigo não pode fazer uma análise completa devido a pouca quantidade de pó azul que estava nas bolsas. Ele acredita que se trata de algum tipo de granada, exceto que eles não são azuis em nosso mundo. Ainda não sabemos para que servem. Vamos precisar de mais do que pó para descobrir isso."

Devlin andava sem parar da parede onde estavam penduradas suas armas até o outro lado da sala. "Algo tem me incomodado desde que encontramos as bolsas, e finalmente descobri o que era. A primeira vez que voltei para os túneis depois de minha última morte, encurralei dois

Outros perto da superfície. Pareceram muito surpresos ao ter que lutar. O mais velho ainda me perguntou por que eu estava lá, porque eles já tinham pago. Alguém está dizendo aos Outros que eles podem acessar livremente à superfície se pagarem um bom suborno. Em seguida, o filho da puta doente nos solta para limpar sua bagunça. Não é à toa que tantos dos Outros cruzaram a barreira ultimamente."

O nível de tensão na sala estava subindo a cada minuto. Paladinos não eram sempre homens simpáticos, mas até o último deles era um homem de honra. Para eles, arriscar a segurança do mundo em benefício próprio era impensável. Quem estava operando nos bastidores tinha muito pelo que responder.

"Neste momento, as leituras são estáveis, mas Monte St. Helens tem cuspidando vapor e cinzas com bastante frequência. Da próxima vez, poderá ser crítico, quero que estejamos nos túneis muito antes que o vulcão entre em erupção, para pegar quem matou os guardas e abriu as bolsas antes que tenha a chance de fazê-lo novamente."

"Acha que é a mesma pessoa que esta te seguindo?" Perguntou Cullen.

"Não há como saber com certeza, mas faz sentido. Parece-me que quem faz o trabalho sujo cobra por sua vontade de matar, não por seu cérebro. Alguém pensa por ele." Devlin cruzou os braços.

"Então, o que fazemos?" Perguntou Cullen com os olhos entrecerrados e um sorriso sombrio. "Além de matar a esse filho da puta, claro."

“Também quero vê-lo morto, mas também precisamos de mais informações.” Devlin levantou uma mão e começou a destacar com os dedos. “Primeiro, precisamos encontrar o rastro do dinheiro, porque é onde vamos encontrar o maior número de respostas. Em segundo lugar eu quero encontrar algumas dessas pedras azuis para testar. Uma vez que sabemos para que servem, vamos ter uma ideia melhor sobre quem as quer. Finalmente, quero em minhas mãos o pequeno bastardo que está atrás de mim.”

Devlin olhou ao Trahern. Não tinha intenção de mencionar a Laurel, mas era culpa dele que ela estava envolvida. Por outro lado, ela não gostaria de ter seu nome ligado com o dele, ao menos não na frente dos outros paladinos.

Trahern entendeu o que ele estava pedindo e encolheu os ombros. “Então, quer que eu conte o resto ou você quer fazer isso?”

Não, porra, ele não queria. “Talvez seja melhor, já que foi você quem encontrou as provas. Vou preenchendo todos os furos quando tiver terminado seu relato.”

Cullen e DJ voltaram-se para olhar ao Trahern. “O resto do quê?”

“Alguém esteve espiando a doutora Young.”

“Como você sabe?”

“Encontrei uma pilha de bitucas de cigarro atrás de uma lixeira. O local dá-lhe a visão perfeita da porta da frente da casa dela.” Os olhos claros do Trahern se obscureceram até adquirir o tom do aço. “Também encontrei bitucas da mesma marca do outro lado da rua, perto de um

ponto de ônibus. Muitas bitucas para alguém esperando um ônibus que passa a cada meia hora.”

Cullen foi direto ao ponto. "E você passou a ficar vigiando sua porta por quê?"

Trahern manteve os olhos em Devlin, sua expressão cuidadosamente em branco. "O dia que ela desconectou aquele Paladino, Devlin foi a sua casa para ver como estava lidando com isso. Achamos que alguém o seguiu. É possível que algum sem teto durma ali todas as noites e que as bitucas sejam dele, mas duvido. Tanto Devlin e eu achamos que o cara vai atrás do Devlin e esperava apanhá-lo saindo da casa da Doutora Young.”

Cullen virou sua atenção para Devlin. “Voltou para a casa da Doutora? Quantas vezes?”

Devlin reprimiu a vontade de xingar alto e em bom som. Cullen tinha conseguido concentrar vários níveis de questões nessas poucas palavras, as respostas não eram de sua maldita conta.

“Isso não importa. A Doutora não merece sofrer nenhum dano só porque nos conhecemos.”

"Então o que vamos fazer a seguir?"

"Não podemos fazer muito sobre as pedras azuis até que a pressão aumente e a barreira volte a flutuar. Tal como foram às coisas ultimamente, isto poderia ser a qualquer minuto. Quanto a meu problema, Trahern e eu planejamos levar ao escorregadio bastardo em uma alegre perseguição."

DJ endireitou-se como um cão de caça que avistou uma presa. “E a doutora Young? Ficaria feliz em protegê-la. Se não lhe importa que você fareje a seu redor, possivelmente também me deixasse consolá-la.”

O temperamento de Devlin explodiu com fúria. Levantou DJ da cadeira por sua camisa e lhe deu um murro no estômago com toda a sua força. "MOSTRE-LHE RESPEITO OU VOU CHUTAR O SEU TRASEIRO SEM VALOR DO CAIS MAIS PRÓXIMO." Depois lhe deu um empurrão e DJ caiu se retorcendo de dor.

Devlin deu um passo para trás para olhar para Cullen. "Todas as perguntas respondidas?"

"Ah, diria que não".

Trahern riu com voz rouca e levantou as mãos simulando rendição. “Já me deu esse sermão.”

“Ok, então, mãos à obra. Não expliquei à doutora Young sobre as nossas preocupações, porque cada pensamento que tem, atravessa seu rosto como uma porra de um outdoor. Se lhe dissesse para ter cuidado com os guardas, ficaria nervosa quando estivesse perto deles e avisaria ao filho da puta. E não posso começar a aparecer para levar seus livros para casa todas as noites, como um colegial apaixonado, sem causar todos os tipos de complicações.”

"Então onde isso nos deixa?" declarou DJ com voz dolorida quando conseguiu sentar-se.

"Tanto quanto possível, ela deve ter um acompanhante. Mas sem que ela saiba." Devlin ofereceu a mão ao DJ para ajudá-lo a levantar-se em sinal de reconciliação. "Poderíamos vigiá-la em duplas e por turnos. Trahern vigiará sua casa esta tarde. Vou segui-la para casa. Vocês podem fazer o mesmo amanhã."

"Por mim tudo bem" disse Trahern. "E se não se importa, pedirei a alguém, que me deve alguns favores para ver o que pode descobrir."

Devlin franziu a testa. "Tem certeza que pode confiar nele?"

"Com a minha vida." Trahern o olhou nos olhos sem sequer piscar.

"Isso é bom o suficiente para mim."

"Muito bem. Se não precisa de mim para mais nada, estou saindo." Trahern desapareceu pela porta, com DJ mancando atrás dele, ainda esfregando o estômago.

Cullen ficou para trás até que foram embora.

"O quê?" Devlin sabia que sua pergunta soava agressiva, mas Cullen estava acostumado a isso.

"Estava pensando que a doutora Young não é seu tipo habitual."

"Que diabos significa isto? Não sabia que tinha um tipo." Devlin se preparou para dar um murro a outro de seus amigos.

"Em geral, limitamos a nossa escolha de mulheres às que já estiveram por aqui uma ou duas vezes e não esperam mais que passar um bom

momento conosco, especialmente na cama. Mas Laurel Young não é assim. É muito boa para gente como nós."

Devlin sabia e inclusive estava de acordo, mas isso não queria dizer que aceitasse que Cullen esfregasse em seu nariz.

"Mantenha as suas opiniões para si mesmo." Arrumou os pés no chão. "O que há entre ela e eu não está em discussão, nem mesmo com você. Talvez especialmente com você."

O que faltava ao Cullen em tamanho mais do que compensava em pura obstinação quando se tratava de lutar. Já tinham brigado antes, mas nunca suja o suficiente para machucar um ao outro.

Devlin tinha a sensação de que isto estava a ponto de mudar.

Cullen se afastou para ter mais espaço para manobrar. "Isso é besteira, Devlin, e sabe disso. Se abrir suas calças, ela ouvirá os sinos do casamento e sonhará com bebês com sua cara feia"

"Cale a boca, Cullen. Você não sabe o que está falando." Seu rosto ficou vermelho.

Cullen ficou boquiaberto. "Oh inferno, vocês dois já fizeram."

Isso fez explodir. O punho esquerdo do Devlin que fechou a boca do Cullen, que foi tropeçando vários passos para trás. Devlin o seguiu, mas antes que pudesse conseguir um nocaute, Cullen o derrubou com alguns bons murros. O desgraçado era escorregadio como uma serpente e combinava as artes marciais com luta de rua. Em poucos momentos, o sangue caía pelo rosto do Devlin de um corte em sua

sobrancelha direita. Cullen não estava se saindo muito melhor, mas ainda estava dançando de um pé para o outro.

"Vamos lá, pode fazer melhor que isso."exclamou Cullen.

Devlin arremeteu contra ele e o lançou sobre uma cadeira que rachou sob o impacto dos dois homens. Ambos caíram arrastando com eles um abajur e uma pequena mesa. Devlin tinha Cullen aprisionado sob seu corpo e estava prestes a bater-lhe a cabeça contra o chão de madeira quando os restos esfarrapados de sua consciência lhe conteve a mão. Respirando pesadamente, rolou para o lado e tentou controlar-se. Cullen permaneceu onde estava durante uns segundos e depois, sentou-se com lentamente.

"Entendi mal, hein?" Cullen sorriu, enxugou uma gota de sangue de sua boca com a manga da camisa e comprovou se os dentes estavam soltos.

Desta vez Devlin não se incomodou em negar. "Ela me amarrou com nós tão fortes que deixaria qualquer marinheiro orgulhoso, mas não quero falar disso. Nossa relação não vai a nenhuma parte, nos dois sabemos disso."

"Está bem. Bom, tenho que ir ajudar ao DJ com sua espionagem."

Devlin ficou de pé lentamente, fazendo uma careta quando suas costelas machucadas protestaram. Ao menos, não acreditava que estivessem quebradas. Ele riu quando Cullen soltou uma série de maldições, enquanto tentava mover-se lentamente o suficiente para evitar a dor. Não funcionou.

“Enquanto brincam de hacker, veja o quão difícil é entrar em nossos arquivos médicos sem deixar um rastro.”

Cullen sorriu. A briga já estava esquecida. “Se esquece com quem está falando? Tenho certo talento para entrar e sair de lugares fechados na rede, mas DJ é a porra de um gênio. Quer algo em particular?”

“Não, só quero saber se podemos fazê-lo. O coronel Kincade não está contente com os resultados dos nossos exames e não me surpreenderia que tentasse alterar alguns. Vale a pena manter um olho nele.” Devlin baixou a voz. “Especialmente o do Trahern.”

“Vou fazer. Tome cuidado, Devlin. E deixe-me saber se há algo que possa fazer para ajudar.” Ele mancou para a porta. Pouco antes de ele sair da sala, olhou para trás, com os olhos cheios de simpatia. “Acho que estou com ciúmes, bastardo sortudo. A mantenha segura. E se você machucá-la, vamos continuara briga de onde paramos.”

“De acordo.” Se a situação fosse inversa, seria o primeiro na fila para começar a balançar os punhos.

Devlin olhou para sua mesa e a pilha de documentos empilhados. Além disso, tinha também todos os e-mails para responder. Em lugar de ficar e trabalhar, decidiu que tinha tempo para comprovar como estava Lonzo antes que Laurel sair do trabalho. Além disso, deu-lhe uma razão legítima para estar na área. Satisfeito com seu plano, saiu de seu escritório e fechou a porta atrás de si.

\* \* \*

Tinha que fazer algo e logo. Toda vez que tocava o telefone, levava um susto de morte. O homem tinha sido paciente até este ponto, mas não iria ficar assim por muito tempo. Não tinha indicado mencionado um prazo, mas ninguém oferecia tanto dinheiro por um trabalho sem esperar que lhe dessa prioridade.

Por sorte, finalmente tinha lhe ocorrido um plano para acabar com o Devlin Bane. Se Laurel Young fosse sequestrada, Bane iria até o inferno para tentar salvá-la, mesmo que isso significasse que desta vez, quando morresse ficaria bem morto.

Seu cigarro se queimou até ficar só a bituca. Deixou-a cair no chão e a apagou com o sapato. Estava escuro demais para arriscar a acender outra. Antes de atrair a sua presa para fora de casa, tinha que cuidar de um pequeno problema. Não sabia o que tinha levado Trahern a montar guarda nos arredores da casa de Laurel, mas a última coisa que queria era que aquele bastardo meio louco fosse atrás dele com a morte no olhar.

Assim tinha preparado uma pequena distração para o Trahern. Não enganaria o homem durante muito tempo, mas o obrigaria a revelar sua posição. Embora não podia competir com um Paladino como Trahern, tinha muito boa pontaria. Era pouco provável que Trahern se

recuperasse de um tiro na cabeça. Mas, mesmo se o fizesse, estaria fora de combate o tempo suficiente para o resto do plano ter sucesso.

Comprovou o estado do rifle e da mira. A lente de visão noturna proporcionava a seu entorno uma tonalidade artificial, mas lhe permitia perceber muito mais detalhes que a de visão normal. De sua posição no telhado do edifício situado em frente ao da Doutora Young, dispunha de uma visão clara de tudo o que se aproximasse de sua casa. Seu celular vibrou, dizendo-lhe que o próximo passo no plano estava prestes a ser colocado em movimento. Acomodou-se no telhado e esperou que o espetáculo começasse.

\* \* \*

Deus, como estava cansada. Quanto tempo sem dormir profundamente uma noite inteira! Depois de trancar a porta, tirou os sapatos e deixou a bolsa em cima da cadeira mais próxima. Além disso, sentia falta de Devlin. Claro que, se estivesse ali, não dormiria muito, mas esse era um sacrifício que estaria disposta a fazer.

Devlin lhe havia dito que não iria vê-la hoje à noite, e acreditou no pesar que percebeu em seus olhos verdes tanto como em suas palavras. Embora ela não tivesse muita experiência, uma mulher sabia quando um homem a queria. Ainda sentia o calor de seu olhar quando ela se voltou no restaurante para lhe sorrir.

Entrou na cozinha para se servir de um pouco de chá gelado. Um copo de vinho soava melhor, mas ainda tinha que fazer algumas coisas antes de encerrar o dia. O jantar estava previsto para ser entregue em mais ou menos, meia hora. Até então, vestiria seu shorts de flanela preferido e uma camiseta folgada.

Talvez colocasse um filme para assistir enquanto jantava; algo romântico e suave.

Esperou na sala a chegada do jantar. Sua mãe se horrorizaria se soubesse que raramente cozinhava. Sabia cozinhar, claro. Sua mãe se encarregou de que aprendesse, porque se esperava que uma mulher cozinhasse para sua família. Entretanto, estudar durante doze horas por dia na faculdade de medicina e trabalhar ainda mais agora no laboratório, deixava pouco tempo livre para as tarefas domésticas.

A campainha tocou. Depois de comprovar que se tratava do entregador, abriu e entregou um cheque em troca de uma sacola com várias caixas brancas. O aroma de soja e alho fez sua boca encher de água.

Colocou a bolsa em cima do balcão, para pegar o prato e talheres. Mas antes que tirasse as caixas da sacola, a paz e a tranquilidade foi destruída por gritos e o barulho de metal se amassando. A adrenalina fez que saísse de sua casa e corresse para o lugar do acidente antes que percebesse o que fazia. Podia prestar os primeiros socorros até que chegasse uma ambulância.

Pelo estado do pequeno carro importado, que estava esmagado contra o prédio do outro lado da rua, não teve nenhuma dúvida de que haveria

algum ferido, possivelmente mais de um. Laurel correu de volta para seu apartamento para pegar a maleta de médico em seu armário do corredor.

Teve que realizar várias manobras para abrir espaço através da confusão de pessoas. Concentrada como estava em seu objetivo, não percebeu que não estava mais sozinha. Quando passava junto a uma lixeira, uma mão grande a agarrou seu braço e a arrastou para um beco. Antes que pudesse fazer mais que dar um grito indignado, outra mão lhe tampou a boca.

“Não grite Laurel. Sou eu. Preciso de você.”

O sussurro áspero de Devlin no seu ouvido a deixou mole e tremendo. Assentiu com a cabeça para que a soltasse e depois se virou disposta a dizer umas boas.

“Está louco? Me deu um susto de morte! Mais uma vez!” Então se lembrou do acidente. “Tenho que ir ver se ha alguém ferido.”

Devlin bloqueou seu caminho. “Preciso de você mais aqui.”

"Alguém pode estar morrendo lá fora."

Devlin parecia sombrio. "Sinto muito, mas a ambulância chegará lá a qualquer momento. Trahern não pode esperar."

Devlin tinha razão, o som da sirene aumentava por momentos.

"Trahern está ferido? Não recebi nenhum telefonema."

“Não teria como. Está aqui, no beco.” Devlin a pegou pelo braço e a puxou para o fundo do beco. “Ele levou um tiro. Nós não podemos deixá-lo morrer.”

Laurel deixou de pensar no acidente de carro e se concentrou em seguir Devlin lamentando não ter colocado os sapatos antes de sair. O beco estava relativamente limpo, mas as pedras e demais objetos que havia, faziam doer para andar.

Quando tropeçou pela segunda vez, Devlin finalmente percebeu qual era o problema. Sem deixar de caminhar, a pegou em seus braços e a levou até o outro extremo do beco, onde ela podia ver as pernas de Trahern esparramado no chão atrás de algumas caixas. OH, Deus! Não estava se movendo. O medo que experimentou por ele a queimou ácido. Quantas vezes mais ele poderia morrer e voltar humano?

Não muitas.

## Capítulo 11

Devlin a colocou no chão, em seguida, achatou uma das caixas para que ela pudesse ajoelhar-se em cima. Laurel se agachou junto ao Trahern, temendo por sua vida. Uma mancha de sangue se estendia pelo lado direito de sua camiseta e tinha formado um atoleiro no chão ao lado dele. Checou seu pulso e ficou aliviada ao descobrir que era constante. Trahern abriu os olhos.

“Doutora?” Perguntou enquanto fazia uma ameaça de se sentar.

Laurel apoiou as mãos nos ombros do Trahern e o empurrou com suavidade para trás. “Sim, Blake, sou eu. Tente não se mover até que verifique o quanto esta ferido.”

Tentou levantar a sua camiseta, mas estava presa no sangue, que já se estava secando. Tirou um bisturi da maleta para cortar o tecido, mas era muito lento.

“Devlin, preciso de sua faca.”

Uma lâmina de aparência mortal surgiu na frente de seu rosto. “Não faça nenhum corte, Laurel. Precisamos sair daqui antes que um desses

policiais que estão na rua decida ficar curioso. Nós não precisamos desse tipo de problema."

"Eu posso andar." Trahern tentou mais uma vez se erguer do chão.

"Fique quieto! Mova-se assim de novo e provavelmente se cortará com a faca. Isso não é o que precisa agora."

Laurel conseguiu cortar uma parte da camiseta e ver a ferida com mais clareza. Normalmente, tratava os Paladinos de feridas provocadas por lâminas, mas essa foi feita por uma arma de fogo. A bala tinha feito um corte profundo no abdômen do Blake.

Devlin olhou a ferida por cima do ombro de Laurel. "É grave?"

"Sangra muito, mas não é uma ferida mortal."

Laurel pegou vários pacotes de gazes de sua maleta e as usou para fazer uma bandagem improvisada e usou esparadrapo para fixá-lo no lugar. Quando tirassem o Trahern dali faria um trabalho melhor cuidando do ferimento. Agora, os dois homens estavam tensos com a necessidade de sair do beco. Não que os culpasse, também se sentia muito exposta naquele lugar.

"A bandagem agüentará até levá-lo para dentro." Laurel se levantou.

Devlin estava em pé, de costas para a parede, uma arma de aparência desagradável na mão. Sempre parecia perigoso, mas esta foi a primeira vez que via a expressão de luta no seu rosto. Estava assustador, mesmo sabendo que estava protegendo a ela e seu amigo ferido.

"Uh, Devlin, Já podemos ir."

Devlin observou a Laurel e depois baixou a vista para o Trahern. "Fique aqui até que verifique a rua."

A polícia ainda estava investigando o acidente. A última coisa que precisavam era passar junto a eles levando um Trahern ferido, com a camiseta ensanguentada e em pedaços. Enquanto Devlin procurava uma rota segura, Laurel deslizou o braço em volta dos ombros de Trahern e o ajudou a sentar-se. Nenhum dos Paladinos mostrava que sentia dor, mas seu rosto estava encharcado de suor e mordeu o lábio para não gemer.

Laurel odiava e admirava ao mesmo tempo o estoicismo dos Paladinos. "Vá em frente e xingue se ajudar, porque em pé vai doer ainda mais."

Trahern não perdeu seu tempo falando até que se levantou. Enquanto Laurel recolhia seus suprimentos médicos, Trahern se apoiou na parede e fechou os olhos. A julgar por sua palidez, o único que o mantinha em pé era somente sua obstinação. Não podia limpar o sangue do chão, mas a tampou com a caixa para escondê-la á primeira vista.

"Vamos?" Laurel passou o braço de Trahern por cima de seus ombros e o ajudou a caminhar pelo beco. Não tinham dado mais que uns passos quando Devlin retornou. Imediatamente segurou o Trahern pelo outro lado.

"Quase todo mundo ainda está reunido ao redor do carro acidentado. Demorei porque queria verificar a situação sobre o carro enquanto tinha uma chance. Parece que não havia ninguém dentro. O proprietário está histérico porque a polícia está acusando-o de negligência por deixar o carro em ponto morto e sem o freio de mão. O proprietário jura que sempre deixa o freio fixado e que alguém tinha que ter mexido no carro. Os policiais não acreditam na sua versão porque o carro estava trancado. Qualquer pessoa que tentasse abrir sem a chave, teria disparado o alarme."

Trahern sacudiu a cabeça. "O acidente estava programado para esconder o som do tiro."

"Isso é o que estou pensando, também." Devlin ficou de lado para se colocar entre Trahern e a multidão que estava um quarteirão mais à frente. "Não posso apoiá-lo assim enquanto estamos em campo aberto. Se o filho da puta tentar disparar novamente preciso me mover com rapidez."

Laurel sentiu que Trahern passava parte de seu peso para os ombros dela. "Desculpe doutora, mas só conto com você."

"Vamos lá, garotão, vamos atravessar a rua."

Começaram a avançar novamente, encontrando seu ritmo. Suas longas pernas davam um passo pra cada dois dos dela, mas conseguiram se adaptar um ao outro. Quando chegaram à calçada, viraram as costas para o tumulto provocado pelo acidente e se dirigiram à casa de Laurel.

Devlin bloqueou seu caminho. "Por que a porta está totalmente aberta?"

"Provavelmente não fechei ao sair. Quando ouvi o choque, saí correndo e depois voltei para pegar minha bolsa médica."

"Esperem aqui." Devlin tinha sua arma na mão quando desapareceu dentro de sua casa. Não demorou muito tempo para verificar o lugar.

"Tudo limpo." Ele colocou a arma no cinto na parte de trás da calça e pegou Trahern. "Onde quer que o deixe?"

"O quarto de hóspedes, ali estará bem."

Trahern rosnou: "Pare de falar como se não estivesse aqui. Leve-me para o banheiro e me deixe em paz. Assim que me lavar, vou sair daqui." Trahern franziu a testa para Devlin. "Vou precisar de roupa limpa para colocar. Andar assim pela rua pode chamar a atenção."

Era inútil discutir com o Trahern. Laurel o conhecia bem o suficiente para saber que não cairia por uma ferida como aquela. "Tenho uns pulôveres de homem que podem te servir. Enquanto vou buscá-los, Devlin se certifique que a ferida fique bem limpa e com bastante anti-séptico." Laurel tirou um frasco do Betadine e uma pomada antibiótica de uma gaveta. "As ataduras estão no outro lado e há panos e toalhas limpas no armário da roupa."

Enquanto os dois homens reuniam os artigos necessários, Laurel procurou no armário os pulôveres que seu irmão tinha esquecido na sua última visita. Não era tão corpulento como Devlin ou Trahern, mas serviriam até que Trahern chegasse a sua casa.

Entregou os pulôveres ao Devlin e depois os deixou sozinhos de novo. Foi à cozinha para esquentar o jantar. Quando Trahern e Devlin entraram, já tinha três pratos na mesa e a comida pronta. "Sentem-se e comam. E antes que discuta isso, Blake Trahern, lembre-se que sou sua médica. Sei que você é muito duro, mas ou come, ou chamarei o laboratório para que venham te buscar e o coloquem em observação." Sem dúvida faria isso. A adrenalina da crise já estava começando a sumir e queria respostas a algumas perguntas antes de deitar-se.

Nenhum dos homens se preocupou em discutir. Devlin tomou o lugar à sua direita. "Parece que pediu um monte de comida para uma pessoa."

Senhor salva-a de um homem ciumento. "O pulôver é do meu irmão, Devlin e acontece que gosto de comida chinesa. Costumo pedir o suficiente para duas ou três refeições. Economiza as taxas de entrega."

Os dois homens começaram a engolir a comida como se não houvesse amanhã, provavelmente porque sabiam que ela queria fazer as perguntas e nenhum deles queria ter que responder. Laurel os deixou comer em silêncio dando-se tempo para ver a situação de vários ângulos diferentes. O que tinha ocorrido?

Quando começaram a comer mais devagar, Laurel colocou seu prato de lado e se inclinou para frente. "Tudo bem, senhores, chegou a hora de algumas respostas."

"Olha, tenho que ir, enquanto ainda posso andar." Declarou Trahern. A cor de sua pele tinha melhorado muito, mas a dor se mostrava nas linhas de tensão em sua boca.

“Não até que eu...”

Devlin a interrompeu. “Vamos, lhe dê uma pausa. Olhe, vou chamar ao DJ para levar o Blake para sua casa e vai ficar de olho nele. Mas enquanto esperamos, você prepara suas coisas.”

“Minhas coisas? O que está falando?”

Mas Devlin tinha virado as costas enquanto digitava o número de DJ. Alguma coisa estava acontecendo, algo que nem um dos homens queria falar. E seja qual for o seu problema, agora a envolvia. Afinal de contas, como é que Trahern levou um tiro no beco tão perto de sua casa? E também tinha o pequeno detalhe de que Devlin convenientemente estava por ali para salvar seu amigo.

Oh, sim, o homem tinha muito a responder, mas poderia esperar até que estivessem sozinhos.

"Ei, Doutora, tem alguma coisa que poderia me dar para a dor? Talvez duas aspirinas?"

Não podia recusar o pedido de Trahern, mas suspeitava que ele estava apenas tentando distraí-la. "Vou pegar para você."

Quando voltou do banheiro, a porta da cozinha para a garagem estava aberta, Devlin e Trahern tinham desaparecido. Prestou atenção e ouviu que falavam baixinho na garagem. Um carro parou na porta. Zangada por ter caído na armadilha do Trahern, tomou a aspirina, imaginando que tudo o que Devlin tinha que dizer certamente lhe daria dor de cabeça.

Para manter-se ocupada, limpou os restos de seu jantar e colocou as sobras na geladeira. Quando estava colocando o último prato na lava-louça, ouviu passos na garagem.

Mais uma vez, seu pulso acelerou.

Possivelmente, atraindo Devlin até a sua cama, não poderia evitar suas perguntas. Esta idéia a agradou em vários sentidos, embora não quisesse pular em cima dele assim que entrasse, o deixaria fechar primeiro a porta.

Devlin entrou com olhar decidido. Ela se manteve firme, disposta a seduzi-lo e esperava não ser a única que não podia esperar até que ficasse nu. Mas um olhar para a expressão em seu rosto lhe disse que tinha outros planos para os dois. Parou bem perto dela. "Onde está sua mala?"

"Não respondo bem às ordens, Senhor Bane."

"Olhe Laurel, não tenho tempo para isto. Precisamos dar o fora daqui."

Suas palavras a atingiram como um balde de água fria. Poucas coisas assustavam a homens como Devlin, mas naquele momento havia muita tensão em sua mandíbula.

"Por quê? O que é o que não está me dizendo?"

Devlin passou a mão pelos cabelos com frustração. "Confie em mim o suficiente para fazer o que peço. Vou explicar mais tarde, mas agora não está segura aqui. Vá arrumar roupas suficientes para vários dias."

Não estava prestes a sair correndo de sua casa sem uma boa razão. Cruzando os braços sobre o peito, se preparou pra esperar essa razão. "Não vou a lugar nenhum até que me diga o que está acontecendo."

Devlin se aproximou tentando intimidá-la com sua altura. "Não discuta, Laurel. Basta fazer isso ou eu vou arrumar suas coisas por você e carregá-la para fora daqui em meu ombro. Quando estivermos em um lugar mais seguro, vou explicar, mas agora não dá tempo."

Laurel não duvidou que ele quisesse dizer cada palavra. "Está bem, farei do seu jeito."

Quando passou marchando do seu lado no caminho do quarto, ele a pegou pelo braço e a virou para encará-lo. Sua boca, séria e sombria, se esmagando na dela. O sabor selvagem do guerreiro preparado para a batalha se misturou com o sabor da raiva de Laurel formando uma mistura explosiva. Não demoraria muito para que explodisse fora de controle. Ela o desejava, o necessitava. Suas línguas se uniram e se acariciaram acalmando assim seus temperamentos, mas atizando o fogo da sua paixão, até que ambos queimavam em brasa. Devlin a levantou para que as curvas de seu corpo encaixassem com as superfícies duras do dele.

"Não temos tempo para terminar isto." Entretanto, não fez o menor movimento para separar-se dela, mas a acariciava no pescoço.

"Isso não parece importar." Laurel queria subir nele ou jogá-lo no chão.

"Quanto antes recolha suas coisas, mais cedo podemos ficar nus em algum lugar seguro."

Como um suborno, não estava nada mal. Laurel tirou uma mala da parte traseira de seu armário e a abriu em cima da cama. Começou colocando a roupa íntima, se certificando de escolher os conjuntos que formavam pares. Já que Devlin ia vê-la com aquela roupa, queria ter boa aparência.

Do banheiro, pegou os artigos básicos, achando que sempre podia retornar para pegar o que tivesse esquecido ou comprar mais. Não havia muitas coisas das que não pudesse viver sem por alguns dias.

Depois trocou de roupa. Guardou vários pares de calças básicas e as blusas correspondentes, que era a roupa que estava acostumada a usar para trabalhar. Acrescentou algumas calças jeans e três camisolas, suas mãos tremendo tanto que estava difícil dobrar a roupa direito.

Depois de uma última olhada em volta, colocou dois pares de sapatos e um pouco de jóias. Finalmente, estava pronta, apesar de precisar de força para fechar a mala. Puxou a alavanca e a rolou atrás dela até a sala de estar. Devlin tinha aberto as cortinas e estava em um extremo da janela, olhando para a noite de Seattle.

"Estou pronta. Para onde estamos indo?"

"Esta noite passaremos em minha casa. Depois disso, vamos fazer nossos planos."

Pegou as chaves de cima do balcão. "Você dirige ou eu?"

Devlin estendeu a mão. "Eu vou, só no caso..."

Um nó se formou em seu estômago. "No caso de o que?"

Devlin a tocou para tranquilizá-la. "No caso do bastardo que me matou uma vez e atirou em Trahern ainda estar esperando lá fora."

Arrepios corriam para cima e para baixo em seu corpo. "Está atrás de mim, também?"

"Acho que quer usá-la para chegar a mim, porque sou difícil de apanhar." Devlin pegou sua mala. "Talvez pense que, se te ameaçar, eu cairei na armadilha com as mãos para cima."

"E você faria isso?" Perguntou, embora já soubesse a resposta.

"Na mesma hora e com um sorriso no rosto." Devlin lhe deu um beijo rápido na bochecha para aliviar a tensão do ambiente.

Laurel o seguiu até a garagem, sentindo-se doente. Se seu perseguidor conseguisse o matar, teria a certeza que Devlin ficasse morto para sempre. Tinha que fazer isso ou então passar o resto de sua vida fugindo com Trahern e os outros em seu rastro.

Se sentou no banco do passageiro e colocou o cinto de segurança, enquanto Devlin conduzia para a escuridão da noite. A porta da garagem se fechou lentamente e Laurel olhou para trás sentindo que uma parte de sua vida também estava se fechando.

\* \* \*

"Filho da puta!"

Esteve tentado a atirar no carro enquanto saía da garagem, mas a polícia estava registrando o bairro em busca de testemunhas do acidente.

Não estava preocupado com isso. Quando pagou aquele punk para que soltasse o freio e colocasse o carro em ponto morto, estava usando roupas diferentes e um boné escondendo o rosto. Sua própria mãe teria tido problemas para reconhecê-lo. Tinha estado a ponto de pegar Laurel Young e falhou.

Deu um chute numa lata de lixo e a enviou pelos ares até o outro lado do beco. Deveria ter suspeitado que Devlin Bane não confiaria só no Trahern para vigiar a sua amada. Mal puxou o gatilho, Bane saiu de onde se escondia para ajudar a seu amigo.

Isto deveria ter mantido Bane ocupado por tempo suficiente para que pudesse seqüestrar à Doutora Young, mas ela conseguiu andar diretamente para os braços de Bane. Agora teria que voltar a segui-la. O mais provável era que o prudente Paladino demorasse dias para deixá-la se aproximar de sua casa novamente. Além disso, estaria sempre rodeada por um bando de seus amigos.

Teria que encontrar alguma maneira de apanhá-la sozinha no laboratório. Sim, isso poderia funcionar. Mas o tempo estava se esgotando. Se não tivesse sucesso em breve, teria que fugir dali.

De uma maneira ou de outra, teria que deixar Seattle, mas preferia sair com um bom dinheiro que lhe permitisse desfrutar do bom vinho e as

mulheres bonitas durante várias décadas. Com esta ideia na cabeça, retornou a sua casa para fazer planos e rezar para que alguma coisa desse certo dessa vez.

\* \* \*

Devlin manteve um olhar atento sobre o espelho retrovisor enquanto a casa de Laurel desaparecia por trás deles. Confiava totalmente que podia despistar a qualquer um que os seguisse, mas ainda eram vulneráveis às balas. Conforme colocava mais distancia entre eles e o perigo que ficou atrás, seus músculos começaram a relaxar.

“Está bem?” Sua visão superior lhe permitia ver muito mais claramente sob a luz fraca do carro do que um ser humano normal poderia. Laurel tinha apoiado a cabeça no encosto e fechado os olhos.

Ela lhe deu um leve sorriso. “Sim, estou bem.”

"Quero dirigir por aí por mais alguns minutos para ter certeza que ninguém nos segue, mas não estamos longe da minha casa."

"Bom, porque já estou pronta para acabar com o dia de hoje." Laurel apoiou a mão em seu braço. "Quase pronta"

O calor do seu toque o invadiu como uma bênção. Ah sim, gostava da forma como esta mulher pensava. Acelerou para cruzar o semáforo à frente, em seguida, fez uma abrupta curva à esquerda. Se alguém estava atrás deles, teria que esperar até que o semáforo mudasse

novamente. Na metade do quarteirão, cruzou um estacionamento para mudar de direção. Parou entre dois carros estacionados perto da saída para se certificar de que ninguém estava prestando atenção indevida em sua manobra.

O caminho estava livre. Saiu do estacionamento e se dirigiu para sua casa. Estariam dentro e fora da vista em poucos minutos. Dirigiu-se a leste e entrou em sua garagem, pouco tempo depois.

Laurel parecia mais alerta, olhando em todos os detalhes que podia. "Somos quase vizinhos."

"Sim, em uma linha reta, não é mais do que um quilômetro de sua casa."

Estacionou o carro ao lado de seu Porsche antigo. Depois de tirar a mala do porta-malas, conduziu-a para a casa. O que Laurel pensaria de sua casa? Estava apostando que gostaria. Passou muito de sua vida no subsolo, mas voltar para casa e olhar uma vista espetacular do Puget Sound e as montanhas Olympic no oeste realmente compensava. Uma cerca de cedro de quase dois metros de altura protegia seu pequeno jardim traseiro da vista curiosos dos vizinhos. Como a maioria dos Paladinos, valorizava sua privacidade.

Devlin carregou a mala pelo corredor até seu quarto. Podia lhe oferecer o quarto de hóspedes, mas não acreditava em jogos. Naquele momento, o que mais desejava era estar com Laurel Young em sua cama.

Quando voltou para a sala, ela estava no terraço, olhando para as luzes refletidas na água, à distância. Devlin se colocou atrás dela, rodeou sua cintura com seus braços e a embalou contra seu peito. O cheiro de sua pele e cabelo teve um efeito imediato e previsível em seu corpo.

"Bela vista"

"Eu gosto." Devlin apoiou o queixo em sua cabeça. "É sempre diferente."

"Vai me dizer agora o que é tudo isso?"

"Disse que faria e o farei." Devlin acariciou seu pescoço, em seguida, traçou a forma da sua orelha com a ponta da sua língua. " Depois"

Ela arqueou o pescoço para lhe dar melhor acesso. "Boa ideia"

Devlin deslizou as mãos até seus seios e apertou-os suavemente enquanto a beijava no pescoço. Ela ainda estava usando a camiseta e shorts que vestia no apartamento. E sem sutiã. Devlin gostou da sensação do algodão macio deslizando sobre os montes suaves. Laurel gemeu baixinho e se virou ligeiramente para lhe pedir um beijo. Não era nada como o que eles tinham compartilhado anteriormente em seu apartamento. A paixão definitivamente estava ali, mas não o mau gênio. Poderia passar horas fazendo nada mais do que simplesmente abraçando-a e deixando que seu aroma e seu sabor preenchessem seus sentidos.

Bem, talvez não. O ar fresco da noite estava esquentando em torno deles. Seguiam-se assim, entrar na casa não seria má ideia. Obrigou-

se a voltar atrás e segurar a sua mão. Seu sorriso era tudo o que poderia ter esperado. Permitiu que a levasse do corredor até seu quarto.

Devlin puxou a colcha da cama para fora do caminho. Quando se voltou para Laurel, já tinha tirado a camiseta. Devlin sorriu abertamente. "Obrigado, Laurel."

Ela inclinou a cabeça para um lado, um sorriso maroto nos lábios. "Então, como é que vai mostrar a sua gratidão?"

"Consigo pensar em uma ideia ou duas." Devlin também tirou a camiseta, um pouco de pele com pele estava na hora.

"Bom começo, mas o que mais tem para me oferecer?" Laurel recuou um passo.

Ela queria jogar, não é? Devlin estendeu a mão para o zíper de suas calças. Seus olhos seguiram sua mão enquanto deslizava o zíper para baixo. Quando introduziu os dedos na cintura da calça para baixá-la, podia ouvir sua respiração acelerar. Em poucos movimentos rápidos, ficou diante dela vestindo nada além de um sorriso em seu rosto.

"Bem, é isso, eu acho."

Laurel ainda vestia o shorts, mas ele não tinha pressa que os tirasse.

Mais uma vez, Devlin lhe estendeu a mão. Laurel hesitou.

"Sentindo-se tímida?"

“Não, estou tentando decidir por onde começar. As possibilidades me parecem infinitas.”

"Estou aberto a qualquer coisa que tenha em mente." Devlin abriu um pouco os braços e lentamente fez um giro completo dando-lhe uma boa visão do que ele tinha a oferecer.

“Acho que quero que se deite na cama.”

"Sim, senhora"

Estendeu-se na cama, com as mãos atrás da cabeça e esperou para ver o que ela faria em seguida.

Laurel não podia assimilar tudo o que via. O corpo do Devlin era uma obra de arte, todo poder e linhas fortes. Deslizou a mão levemente pela perna de Devlin, em seguida acariciou delicadamente o seu pênis com os dedos. Ele reagiu saltando e Laurel se assustou. Devlin riu, mas ela não se importou. Ele ria com muita pouca frequência. Fossem quais fossem as terríveis notícias que tinha que lhe contar, estava determinada a apagá-las de sua mente durante um momento.

Laurel se sentou em cima de Devlin e sentiu seu poder entre as pernas. Queria senti-lo dentro dela, mas ainda não. Havia muito mais território para explorar. Subiu pelo corpo do Devlin, segurou os seios, oferecendo-lhes para que os tocasse e os saboreasse.

A língua de Devlin brincou com os mamilos sensíveis fazendo-a arquear para trás, oferecendo-lhe ainda mais. Devlin utilizou os dentes e os lábios para sugá-los e cada sucção enviava um estremecimento ardente dentro dela. Parecia saber que Laurel precisava de mais sem

ter que perguntar. Colocou a mão em seu abdômen e seguiu a curva de sua barriga para baixo e para baixo até que sua mão escorregou sob o elástico do seu shorts.

Devlin levantou os dedos para penetrá-la, esfregando-os contra o centro de sua necessidade, em seguida dentro de sua passagem escorregadia. As sensações eram quase mais do que podia suportar.

"Devlin... " Seu nome era um apelo para que ele tomasse as rédeas e lhe desse o que precisava tanto.

Devlin tombou a Laurel de costas. Puxando seu shorts para baixo e para fora, o jogou por cima do ombro. Depois, ajoelhou-se entre suas pernas e a olhou com tanta intensidade que ela teria jurado que sentia o toque de seu olhar na pele.

"Eu ficava te imaginando aqui, assim." Sua voz soou áspera quando ele estendeu a mão para acariciá-la onde doía mais. Seus quadris se elevaram em resposta e como convite. "Diga-me o que você quer, Laurel."

"Quero que me possua, Devlin. Eu não me importo como, apenas me possua."

"Então é melhor segurar firme, querida, porque isso vai ser um passeio muito duro."

Devlin levantou as pernas de Laurel e a penetrou com lentidão. Ela se sentiu estendida, tensa e tão maravilhosamente cheia. Quando pensou que tinha ido tão fundo quanto podia, ele a levantou da cama e a sentou em seu colo. Devlin levantou os quadris e penetrou mais fundo

do interior de Laurel. Agarrando seu bumbum com as mãos calejadas, a segurou firme enquanto bombeava para cima e para baixo. Devlin parecia saber o ângulo exato que lhe daria o maior prazer.

"Devlin" Gemeu quando a tensão dentro dela aumentava até levá-la ao limite.

Devlin, com toda malícia, ficou quieto recusando-se a dar-lhe um pouco mais. Em vez disso, retirou-se e deslizou para usar a língua em seu lugar. Mais uma vez, sentiu-se fora de controle. Desta vez, chegou ao clímax e gritando seu alívio. Devlin colocou em seguida as pernas de Laurel em cima de seus ombros e a penetrou, mal dando-lhe tempo para pensar antes de levar os dois a uma escalada sem trégua para o auge novamente.

Laurel enterrou os dedos nos lençóis e se agarrou com se dependesse disso sua vida. Pela segunda vez ele parou, mantendo-se assim por pura força de vontade. Seu corpo, ensopado de suor, tremia pela necessidade de encontrar a sua libertação.

"Por que está parando?"

"A camisinha. Antes que seja tarde demais." Se separou de Laurel de uma forma repentina para pegar uma camisinha na mesa de cabeceira.

Segundos mais tarde, estava de volta.

Então a penetrou com força e rapidez, sem nenhum tipo de contenção. Laurel adorava a sensação dele batendo em seu corpo, fazendo com que tivesse tanto prazer como ele. Depois de alguns golpes potentes,

Devlin levou a ambos ao clímax e esperou para pegá-la quando voltasse para a terra.

Ambos dormiram. Ela não soube se tinha passado horas ou minutos quando sentiu que ele se movia a seu lado arrastando os dois de volta à consciência. Tinha chegado o momento de falar. Teria se contentado em aproveitar o calor de seus braços, mas a noite não manteria o resto do mundo para fora por muito tempo mais.

“Comece pelo princípio.”

Devlin pôs em ordem seus pensamentos enquanto brincava com o cabelo de Laurel. "Houve algo diferente sobre a última vez que morri."

"Além de quanto tempo levou para voltar?"

"É, além disso. Não sei, talvez parte da razão para isso era que fui morto por um ser humano, não um dos Outros." Sua voz era calma, mas ela podia sentir a tensão dentro dele. "Não vi o seu rosto, mas as mãos na espada eram humanas." Fez uma pausa. "É estranho, mas é a quarta vez que digo isso a alguém, e ainda não parece real. Naquele dia, que vim para ver como você estava e novamente uma ou duas vezes nos túneis, senti alguém me seguindo. Não fui capaz de pegá-lo, mas está lá do mesmo jeito." Devlin a olhou aos olhos. "Sinto muito, mas acredito que me seguiu até sua casa no dia que fui comprovar se estava bem e passei a noite."

"Então, sabe que estamos envolvidos." Laurel se aconchegou mais perto. "E é por isso que tinha Trahern vigiando minha casa."

"Quando fui averiguar se tinha descoberto alguma coisa, o encontrei sangrando no beco. Achamos que o acidente de carro foi encenado como uma distração. Trahern estava certo sobre o objetivo do acidente era ocultar o som do tiro, mas acho que também planejava usar a confusão para te sequestrar."

"Achou que eu viria correndo com minha bolsa de médico e que cairia diretamente em suas mãos." Laurel estremeceu, apesar do calor. "Tem alguma ideia de quem pode ser?"

Devlin se mostrou evasivo com a resposta. "Estamos seguindo várias linhas de investigação."

Laurel levantou a cabeça e a apoiou em uma mão.

"Não me venha com besteiras, Devlin! Conte-me o tudo. Você prometeu." Laurel cutucou-o no peito com um dedo.

Devlin pegou seu dedo e o levou a boca para beijá-lo. "Está bem. Achamos que tudo está relacionado com algo que diz a respeito aos Outros. Nos túneis, descobrimos umas bolsas de tecido com um resíduo azul nelas. DJ fez que um amigo seu os analisasse. Vem de algum tipo de pedra preciosa, provavelmente um tipo de granada que não temos em nosso mundo. Parece provável que alguém de nosso lado está aceitando suborno para deixar os Outros passarem."

"Só que não estão conseguindo, não é?" A dupla traição produzia-lhe náuseas.

"Não. Para nós, tudo funciona como sempre. Se não ficarem em seu lado, os caçamos e os matamos. Ou eles nos matam."

Sua honestidade brutal fez que sofresse por ele e pelo resto dos Paladinos. E, embora nunca fosse admitir isso para ele, sentia alguma simpatia pelos Outros, de frente para uma espada de um Paladino em vez de encontrar o refúgio que tanto procurava.

"Suspeita que alguém da Regência ou da Guarda." Era a única resposta que fazia sentido.

"Como disse, nós estamos seguindo várias linhas de investigação. Mas a partir de amanhã, não vai deixar a segurança de seu laboratório, a menos que esteja com um de nós. Tentei manter o assunto em segredo, então disse só ao DJ, Cullen, e Trahern. Lonzo sabe um pouco do que está acontecendo, mas perdeu os últimos acontecimentos."

Enfim, uma boa notícia que pudesse compartilhar. "Ele deve ser liberado na parte da manhã, se o Dr. Neal já não o deixou ir esta noite. Estavam esperando os últimos resultados da análise de sangue."

"Isso é uma boa notícia. Nós vamos precisar de cada braço da espada que possamos reunir antes disso acabar." Devlin se inclinou para beijá-la novamente. "Agora, dorme um pouco. Amanhã será um longo dia para todos nós."

Laurel se virou de lado e Devlin acomodou seu corpo atrás dela. Com o braço sobre a sua cintura, abraçando-a, deixou que as preocupações do dia desvanecessem e dormiu.

Horas mais tarde, o telefone tocou alto e estridente. Devlin agitou-se inquieto, em seguida esticou um braço para pegar o fone. Depois de desligar, ele resmungou alguma coisa sobre alguém ser um homem morto enquanto subia as calças e saiu do quarto. Laurel ignorou-o e voltou a acomodar-se no aconchego dos cobertores. Mas antes que conseguisse voltar a dormir, Devlin estava de volta, puxando as cobertas de cima dela.

"Hey!" Laurel tentou pegar o lençol, querendo recapturar o quente conforto que estava desfrutando.

"Trahern está aqui. Se veste."

Devlin não parecia nada feliz com a visita de seu amigo, mas não tinha por que descarregar seu mau humor nela. Sentou-se e olhou para ele. "Me dê o lençol. Estou nua e tenho frio ou você não percebeu?"

Seu sorriso era todo de uma forma muito masculina quando jogou o lençol. "Eu percebi sim. E se Cullen e DJ não estivessem a caminho, estaria bem feliz se decidisse ficar desse jeito"

Ela colocou o lençol em torno de si, movendo-se lentamente para dar ao Devlin o melhor show. A julgar pelo brilho em seus olhos, definitivamente apreciou seus esforços. Puxou-a em seus braços e lhe deu um longo beijo.

Lentamente, ele se afastou. "Trahern e os outros querem falar sobre o que está acontecendo. Assim que ouvirmos o que eles têm a dizer, vamos fazer nossos planos."

Laurel não gostou de como soava aquilo. “Que planos? O que não está me contando?”

"Não me sinto tranquilo sabendo que está sozinha no laboratório até sabermos mais. Se o homem por trás desses ataques é um dos guardas, não está segura ali."

"Nem você está seguro, mas continua indo para as trincheiras. Você esta tão vulnerável como eu."

Devlin levantou uma sobrancelha, lembrando-a sem palavras que era um guerreiro treinado, capaz de defender a si mesmo. Mas ambos sabiam que as balas podiam derrubar a um Paladino com mais facilidade que uma espada. E uma vez abatidos e sangrando, os Paladinos eram tão vulneráveis como qualquer outro homem.

Devlin a soltou e deu um passo atrás. "Nós não temos tempo para isso agora, a menos que queira servir o café vestindo apenas um lençol e um sorriso."

"Então saia para que eu possa me vestir, Devlin. Assistirei a sua reunião, mas depois tenho que ir para o laboratório."

Devlin passou as mãos pelos cabelos com frustração. "Laurel, sei que isso é difícil para você, mas por favor não faça nada até que tenhamos falado."

Ou confiava nele ou não. "Tudo bem. Eu vou esperar."

Devlin lhe deu um beijo rápido nos lábios e ao mesmo tempo, soou a campainha da porta.

Depois que ele saiu, Laurel escovou os dentes, os cabelos e se perguntou que roupa usar. Se usar suas roupas de trabalho, Devlin poderia achar ruim. Por outro lado, moletom não parecia certo, também. Decidiu-se por seu melhor jeans e uma camisa de manga curta. Poderia mudar se necessário, após Trahern e companhia saírem.

Colocou as sandálias, respirou fundo e se dirigiu para a sala de estar de Devlin. Os outros já tinham chegado. Uma súbita onda de timidez tomou conta dela, quando percebeu que era a primeira vez que estava com eles como amante do Devlin, em lugar de como Guardiã. Devlin não estava à vista, mas podia ouvi-lo batendo em algo na cozinha. Por favor, que esteja preparando café. Uma boa dose de cafeína seria muito bem-vinda.

Três dos Paladinos estavam esparramados no sofá e nas poltronas. Blake Trahern foi o primeiro a notá-la em pé na porta. Embora não chegou a sorrir, havia mais calor do que o habitual em seus gelados olhos cinzentos.

"Bom dia, Blake. Como está se sentindo esta manhã?"

"Estou bem." Trahern se moveu e deu uns tapinhas na almofada ao lado dele, oferecendo-lhe um lugar para sentar.

Quando aceitou o convite, Cullen e DJ olharam para eles como se tivesse crescido uma segunda cabeça. Suspeitava que Trahern gostasse do rebuliço. Possivelmente assim desviaria um pouco da atenção dela e Devlin. De qualquer maneira, Laurel se sentiu agradecida pelo convite.

"Bom dia, DJ Você, também, Cullen."

DJ agitou-se com inquietação na poltrona. "Bom dia, doutora."

"Sinto incomodá-la tão cedo, doutora." Cullen lhe sorriu. "A culpa é do Trahern. Ele tirou todos nos da cama esta manhã."

"Vá para o inferno, Cullen." Não havia raiva nas palavras de Blake.

Antes que Cullen pudesse responder, Devlin entrou na sala carregando uma bandeja cheia de canecas de café e pães. "Antes de reclamar mais, Cullen, lembre-se que Blake é o único que trouxe café da manhã."

DJ interveio. "É a única razão pela qual não está sangrando."

Laurel levantou a mão. "Desculpe, gente, não sigam por aí. Não gosto de ver sangue antes do café da manhã, já sabem como fico enjoada."

Aquela pequena mentira os fez rir. Mesmo Trahern conseguiu uma risada enferrujada. Devlin serviu-lhe a primeira xícara de café e ofereceu a Laurel enquanto a olhava com olhos quentes. Quando serviu a todos, sentou-se no sofá, ao lado dela. Estar sentada entre os dois dos mais poderosos Paladinos na região de Seattle foi uma sensação inebriante.

Cullen colocou sua caneca sobre a mesa. "Então, o que é tão importante que nós tivemos que perder o nosso sono de beleza?"

Devlin tomou as rédeas da discussão. "Alguém encenou um acidente na frente da casa de Laurel noite passada. O barulho da batida teve duas finalidades. levá-la para fora, onde estaria vulnerável a um ataque

e o ruído cobriu o som de Trahern levando um tiro. Então o desgraçado levou este assunto a um novo nível.” Devlin se levantou. “Uma coisa é vir por mim, mas atacar Laurel é outra.”

“Exato!” DJ, sempre o mais fácil de irritar, estava de pé e pronto para lutar.

"Sente-se DJ, quer que os outros pensem com dificuldade." disse Devlin.

DJ deixou-se cair na poltrona, mas Laurel quase podia vê-lo vibrar com a energia mal controlada de onde estava sentada.

"Quero pegar esse desgraçado e logo. Ontem de noite estive muito perto de apanhar Laurel." Devlin deslizou sua mão ao redor de seus ombros, puxando-a mais perto. "Obviamente, vigiar sua casa não funcionou, mas não sabíamos que era louco o suficiente para ir atrás de Trahern."

Blake não disse nada, mas não era preciso. Todos sabiam qual seria o resultado se seu atacante voltasse a cruzar seu caminho novamente.

"Gostaria de tirá-lo do seu esconderijo. Acho que tinha uma chance melhor se Laurel e eu desaparecêssemos por uns dias. Se ela não aparecer no trabalho e não estando nem em minha casa, nem na sua, esse porco será obrigado a entrar em pânico. Quem está pagando não vai gostar que demore para fazer o trabalho."

Laurel o olhou com o cenho franzido. “Não posso sair assim, sem mais, Devlin. Tenho responsabilidades.”

"Disse que Lonzo está de alta esta manhã. Ele era o seu último paciente, não era?"

Ela claramente não gostou de ser forçada a admitir isso. "Sim, mas isso pode mudar a qualquer minuto. Vocês todos sabem disso."

"Não posso ir muito longe, também. Esconderemos em algum lugar que esteja a pouca distância de carro, para que possamos voltar rapidamente. Você tem férias logo, não é?"

"Bom, sim, mas..."

"Tudo bem. Então está resolvido. Enquanto estivermos fora, procurem uns companheiros para vigiar minha casa e a de Laurel. E se alguém começar a fazer perguntas, teremos nosso culpado."

Devlin poderia dizer que Laurel estava a ponto de começar a discutir, mas apertou seu ombro, esperando que pegasse a dica e esperasse até que os outros tivessem ido embora, antes de explodir. Suas mãos doíam para pegar ao desprezível filho de puta que estava por trás dos ataques, mas era mais urgente manter Laurel segura.

"Se utilizarem os cartões de crédito será como deixar um rastro de migalhas de pão para ele seguir. Mesmo seus celulares não são seguros." DJ falou com autoridade. Afinal de contas, o seu passatempo favorito era invadir locais supostamente seguros.

Devlin assentiu. "Bem pensado. Vou comprar um desses telefones pré-pagos e chamá-lo para que tenha o número e pagaremos em dinheiro para não deixar rastros."

Desta vez foi Cullen quem negou com a cabeça. "Poderiam vigiar suas contas se por acaso tiram uma grande quantidade de dinheiro. Mas podemos resolver se nós tirarmos quantidades pequenas. Depois, DJ poderia fazer desaparecer as operações ou ao menos, trocar a data. Deixem em nossas mãos."

"Nós não temos muito tempo, Cullen."

"Estarei de volta dentro de umas horas com uma pilha de dinheiro. Vamos, DJ e Trahern, vou precisar de seus números de conta e cartão de débito."

Enquanto seu amigo tirava sua carteira, Devlin olhou para Laurel.  
"Você gosta de montanhas ou mar?"

## Capítulo 12

Tiveram sorte de conseguir um quarto com vista para o mar, em um hotel da costa. Laurel abriu a porta de correr e saiu na pequena varanda. Respirando fundo o ar forte do oceano, quase podia acreditar que estavam ali como dois amantes apaixonados, em uma escapada à costa.

Devlin a seguiu e a rodeou com os braços enquanto apoiava o queixo em sua cabeça. O calor do corpo dele era melhor do que a sensação do sol na sua pele. Laurel se apoiou na força do Devlin e deixou a tensão ir embora.

Só para substituí-la por outra série de sensações. Laurel inclinou a cabeça a um lado em sinal de convite. E Devlin como era inteligente, deslizou o rosto pela curva de seu pescoço. Gentilmente mordeu o lóbulo da sua orelha, em seguida beijou-a como desculpa pela pequena dor que lhe tinha causado.

“Quer voltar para dentro?” perguntou Devlin.

Aquela pergunta sussurrada junto ao ouvido enviou arrepios de calor pela coluna vertebral de Laurel. "Por quê? Tem algo em mente que pode chocar os vizinhos?"

"Certamente espero que sim." Devlin virou-a e a beijou com intensidade. Pegando-a pelo quadril, a levantou para encaixar seu corpo com o dele.

Aquilo era o paraíso. "Leve-me para a cama, Devlin."

"Pensei que você nunca pediria." Devlin a levou para dentro, deixando a porta aberta para que entrasse a brisa do mar.

Devlin a abraçou mais perto, amando a sensação de sua cabeça apoiada em seu ombro e seu corpo estendido a seu lado. A respiração de Laurel era lenta e regular. Estava a ponto de dormir. E isso era bom.

Nenhum deles tinha conseguido dormir muito na noite anterior, quando foi a sua casa. O estresse de saber que havia um assassino indo atrás deles estava a afetando. Ele e seus amigos estavam fazendo todo o possível para remover o perigo, mas as lembranças ainda permaneciam.

Porra amava essa mulher. Não tinha sido fácil para ela enfrentar DJ e Cullen pela manhã, mas enfrentou a situação com a mesma força e determinação que usava para todo o resto.

Laurel possivelmente não tinha notado os olhares invejosos que tinham dado a ele, mas Devlin tinha. Todos eles sabiam que paladinos não se apaixonavam. O desejo era algo normal neles, mas o que sentia por Laurel era muito mais do que isso.

Desejou que pudesse virar as costas para o seu trabalho e se casar com ela, assim os dois poderiam viver suas vidas como um casal normal. Mas isso não iria acontecer, porque eles estavam

comprometidos com a vida que levavam. Mudar isso seria impossível. Não seria?

O celular que tinham comprado começou a vibrar sobre a mesa de cabeceira. Devlin o agarrou e apertou a tecla de resposta.

“Aqui é o Bane. Dê-me um segundo.” Afastou-se de Laurel e foi ao banheiro para não acordá-la. “Pronto.”

Escutou o relatório do Cullen. Até o momento, nenhuma atividade em qualquer uma das suas contas. Esteve a ponto de perguntar a seu amigo se ele e DJ seriam capaz de dizer se o cara era tão bom como eles acessando informação reservada, mas tomariam como um insulto e agora não precisava de seus amigos bravos com ele.

“Obrigado pela informação. Ficaremos aqui amanhã e voltaremos no dia seguinte pela manhã. Já foi difícil o bastante para convencer Laurel a ficar fora tanto tempo.”

Cullen prometeu ligar de volta na manhã seguinte e novamente no dia seguinte, a menos que algo urgente surgisse. Devlin desligou o telefone, em seguida, levou um susto enorme quando olhou para cima e viu Laurel perto. Ela esfregou os olhos sonolentos.

"Quem era?"

"Cullen. Até agora, tudo está calmo."

"Então, podemos voltar mais cedo?"

"Não."

Laurel queria discutir. Estava ali, em seus olhos, mas não tentou. Em vez disso, o surpreendeu. "Quero soltar pipa. E depois, quero andar de scooter."

"O quê?"

Laurel apoiou a cabeça em seu peito e lhe abraçou pela cintura. "Se nós estamos aqui fingindo ser um casal, então quero fazer todas as coisas que os casais fazem aqui. Quero fazer voar uma dessas grandes pipas de praia e em seguida, andar de scooter."

"Alguma vez já andou de moto?"

"Não. É isso ou andar a cavalo." Laurel inclinou a cabeça para trás, como se estivesse estudando ao Devlin. "Suspeito que você seja mais um homem de motos."

Se ia andar de moto, preferia que fosse uma grande Harley. Mas sua mulher estava com um olhar brincalhão e estava com vontade de agradá-la. Especialmente se isso mantiver sua mente fora de seus problemas por algumas horas.

"De acordo, vamos tomar o café da manhã tranquilamente e depois, a diversão nos espera."

"Trato feito."

Soltar uma pipa acabou por ser um pouco mais complicado do que Devlin esperava. Não conseguia se lembrar de ter feito isso antes. Passou a maior parte da infância lutando para conseguir dinheiro e poder levar um pouco de comida à mesa. Sua mãe era uma boa

pessoa, mas como mãe era um autêntico desastre. Além disso, Laurel tinha escolhido uma das pipas mais complicadas da loja. Era uma bem grande em forma de dragão e a tinha escolhido depois de olhar entre ele e a pipa de uma forma alternativa, um monte de vezes. Esperava ouvi-la dizer que a pipa o recordava.

Pessoalmente, acreditava que a pipa precisava de algumas cicatrizes de batalha para se qualificar como um Paladino. Uma vez que eles conseguiram montar depois de muitas risadas e tentativas fracassadas, Laurel decidiu que Devlin sustentaria o carretel da linha, enquanto ela começou a correr com sua pipa. Vê-la rir quando a pipa finalmente pegou o vento e quase a puxou do chão ficaria gravado em sua memória para as próximas décadas.

Finalmente Devlin a puxou para sentar-se na areia com ele. Laurel se sentou entre seus joelhos e se inclinou para trás apoiando em seu peito enquanto juntos contemplavam como o dragão voava e girava sobre as ondas azuis.

"É muito forte, você não acha?" Laurel perguntou, apontando para cima em direção ao seu dragão. "Finalmente eu descobri quem ele me lembra. É da mesma cor que os olhos de Trahern quando está sorrindo."

Devlin bufou. "Trahern não sorri." E não estava com ciúmes que ela estava pensando em seu amigo. Ao menos, não muito.

"Claro que sim, mas geralmente é só com os olhos." Laurel puxou a linha, fazendo com que o dragão girasse para baixo e para cima.

"Realmente não quero ouvir sobre os olhos de Trahern."

A descarada riu. "Oooh, então o senhor grande e duro está ciumento. Bem, não estou aqui com Trahern, estou? E certamente, não foi com o Trahern com quem estava antes no quarto do hotel."

Não, não tinha sido Trahern. E a lembrança de algumas das coisas especialmente imaginativas que tinha lhe feito, o fez desejar que não houvesse tanta distância até o hotel. Possivelmente ela tinha os mesmo pensamentos, porque agarrou o carretel e começou a recolher a linha. O enorme réptil lutou por manter-se no ar, mas finalmente rendeu-se a persistência de Laurel e veio tranquilamente de volta para o chão.

Então pegou Devlin pela mão e levou-o de volta para seu quarto.

\* \* \*

"Teve sorte?" Cullen se inclinou sobre o ombro de DJ e observou a tela do computador.

"É um bastardo escorregadio, vou conceder-lhe isso." Dedos de DJ voaram sobre o teclado enquanto tentava rastrear quem estava por trás das consultas das contas bancárias de Laurel e Devlin. Suas mãos pararam enquanto murmurava umas maldições.

"Fugiu?"

“Não exatamente, mas se esconde atrás de um sistema de segurança muito sofisticado.”

Cullen puxou uma cadeira disposto a esperar o resultado da ciber batalha. “Mas você pode abrir os códigos de segurança. Certo?”

“Deveria poder fazê-lo. Você e eu o desenvolvemos para a Regência, quem quer que esteja bisbilhotando por aí, está utilizando nosso software. Porra, sabia que eram boas, mas talvez boas demais.”

Se não conseguiam seguir o rastro até uma pessoa específica, não estariam em melhor situação que antes. Exceto que agora sabiam que sua presa era parte da organização Regente.

O celular de Cullen soou e ele reconheceu o número do Trahern. "Tem alguma coisa para mim?"

A voz de Trahern soou abafada. "Alguém está andando na frente da casa de Laurel, mas o faz de uma forma aberta. Estou um pouco longe demais para conseguir uma boa olhada em seu rosto, mas a julgar pela sua construção, eu acho que é o Dr. Neal."

“Não posso acreditar que estaria envolvido em nada desonesto. Mesmo se sentisse uma aversão repentina por nós, não faria mal a Laurel.”

"Não estou julgando o homem. Estou apenas dizendo o que estou vendo." Trahern parecia um pouco chateado.

"Bem, encontramos uma boa pista em uma das contas bancárias. Durante a última hora, alguém tentou, em duas ocasiões, acessar à

conta do Devlin e depois a de Laurel. A última vez foi há cerca de cinco minutos atrás."

"Isso descarta ao doutor Neal. Durante esse tempo estive na minha mira."

"Ótimo. Odiaria pensar que não posso confiar no homem responsável por voltar a encaixar minhas peças."

"Penn virá me substituir em breve e passarei por aí. Querem alguma coisa?"

"Sim, duas pizzas grandes e meia dúzia de cervejas. Vai ser uma noite longa."

"Dê-me meia hora. E diga a DJ para pegar o bastardo."

"Farei isso."

\* \* \*

"Ah, sim, isso é bom, baby. Bem ali."

Laurel levantou a cabeça tempo suficiente para desfrutar da expressão do Devlin. Evidentemente que o que estava fazendo com a boca e a língua lhe agradava muito. Voltou a segurar seu pênis e deslizou a língua por sua grossa longitude antes de introduzir a ponta na boca. A

imediate reação de seu homem deixou poucas dúvidas de que queria mais do mesmo.

Depois de apenas alguns segundos mais, Devlin a deteve e puxou-a para um beijo escaldante. Depois a levantou para que ficasse sentada em cima dele. "Monte-me."

Laurel se moveu até que Devlin ficou suspenso à entrada de seu corpo e, pouco a pouco, introduziu seu membro em seu interior. Os dois gemeram pelo prazer que proporcionava sua união. Laurel se balançou para trás e para frente amando a sensação de tê-lo no mais profundo de seu ser. Suas grandes mãos se estenderam para seus seios e os apertaram e massagearam enquanto ela dava prazer a ambos.

"Se incline para frente."

Obedeceu gemendo de prazer enquanto lhe sugava os seios. Laurel sentiu que o clímax crescia em seu interior. "Devlin!"

"Deixe que venha!" Devlin empurrou para cima, empurrando-se mais profundo quando os músculos de Laurel se contraíram, segurando-o com força em seu interior. Finalmente, Laurel caiu em cima dele, ambos respirando com dificuldade depois da paixão.

"Obrigada" ofegou Laurel.

Devlin riu e a beijou na testa. "Não direi que o prazer foi todo meu, mas ao menos a metade foi."

"Estou cansada demais para rir." Mas o fez de qualquer maneira.

"Estou cansado demais para me mover." Devlin a deslizou ao seu lado, apertando-a em um abraço contra seu corpo. Um homem pode ficar viciado em momentos como este.

Mas amanhã de manhã, deixariam o hotel e retornariam a suas vidas reais. E já não poderiam fingir que a felicidade que tinham compartilhado nas praias do Ocean Shores ia durar para sempre. E isso doía.

Laurel deve ter percebido a mudança no seu humor. "O que acontecerá quando voltarmos?"

"Não tenho certeza." E esta incerteza o tirava do sério. "A menos que Cullen e DJ pudessem rastrear quem estava tentando entrar em nossas contas bancárias, teremos que passar ao plano B."

Laurel deslizou os dedos pelo peito dele. "Qual é?"

"Voltamos a trabalhar e tentamos pegá-lo de alguma outra forma."

Todos os Paladinos tomaram a traição dentro da organização como algo pessoal. Não só tinham atacado e matado a um deles, mas sua Guardiã favorita estava em perigo, também. Laurel não ia sair de sua porta sem ter pelo menos um Paladino seguindo os seus passos.

Quando estivesse dentro do laboratório, seria mais difícil, pois os Paladinos não podiam andar por lá. A única razão pela que podiam estar na zona dos laboratórios era se estivessem sangrando. A menos que a barreira flutuasse, seria difícil de explicar uma série de feridas.

Laurel levantou-se para sorrir para ele. “Ainda não montamos na scooter. Se vista ou irei sozinha.”

Devlin agarrou a mão e lhe beijou brandamente a ponta dos dedos. “Tem certeza que quer fazer isso?”

“Tem medo que o derrube?”

“Não, tenho medo de que deixe uma boa parte de sua pele na calçada.” Devlin disse apenas de brincadeira, mas se realmente queria ir andar de moto, a levaria.

“E depois disso, vamos tentar os karts. Aposto que sou um piloto melhor do que você.”

Aquilo era o cúmulo. Devlin se sentou e lhe lançou um olhar irado. “O que te faz pensar que pode me vencer?”

Laurel começou a rir. “É um desafio duplo, Devlin Bane. Posso pilotar uma scooter melhor que você e vou ganhar no kart.”

“Trato feito.”

Poucos minutos mais tarde, dirigiam-se à loja de aluguel de motos. Laurel entrelaçou seus dedos nos dele e arrastou-o pela calçada. Devlin conseguia se lembrar da última vez que tinha tido tempo para jogar, com ou sem uma mulher ao seu lado.

Tinha pensado levar o dragão para a sua casa e pendurá-lo na parede como lembrança daqueles dois dias. Além disso, estavam a ponto de criar mais algumas lembranças contra os longos dias pela frente, enquanto esperava a próxima batalha começar.

"Quero a vermelha. Devlin acho que deveria alugar a verde, porque combina com seus olhos."

Embora ela só estivesse brincando. Ignorou a sua sugestão, escolheu uma scooter negra que parecia mais nova que as demais. Enquanto isso, Laurel experimentou os controles da que tinha escolhido. O rapaz que trabalhava na loja demorou muito tempo explicando o funcionamento da scooter para ela, ignorando Devlin, não que o culpasse. Com seu bom humor e sorriso brilhante, ela era quase irresistível.

Dez minutos depois, estavam "rugindo" pela rua a trinta quilômetros por hora. Quando um carro passou por eles, Laurel diminuiu ainda mais.

Devlin parou ao lado dela. "Tudo bem?"

Ela sacudiu a cabeça.

"Não tinha pensado o quão grande os carros ficam quando estamos em uma dessas coisas."

Laurel já tinha tido o suficiente de medo nos últimos dias. Depois de considerar as suas opções disse, "Siga-me."

Devlin saiu da estrada principal e logo estavam andando pela praia. Na areia seca foi difícil de manobrar, mas quando chegaram à areia úmida, que a maré ao recuar tinha compactado, puderam conduzir com tranquilidade.

Em um abrir e fechar de olhos, Laurel estava rindo com enorme alegria quando passou correndo por ele e circulando para convencê-lo a jogar,

também. Conduziram em círculos deixando marcas na areia e gritando para as gaivotas que voavam baixo sobre eles. Depois correram algumas vezes, com ambos reivindicando a vitória no final. Finalmente, conduziram um ao lado do outro, felizes de estar juntos, enquanto o sol iniciava sua descida no céu.

Quando eles voltaram para a loja de aluguel, Laurel desmontou e deu uns tapinhas no assento, como se tivesse sido um fiel corcel digno de uma recompensa. Entregou seu capacete ao rapaz e sacudiu a cabeça para soltar os cabelos.

"Agora, Sr. Bane, nós vamos para o kart, onde vai respirar nada além da minha fumaça." Devlin tentou agarrar a sua mão, mas ela riu e saltou para longe de seu alcance. "Qual é o problema, grande homem? Com medo de um pouco de competição saudável?"

Devlin tinha medo que nunca teria um dia como este em sua longa vida, mas não podia dizer isso. Não quando ela estava tão feliz. Amanhã seria o tempo em que ela enfrentaria à realidade.

Durante o resto da tarde e a noite que se estendia diante deles, o passaria simplesmente para se divertir com sua mulher. E seria maldito se ela ganhasse! Se assim fosse, ela o lembraria disso pelo resto de seus dias.

\* \* \*

Laurel desceu da cama e colocou a camiseta de Devlin. Chegava ao meio de sua coxa, o que ficava bastante decente para sair ao balcão. Depois da atividade que tinham compartilhado durante todo o dia, deveria estar dormindo, mas os pesadelos a atormentavam e não conseguia afastá-los.

Luar ondulava sobre as ondas do mar, dando a noite um brilho prateado. O ar tinha esfriado desde que o sol havia desaparecido além do horizonte em uma explosão de cores intensas. Enquanto a escuridão caía sobre a cidade, Devlin e ela tinham procurado a privacidade do seu quarto, muito consciente de que as suas horas restantes juntos se escorriam por entre os dedos, como a areia na praia.

Mais uma vez Devlin se juntou a ela na varanda, desta vez de pé a seu lado ao invés de abraçá-la. Embora compreendesse sua necessidade de manter-se a distância, sua rejeição machucou.

Cruzando os braços, se virou para encará-lo. "Nunca imaginei que fosse um covarde, Devlin."

"É para o seu próprio bem e você sabe disso." Não havia como negar a dor misturada com raiva refletida na sua voz.

"E quem é você para decidir o que é bom para mim e o que não é?" Durante toda vida, sua família tinha tentado classificá-la em ter uma vida boa e agradável que eles pudessem entender. Não ia deixar Devlin fazer o mesmo. "Você nunca me perguntou sobre minha família, Devlin. Isso é porque não se importa, ou porque isso me faria mais do que um bom momento na cama?"

Os músculos de sua mandíbula tencionaram enquanto segurava tudo o que queria dizer. Ela forçou-o um pouco mais. "Bem, deixe-me dizer-lhe sobre eles. São pessoas boas, decentes que vão à igreja aos domingos e raramente viajam além do município em que vivem meus irmãos, já todos casados com suas namoradas de toda a vida e se acomodaram para produzir a próxima geração. Todos eles me amam, mas nenhum deles me entende. Eu sou a ovelha negra da família, a estranha, a única que ficar lá não era o suficiente. Eu queria algo diferente. Pensei que tinha encontrado com você."

"Laurel..."

Ela não se preocupou em esconder as lágrimas escorrendo pelo rosto. "Não, deixe-me terminar. Você é o único que entende o quão importante o meu trabalho é para mim, o quanto isso significa lutar para salvar cada Paladino que entra em meu laboratório. Não só você respeita o que eu faço, mas você está orgulhoso do que estou tentando realizar. Sei que você e os outros pensam em mim como uma irmã mais nova, que precisa de proteção, mas não sou uma fraca que não consegue enfrentar a adversidade." Laurel usou a bainha da camisa para limpar o rosto. "Droga, Devlin, eu te amo e não vou deixar você me negar esse direito."

Então houve um silêncio. Laurel esperou para ver o que ele iria fazer ou dizer.

Não demorou muito a acontecer. Devlin a acolheu na segurança de seus braços e segurou-a como se fosse tudo o que era demais maravilhoso e querido em sua vida.

"Seu amor é o melhor presente que já me foi dado, Laurel. Fazia muito tempo desde que permiti me importar com alguém além de meus amigos, principalmente porque eles eram os únicos que realmente entendem o que sou: um homem que nasceu para matar. Então apareceu você junto com seus sorrisos brilhantes e toques gentis." Devlin lhe deu um beijo. "Eu também te amo, mas não vou deixar você morrer por minha causa."

Ele caminhou de volta para a sala e deixou-a sozinha.

Aquilo já era demais! Laurel entrou como um vendaval e acendeu as luzes. Devlin estava sentado na beira da cama e estendendo a mão para seu celular e o brilho repentino fez parar na metade do movimento.

"Não se atreva a colocar isso sobre mim, Devlin Bane. Você não tem o direito de fazer escolhas por mim, não sem falar comigo primeiro. Não é culpa sua que um louco está atrás de você. Demônios, um motorista bêbado poderia me atropelar amanhã. Isso também seria tua culpa? E se acontecesse um ataque terrorista na cidade? Quanta culpa está disposto a assumir, para evitar dar uma chance de que isso funcione entre nós?"

Laurel marchou para olhar mais de perto, ele a derrubou na cama e prendeu-a com todo o seu peso. Enquanto a olhava com fúria, ela sorriu e estendeu as mãos para segurar seu rosto. "Então você me ama, né?"

"Droga que sim." Devlin se liberou com agilidade das calças do pijama e depois de uns poucos impulsos esteve no interior dela. "E você me ama."

Ela levantou as pernas, rodeou com elas a cintura de Devlin e o incentivou a continuar. "Sim. E nada, nem mesmo você, nunca vai mudar isso."

## Capítulo 13

Laurel estava sozinha. E ele também. Tinha chegado a hora! Ou fazia seu movimento agora ou podia muito bem fazer suas malas e desaparecer. Quando seu misterioso chefe tinha telefonado, ele não estava em sua casa e a mensagem que tinha deixado na secretária eletrônica era clara e direta ao ponto: Faça o trabalho ou preparar-se para morrer no lugar de Bane. O tom frio e profissional fez a ameaça ainda mais assustadora.

Andou por ai durante dois dias tentando encontrar Devlin Bane, mas foi inútil. Se não conseguia encontrar a sua presa, obrigaria ao Paladino a ir a seu encontro. Tinha esperado toda a manhã que a Doutora Young estivesse sozinha, mas ela esteve em reunião com o Doutor Neal e depois com o coronel Kincade. Não sabia o que foi discutido, mas a julgar pela expressão em seus rostos, não era nada bom. Esperava que fossem más notícias sobre seus preciosos Paladinos. Talvez todo o grupo precisasse ser abatido, como os cães raivosos que eram.

Gostou dessa ideia, exceto pelo problema que eram os Outros. Sem dúvida ele e os outros guardas podiam lidar com a situação quando apenas alguns deles cruzavam a barreira de uma vez. Mas quando

cruzavam em maior numero, precisavam desses loucos bastardos para pará-los. Talvez os Regentes pudessem prendê-los em celas subterrânea se só abrir suas gaiolas quando as coisas ficassem muito ruins.

Claro, quem seria louco o suficiente para ser a pessoa que tentasse voltar a colocá-los nas celas quando a luta terminasse? Não ele, não tinha nenhuma vontade de morrer.

Espiou pela janela em seu laboratório. Filha da puta, ela estava comendo um sanduíche em sua mesa.

O que estava acontecendo para agir assim? Sempre saia para pegar algo para o almoço, dizendo que um passeio ao ar fresco limpava sua mente. Muitas vezes, se ofereceu para trazer algo de volta para os guardas que estavam de plantão, inclusive ele.

Podia estar desconfiada de que algo estava acontecendo, após o fiasco na outra noite. Em outras circunstâncias, poderia ter dito a Bane e Trahern que eram paranóicos se tivessem tentado convencê-la de que alguém estava atrás dela. Mas Trahern tomando um tiro não tinha dúvida mais contra os seus argumentos. A única questão era se a tinham advertido sobre não confiar em membros da Guarda? Tinha certeza de não ter deixado nenhum rastro, mas Bane pode ter dito que não confiasse em ninguém, exceto nele.

Havia apenas uma maneira de descobrir. O tempo estava acabando. A não ser que conseguisse levá-la agora, podia muito bem colocar o cano da pistola na boca e puxar o gatilho. Seria uma morte mais agradável do que seu desconhecido chefe ou Devlin Bane lhe daria.

Suas mãos estavam um pouco instável enquanto se preparava para enfrentar a deliciosa Dra. Young. Talvez a mantivesse "ocupada" por um dia ou dois antes de deixar Bane saber onde encontrá-la. Imaginou que o último lugar que o desgraçado procuraria seria nos túneis abaixo do centro. Se ele se cansasse da Doutora, sempre poderia deixá-la em um dos túneis para que os Outros a encontrasse em sua próxima tentativa de cruzar a barreira.

Sim, gostou da idéia. Eles matariam a cadela sem hesitação. E quando seu amante descobrisse, Bane iria perder as estribeiras. Não demoraria muito para convencer Kincade ou mesmo Dr. Neal que Bane tinha cruzado a linha, fazendo com que a sua morte seja um ato de misericórdia. Suas mãos se estabilizaram agora que as peças foram todas se encaixando.

Verificou sua arma mais uma vez e abriu a porta.

\* \* \*

Laurel não podia acreditar em seus olhos, mas estava já a quase uma hora contemplando a verdade. A mudança nos scanners de Devlin entre o exame feito quando reviveu e quando o Dr. Neal repetiu os testes como parte da triagem geral era considerável.

A menos que estivesse deduzindo mais do que os números diziam em realidade, sua pontuação caiu pela primeira vez quando ela segurou sua mão. Gostaria de acreditar que este dado era significativo, mas a

cientista que havia em seu interior não iria deixá-la tirar conclusões precipitadas. Tinha que fazê-lo bem. Tinha que ser bem feito, teria que criar experimentos controlados para validar os resultados.

O problema era que não sabia o que estava provocando as mudanças. Poderia ser algo tão simples como o contato físico? Imagens do jeito que ela e Devlin passaram a noite anterior encheram sua cabeça. Este sim que era um experimento ao que ela se apresentaria como voluntária, ao menos em privado. Esta ideia a fez sorrir.

Sua intuição lhe dizia que estava à beira de algo importante. Cuidadosamente colocou os relatórios em ordem de data e devolveu na pasta de Devlin. Contaria o que tinha descoberto depois de que o doutor Neal revisasse os dados. Sem dúvida, ficaria chateado ao descobrir que ela tinha cruzado a linha, tornando-se envolvida em um nível pessoal, para não mencionar íntima, com um de seus pacientes.

Mas levaria de bom grado a bronca, se isso significasse que tinha encontrado uma maneira de ajudar os Paladinos a escapar do ciclo interminável de morte e destruição.

Laurel cedeu ao impulso de dançar de alegria.

E ficou cara a cara com o fim do cano de um revólver.

Congelada de terror, levou uns segundos para reconhecer quem estava segurando a arma. Seus olhos normalmente amigáveis pareciam mais os de Trahern agora.

"Sargento Purefoy! Isso é algum tipo de piada?" Um olhar para o ódio frio em seus olhos foi suficiente para romper em mil pedaços aquele sonho.

"Sim, Doutora, é uma piada. Mas eu sou o único a rir." Ele fez um gesto em direção à porta com o cano da arma. "Você e eu vamos a um lugar bonito e privado para nos esconder por um ou dois dias. Tenho em mente algo especialmente divertido apenas para nós."

Ele focou seu olhar em seus seios, em seguida deslizou lentamente pelo resto de seu corpo. Então sorriu, deixando que ela soubesse exatamente o que tinha em mente. Laurel deu um passo para trás, enquanto seu estômago se agitava. Era como se estivesse olhando para um estranho, ao invés de um homem que tinha conhecido e que confiava.

Sua repulsa deve ter refletido em seu rosto, porque o sargento Purefoy lhe deu uma bofetada.

"Não me venha com esse olhar de santa, cadela. Eu sei que está abrindo de pernas para o Bane. Inferno, ele nem mesmo é humano."

Ela encontrou diretamente seu olhar, determinada a não se acovardar. Olhou para a câmera montada em um canto, esperando que alguém estivesse assistindo a aquele espetáculo. Certamente nem todos os guardas estavam envolvidos nessa confusão.

Quando ele percebeu, riu. "Quem você acha que deveria estar monitorando os laboratórios agora? E o meu parceiro teve um ataque súbito de intoxicação alimentar e foi para casa. Imagine, como uma

incrível coincidência. Então, até o próximo turno chegar, estou bravamente levando tudo sozinho." Pegou o seu celular no balcão e enfiou-o no bolso do uniforme, em seguida acenou com sua arma em direção da porta. "Você vai sair por aquela porta comigo e agir como se tudo estivesse bem. Um movimento em falso ou qualquer tentativa de escapar, e não hesitarei em atirar em qualquer um pelo caminho." Ele sorriu novamente. "Você também, embora não para matar, não se preocupe. Mas um ferimento na perna não iria interferir muito com os meus planos para nós."

Daí já era demais! Não estava indo para seguir seus planos como um cordeirinho a caminho do matadouro. O que poderia usar como uma arma? Ele deve ter imaginado que iria tentar alguma coisa, porque a empurrou para longe do balcão no meio da sala. Então, estava ao lado dela, a arma pressionada firmemente contra as suas costelas.

Ele meio que a arrastou pelo corredor até um lance de escada que levava até o nível inferior raramente usado. Laurel tropeçou deliberadamente, agarrou-se ao corrimão da escada e se deixou cair ao chão.

Quando imediatamente tentou levantá-la, ela se recusou a se mover. "A menos que queira que eu caia novamente e quebre a perna, terá que esperar um segundo." Laurel tirou um sapato e o mostrou. "Por sua culpa, arruinei um perfeito par de sapatos."

Antes que o sargento pudesse evitá-lo, Laurel jogou o sapato para o corredor e depois de tirar o outro, lançou-o escada abaixo.

Purefoy a levantou pelos cabelos, os últimos vestígios de civilidade tinham desaparecido. "Não sou estúpido, Laurel." Deslizou o cano da pistola pelo pescoço de Laurel. "Sei que está tentando deixar um rastro para seu amante Paladino seguir, mas não vai funcionar. Mesmo se ele encontrar os sapatos, vai pensar que estou tentando levá-lo a uma armadilha. Quando descobrir que realmente a levei aos túneis, será tarde demais, para você e para ele." Começou a descer as escadas sem deixar de falar. "Em uma ocasião, pensei em experimentar uma das mulheres dos Outros, mas quando peguei uma, não pude suportar o fedor de seu mundo. E com que a pele cinza, parecia um cadáver. Mas estou disposto a apostar que um de seus homens não se importaria de fazer com uma fêmea humana. Sabia que às vezes os machos viajam em dupla? Isto faria com que a experiência fosse muito mais do que especial, não acha? Afinal de contas, tem que haver alguma razão para que continuem cruzando a linha entre os dois mundos. Talvez seja algo tão simples como foder com uma mulher que não pareça uma morta."

"Melhor com um deles que com você, seu doente."

Ela se preparou para mais um golpe, mas Purefoy não reagiu à sua provocação. A empurrou para o canto na parte inferior da escada, enquanto apertava os botões em um teclado. Depois de introduzir o código e abrir a porta, a agarrou pelo braço e a arrastou ao interior do armazém.

Eles foram cercados por um profundo silêncio, quebrado apenas por sua própria respiração. Sabia de visitas anteriores de que a sala estava cheia do chão ao teto com arquivos protegidos dos efeitos do meio

ambiente. Como proteção adicional, a iluminação era limitada a uma pequena lâmpada junto à porta. Além disso, detectores de movimento foram ajustados para acender as luzes do teto, conforme necessário, o que limitava a quantidade de luz. Tais precauções eram necessárias porque aqui estava o coração da história dos Paladinos, cuidadosamente escrito e mantido pelos Regentes desde os primórdios nebulosos da palavra escrita.

“Vamos!” Dirigiu-se ao fundo da sala avançando sempre ao limite da escuridão, pois corria mais que os detectores de movimento.

Detiveram-se diante de um elevador que ficava escondido. Os dedos do Purefoy voaram sobre o teclado chamando o elevador das profundezas abaixo e um calafrio desceu sobre Laurel. Ela nunca tinha visto os Outros, exceto em fotos e uma vez em uma autópsia feita para mostrar aos novos Guardiões o tipo de ser que os Paladinos lutavam.

O pensamento de ser demarcado como um bode para atrair um macho predador deixou doente. Mas isso seria pior do que ser abusada pelo homem enlouquecido ao seu lado? Seria o fato de que ela tinha escolhido um amante Paladino que realmente o levou a esse extremo?

Não, isso não fazia sentido. Se já tinha sido interessado nela como mulher, nunca mostrou nenhum sinal. Seu relacionamento sempre foi cordial, mas profissional. O que estava motivando-o a arriscar-se a uma morte certa nas mãos dos Paladinos? Certamente sabia que, mesmo se fosse bem sucedido em sua tentativa de matá-la e ao Devlin, o resto dos Paladinos faria fila para acabar com ele.

"Por que está fazendo isso?" Ela fez o seu melhor para manter a voz estável e calma. Purefoy já mostrou sinais de perda de controle, de pupilas dilatadas e gotas de suor em seu rosto. Não havia como dizer o que faria se o pressionasse muito.

"Dinheiro suficiente para ser um homem rico."

As portas do elevador se abriram na frente deles. Purefoy deu-lhe um empurrão e depois a seguiu. "Os Regentes dão ao seu animal de estimação, os Paladinos, todas as riquezas e glória. Enquanto isso, nós os guardas, recebemos um pagamento miserável e mal conseguimos sobreviver."

"Mas os paladinos lutam contra os Outros." E como é que conseguia pensar que os Paladinos estavam mergulhados na glória, quando sua existência era um dos segredos mais bem guardados da história?

Purefoy bufou. "Ah, sim, eles têm que lutar, o que talvez alguns dias por mês? Mesmo quando as coisas saem mal, eles ainda voltam dos mortos como um maldito zumbi. Mas nos enviam para dentro dos túneis para apoiá-los e quando morremos, vamos ficar assim."

Não haveria raciocínio com aquele homem. Quanto mais falavam, mais se convenciam de que estava em alguma missão moral para corrigir um erro em nome da Guarda, em vez de apenas ser ganancioso. Enquanto isso, o elevador continuou a sua viagem para baixo, para os túneis muito abaixo das ruas de Seattle.

Chegaram a fundo com um baque alto. Quando as portas se abriram lentamente, Laurel teve sua primeira visão dos túneis úmidos onde os

Outros e os Paladinos lutavam e morriam. E onde ela poderia morrer, também.

\* \* \*

Cullen enfiou a cabeça pela porta de Devlin. "Hey, Dev, disse que queria saber se pegássemos algo fora do comum!"

Devlin levantou a vista dos relatórios dos exames que D.J tinha imprimido depois de invadir os arquivos médicos. Apertou a ponte do seu nariz desejando que Laurel estivesse ali para ajudá-lo a interpretar o jargão médico. Deveria ter se preocupado em aprender mais sobre como ler as malditas coisas.

"O que está acontecendo? A montanha esta tremendo novamente?" Lonzo não estava em plena forma ainda e Trahern estava se movendo lentamente, a última coisa que eles precisavam agora era de uma avalanche de Outros passando pela barreira.

Cullen negou com a cabeça. "Não, mas D.J captou um sinal em um dos monitores dos túneis. Está tentando rastreá-lo, mas só aconteceu uma vez."

"Mantenha-me informado."

"Vou manter. Além disso, vamos pedir uns sanduíches. Interessado?"

Não tinha percebido o quão tarde era. "Não, tenho planos para o jantar." Para depois do jantar, também, mas Cullen não precisava saber sobre isso. A única pessoa que sabia que Laurel ainda estava hospedada em sua casa era Trahern. Por segurança, planejava manter dessa maneira.

"Está bem. Se por acaso precisar de mim, estarei fora uma meia hora."

Quando a porta se fechou, Devlin se recostou na cadeira e fechou os olhos, na esperança de aliviar a dor de cabeça que a leitura e a falta de sono lhe deram. Ele não pôde deixar de sorrir, apesar de tudo. Ontem à noite com Laurel tinha sido enérgica para dizer o mínimo. Aquela mulher devia fazer exercício, porque com certeza tinha resistência. Depois de falar da situação em que se encontravam, tinham conseguido dormir, mas ela o despertou umas horas mais tarde e ele devolveu o favor antes que soasse o alarme.

Eles também tinham provado o seu chuveiro para ver como era em comparação com a dela. A pele escorregadia com sabão e jatos d'água pulsantes tinha feito um começo feliz pra sua manhã. Tinham ficado sem água quente, teria que comprar um aquecedor de água maior, logo que as coisas se acalmassem.

A ideia o fez estender a mão para o telefone. Era quase seis horas, tempo de verificar com Laurel quando queria que a buscasse. Se lhe contasse algumas de suas ideias para a noite, ela podia decidir que parte de seu trabalho poderia esperar até amanhã.

Marcou o seu número e recostou-se na cadeira. O telefone do laboratório tocou cinco vezes, em seguida, se conectou a secretária

eletrônica. Pensou em deixar uma mensagem, mas não havia como dizer o quão seguro o sistema era. A última coisa que precisava era que o Dr. Neal ou um dos guardas ouvissem a mensagem.

Talvez estivesse no meio de alguma coisa e não podia atender ao telefone. Tentou o celular de qualquer maneira. Tocou uma vez, em seguida, dirigiu-se imediatamente para a caixa postal.

Eles concordaram, quando a deixou no trabalho, que ligaria em algum momento durante o dia. Por que teria desligado o celular? Poderia ser por um descuido ou uma estupidez e Laurel Young não era nenhuma destas duas coisas.

Maldição, se tivessem subestimado ao bastardo? Precisava de um bom par de bolas para sequestrá-la no trabalho, com guardas e Dr. Neal podendo entrar a qualquer momento.

Pegou sua arma, em seguida sua espada. Se o filho da puta tinha posto um dedo em Laurel, Devlin teria um grande prazer em fatiá-lo em pequenos pedaços.

Na saída, parou para contar a DJ para onde estava indo e por que, mas ele não estava em sua mesa. Ao invés de perder tempo caçando-o, Devlin pegou o interfone e fez uma chamada geral para ele.

“DJ, traga sua bunda inútil até sua mesa!”

Em menos de dez segundos seu amigo apareceu correndo, com Lonzo e Trahern não muito atrás. Um olhar para o rosto de Devlin e DJ segurou qualquer comentário espartinho que estava prestes a fazer. "O que está acontecendo?"

"Estou indo para o laboratório para verificar o Dra. Young."

"Tem alguma coisa errada?" Trahern empurrou Lonzo. "Precisa que te acompanhe?"

"Ainda não sei. Laurel não está respondendo o telefone do laboratório ou o celular. Pode não ser nada, mas isso não é normal nela."

"Tem razão. Não é." A preocupação do Trahern se refletiu na frieza de seus olhos. "Avise-me se precisar de apoio."

"Obrigado, eu aviso." Devlin se dirigiu à porta. "Vou ligar com uma atualização assim que saiba de algo."

Ele dirigiu direto para o parque de estacionamento privado fornecido para os regentes e os seus funcionários. O lugar estava praticamente vazio, o turno do dia já tinha ido para casa. Ninguém ficava muito mais tarde que as 18:00h a menos que a barreira estivesse flutuando e se esperasse a chegada dos Paladinos feridos.

Depois de trancar o carro, andou até a porta da frente do prédio. Uma vez lá dentro, a sua sensação de desconforto aumentou geometricamente quando viu que o posto dos guardas estava vazio. Inclusive quando andavam escassos de pessoal, o coronel Kincade insistia em que a vigilância da entrada não se descuidasse. Os guardas eram a primeira linha de defesa do edifício, vinte e quatro horas do dia, sete dias por semana. Além disso, eles eram os responsáveis por monitorar as câmeras e microfones em áreas que requeriam mais segurança, como os laboratórios.

Devlin tirou seu celular e pulsou uma tecla de discagem rápida para DJ que atendeu no primeiro toque.

"O edifício parece vazio e não há guardas na entrada. Vou voltar para o meu carro para pegar as minhas armas. Vou precisar de você para desligar os sensores por tempo suficiente para entrar, sem soar o alarme. Pode fazer isso?"

Esperou impacientemente enquanto DJ conferia com alguém, Cullen o mais provável. O que um deles não podia fazer em um computador, o outro podia. Não demorou muito. Assim como esperava, DJ prometeu-lhe um mínimo de sessenta segundos de inatividade.

"Obrigado, DJ Vou ligar para o telefone e deixar tocar duas vezes quando estiver pronto, em seguida, contarei até trinta antes de cruzar os sensores. Diga a Trahern que não seria nada mal que viesse aqui."

Ficou aliviado ao saber que seu amigo já estava a caminho e que chegaria em breve. Cada vez mais, seus instintos estavam lhe dizendo que algo estava terrivelmente errado.

Quando voltou para o hall de entrada com suas armas, ainda estava deserto. Digitou o número de DJ e desligou depois de dois toques. Olhando para o relógio na parede, impacientemente contava os segundos até que pudesse atravessar com segurança. Deixou um extra de dez segundos, mas mesmo assim, temia que metade dos alarmes pelo menos, disparasse.

O silêncio estava carregado com a tensão enquanto cruzava o corredor para a entrada do laboratório de Laurel. Andava com discrição de um

caçador, arma na mão. Sua espada pendurada ao seu lado. Só quando os Paladinos lutavam contra os Outros que eles recorreriam a armas dos tempos antigos. Mas aqui, seguramente distante da frágil barreira, preferia uma arma mais moderna, que iria fazer o trabalho rápido em qualquer filho da puta que se atrevesse a ameaçar a sua mulher.

Se aproximou da porta de seu laboratório de lado, se dirigindo para as pequenas janelas que permitiriam a ele uma rápida olhada na sala. Não demorou muito para perceber que o laboratório estava vazio, pelo menos o que podia ver. Empurrou a porta aberta o suficiente para passar, segurando a arma com as duas mãos. Diferentemente do zumbido mecânico suave do equipamento de laboratório, a sala estava em silêncio.

E vazia.

Depois de colocar a arma no cós da calça jeans, começou a examinar cada canto do laboratório e verificando as mesas e armários e até mesmo as macas vazias dos pacientes em busca de qualquer sinal de violência ou pistas sobre o que tinha acontecido com Laurel. A única coisa no lixo era o pacote enrugado do sanduíche que ele tinha feito para o almoço de Laurel. Sabia por instinto que ela não quebraria sua promessa de permanecer no prédio; as migalhas e saco plástico confirmaram isso.

Bateu com a mão no balcão com frustração. Talvez a tinham chamado para uma reunião de última hora, mas ela nunca teria deixado a bolsa fora do armário. Além disso, não teria levado seu laptop?

Seu celular tocou, quebrando o silêncio. O número na tela era o de Laurel e ele sabia, mesmo antes de responder que algo estava terrivelmente errado.

"Bane falando."

"Devlin?"

Parecia que Laurel tremia a voz, embora a recepção não estivesse boa. Ou estava quase fora da área de serviço, ou em algum lugar com interferência.

"Onde está, Laurel? E com quem está?" Ele manteve a voz calma, andando de um extremo a outro do laboratório.

"Não posso te dizer isso, mas agora estou bem."

O que implica que ela não estaria por muito tempo. Mataria ao fodido bastardo três vezes.

"Disse para lhe dizer que ele vai deixar você saber quando quer que participe da festa."

A linha ficou muda, em seguida, o telefone tocou novamente. Era DJ, dizendo-lhe que Trahern havia chegado e estava prestes a entrar no edifício.

O outro Paladino entrou pela porta do laboratório, assim que Devlin enfiou o telefone de volta no bolso. Trahern abaixou a arma e a colocou de volta no coldre, enquanto percorria com seu frio olhar o laboratório vazio. "Ela se foi."

"Ele está com ela", disse Devlin.

"Além de que é um homem morto, sabemos alguma coisa dele?" Trahern se aproximou, mas manteve entre eles uma distância de manobra se por acaso surgia alguma ameaça inesperada.

"Não. Disse a Laurel para me dizer que me fará saber quando estou convidado a «participar da festa»." As imagens do que o maldito bastardo podia ter pensado em fazer a Laurel cruzaram sua mente e fazendo-o querer uivar de fúria.

"Então, vamos encontrá-los primeiro." Trahern cabeceou para o laptop. "Você checkou para ver se teve tempo para nos deixar uma pista?"

Devlin xingou e conectou o laptop. Era uma possibilidade muito remota, mas o fato de que não tinha nem pensado em verificar o preocupou, porque demonstrava quão alterado estava. "Não há entradas recentes."

Devlin considerou as alternativas que tinham. "Chame DJ e diga para enviar Cullen mais para verificar o posto de vigilância da guarda. Talvez uma das câmeras captou a imagem do canalha. E também consultar o registro para ver quais guardas que estavam programados para o plantão hoje."

Enquanto Trahern realizava a chamada, Devlin respirou fundo para encontrar aquela calma que o invadia sempre antes que a barreira descia e os Outros vinham derramando através dela.

A barreira. Havia algo sobre a barreira. Devlin tirou das mãos de Trahern o telefone.

"DJ, você acompanhou o sinal que detectou antes? O que disse que estava em um dos túneis remotos?" Não, não teve tempo de verificar ainda, porque tinha sido apenas uma vez. "Onde está localizado o túnel? Pode me dizer?"

A resposta de DJ o fez correr para a porta, com Trahern direito atrás dele.

"Para onde vamos agora?"

"Há poucas horas, algo disparou os sensores em um dos túneis mais remotos. Remoto só porque não é perto da barreira, mas é direito abaixo deste edifício. DJ está pesquisando a planta para me dizer como acessar o túnel daqui. Caso contrário, teremos que descer através do Centro e voltar. Até que me chame com mais informações, tudo o que podemos fazer é procurar a entrada."

Três corredores convergiram na recepção. Eles escolheram o da esquerda primeiro, porque era o mais curto. Os dois realizaram uma busca padrão, entrando, primeiro um e depois o outro, em cada uma das salas e escritórios que passaram. A maioria estava às escuras, os ocupantes normais, obviamente, já foram embora com o fim do dia.

Continuaram a busca no corredor seguinte. Na metade do caminho tiveram sorte. Um sapato de mulher estava caído perto do início de uma escada e Devlin sabia antes mesmo de dar uma boa olhada nele que era de Laurel. O que não sabia era se ela estava deixando uma trilha para seguir, ou se seu captor tinha jogado ali como pista falsa.

Quando Trahern chegou a seu lado, mostrou-lhe o sapato. "É de Laurel."

"Acha que foi ela que o deixou ali?"

"Gostaria de pensar que sim, mas não há nenhuma maneira de saber." Devlin considerou suas opções. "Qualquer ideia de para onde essa escada leva?"

Trahern deu a resposta óbvia. "Abaixo."

"Obrigado." Devlin colocou o sapato no chão. "Acho que a escada é nossa melhor opção, mas devemos fazer uma verificação rápida do resto do andar antes de descermos. Vou terminar deste lado. Você pega o outro. Se DJ chamar eu te aviso."

Não demorou muito tempo para terminara busca, que deu em nada. O sequestrador teria que ser um tolo para ficar com Laurel em um dos andares superiores, onde poderia ser encurralado facilmente. Não, ou tinham deixado o prédio por uma das portas de emergência ou encontrado outra saída. Arrastar uma mulher contra sua vontade, especialmente uma faltando pelo menos um sapato, em uma rua pública, mesmo por um minuto ou dois, que seria o tempo necessário para chegar a um carro era muito arriscado.

Só ficava a escada. O telefone de Devlin tocou quando Trahern retornou. Quando Devlin o olhou, ele balançou a cabeça. Nada, o que só confirmou o que suspeitava.

"Dê-me uma boa notícia, DJ"

O relatório de seu amigo foi breve.

"Obrigado. Não, fique aí. Preciso de você para chamar as tropas. Vamos mantê-lo informado." Disse a Trahern, "Há um cofre climatizado no piso inferior do edifício que abriga os registros dos Regentes. De acordo com as plantas que DJ conseguiu, o único acesso é através de uma porta no final desta escada e tem que ter os códigos de segurança para abri-la."

"Suponho que DJ está cuidando desse pequeno problema para nós."

Devlin encolheu os ombros. "Ele vai tentar, mas se isso falhar, eu vou explodir a porra da porta."

"Parece divertido."

## Capítulo 14

Devlin verificou sua arma e a lâmina de sua espada na bainha enquanto Trahern fazia a mesma coisa. Quando eles estavam prontos, Devlin começou a descer o primeiro lance de escadas. No patamar, pararam e foram o resto do caminho para baixo, dando cobertura um ao outro no caso do sequestrador não estar trabalhando sozinho.

Quando chegaram ao final, a primeira coisa que Devlin notou foi que a porta para a sala de registros estava entreaberta. Telefonou ao DJ "Será que você abriu a porta? Não? Isso é o que eu pensei." Devlin cortou a comunicação antes que DJ pudesse fazer todas as perguntas.

"Devlin, olhe." Trahern estava apontando para o canto.

O outro sapato de Laurel estava ali, entre as sombras, quase oculto pelas escadas. Isto o convenceu de que era Laurel quem estava deixando as pistas. Se o sequestrador queria deixar pistas falsas, teria deixado o sapato à vista, onde Devlin não deixaria de ver. Era definitivamente Laurel, tentando, com recursos limitados levar seus salvadores diretamente até ela. Devlin desejou que Laurel tivesse conforto de sua fé que ele viria atrás dela. E, quando a recuperasse,

não ia deixá-la ir, acontecesse o que acontecesse. Mas agora chegou a hora de ver o que estava atrás da porta número três. "Vamos?"

Trahern concordou com a cabeça e seguiu-o até a porta e na escuridão.

\* \* \*

O frio penetrou até os ossos de Laurel enquanto o sargento Purefoy a arrastava através de um labirinto sem fim de túneis. No início, tinha tentado se lembrar de todas as voltas e reviravoltas, mas desistiu quando percebeu que o seu percurso voltava duas a três vezes na mesma direção. Mesmo que conseguisse se libertar e escapar, tinha pouca esperança de encontrar o caminho de volta até o elevador que os tinha trazido para dentro desse inferno.

Justamente quando pensou que nunca iria parar, ele deu uma guinada brusca para a esquerda. A mudança abrupta na direção quase a fez cair de joelhos e se esforçou para manter o equilíbrio. Purefoy olhou para a estreita passagem que ele tinha escolhido e acenou com a cabeça como se estivesse satisfeito. Laurel não podia ver nada que o distinguisse de qualquer dos outros, mas não se importava. Estava feliz em parar de correr por alguns minutos. Então viu o que estava encostado contra a parede e seu estômago deu um tombo.

"Bem-vinda ao seu novo lar temporário." Purefoy torceu sua boca em um sorriso desagradável e a levou para uma estreita cama de ferro

com um colchão sujo em cima. "Sei que não é a melhor das acomodações, mas não está exatamente aqui de férias, não é?"

Ela puxou sua mão para fora do seu alcance. "Diria para ir para o inferno, Purefoy, mas você vai chegar lá em breve. Cerca de cinco minutos depois de que Devlin Bane colocar suas mãos em você, se tiver sorte. Caso contrário, ele poderia demorar horas." Seu show de bravata levantou o seu ânimo. Purefoy imediatamente olhou para trás pelo túnel que tinham vindo, demonstrando que ela marcou um ponto.

"Cale a boca, vadia"

"Me obrigue." Assim que as palavras saíram de sua boca, Laurel soube que tinha cometido um grande erro tático. O homem já estava com os nervos à flor de pele. Não era preciso que ela acrescentasse testosterona à mistura.

A puxou bruscamente contra ele. "Acho que se gosta do que Bane lhe dá na cama, provavelmente gosta rude."

Podia sentir o calor do corpo dele, apesar da fria umidade do ar. Foi uma luta manter a voz calma. "Não faça isso, sargento Purefoy. Você sabe que realmente não quer fazer isso."

"É aí que está errada. Eu quero muito fazer isso."

Ele deslizou sua mão livre até seu ombro, em seguida voltou para apertar seus seios com força suficiente para fazê-la estremecer de dor. Em seguida, segurou seu traseiro e apertou, puxando-a contra seu corpo. Quando tentou beijá-la, ela se afastou no último segundo. Ele contra-atacou agarrando o cabelo e girando o rosto para lhe dar um

beijo babado em sua boca. Quando Laurel tentou resistir, ele puxou o cabelo dela com força suficiente para fazê-la chorar. Quase engasgou quando enfiou a língua em sua boca. Para fazê-lo parar, ela mordeu com força. Purefoy gritou e pulou para trás, xingando e cuspidando sangue. Ele deu um tapa com força suficiente para fazer com que sua mandíbula ficasse dolorida, mas pelo menos não fez nenhum outro movimento para se aproximar. Tinha outro machucado no rosto, mas seu pequeno ato de rebeldia a fez sentir-se menos indefesa.

"Estenda o braço."

Purefoy balançou um par de algemas na frente de seu rosto. O brilho maníaco nos olhos lhe disse que esperava que ela o obrigasse a usar a força. Ela lentamente levantou a mão, a sensação de mal estar no estômago piorava. Com um rápido empurrão, a enviou voando até a cama. Depois, sentou-se escarranchado em cima dela e prendeu um dos braceletes no pulso esquerdo de Laurel e outro à cabeceira de metal enferrujado.

"Eu ia perguntar se eram confortáveis, mas uma vez que os Outros te encontrar, o conforto será a última de suas preocupações."

Puxou as algemas para se certificar de que estavam bem presas, então se inclinou para lhe dar outro beijo babado. Com um aceno alegre, partiu por onde tinham vindo, deixando-a sozinha na fria umidade do túnel. A princípio, permaneceu imóvel, ouvindo o som de seus passos desaparecendo. Como as passagens pareciam dar a volta em torno de si, não podia ter certeza de que realmente tinha ido muito longe. Poderia estar à espreita nas proximidades para ver se tentava escapar.

Por que escolheu este local especial para deixá-la? Porque era um lugar remoto e sua proximidade com a barreira? Apesar de ter visto fotografias e filmes da barreira, nenhuma tinha feito justiça. Na penumbra, a parede luminescente no fim do túnel brilhava em uma infinidade de cores e texturas resplandecentes que não conhecia nem os nomes.

Seu primeiro impulso teria sido a de estender a mão e tocá-la se não soubesse quais eram as consequências. Mais do que um de seus Paladinos tinha sofrido queimaduras por roçar a barreira quando estavam lutando. Era tão mortal quanto era bonita.

Decidiu que não se importava com o que Purefoy estava fazendo. Mesmo que não retornasse havia sempre a possibilidade de a barreira se apagasse deixando-a a mercê dos Outros. Laurel empurrou essa ideia para o fundo da sua mente, recusando-se a deixar que o medo a paralisasse e se concentrou em tentar liberar-se.

Primeiro deu puxões experimentais nas algemas, para ver se o metal cedia. Os resultados foram péssimos. Com apenas um pouco de esforço, tinham produzido arranhões na pele do pulso. Laurel tentou sentar-se, mas era mais difícil do que esperava, sem o uso das mãos e os braços para se equilibrar. Virando-se para a cabeceira da cama, apoiou os pés contra ela e empurrou com força jogando o corpo para trás.

O sangue escorria do seu antebraço, mas a solda que unia a barra ao resto da estrutura não se moveu. Laurel respirou fundo, ignorando a dor, e se preparou para outra tentativa. Desta vez, puxou com todas

suas forças e gritou. Na faculdade, tinha feito um semestre de judô onde o professor havia encorajado todos os alunos a gritar alto sempre que praticavam. Não sabia se por ser a segunda tentativa ou o grito que ajudou, mas a estrutura cedeu um pouco.

Infelizmente, a barra em si permaneceu intacta. Não tinha certeza de quantas vezes mais poderia tentar antes que fizesse ferimentos graves em si mesma. Por outro lado, se permanecia quieta durante muito mais tempo, o frio e a umidade minariam suas forças.

Voltou a apoiar os pés na cabeceira, inspirou fundo pelo nariz e soltou o fôlego pela boca. Mas antes que pudesse empurrar, um estridente zumbido começou, crescendo em intensidade até que parecia como se alguém estivesse apunhalando seus tímpanos com um picador de gelo.

Afundando no colchão, assistiu com horror como a barreira flutuava com feias manchas de cor. De vez em quando, acreditou ver um vislumbre de alguém se movendo do outro lado. Um dos Outros esperando para atravessar ao mundo humano. Tinha de ser. E pelo que sabia de sua fisiologia geral, era mais provável um macho adulto.

O medo, o frio e um sabor amargo cresceram em seu interior. Se a barreira viesse a falhar, não importa se Purefoy retornasse ou não. Um ataque de um dos Outros encaixaria a perfeição com os planos do sargento. Se conseguir que parecesse que ela tinha morrido nas mãos dos Outros, ele sairia ileso do sequestro, pois não tinha deixado pistas sobre sua identidade.

Até este ponto, tinha conseguido manter-se focada em escapar e à espera que Devlin a encontrasse. Com esta nova e imediata ameaça,

no entanto, o que deveria fazer? Pense... tinha que pensar. Estava acostumada a analisar os dados, em seguida decidir sobre um curso de ação. Enquanto fazia o possível por não ouvir o zumbido da barreira, Laurel olhou a seu redor.

As paredes do túnel eram irregulares, como se esculpida diretamente na pedra. Alguém tinha aplicado uma camada de concreto em um ponto, o mais provável para reforçar a estabilidade das paredes. Dutos elétricos percorriam o teto, interrompida a cada dez metros ou mais com luzes sensíveis ao movimento. Laurel ficou quieta. Purefoy a tinha algemado em uma pequena ramificação do túnel principal. Se ficar completamente imóvel, as luzes se apagariam, deixando-a envolta em trevas.

Talvez o Outro não a veria se ela se espremesse contra o colchão para se tornar parte das sombras. Quanto tempo seria necessário para que as luzes se apagassem? Laurel se moveu para reativar seus sensores e depois ficou quieta. Contando os segundos, esperou até que as luzes começassem a desligar um após o outro, até que não houvesse mais nada, além do som de sua própria respiração e o brilho da barreira.

Laurel sentou-se novamente. Imediatamente as luzes se acenderam na intensidade total, o suficiente para que tivesse de proteger os olhos brevemente com o braço para dar-lhes tempo para se adaptar. Uma lembrança apareceu no fundo de sua mente. Algo a ver com os outros e de luz. Depois de um ou dois segundos, a lembrança tomou forma. As luzes nos túneis foram reguladas para brilhar forte o suficiente para tornar mais difícil para os outros verem. Depois de um momento, porém

as luzes voltariam à intensidade normal. Não era uma vantagem tão grande assim para os Paladinos, mas a aproveitavam ao máximo.

O zumbido sumiu sem aviso, e a barreira mais uma vez voltou ao normal. Enquanto estava sob controle, retomou seus esforços para se libertar, sabendo que a pausa podia ser breve. Se o zumbido voltasse, deitaria de novo na cama e confiaria que fosse o melhor.

\* \* \*

Droga, tinha certeza de que havia conseguido derrubar a barreira dessa vez. Recuando, Purefoy olhou para a parede brilhante de energia. Por alguns segundos enfraqueceu o suficiente para os objetos no outro lado tornar-se visível, mas não o suficiente para interromper o fluxo de energia. Onde tinha errado? Já tinha tentado antes interromper o fluxo cravando nela a espada de Bane, mas não funcionou. Se não tivesse sido cuidadoso o suficiente para usar luvas isolantes, a maldita coisa o teria fritado ali mesmo no local. De fato, tinha queimado as capas exteriores da malha obrigando-o a tirar as mãos das luvas antes que o ardente calor lhe causasse bolhas.

Desta vez, veio bem preparado. Depois de deixar a sua prisioneira onde um dos Outros a encontrasse quando derrubasse a barreira, tinha retornado para o esconderijo de armas que escondeu durante a última semana. A pequena explosão que acabara de detonar deveria ter colocado uma brecha de tamanho considerável na barreira. Teria que

tentar novamente usando mais força. Mesmo que só conseguisse derrubar o teto do túnel, isto podia causar danos suficientes para que a barreira se apagasse momentaneamente e os Outros que estavam esperando conseguissem tempo suficiente para atravessar.

Assim que sentissem o cheiro de uma fêmea humana, os jogos e diversão começariam. Seu plano original era mantê-la para si mesmo, mas com o seu empregador ficando impaciente e Bane já no seu encaixe, não houve tempo para um pouco de sexo violento. Uma vez que a barreira caísse, cada Paladino na região desceria correndo dentro aos túneis.

Seu plano dependia de Bane sendo o primeiro a chegar. Enquanto os Outros mantivessem o bastardo ocupado protegendo sua mulher, Purefoy usaria uma arma para derrubar Devlin de joelhos. Quando isso acontecesse, ele poderia terminar o trabalho com uma espada.

E se Laurel Young sobrevivesse a seu primeiro encontro com um Outro, ainda poderia divertir-se um pouco com ela. A puta tinha merecido, sua língua ainda doía onde o mordeu. Talvez depois de que um dos Outros a usasse uma ou duas vezes, ela apreciaria um macho humano normal. Assobiando desafinado, limpou as mãos em suas calças e, em seguida, começou o árduo processo de fiação de sua próxima tentativa de explodir a barreira ao inferno.

\* \* \*

Durante um segundo, Devlin se permitiu imaginar o prazer de colocar as mãos em volta do pescoço de sua presa e apertar até que seus ossos se quebrassem. Este prazer teria que esperar um pouco, mas, mesmo assim, sentiu-se melhor. Tinha demorado muito tempo para fazer a ligação direta do elevador, tempo do que não dispunham.

Ele e Trahern poderiam ter apressado o trabalho, mas não quis arriscar e disparar um alarme. O guarda desonesto tinha que saber que Devlin ia atrás dele, e se o filho da puta se sentisse encurralado, poderia matar Laurel. Então Devlin tinha sido obrigado a usar um tempo para contornar a segurança sobre os controles do elevador. Cada minuto extra que Laurel passava nas garras de seu captor, o encheu com uma fria fúria.

"Ai está, acho que vai funcionar." Recolocou o teclado e escutou com o ouvido contra a porta. Em algum lugar nas profundezas abaixo, ouviu-se o murmúrio das máquinas em movimento. "Está a caminho."

"Já era hora." Trahern se aproximou. "Então, qual é o plano para quando chegarmos lá? Devemos nos dividir ou caçar juntos?"

"Estou imaginando que ele tem uma surpresa ou duas preparadas para nós, então devemos nos separar. Com sorte, não teve tempo para montar armadilhas em todos os túneis. Indo em direções diferentes nos dá uma melhor chance de conseguir chegar até Laurel."

Trahern concordou. "Se eu pegar ele primeiro, posso matá-lo ou tenho que reservar esse pequeno prazer para você?"

"Quero que ele deseje nunca ter nascido, mas temos problemas mais importantes. E se morre, tudo o que sabe morre com ele." O elevador emitiu um leve assobio e as portas se abriram. Devlin fez um gesto para Trahern ficar para trás, enquanto entrou no elevador em primeiro lugar. Quando nada aconteceu, acenou com a cabeça para o seu amigo para acompanhá-lo. "Esse cara está no fundo da cadeia alimentar e na folha de pagamento de alguém. Quero saber quem está no topo, se escondendo atrás do dinheiro e fazendo um jogo em dobro."

"Então, nós o apanhamos e o convencemos a falar em primeiro lugar." Os cantos da boca de Trahern se curvaram em um pequeno sorriso que mostrou muitos dentes. "E então nós o matamos."

Devlin sorriu para ele. "Esse é o plano."

"Por mim funciona."

Em todos os anos que tinha servido na região Noroeste, Devlin nunca tinha passado muito tempo naquele extremo do labirinto, túneis que passava pelo comprimento da barreira ao longo do Puget Sound. A área tão ao norte raramente tinha alguma atividade sísmica, embora alguém sempre dizia que em Seattle dava-se as piores tragédias.

Isso era tudo o que não precisavam agora. Mesmo a menor mudança nas placas poderia fazer a barreira descer o suficiente para deixar os Outros passar. Ele nem sequer queria pensar sobre o que aconteceria com Laurel se caísse nas mãos dos Outros. Esta era a razão principal que os Regentes tivessem uma política linha-dura contra a permitir que as mulheres descessem nos túneis. Na verdade, tanto quanto sabia,

nunca houve uma mulher Paladino, sempre tinha pensado que o cromossomo Y tinha algo a ver com isso.

Se sobrevivesse aquela noite, perguntaria a Laurel se estava certo. Nunca tinha sido uma preocupação especial sua, porque nunca tinha tido relações sexuais desprotegido, a complicação de deixar a uma mulher grávida não o atraía absolutamente. Mas ele e Laurel tinham patinado no limite do descuido algumas vezes. Os dois já estavam com idade suficiente para saber se cuidar, mas o sexo entre eles era tão ardente e apaixonado que o senso comum ficava relegado a um segundo lugar.

O apito da porta do elevador indicou que chegavam aos túneis, justo quando uma imagem de Laurel grávida de um menino, seu filho, cruzava a mente do Devlin. O pensamento deveria assustá-lo, mas se viu sorrindo.

Trahern estava olhando para ele como se tivesse crescido uma segunda cabeça. "Não sei onde esta sua mente, Devlin, mas é melhor que esteja aqui neste elevador comigo. Quando a porta se abrir, quem sabe que tipo de bagunça que vamos nos meter."

"Não se preocupe. Estou aqui."

Levantou sua pistola e cada um foi para um lado ficando tão longe da vista como podiam. Só um tolo iria ficar bem na frente da porta e oferecer-se como um alvo. Quando não houve ataque imediato, Devlin acenou para Trahern que tomaria a frente. Devlin se inclinou, saiu do elevador rodando pelo chão e voltou a ficar de pé disposto a disparar em caso necessário. Trahern o seguiu de perto.

Seu movimento acendeu as luzes. Depois de anos de experiência, ambos baixaram automaticamente os olhos para o chão, longe do brilho ofuscante. Não demoraria muito para que seus olhos se ajustassem, mas por alguns segundos, eram vulneráveis.

"Veja se eles deixaram alguma pista por ali. Vou verificar nessa direção."

Trahern arqueou uma sobrancelha. "Quantos sapatos acha que sua mulher carrega, apenas no caso de que precise deixar um rastro?"

"Muito engraçado"

Antes que pudessem mover-se, uma onda de energia chegou até eles da esquerda. Devlin separou os pés, afiançou-os no chão e inclinou a cabeça para diante como se encarasse um forte vento, e Trahern fez o mesmo. Quando a onda de energia passou, Devlin sacudiu a cabeça para limpar-se.

"Que diabos foi isso?" Trahern olhou para além deles, como se esperasse que o espetáculo se repetisse.

"Meu palpite é que alguém está mexendo com a barreira, provavelmente nosso sequestrador"

"Só um idiota se arriscaria a derrubá-la. Se estivermos certos sobre esse cara ser um da Guarda, deveria saber o suficiente a respeito do que podem fazer os Outros para não brincar com a barreira."

"Sim, mas você está assumindo que esse cara é sensato. Ele é o mesmo que pensa que vai viver tempo suficiente para realmente gastar

o dinheiro que está ganhando por me matar. Mas isso só já prova que tem três tipos de loucura. Vamos precisar de ajuda, se conseguir derrubá-la. Não há como dizer o quão longe o dano vai alcançar."

Devlin enfiou a mão no bolso e tirou seu celular, mas estavam muito abaixo para ter cobertura.

"Merda! Você vai precisar voltar e pedir ajuda. Uma explosão de energia com esse pode ter apagado toda a rede de sensores, então provavelmente não percebiam nenhum sinal lá em cima."

Trahern, obviamente, não gostou da ideia de deixar Devlin sozinho, mas a barreira tinha prioridade sobre a vida de uma mulher ou mesmo um Paladino. Essa era a única verdade deles.

O túnel permaneceu quieto. "Vá em frente e suba. Parece que a barreira aguentou, mas ele não vai ficar satisfeito com uma tentativa."

"Estarei bem atrás de você assim que tenha avisado a outros."

"Eu sei. Diga a Cullen que venha do outro lado. Quero ter certeza de pegar o filho da puta entre nós."

"Vou dizer."

Os dois partiram em direções opostas. Enquanto corria, Devlin enviou uma oração ao Deus que raramente pensava, pedindo que Ele mantivesse Laurel segura. Pelo menos até Devlin chegar lá e assumir a tarefa.

\* \* \*

O zumbido estava de volta. Laurel podia ver a sombra andando para lá e para cá no outro lado da barreira. O medo lhe queimava a garganta. Obrigando-se a manter a calma, voltou a tentar liberar-se de suas amarras. Os pedaços de metal enferrujado estavam finalmente começando a se separar. Se conseguisse as mover um pouco mais, possivelmente poderia separar a barra.

O zumbido piorou, fazendo com que seus ouvidos doessem novamente. O tempo estava se esgotando. Colocou as mãos em volta do tubo, fechou os olhos para concentrar toda a sua força e tentou virar o tubo. Só se moveu uns milímetros, mas definitivamente se mexeu. Ela tentou novamente. Pequenos flocos de ferrugem caíram em suas mãos e então se soltou.

Agora, só tinha que dobrá-lo um pouco para deslizar pelo extremo o aro das algemas. E se conseguia desencaxar uma parte do tubo, teria uma arma. Vários minutos suados depois, sustentava nas mãos uma barra de uns sessenta centímetros.

Era hora de partir.

A barreira tinha emagrecido, as cores claras e vivas que tinha visto mais cedo tinham se transformado em um marrom com feias listras verde e preto. Parecia envenenada, como se a tivessem poluído. E a sombra não era mais uma mera silhueta. Laurel quase podia distinguir as características do Outro, em pé de vigília do outro lado. Quando ela

se moveu, ele girou a cabeça, advertindo-a de que podia vê-la tão bem, talvez até melhor que ela, porque ao mover-se, acenderam-se as luzes do túnel principal.

Precisava correr, mas em que direção deve ir? Devlin já devia ter encontrado seus sapatos e saberia por onde começar a busca. Se ele usou o mesmo elevador, então queria ir em sua direção e não para longe. Por outro lado, Purefoy também tinha tomado a mesma direção.

Indo para o outro lado poderia ter seus próprios perigos, que não poderia nem sequer começar a imaginar. Decidindo que era melhor arriscar um encontro com Purefoy do que com um número incontável de Outros, já que a barreira parecia continuar a enfraquecer, se esgueirou passado em frente ao local onde o Outro esperava. Uma vez que passou desse ponto, manteve-se de costas para a parede e se movia lentamente para frente. Já estava perdida mesmo, tudo o que importava agora era não estar onde Purefoy esperava que estivesse.

Quando virou na primeira esquina uma explosão sacudiu o ar e tudo a seu redor vibrou e se cambaleou. Assistiu com horror como a barreira piscou e depois desapareceu completamente. Um segundo mais tarde, uma escuridão negra e espessa alagou sua mente e Laurel caiu ao chão.

\* \* \*

"Filho da puta! " Devlin se sentou ao lado da parede e esperou que a náusea e tontura passassem. Não sabia o que tinha acontecido, mas foi ruim. Sentiu como se tivesse sido esfolado vivo, porque alguém tinha rasgado a barreira nas suas raízes.

Apoiou-se na parede e tentou ficar de pé. Tentou duas vezes antes de conseguir, e mesmo assim sabia que qualquer movimento errado iria derrubá-lo de cara no chão novamente. Muito lentamente, abaixou-se para pegar sua espada, embora fosse consciente de que teria sorte se conseguia levantá-la do chão.

Então seguiu o seu caminho pelo túnel, esperando que sua cabeça limpasse a tempo para salvar a Laurel. Não se permitiu pensar no que a explosão poderia ter feito para ela, que deveria estar mais perto do centro da explosão. Ela estava bem. Tinha que estar.

\* \* \*

Os primeiros sinais de consciência trouxeram a desagradável notícia de que Laurel não estava mais sozinha no túnel. Podia ouvir alguém se movendo perto dela, mas sabia que ainda não havia sido descoberta. Ajoelhou-se com esforço e depois ficou de pé. O que tinha causado a explosão?

Tinha que ter sido Purefoy, embora não entendia por que queria destruir a barreira. Será que queria que nosso mundo se tornasse inundados com Outros? Que bem lhe faria isso? Parecia que apenas

um dos Outros tinha atravessado nas proximidades, mas ele estava indo em sua direção.

O túnel se dividia a frente. Que caminho seguir? Escolheu o lado direito porque estava às escuras. Algo tinha desligado a energia naquele lado. As sombras eram sua única esperança de refúgio contra o terror que a perseguia.

Alcançou a escuridão bem a tempo. Podia ouvir a marcha regular do Outro que vinha em sua direção. Levantado o tubo por cima da cabeça, esperou até que ele chegou à bifurcação no túnel. O Outro se deteve fora do alcance de sua vista. Sem dúvida tentando decidir qual caminho tomar. O que ele estava fazendo? Parecia como se estivesse farejando o ar. Com sua visão limitada pela escuridão de seu mundo, dependiam do olfato mais do que os seres humanos?

"Fêmea humana, vem para fora." O som gutural de sua voz causou arrepios na espinha.

Já tinha sido a prisioneira de um homem hoje, não estava prestes a se colocar nessa posição novamente. Talvez pudesse pegá-lo desprevenido.

"Estou saindo. Não me machuque." Ela injetou tanto medo em sua voz como pode. Deixe o tolo pensar que estava aterrorizada e pronta para se render. Em vez disso, correu para fora do túnel, balançando seu tubo para trás para pegá-lo de surpresa. Funcionou. Sua estratégia funcionou e sua barra de ferro improvisado golpeou a cabeça do Outro produzindo um som surdo.

Um gemido lhe disse que não o matou. Jogando a precaução ao vento, correu pelo túnel. Quando virou a esquina, viu a última pessoa que queria ver de novo. Derrapando até parar, procurou uma rota de fuga, mas Purefoy já a tinha visto. Acenou com a arma para o tubo na mão dela. Como ela não soltou a barra, ele apertou o gatilho. A bala ricocheteou na parede perto de seu rosto, enviando fragmentos de rocha voando, assustando-a soltou o cano aos seus pés com um forte estrondo.

"Bem, Dr. Young, parece que você tem estado ocupada desde a última vez que te vi." Purefoy percorreu a distância que os separava e a agarrou pelo braço afundando os dedos com força suficiente para deixar hematomas. Tirou a chave das algemas e rapidamente aprisionou o pulso livre de Laurel com o bracelete solto. "Também parece que o meu plano para deixá-la à mercê dos Outros também fracassou. E eu tinha tanta esperança nele."

"Desculpe desapontá-lo, sargento."

"Bem, ele pode não ter sido o único a atravessar. E com a barreira ainda apagada, há esperança." Purefoy a arrastou para onde a tinha algemado anteriormente.

"Você sabe que não vai conseguir sair vivo daqui. Assim que danificou a barreira, alertou cada Paladino dentro de cem quilômetros. Se eu fosse você, correria enquanto ainda tem uma chance."

"E aposto que você acha que deveria deixá-la para trás para que eu possa viajar mais rápido." Ele riu. "A única maneira que vou deixá-la para trás é se estiver morta. Claro, se é isso que você quer..."

Uma voz gutural disse: "Somente um covarde se esconde atrás de uma mulher desarmada, humano."

O Outro que tinha golpeado os esperava a poucos metros de distância. Um pequeno filete de sangue escuro no rosto era o único sinal de que tinha machucado ele. Estava encostado na parede, mas sua postura relaxada era uma farsa. Quando se moveu para bloquear sua passagem, levantou a sua espada com as duas mãos em uma posição que parecia natural nele.

"Fêmea humana, afaste-se dele."

Purefoy apertou seu braço com mais força. "Saia do meu caminho ou morra aqui mesmo." Pelo menos agora apontava a arma para o Outro, em vez de para ela.

O Outro parecia totalmente despreocupado. "Só um covarde mata à distância. Eu gosto da sensação da minha espada atravessando a barriga de meu inimigo."

Laurel estremeceu. Sua pronúncia grave e baixa fazia que usasse toda a sua concentração para entendê-lo. Mas não havia dúvida da ameaça mortal que representava. Apesar de sua palidez, era impressionante, com longos cabelos cor de prata deslumbrante e os olhos de uma ou duas tonalidades mais claros. Vestido com implacável preto da cabeça aos pés lembrava a um vilão saído de um velho filme de terror em preto-e-branco.

Purefoy arriscou um rápido olhar ao túnel que se estendia detrás deles. Se puxasse o gatilho, poderia muito bem matar ao Outro, mas qualquer

Paladino na área viria correndo. Laurel sentiu a mudança de peso de seu corpo, avisando-lhe que tinha tomado uma decisão.

Em um movimento rápido, virou a arma contra ela e a pressionou contra sua têmpora. "Largue a espada ou ela morre agora".

A voz calma de Purefoy provocou calafrios através dela. O Outro conheceria o suficiente aos humanos para reconhecer que as palavras do Purefoy não eram uma mera ameaça, a não ser uma promessa? Enquanto contava os que podiam ser os últimos segundos de sua vida, lamentou saber que Devlin provavelmente seria o único a encontrar seu corpo.

"O que é que vai ser? Sua espada ou a vida da mulher?"

Os olhos do Outro se encontraram, durante um breve segundo, com os de Laurel. Era tristeza o que percebeu em seu olhar de prata? O som estridente de metal batendo na pedra ecoou pelo túnel quando sua espada caiu no chão. O outro estendeu os braços para os lados para mostrar que agora era inofensivo, não que ela acreditasse nisso. Tinha conhecido a muitos Paladinos para não reconhecer a um guerreiro treinado quando viu um. Infelizmente, o mesmo podia dizer do Purefoy. Ele calmamente apontou a arma para o Outro e puxou o gatilho.

Laurel gritou enquanto o Outro caía no chão e o sangue brotava de sua perna. O sargento empurrou-a para o Outro ferido. "Ajude-o a levantar. Vamos levá-lo conosco."

"Não posso levantá-lo com as mãos algemadas." Laurel não sabia se isto era verdade ou não, mas valia a pena tentar.

"Tudo bem". Purefoy puxou a pequena chave do bolso e jogou no chão ao lado dela. "Mexa-se. Quero ir embora antes de seu amante aparecer."

Laurel considerou a possibilidade de simular estupidez com a chave para atrasar sua partida, mas era evidente que Purefoy estava a ponto de perder o controle. Não precisava de muito para conseguir isso. Ambos sabiam que se Devlin o pegasse, era um homem morto, independentemente dela estar viva ou não. Naquele momento ela era uma moeda de troca e nada mais.

A chave funcionou na segunda tentativa. Antes que pudesse abrir a outra pulseira, Purefoy ordenou que lhe devolvesse a chave.

"Agora faça com que se mova!"

Ignorando Purefoy, ela estudou a perna sangrando do Outro. "Como esta?" ela perguntou.

"Eu vou caminhar."

Ele evitou o toque dela, tentando se levantar sozinho. Sua tentativa falhou miseravelmente. Laurel não estava disposta a deixar que se machucasse mais por orgulho. Podiam ser de mundos diferentes, mas neste momento estavam unidos por um inimigo em comum.

"Preciso enfaixar a ferida ou ele vai sangrar, sargento." Olhou para seu captor. "Não sei o que tem em mente para nós dois, mas morto não será de utilidade para ninguém. Além disso, o sangue deixará um rastro fácil de seguir."

Sem esperar por sua aprovação, olhou em volta procurando algo que pudesse usar como uma bandagem. Finalmente, Purefoy tirou um lenço do bolso e jogou para ela.

“Tome, mas vá depressa.”

"Vou precisar da gravata do seu uniforme, também." Laurel esboçou um sorriso vacilante o seu resistente paciente. "Sou médica. Deixe-me ver o ferimento."

Ele puxou a perna da calça alta o suficiente para revelar uma perna bem musculosa com um feio buraco que lhe atravessava a panturrilha. Fez uma careta de dor quando tentou esticar a perna. Então rapidamente, ele deixou de ser nada além de um paciente ferido que precisava de seus cuidados. Um rápido exame lhe mostrou que a bala tinha atravessado direto através dos músculos. Ainda estava sangrando, mas o sangue limparia a ferida.

"Com os cuidados necessários, ficará bem." Colocou o lenço de algodão em volta de sua perna e usou a gravata para fixá-lo no lugar e manter a pressão sobre ambos os lados da ferida. Enquanto o tratava, tentou não pensar na possível contaminação que podia sofrer por tocar a roupa e a pele do Outro. "Isso deve segurar por um tempo. Gostaria de poder fazer melhor, mas não tenho suprimentos médicos comigo."

"Seus esforços me honram." O Outro mostrou seu reconhecimento com um movimento da cabeça e aceitou a ajuda de Laurel para levantar-se. Não conseguiu esconder a careta de dor quando ele colocou o peso sobre a perna, mas depois se endireitou.

"Tudo bem, vamos andando." Purefoy a empurrou com sua arma. Também pegou a espada do Outro. "Nós precisamos sair daqui."

Seu estômago se apertou. "O que você fez, sargento?"

"Deixei uma pequena surpresa para seu amante."

O olhar de satisfação no seu rosto a fez querer bater nele. "Só está acumulando razões para que Devlin acabe com você, Purefoy."

"Não se eu matá-lo primeiro."

Ela balançou a cabeça. "Se esquece que, mesmo que o mate, não vai ficar desse jeito. Eventualmente, voltará a te seguir e Devlin fica irritado quando alguém o mata. Mas sabe disso, não sabe? Você já o matou uma vez."

"Cale a boca, vadia"

"É claro que há todos os outros Paladinos. Suspeito que Trahern deve ser um inimigo desagradável de se ter. E a última vez que Lonzo morreu, precisou de seis pessoas para imobilizá-lo e contê-lo."

Laurel não sabia por que se sentia compelida a provocá-lo, mas não podia evitar. Cada segundo que passou reagindo a seus insultos era um que não estava tão concentrado em seus planos. Além disso, se ela ia morrer, queria que seu assassino estivesse plenamente consciente de que seu próprio tempo se acabava, enquanto os Paladinos o caçavam como o verme que ele era.

O Outro caminhava estoicamente a seu lado. A menos que sua espécie fosse imune à dor, cada passo tinha que ser uma agonia, mas ele não

deu nenhum sinal disso. Ela nunca acreditou que chegaria a admirar algum aspecto de algum dos Outros e o sentimento inesperado era chocante. Muitos Paladinos tinham sofrido em suas mãos para ela deixar de vê-los como a um inimigo. Mas o homem ao lado dela tinha demonstrado ser algo muito distinto ao animal assassino que ela esperava. Certamente não era um exemplar típico de sua espécie.

"Qual é o seu nome?" Perguntou em voz baixa. "Sou Laurel Young."

O Outro tinha os olhos fixos no chão que pisavam, como se necessitasse toda sua concentração para seguir caminhando. Depois de alguns passos, olhou para ela, seus olhos cinza prata estavam emolduradas por linhas de dor. "Barak"

Laurel esboçou um sorriso que surpreendeu aos dois. "Muito prazer em lhe conhecer, Barak. Este é seu nome completo?"

Ele imediatamente voltou sua atenção para o chão. "É tudo o que resta de quem eu era e já não sou."

Queria perguntar o que ele queria dizer, mas Purefoy interrompeu. "Vocês dois parem de falar. Estão aqui para morrer, não para se tornarem melhores amigos."

Desde que Barak mostrou pouca inclinação para continuar a conversa de qualquer maneira, ela ficou em silêncio. Depois de um tempo, perguntou: "Para onde vamos? O seu plano é passear neste labirinto até os Paladinos nos encontrar ou até que encontre uma porta em algum lugar?"

Laurel se sentiu decepcionada ao ver que não mordida a isca. Em vez disso, o sargento a empurrou com a espada do Barak. "Vire à esquerda."

Era outro beco sem saída, quase indistinguível daquele onde ele a tinha acorrentado mais cedo. Assim que eles chegaram ao fundo do beco, Barak e ela se voltaram para Purefoy. De costas para a parede, Laurel se sentiu desconfortável se lembrando da imagem de um pelotão de fuzilamento. Seus pensamentos devem ter se mostrado em seu rosto, porque Purefoy riu.

"Direi o que podemos fazer Laurel. Mostre-me um pouco da paixão que demonstrou ao Bane, é possível que a deixe viver."

"Não nesta vida."

"Então se algeme ao seu novo amigo. Tenho certeza de que Bane vai adorar encontrar sua mulher nos braços de seu pior inimigo." Então, ele inclinou a cabeça para um lado. "Na verdade, acho que eu sou o seu pior inimigo agora."

Como Laurel não se algemou imediatamente ao Barak, Purefoy se aproximou dela e levantou a espada. "Algeme-se agora, Laurel, ou começarei a cortá-la em pedacinhos. Acredita que Bane ainda irá te querer desfigurada e cheia de cortes?"

"Paladinos são guerreiros. Ele vai entender o valor, mesmo que você não faça isso, humano." Barak se moveu para ficar um pouco na frente de Laurel. "É muito fácil combater contra uma fêmea desarmada do

que contra um macho. Dê-me minha espada de volta e vamos ver quem acaba feito pedaços."

Purefoy começou a recuar, mas então se deteve. "Algeme-se à mulher, aberração ou eu atiro na outra perna, para começar."

Cada minuto que manteve Purefoy ocupado dava mais tempo para Devlin encontrá-los, mas não deixaria Barak levar um tiro apenas para evitar que fossem algemados.

Antes que Barak pudesse reagir, Laurel colocou o bracelete no pulso dele. "E agora?"

"Vire-se e sentem-se."

Pela primeira vez, ela percebeu que havia uma linha bem no meio da passagem estreita. Era como se tivesse sido gravado ali, certinho, por um laser e a energia da barreira se filtrava pela fresta. E se eles estivessem sentados ali quando os Paladinos restaurassem a energia, os dois morreriam.

Já tinha breves flashes de luz ao longo da passagem, como se a barreira estivesse piscando para voltar a ativar-se. Purefoy começou a se afastar, mas em um movimento repentino, golpeou Barak na cabeça com a coronha da pistola. O Outro caiu sobre o ombro de Laurel e deslizou até o chão.

Laurel se preparou para um ataque similar, mas Purefoy se afastou dela.

"Arrastar um animal inconsciente junto com você deve pará-la. Eu adoraria ficar e assistir, mas preciso ir embora." Ele inclinou a cabeça e escutou. "Devo ter apenas tempo suficiente para chegar à posição de ver tudo desmoronar."

Poucos minutos depois, as luzes se apagaram, deixando-a no escuro, esperando para ver se a morte ou Devlin seria o primeiro a encontrá-la e a seu companheiro silencioso.

## Capítulo 15

Devlin esteve xingando durante os últimos 15 minutos enquanto tentava descobrir como dar a volta na bagunça a frente dele. O filho da puta era inteligente, tinha que dizer isso dele. Meia dúzia ou mais de raios de laser estavam se cruzavam em todo o ponto mais estreito do túnel, formando um emaranhado. Se eles não tivessem vibrando em uma frequência parecida com a da barreira, ele não teria percebido que estavam ali. Mais um passo teria desencadeado seja qual fosse o presente que seu inimigo tinha deixado para ele.

Os lasers eram como uma parede sólida, prendendo-o de um lado e a Laurel no outro. Em todos esses filmes de ação, as pessoas sempre tinham uma maneira inteligente de evitar os raios, usando espelhos, fumaça ou movimentos corporais complicadas que fariam um ginasta parecer desajeitado. Infelizmente, não contava com nenhum destes recursos. O melhor que ele poderia esperar era que os lasers não estivessem ligados à corrente e que suas baterias se esgotassem.

Devlin considerou sua situação de todos os lados. Em poucos segundos, lhe ocorreu a solução: Lasers eram energia e como todos os Paladinos, ele tinha a capacidade de manipular a energia pulsante que formava a barreira. Ele poderia fazer o mesmo com esses finos raios de luz?

Fechou os olhos e se concentrou para localizar os raios. Conforme sua respiração desacelerava, ele sentiu seu fraco fluxo de energia, mas constante cruzando a passagem. Preparando-se para o pior, concentrou-se para que o raio superior deslocasse sua trajetória uns centímetros mais acima.

Sucesso! Ele revirou os ombros e ignorou as gotas de suor escorrendo em seus olhos. Quando o raio de energia se estabilizou, voltou ao trabalho, tomando seu tempo com cada pequeno ajuste até que conseguiu criar espaço suficiente para deslizar por debaixo. Seria bem estreito, mas não tinha tempo de fazer mais. Seus companheiros deviam estar trabalhando para restaurar a barreira. Se começasse a piscar novamente, a oscilação de energia poderia ser suficiente para detonar a armadilha de qualquer maneira. Ou o que era ainda pior, embora ele conseguisse evitar que a armadilha se ativasse, Trahern podia tropeçar com ela. Usando sua faca, gravou a palavra "laser" no chão a uma pequena distância mais atrás e colocou a faca onde Trahern com certeza a veria. Não era uma grande advertência, mas era o melhor que podia fazer.

Em seguida, se ajoelhou no chão e deslizou sua espada e sua arma sob os lasers para testar a estabilidade das mudanças que tinha feito. Quando nada aconteceu, estendeu-se no chão e começou a deslizando-se cuidadosamente ao longo do piso irregular, sabendo que a morte pairava apenas a milímetros sobre a sua cabeça. A roçar de sua camisa e jeans deslizamento sobre a pedra ecoou em seus ouvidos, fazendo com que desejasse que seus botões fossem mais finos. Seu tamanho sempre foi uma vantagem na batalha, mas agora ele daria qualquer coisa para ter o corpo esbelto de Cullen. Centímetro

por centímetro, se arrastou para frente. No final, virou seus pés para os lados e empurrou para avançar os poucos centímetros que o separavam da liberdade.

Uma vez a salvo no outro lado, descansou contra a frieza abençoada do chão, desejando que pudesse ficar lá mais tempo. Trabalhar com a energia sempre o deixava esgotado, mas poderia descansar mais tarde, quando tivesse salvado a Laurel.

Os túneis nessa área eram mais sinuosos que nas outras, o que era bom e ruim. Poderia correr apenas distâncias curtas antes de parar para ouvir quando o túnel virasse abruptamente o suficiente para que não pudesse ver o que tinha depois da curva. Também significava que não focaria exposto durante muito tempo sem cobertura.

Um flash de luz à sua direita chamou sua atenção. A barreira estava lutando de volta à vida. Trahern deve ter chegado até Cullen e os outros, de maneira que o problema estava sendo resolvido. Pouco a pouco, voltariam a ativar todos os setores da barreira. Só podia esperar que a interrupção inesperada pegasse de surpresa aos Outros também e que grandes quantidades deles não estivessem esperando para atravessar. Mas isso era problema de outra pessoa, não dele.

A barreira brilhou novamente, desta vez com mais consistência. Com base no padrão usual, voltaria com força total nas próximas tentativas, o que significava que precisava colocar distância entre ele e a armadilha o quanto antes. Mesmo que a barreira não estivesse forte, provavelmente havia energia suficiente agora para disparar a armadilha. Devlin começou a correr com toda velocidade no mesmo

instante em que túnel se iluminou com uma onda de luz brilhante. A explosão não demorou a chegar, mas conseguiu colocar mais algumas voltas entre ele e o pior dos danos.

Mas seu pretense assassino não sabia disso. Enquanto o barulho da explosão ia dissipando, Devlin esperou, na esperança de que seu inimigo não seria capaz de resistir à tentação de verificar. Com certeza, um som baixo de passos sussurrou através do ar, mas se não estivesse escutado com atenção não teria percebido.

Avançou para dar uma olhada depois da curva do túnel e imediatamente voltou para sair da vista. Finalmente, conhecia a identidade de seu inimigo - sargento Purefoy. O que tinha feito ao sargento? Inferno, sempre se esforçou em cooperar com esse bastardo covarde sempre que podia. Seja qual forem às razões para tentar matá-lo e a sua mulher, esperava que valesse a pena morrer por elas.

Ele ouviu de novo, mas os passos se afastaram. Droga, esperava que o idiota viesse correndo pelo túnel. Em vez disso, desapareceu voltando por aonde veio, provavelmente para verificar a sua refém. Com sua espada em uma mão e uma arma na outra, Devlin avançou para frente, determinado a chegar ao outro lado da reta antes Purefoy desaparecesse.

Um tiro foi disparado antes que estivesse um pouco mais da metade do corredor. Mergulhou para o chão e rolou de lado, deixando cair sua espada para liberar uma das mãos para controlar sua queda. Mais duas balas ricocheteou enquanto avançava para frente, nem mesmo considerando a possibilidade de retirada.

"Afaste-se Bane, ou vou matar a sua mulher agora mesmo."

"Eu não faria isso se fosse você, Purefoy. Ela é a única razão pela qual ainda está respirando." Devlin avançou curvado uns metros mais, parando a um metro da curva seguinte. "Solte-a e vou te dar uma vantagem."

"A não ser que a leve comigo como garantia, no caso de seus amigos estarem esperando do outro lado."

Sua voz soou mais longe desta vez.

Se o filho da puta tinha retrocedido, as chances eram que Laurel estivesse por perto. Purefoy sabia exatamente onde estava Devlin, então a descrição não era mais necessário.

Gritou o nome de Laurel a pleno pulmões, sabendo que sua voz retumbaria pelos túneis. "Laurel!"

A única resposta foi um som abafado a alguma distância.

Inclinando a cabeça, mas não conseguia decidir se o que tinha ouvido era a voz de Laurel ou não. Tentou novamente.

"Devlin, estou aqui!"

Desta vez, tinha certeza que era a voz dela, mas o grito de dor que se seguiu a sua resposta gelou o sangue e seu temperamento ferveu.

Se assegurou que a arma estivesse totalmente carregada e pegou sua espada, então correu a toda velocidade. Chegou ao final de mais um trecho reto, sem visão de sua presa e quase não desacelerou quando

virou a esquina. Nada nem ninguém. O caminho à frente dividido em dois, um dos lados girava à esquerda, o outro levava mais perto da barreira.

Purefoy não seria tão estúpido, não é? Talvez. Mas para provavelmente. Se tivesse escondido Laurel em algum lugar que a prenderia no lado errado da barreira, ele sabia que Devlin iria sacrificar-se para trazê-la de volta. Se não podia matar Devlin, deixaria que os Outros fizessem isso por ele.

A barreira continua a piscar e faiscar.

Não havia como voltar atrás.

Se estivesse errado, não haveria tempo de sobra para dar uma olhada. Mas os segundos estavam passando e logo os Paladinos restaurariam a barreira na sua plena força. Preparando-se para o pior, entrou no túnel à direita e avançou a toda velocidade.

"Laurel!"

Desta vez, a resposta foi clara e imediata. "Devlin!"

Já podia vê-la agachada no lado humano do túnel. Alguém estava no chão ao lado dela. Purefoy estava atrás dela, planejando claramente usá-la como escudo.

"Pare aí, Bane." Purefoy agarrou Laurel pelos cabelos e apertou sua arma em sua têmpora como advertência. Depois, apontou diretamente ao peito do Devlin. "Mais um passo e ela estará morta."

"Qual é o sentido de ganhar este jogo se você também estiver morto?" Devlin manteve a voz baixa, como se só estivesse um pouco curioso sobre a resposta. Por dentro, ele estava morrendo.

"Se tivesse ficado morto na primeira vez, Paladino, não teria tido que a arrastar para isso."

"Então é minha culpa que você fez besteira?"

"Cale a boca, Bane e vá para o outro túnel. Vamos sair daqui e vou soltá-la assim que for seguro."

"Não faça isso, Devlin. Ele me acorrentou a um dos Outros que está inconsciente. Não pode nos arrastar."

Filho da puta, poderia ficar pior? Se o Outro recuperasse a consciência, não havia como dizer como reagiria. Já estava lidando com um louco, não precisa de outro. Podia resolver esse problema com um único tiro na cabeça do Outro, mas não podia correr o risco de acertar Laurel.

Purefoy trocou de pé para pé, claramente nervoso. "O que é que vai ser, Bane? Sua vida ou a minha liberdade?"

Devlin se encolheu e esperou que Laurel fosse perdoá-lo. "Meu trabalho é proteger a barreira, Purefoy e você conseguiu derrubá-la. Para isso, morrerá aqui e agora."

"Não acredito. Ela significa muito para você."

Devlin se obrigou a rir. "Não seja estúpido. Conhece aos paladinos por tempo suficiente para saber que nós vamos de uma mulher a outra bem rápido. Se a quer, leve-a, mas vai ter que passar por mim. "

Marcou sua posição e esperou. E não teve que esperar muito tempo.

Purefoy gritou sua frustração e abaixou a arma.

"Laurel, se deite!" Devlin gritou, para obter uma imagem clara do guarda desesperado. Laurel fez o que ele mandou, mas mesmo com ela achatada no chão, a forma escura ao lado dela ficou de pé e se jogou entre Laurel e Purefoy, enviando o guarda para trás. Devlin puxou o gatilho ao mesmo tempo que Purefoy, os flashes de tiros misturando-se com um poderoso flash de luz que atravessou o comprimento do túnel.

O grito de Purefoy morreu abruptamente quando a barreira cortou através dele, deixando-o metade neste mundo, metade no mundo escuro, e morto em ambos. Os ecos dos tiros se dissiparam, deixando apenas o tranquilizador zumbido da barreira para preencher o silêncio.

Devlin avançou para puxar Laurel para a segurança de seus braços, mas ela lutou com ele com sua mão livre.

"Laurel, você sabe que não quis dizer nada do que disse a ele."

Ela o olhou com indignação enquanto tentava se aproximar do Outro. "Não sou estúpida, Devlin, mas agora tenho um grande problema nas mãos. Barak foi baleado."

"E daí? Ele é um dos Outros. Sabia que quando cruzasse a barreira seria um homem morto."

"Ele salvou minha vida, Devlin. Não vou deixá-lo aqui para morrer neste lugar esquecido por Deus." Então, levantou o braço. "Além disso, estou presa a ele. Aonde eu vou, ele vai."

"Onde está a maldita chave?"

Devlin desejou poder retirar a pergunta quando Laurel virou-se para a metade do Purefoy que estava do seu lado da barreira. Sua tez assumiu uma tonalidade decididamente verde e engoliu em seco várias vezes.

Sua voz tremeu quando falou. "Esta em um de seus bolsos."

Devlin se posicionou para bloquear sua visão enquanto revistava os bolsos que podia alcançar, tomando cuidado para evitar entrar em contato com a barreira. Encontrou a pequena chave no bolso da frente da calça de Purefoy. Seu próprio estômago estava se sentindo muito, muito enjoado quando percebeu que as duas metades do Purefoy já não estavam conectadas.

Limpou o sangue da chave na perna de Purefoy antes de entregar para Laurel.

"Se retirar as algemas, vai me ajudar a tirá-lo daqui?"

Prometeria até a lua e as estrelas se isto iria levá-los longe da vista macabra atrás dele. "Vou levá-lo. Vamos apenas dar o fora daqui. "

Seu sorriso de resposta começou a derreter o núcleo de medo que ele tinha vivido desde que percebeu que ela havia sido levada. Assim que estava livre, ergueu o outro do chão, colocou seu braço acinzentado ao redor de seus ombros e arrastou-o pelo túnel. Laurel fez o que pôde para ajudar uma vez que o caminho alargou o suficiente para que eles andassem lado a lado.

O som tranquilizador de pés correndo os recebeu quando chegaram ao corredor principal. Devlin parou e deixou seu fardo indesejável no chão. Laurel imediatamente ajoelhou-se e examinou ao Outro se por acaso tinha alguma outra ferida. Aquela imagem fez que Devlin sentisse náuseas.

"Ele não é humano, Laurel. Sua espécie é ruim para o nosso mundo."

"Isso pode ser verdade. Mas em mais de uma ocasião, ele fez o seu melhor para me salvar de Purefoy e não tinha que fazer isso. Não permitirei que você nem ninguém o machuquem."

Droga, era isso que temia. Estava tentando se convencer que o ataque do Outro a Purefoy tinha sido um golpe de sorte e não uma tentativa deliberada para salvar Laurel. Agora devia ao Outro uma dívida que nunca poderia pagar, especialmente com uma bala ou uma espada.

"Isso vai trazer todos os tipos de problemas com os Regentes, para não mencionar os Paladinos. Nenhum deles vai gostar de ter a sua médica favorita mimando a um dos Outros."

"O nome dele é Barak."

"Droga, Laurel, ele não é um animal de estimação que te seguiu para casa. Não pode ficar com ele." Devlin segurou o rosto dela com a mão. "O melhor que podemos é esperar que esteja estável e em seguida, mandá-lo para o seu lado na próxima vez que a barreira descer."

O Outro gemeu e se esforçou para sentar-se. "Mate-me agora, humano. Eu não vou voltar."

Devlin olhou para baixo, para seu inimigo. "Não posso. Se eu matá-lo, ela vai me matar."

Literalmente ou por deixá-lo.

O fato de que Barak sorrisse e sacudisse a cabeça não melhorou em nada o estado de ânimo de Devlin.

Trahern encabeçava a marcha do grupo dos Paladinos que se dirigia para eles pelo túnel. Tão contente quanto Devlin estava em vê-los, levantou a espada e se preparou para defender a mulher que amava e ao Outro meio morto.

\* \* \*

Esteve indo e vindo por um tempo, mas tinha finalmente conseguido deixar Barak estabilizado. Uma vez que ninguém nunca tinha tratado um dos Outros ferido, assim tinha sido principalmente com intuição e sorte que Laurel conseguiu controlar a hemorragia. Seu sangue era

muito diferente para correr o risco de uma transfusão, então tinha injetando soluções Salinas.

Dr. Neal chegou quando Laurel estava tirando as luvas.

"Como está o seu paciente?"

"Estável no momento." Ela colocou as mãos em sua cintura e se alongou de um lado para outro, tentando aliviar um pouco a rigidez de passar muito tempo sem descansar. "Saberemos mais pela manhã."

Dr. Neal pegou o gráfico de Barak. "Seria bom se soubéssemos o que é normal para um de sua espécie. Mas, enquanto as leituras não derem erradas, estou achando que vai sair dessa." Olhou por cima dos óculos para ela. "E você, mocinha, tem a responder."

"Não poderia deixar Barak morrer, não quando ele salvou a minha vida." Isso era verdade, mas também sabia que o Dr. Neal não estava se referindo ao seu paciente.

"Quando ia me dizer que se tornou... digamos, envolvida com Devlin Bane?" O doutor Neal parecia mais desapontado do que com raiva. "Não posso ajudá-la se não sei que o problema existe."

"Eu sei, mas..."

"Sem mas, Laurel. Todos ficamos apegados à nosso Paladinos atribuído, mas suspeito que você tenha ido muito além disso. No momento que soube que seus sentimentos por Devlin Bane não eram mais como um médico para um paciente favorito, deveria ter vindo direto para mim." Havia raiva em sua voz agora.

"Gostaria de ter feito, mas não houve tempo. E depois os resultados de seus testes começaram a melhorar. Estava com medo de que alguém novo não daria a devida atenção."

O doutor arqueou uma sobrancelha e franziu os lábios. "Você está dizendo que o resto de nós somos incompetentes quando se trata de cuidados de longo prazo de nossos pacientes?"

Isso era exatamente o que ela estava pensando, pelo menos até certo ponto. "Sinto muito, senhor, mas sei que as mudanças são importantes. Pense o que isso poderia significar para alguém como Trahern se o dano possa ser revertido. Talvez as mudanças sejam exclusivas para Devlin, mas talvez não."

"E essa é a única razão pela qual não está sendo transferida para fora daqui." Ele olhou além dela para Barak. "Sem falar dele. Você deve saber que o coronel Kincade e os Regentes seguirão de perto os progressos de sua investigação, assim como eu"

"Eu sei."

"Devlin Bane não será um homem fácil de se conviver, Laurel, mas tenho um enorme respeito por ele. Espero que te faça feliz." Para surpresa de Laurel, o doutor lhe deu um abraço. "Diga aquele jovem que devo a ele uma dívida de gratidão por trazê-la de volta sã e salva. Agora, vá para casa e descanse um pouco. Amanhã terá tempo para começar a examinar com um olhar mais atento os resultados dos exames. Vou ficar de olho em Barak para você, mas quando os regentes souberem de sua presença aqui, não há como dizer como vão reagir. Apenas fique prevenida."

"Obrigado, senhor. Por tudo."

Laurel saiu do laboratório arrastando os pés de cansaço. Amanhã estaria novamente preparada para a batalha.

Preocupava-se que não tinha visto Devlin depois que Trahern e ele tinham levantado Barak sobre a maca do laboratório. Toda vez que fechava os olhos, sentia de novo o terror que tinha experimentado observando o rosto de seu amante enfrentando seus amigos para proteger uma criatura que tinha nascido para odiar. Devlin fez isso, no entanto. Trahern e Cullen finalmente levantaram Barak entre eles, deixando Devlin livre para levar Laurel para o elevador.

Quando chegaram à superfície, ela saiu para o ar fresco, sentindo-se subitamente livre do peso de toda a Terra pressionando sobre ela. Então valorou ainda mais o que Devlin e o resto dos Paladinos enfrentaram dia após dia.

Com sua eficiência habitual, Cullen tinha chamado um transporte para levá-la e ao Outro ferido para seu laboratório. Trahern e Devlin a acompanharam no trajeto. Laurel só esperava que sua insistência em proteger Barak não danificasse permanentemente seu relacionamento com os Paladinos atribuídos a ela. Mas isso era outra coisa que iria se preocupar mais tarde.

Jogou seu jaleco manchado de sangue no cesto da lavanderia no seu caminho para fora. Quando chegou ao vestibulo, viu dois grupos divididos com os guardas parecendo nervosos de um lado e um grande paladino do outro.

Assim rapidamente, seu mundo se endireitou. Laurel foi direto para os braços de Devlin, nem mais se importando que os vissem.

"Leve-me para casa." Acomodou-se contra seu peito, precisando de seu calor e força.

"A minha casa ou a sua?" Suas palavras retumbaram em seu peito.

"Sua."

A curta distância até a casa de Devlin pareceu durar uma eternidade. Seu silêncio a incomodava. Uma vez que eles estavam lá dentro, a salvo do resto do mundo, ela descobriria o que estava errado.

Devlin levou-a para dentro da casa, chutando a porta fechada atrás deles. Levou-a diretamente até o banheiro. Ainda com a expressão decididamente sombria, começou a despi-la. Deixou que cuidasse dela, em seguida esperou pacientemente que ficasse nu também. Depois de abrir o registro de água quente, a pegou novamente no colo e entrou no chuveiro. Então não havia nada entre eles, a não ser o calor de seus beijos quentes. Devlin a possuiu rápido e com força, levando-os ao clímax batendo com potentes golpes que encheram seu corpo e seu coração.

\* \* \*

Devlin temia que tivesse sido muito rude com ela e estava arrependido, mas necessidade tinha feito que os dois perdessem o controle. Depois

disso ficaram sob o chuveiro por um longo tempo, deixando a água lavar os rastros de morte e medo. Finalmente, Devlin desligou o chuveiro e pegou uma toalha. Conforme secava a pele de Laurel, discretamente a examinou da cabeça aos pés. Os hematomas no rosto e escoriações nos pulsos lhe fizeram mal, mas ficou aliviado ao ver que seus ferimentos eram poucos. Laurel tolerou suas tentativas de tratá-la sem reclamar. Em seguida, a levou para a cama e se apertou contra ela, não querendo mesmo a espessura de uma camiseta entre eles. Descansando sua testa contra a dela, tentou encontrar as palavras certas.

"Quase te perdi." Mesmo agora, esse medo deixou uma marca nele, que nenhuma quantidade de esfregar e sabão iriam apagar.

"Estou bem aqui." Ela sorriu para ele. "Sabia que viria me buscar."

"Quase não consigo. Purefoy era um bastardo inteligente. Mais esperto do que eu lhe teria dado crédito."

"Não tão inteligente, Devlin, ou ele nunca teria tentado ir atrás de você." Suas mãos deslizaram por seus braços até os ombros. "Alguém estava pagando."

"Isso foi o que imaginei. A questão é quem, mas não quero pensar nisso agora."

Laurel deslizou a mão do peito dele para sua barriga e depois para baixo um pouco mais. Com o sorriso de uma sereia, fechou os dedos em torno do comprimento duro dele e apertou levemente, em uma pequena provocação. "Então no que quer pensar?"

Devlin pegou a mão dela e puxou-a de volta para onde poderia manter um olho nela. "Nós precisamos falar sobre o que eu disse no túnel... sobre Paladinos e as mulheres."

Parte da luz em seus olhos morreu. "Já ouvi mais do que o suficiente sobre o assunto. Não me importo com o seu passado, Devlin."

Mas se importava, ele podia ouvir na sua voz. "Não vou mentir para você, Laurel, conheci a muitas mulheres. Mas até você, nunca me apaixonei e nunca pedi a uma mulher que se case comigo." Devlin beijou-a longa e intensamente. Ambos estavam com falta de ar quando acabou. "Estava reservado apenas para você." Levantou-a para ficar em cima dele. "Você vai me amar e ser minha esposa?"

Laurel sorriu para ele enquanto se levantava para levá-lo profundamente dentro de seu corpo. "Sim vou, em ambos os casos."

Devlin decidiu que não havia mais necessidade de palavras. Afinal, ele sempre foi um homem de ação.

## Epílogo

O telefone tocou novamente. Ele ignorou a primeira meia dúzia de vezes, mas evitar seu zangado chefe não faria o homem ir embora. Preparando-se para o pior, pegou o fone. Assim que se identificou, seu chefe partiu para o ataque.

"Nós temos mais problemas além do fato de que, obviamente, escolheu o homem errado para a tarefa."

"Purefoy foi um erro lamentável, senhor, mas desta vez eu vou pessoalmente me certificar de que Devlin morra e permaneça assim." Embora agora que Bane sabia que era um alvo, seria mais difícil de matar do que nunca.

Seu superior disse. "Esqueça-o. Está muito ocupado enroscando-se com aquela médica para perceber o que está acontecendo ao seu redor. Ele não é nosso maior problema agora."

"Então quem é?"

O silêncio pairou pesadamente. Seu superior iria começar a falar quando estivesse pronto e nem um segundo antes.

"Trahern fez alguns telefonemas infelizes."

Essa notícia desagradável o fez querer xingar em alto e bom som. "O que quer que eu faça?"

"Lide com isso, caramba. Não me importo como, mas lide com isso."

"Pode ficar confuso. O amigo de Trahern tem conexões de alto nível. Além disso, o juiz é completamente limpo e sempre foi."

"Então o faça parecer sujo e tire o filho da puta do caminho antes que nos cause algum problema."

"Sim, senhor. Considere-o feito."

A linha telefônica permaneceu aberta, mas em silêncio novamente. Finalmente, seu superior falou novamente. "Você já falhou uma vez. Não o faça novamente."

O clique do final da ligação enviou um arrepio pela espinha, mas ele ignorou. Não havia tempo para o medo em sua vida e não quando tinha planos para fazer e pessoas para matar.

Pegou um bloco de papel e começou a fazer anotações.

**FIM.**